



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – GEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA

***PATRIMÔNIO-TERRITORIAL ANTE A PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL
EM ASSUNÇÃO – PARAGUAI***

BRASÍLIA, DF

2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – GEA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA

PATRIMÔNIO-TERRITORIAL ANTE A PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL
EM ASSUNÇÃO – PARAGUAI

BRASÍLIA, DF

2019

ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA

PATRIMÔNIO-TERRITORIAL ANTE A PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL
EM ASSUNÇÃO – PARAGUAI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Área de concentração: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional, eixo temático: Territorialidades tradicionais e patrimônio no Brasil e no mundo

Orientador: Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa (UnB)

Co-Orientadora: Prof. Dr^a Maria de Los Angeles Adames de Newbill (Univ. de Panamá)

BRASÍLIA, DF

2019

Ficha catalográfica

MESQUITA, Évellin Lima de
Patrimônio-territorial ante a patrimonialização global em Assunção – Paraguai /
Évellin Lima de Mesquita – 2019.
249 f. : il ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília.
Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia. Programa de Pós-
Graduação em Geografia. 2019.
Orientação: Everaldo Batista da Costa
Co-orientação: Maria de Los Angeles Adames de Newbill
Inclui Bibliografia.

1. Patrimônio-territorial. 2. Território usado. 3. Paraguai. 4. Assunção
5. San Jerónimo

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta dissertação e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA

PATRIMÔNIO-TERRITORIAL ANTE A PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL
EM ASSUNÇÃO – PARAGUAI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Geografia. Área de concentração: Produção do Espaço Urbano, Rural e Regional, eixo temático: Territorialidades tradicionais e patrimônio no Brasil e no mundo

Defendida e aprovada em 04 de julho de 2019

Banca examinadora formada pelos professores:

Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa – Orientador
Universidade de Brasília (Depto. de Geografia)

Prof. Dr^a Maria de Los Angeles Adames de Newbill – Co-Orientadora
Universidad de Panamá (Depto. de Geografia)

Prof. Dr^a. Eguimar Felício Chaveiro
Universidade Federal do Goiás (IESA)

Prof. Dr. Rodrigo Ramos H. F. Valverde
Universidade de São Paulo (Depto. de Geografia)

Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke
Universidade de Brasília (Depto. de Geografia)

À minha querida avó Mercês (*in memoriam*)
que tanto me inspirou e me inspira nessa vida.

*

*“Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas”*

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que, em sua infinita bondade, permitiu-me não só trilhar esse caminho, como também concretizar um sonho. Por me fazer sentir abraçada nos mais difíceis momentos dessa jornada e me presentear com pessoas gentis que amenizaram os percalços de minha estrada. Agradeço à minha vovó Mercês (*in memorian*), minha guia. Sua história e nossa memórias continuam a ser sinais do céu para mim.

Agradeço infinitamente aos meus pais, aos quais devo muito por ser quem sou hoje. A você mamãe, agradeço por diariamente estar ao meu lado e pelas palavras e gestos de incentivo. Tantas vezes desacreditei de mim e das minhas escolhas e duas vezes mais você me abraçou durante a pausa e me fez voltar a trabalhar nos meus projetos. Obrigada, meu pai, por não ter me deixado faltar nada, por sempre inculcar em mim e em meus irmãos o pensamento de que somente pelos estudos alcançaremos nossos mais pretenciosos objetivos. Espero honrar todos os esforços e abdições que fizeram por mim e lhes dar muito orgulho, por meio de minhas conquistas.

Agradeço aos meus irmãos Gabriel e Isabella por me ensinarem o valor da amizade. Gabriel, nunca me esquecerei da sua companhia no Paraguai para a realização dessa pesquisa. Foram muitas palavras em guarani não compreendidas entre um *mate cocido* e outro, muitas milanesas compartilhadas e muitas histórias guardadas com carinho na memória. Isabella, agradeço imensamente pelo seu apoio incondicional, pelas madrugadas de estudo divididas e pelo afago ao cair da noite. Não há palavras suficientes para expressar a admiração que tenho pelo seu esforço e dedicação em tudo que faz. Meu muito obrigada aos dois.

Ao meu namorado, Paulo, um doce encontro da vida, que há muitos anos tem acompanhado pacientemente minha trajetória acadêmica. Agradeço pela motivação, por acreditar em mim e pelo carinho. Obrigada por me impulsionar a ser um ser humano melhor e por, acima de tudo, ser o meu melhor amigo. São anos de companheirismo, amadurecimento e afeto.

Ao professor Everaldo Costa, meu tutor desde a iniciação científica. Agradeço por seus ensinamentos, por sua vontade de transformação tão inspiradora e pela sua amizade. São anos não só me orientando paciente e atentamente nesse trabalho, mas me dando belas lições de vida. Sou enormemente grata por confiar em mim, por me ajudar sempre que foi necessário e pela acolhida. Hoje, consigo reconhecer com mais clareza meu papel social e a importância do que temos desenvolvido enquanto grupo. Espero que a *travessia* nos permita novos encontros. À

minha co-orientadora Maria Adames de Newbill, que do Panamá me deu apoio e colaborou prontamente na construção da dissertação.

Sou muitíssimo grata a todos os moradores de San Jerónimo, a quem devo a concretização desse trabalho. Sem a abertura, disposição e participação dessas pessoas, eu não teria conhecido esse lugar, suas histórias, memórias e suas vidas. Por meio dessa comunidade tenho vivido a verdadeira experiência da hospitalidade – *dar, receber, retribuir*. Me deram seus relatos, seu tempo, sua acolhida em suas casas... Recebi o carinho, o alimento, o abrigo e tento retribuir com amorosidade, mediante cada palavra aqui escrita. Agradeço a Sra. Ruth Galeano que desde a concepção do projeto tem me dado suporte, mesmo à distância. Ao Sr Sebastian e sua família, que diariamente me acompanharam na realização dessa pesquisa. Agradeço *in memoriam* ao Sr. Jorge e ao Sr. Santiago, com quem tive a oportunidade de conversar e compartilhar, mas partiram sem que pudessem ver o resultado dessa investigação. Que esse trabalho feito a muitas mãos, seja não só fonte de memórias de seus habitantes, como também estímulo para que sejam ainda mais orgulhosos de seu modo de viver. À comunidade de Loma San Jerónimo, desejo que lutem por permanecer, que resistam às transformações negativas! Deixo nessas páginas nossos esforços, nossas perspectivas, nossas crenças e nossos valores. Minha gratidão eterna!

Aos amigos paraguaios. Agradeço a melhor coincidência desses dois anos de mestrado, meu amigo Marco Bogado. Em minha primeira atividade de campo, foi meu guia. Apresentou-me as dicotomias de sua cidade, garantiu-me deliciosas conversas ante nossas afinidades temáticas, acolheu-me em sua casa e me apresentou sua família e seus amigos queridos. Que felicidade os ter conhecido! Sou deveras grata por sua ajuda e desejo-lhe sucesso em sua caminhada acadêmica. À Anahi Rodas, anfitriã do *airbnb*, que se tornou uma amiga e companheira no Paraguai. Apresentou-me o lado festivo e gastronômico [especialmente o delicioso *lomito*] da cidade de Assunção, mas também me propiciou importante encontro com membros do Ateneu de Língua e Cultura Guarani. Agradeço à professora Beatriz Paatz, que muito trabalhou em prol de San Jerónimo e confiou a mim todo o material que tinha disponível, como livros e fotografias. Foi ela quem me levou pela primeira vez ao bairro e atentamente mostrou-me o lugar. Agradeço ao arquiteto Aníbal Ocampo, que me recebeu gentilmente em seu escritório, dividiu comigo todo o seu conhecimento sobre o bairro e concedeu-me acesso a muitos de seus materiais essenciais para a realização dessa pesquisa.

À minha professora de espanhol Fernanda, que com sua delicadeza, organização e paciência, instruiu-me a fazer bom uso do idioma em minha pesquisa e nos campos realizados.

Obrigada por sua dedicação e por ter compartilhado comigo não só as manhãs, mas muitas dicas, histórias e agradáveis conversas. Também devo o sucesso das minhas atividades no Paraguai a você. *Te extraño.*

A todas e todos os colegas do Gecipa, com os quais compartilhei não só leituras densas, discussões teóricas e atividades de campo, mas também as alegrias e amarguras do processo de construção do mestrado. Meu muito obrigada e sucesso a vocês! Agradeço especialmente, ao Vinícius e à Ilka por terem me acolhido tão bem, por terem compartilhado tantos ensinamentos e pelos momentos de distração. Obrigada por me darem suporte durante as crises de ansiedade, de dúvidas e de incertezas. Agradeço ao Vitor por estar comigo desde o processo seletivo. Sua calma, paciência, docilidade no trato e amabilidade já me confortaram muito. Desejo que força e determinação para terminar o doutorado. Obrigada Victor, amigo chileno, que prontamente me ajudou com todas as tarefas de tradução nesse trabalho. Além da alegria contagiante de cada encontro, apresentou-me pessoas essenciais para a pesquisa. Gratidão à Larissa e à Nayara pelo companheirismo. Desejo muita calma e foco: dará tudo certo! Obrigada aos colegas de pós-graduação, Diogo e Matheus, pelo compartilhamento de bons debates e também da escrita.

Aos professores do departamento de geografia, pelos ensinamentos e refinamento à pesquisa, especialmente às professoras Nelba Azevedo e Glória Vargas, e ao professor Neio Campos. Ao professor Luiz Spiler, do Centro de Excelência em Turismo – CET, por sua amizade, pela escuta atenciosa e conselhos. Obrigada por acompanhar a minha trajetória acadêmica com tanto carinho e admiração.

Aos Srs. Agnelo Silva e Jorge Pereira, da Secretaria do Programa de Pós-graduação em Geografia, pela orientação quanto aos trâmites burocráticos e por sanarem as dúvidas que surgiram nesses anos. Obrigada também pelas divertidas conversas e pelos desejos de sucesso.

À minha família de sangue, o meu muito obrigada por todo apoio e carinho. Agradeço a compreensão quando não pude estar presente e por sempre acreditarem em mim. Agradeço especialmente à minha tia Gracinha por ter me divertido tanto durante esse processo e pelas palavras amorosas. Quando estava cansada, bastava uma ligação sua e de Lailinha para me reanimarem. Obrigada Tio Vinicius, meu padrinho, por estar ao meu lado sempre, por ser um grande incentivador, por você e Maiara terem me acolhido em sua casa quando tive dificuldade. Seus ombros e palavras amigas me ajudam cotidianamente. Agradeço aos meus padrinhos Wellington e Priscilla pelas orações, por todo apoio e carinho.

Aos meus amigos, família que escolhi, minha eterna gratidão. Vocês foram meu alicerce quando sentia que não tinha estruturas para seguir. Obrigada pelas palavras de tranquilidade,

pelas brincadeiras e pelo cuidado. Agradeço aos meus amigos para vida inteira: Amanda, Artur, Mega e Thaís que acompanharam tudo de perto, mesmo à distância. Estar com vocês é sempre revigorante e inspirador e eu não poderia ter encontrado amigos melhores, vocês são incríveis! Obrigada por vibrarem comigo a cada capítulo finalizado!

Agradeço aos amigos da faculdade que muito me motivaram a seguir por esse caminho: Barbz, Dan, Beth, Nayara, Rafinha, Kleber e Arthur. Especialmente agradeço à Barbara, que dividiu comigo toda a aflição e felicidade que permeou essa etapa. Hoje, você, daí do Recife, continua me inspirando a batalhar por meus sonhos independente de qualquer dificuldade e a permanecer forte.

Agradeço à Verônica, uma pessoa que Deus colocou em minha vida e que cuidou de mim quando eu senti que tudo desandava. Obrigada por não ter me deixado de mão, por se preocupar, por dividir e principalmente por me apoiar e torcer tanto por mim. Agradeço a Carol pela amizade, pelas conversas e pelo apoio na elaboração cartográfica na etapa final desse trabalho.

À CAPES, órgão financiador, sem o qual eu não teria concretizado essa pesquisa em âmbito internacional.

A todas e todos que vibraram positivamente por mim, meu muito obrigada!

RESUMO

San Jerónimo é um bairro localizado no centro tradicional de Assunção – Paraguai. A história de sua formação, em meados do século XVIII, e sua peculiar conformação urbana lhe propiciaram proteção patrimonial em 1996, pela Municipalidade de Assunção e pelo Ministério de Educação e Cultura. Apesar desses mecanismos de salvaguarda, o lugar – demarcado pela ocupação de pessoas humildes e provenientes do interior do país – teve sua memória e aspectos culturais relegados até sua ressignificação para a comercialização turística, em início dos anos 2000, retrato da *patrimonialização global*. Para além da perspectiva hegemônica da patrimonialização, esse estudo traz um olhar geográfico para as heranças que resistem frente à colonialidade do poder e ante a *patrimonialização global*, busca-se o *patrimônio-territorial* enquanto conceito geográfico já apresentado. Com o objetivo de analisar o que resiste enquanto *patrimônio-territorial* em Loma San Jerónimo, no contexto das interações e intervenções espaciais oriundas da *patrimonialização global* em Assunção – Paraguai, essa pesquisa de caráter exploratório e natureza qualitativa, baseada em autores dialético-existencialistas, foi orientada pelos conceitos de *patrimonialização global* e *patrimônio-territorial* de Everaldo Costa e de *território usado* de Milton Santos. O percurso metodológico adotado obedeceu às indicações sobre a *ativação popular do patrimônio-territorial* e envolveu a realização de pesquisa de campo, entrevista semi-estruturada, observação não participante e sistematização de diário de campo. Os resultados indicam que o *patrimônio-territorial* da comunidade são: seu modo de viver baseado na experiência da solidariedade, suas manifestações socioculturais, os lugares que remetem à sua formação territorial e a memória indígena que demarca seu cotidiano. A pesquisa ocasionou na proposta de *(re) ativação do patrimônio-territorial* mediante a elaboração de material didático para jovens e crianças do bairro, de maneira a instigá-los a enaltecer e valorar os aspectos de suas próprias vidas.

Palavras-chave: Patrimônio-territorial. Território usado. Paraguai. Assunção. San Jerónimo.

RESUMEN

San Jerónimo es un barrio ubicado en el centro tradicional de Asunción - Paraguay. La historia de su formación, a mediados del siglo XVIII y su peculiar conformación urbana le propiciaron protección patrimonial en 1996, por la Municipalidad de Asunción y por el Ministerio de Educación y Cultura. A pesar de esos mecanismos de salvaguardia, el lugar - demarcado por la ocupación de personas humildes y provenientes del interior del país - tuvo su memoria y aspectos culturales relegados hasta su resignificación para la comercialización turística, a principios de los años 2000, retrato de la *patrimonialización global*. Además de la perspectiva hegemónica de la patrimonialización, este estudio trae una mirada geográfica a las herencias que resisten frente a la colonialidad del poder y ante la *patrimonialización global*, se busca el *patrimonio-territorial* como concepto geográfico ya presentado. Con el objetivo de analizar lo que resiste como *patrimonio-territorial* en Loma San Jerónimo, en el contexto de las interacciones e intervenciones espaciales oriundas de la *patrimonialización global* en Asunción - Paraguay, esa investigación de carácter exploratorio y naturaleza cualitativa, basada en autores dialéctico-existencialistas fue orientada por los conceptos de *patrimonialización global* y *patrimonio-territorial* de Everaldo Costa y de *territorio usado* de Milton Santos. El recorrido metodológico adoptado obedeció a las indicaciones sobre la *activación popular del patrimonio-territorial* e involucró la realización de investigación de campo, entrevista semiestructurada, observación no participante y sistematización de diario de campo. Los resultados indican que el *patrimonio-territorial* de la comunidad son: su modo de vivir basado en la experiencia de la solidaridad, sus manifestaciones socioculturales, los lugares que remiten a su formación territorial y la memoria indígena que demarca su cotidiano. La investigación ocasionó en la propuesta de (re) activación del patrimonio-territorial mediante la elaboración de material didáctico para jóvenes y niños del barrio, de manera a instigarlos a enaltecer y valorar los aspectos de sus propias vidas.

Palabras clave: Patrimonio-territorial. Territorio usado. Paraguay. Asunción. San Jerónimo.

ABSTRACT

San Jerónimo is a neighborhood located in a traditional and central area of Asunción - Paraguay. The neighborhood received patrimonial protection by the Municipality of Asunción and by the Ministry of Education and Culture in 1996, largely due to the history of its formation, in the middle of the eighteenth century, and its peculiar urban conformation. Despite these safeguard mechanisms, the area, that has been noticeably occupied by underprivileged people from the interior of the country, suffered with the relegation of its memory and cultural aspects until the early 2000s, when they were re-signified for the touristic commercialization, in a portrait of *global patrimonialization*. In addition to the hegemonic perspective of patrimonialization, this study brings a geographical assessment to the heritages that resist the coloniality of power in regards to the *global patrimonialization*, *patrimony-territorial* is sought as a geographic concept already presented. With the aim of analyzing what resists as *patrimony-territorial* in Loma San Jerónimo, in the context of interactions and territorial interventions derived from *global patrimonialization* in Asunción - Paraguay, this exploratory and qualitative research, based on dialectical-existentialist authors, was guided by the concepts of *global patrimonialization* and *patrimony-territorial*, of Everaldo Costa, and the concept of used territory, of Milton Santos. The methodological approach that was adopted followed the indications for the *popular activation of patrimony-territorial* and involved field researches, semi-structured interviews, non-participant observations and field diaries systematization. The results indicate that the *patrimony-territorial* of the community is: its way of living based on the experience of solidarity, its socio-cultural manifestations, the places that relate to its territorial formation and the indigenous memory that demarcates its daily life. The research resulted in the proposal of (re)activation of *patrimony-territorial* through the elaboration of didactic material for young people and children of the neighborhood, in order to instigate them to enhance and value the aspects of their own lives.

Keywords: Patrimony-territorial. Used territory. Paraguay. Asunción. San Jerónimo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1: Estratificação social e configuração urbana em Assunção – Séculos XVII e XVIII..... | 77 |
| Figura 2: Porto de Assunção – Vista da baía | 79 |
| Figura 3: Estação de trem de Assunção | 79 |
| Figura 4: Conformação do eixo Histórico de Assunção – Século XIX | 80 |
| Figura 5: Vista do Rio Paraguai desde a Iglesia de la Encarnación, situada em uma das colinas de Assunção (Loma Volo Cue)..... | 82 |
| Figura 6: Senhora indígena vendendo artesanato | 85 |
| Figura 7: Senhora vendendo frutas | 85 |
| Figura 8: Ocupação temporária à esquerda e bairro bañados à direita | 87 |
| Figura 9: Representação da colina San Jerónimo | 94 |
| Figura 10: Perfil da rua Piravevé | 96 |
| Figura 11: Entrada do bairro pela rua “Piravevé” | 96 |
| Figura 12: Perfil e detalhe da rua "Estrella" | 96 |
| Figura 13: Passagem Bicentenário..... | 97 |
| Figura 14: Passagem dia y medio | 97 |
| Figura 15: Passagem Bugarelli | 97 |
| Figura 16: Oratório San Jerónimo..... | 97 |
| Figura 17: Perfil da rua Augustín Barboza | 98 |
| Figura 18: Escalinata do bairro San Jerónimo | 98 |
| Figura 19: Casa de madeira e casa de adobe em San Jerónimo | 99 |
| Figura 20: Zona "Kure Cuá" da Loma San Jerónimo | 99 |
| Figura 21: Arroio Jardín entubado..... | 100 |
| Figura 22: Arroio Jaén poluído perpassando casa de moradora da zona baixa..... | 100 |
| Figura 23: Lavadeiras do século XIX nas águas do rio Paraguai | 105 |
| Figura 24: Moradores de San Jerónimo na década de 1940 | 107 |
| Figura 25: Organização social do bairro San Jerónimo | 111 |
| Figura 26: Ocupação da zona baixa do bairro Loma San Jerónimo (2003)..... | 112 |
| Figura 27: Linha do tempo de Planos Urbanos de Assunção..... | 122 |
| Figura 28: Resumo de eventos e planos urbanísticos em San Jerónimo..... | 122 |
| Figura 29: Projeção do mirador que seria instalado na capela San Jerónimo | 131 |
| Figura 30: Projeção do Centro Comunitário de San Jerónimo | 132 |
| Figura 31: Centro Comunitário de San Jerónimo após a inauguração..... | 132 |
| Figura 32: Projeto de modernização da zona portuária de Assunção e seus arredores..... | 134 |
| Figura 33: Painel de grafites que expressa a relação índio e natureza (mural por Marcos Cubas).... | 145 |
| Figura 34: Representação de índio lendo livro da História da América Latina (mural por Apipatán) | 145 |
| Figura 35: Vaso de barro e ave sobrepostos à imagem publicitária da <i>Coca-cola</i> (mural por Gaia). 145 | 145 |
| Figura 36: Renda Ñandutí exposta em praça | 146 |
| Figura 37: Senhor vendendo “yuyos” na praça da democracia | 147 |
| Figura 38: Senhoras trabalhando com medicina tradicional nas ruas de Assunção..... | 147 |
| Figura 39: Atividade realizada na escola infantil da comunidade Kambá Cuá | 148 |
| Figura 40: Senhor tomando tererê na calçada do bairro San Jerónimo..... | 168 |
| Figura 41: moradora de San Jerónimo tomando “yuyo” | 168 |
| Figura 42: Santuário na casa de moradora | 170 |

| | |
|---|-----|
| Figura 43: Diversas santidades e oferecimentos na casa de moradora. No canto direito, vela acesa para o Santo patrono do bairro em ocasião do novenário em sua honra. | 171 |
| Figura 44: Fotografia de José Fresen retratando o Mercado Guazú em anos finais do século XIX .. | 174 |
| Figura 45: Vista da feira ao descer do ônibus..... | 176 |
| Figura 46: Mulheres trabalhando em bancas do Mercado 4 | 178 |
| Figura 47: Trabalhos em palha | 178 |
| Figura 48: Senhor vendendo animais..... | 179 |
| Figura 49: Senhora vendendo ervas, especialmente para <i>yuyos</i> | 179 |
| Figura 50: Relação amistosa entre vendedores e compradores..... | 180 |
| Figura 51: Representação de trabalhadores do antigo mercado de Assunção..... | 182 |
| Figura 52: Missa de Cinzas o oratório | 187 |
| Figura 53: San Jerónimo'i ou San Jerónimo "chico" | 188 |
| Figura 54: Convite para o "SanJe Festival" | 191 |
| Figura 55: Produção de bandeirinhas pela comunidade..... | 192 |
| Figura 56: Crianças auxiliando na ornamentação da festa..... | 192 |
| Figura 57: missa de 30 de setembro..... | 193 |
| Figura 58: Senhora observando a frente de sua casa tomada por comerciantes | 195 |
| Figura 59: Senhores tomando tererê durante o "San Jê Festival" | 196 |
| Figura 60: Crianças conversando na entrada do Clube..... | 197 |
| Figura 61: Crianças jogando durante o evento..... | 197 |
| Figura 62: Carteirinha dos jogadores do clube..... | 198 |
| Figura 63: Troféus da seleção de San Jerónimo..... | 198 |
| Figura 64: Bolas antigas guardadas no clube | 198 |
| Figura 65: Sr. Santiago Araújo, ex-jogador nas proximidades do Clube San Jerónimo | 199 |
| Figura 66: Sr. Pascual Céspedes, ex-jogador do clube em sua casa | 199 |
| Figura 67: Sr. César Ayala, ex-jogador do clube e grande entusiasta das questões religiosas do bairro | 199 |
| Figura 68: Estacioneros de San Jeronimo | 209 |
| Figura 69: Livreto de cantos da família Carballo | 210 |
| Figura 70 Encenação da <i>via crucis</i> e <i>estacioneros</i> | 211 |
| Figura 71: Contraste entre Centro comunitário e bairro San Jerónimo | 220 |
| Figura 72: Convite elaborado pela autora e enviado à comunidade | 224 |
| Figura 73: Reunião de moradores | 225 |
| Figura 74: Momentos antes do término da roda de conversa..... | 225 |

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|-----|
| Mapa 1: Divisão Natural e departamental do Paraguai | 44 |
| Mapa 2: “Mar du Paraguay | 49 |
| Mapa 3: América Latina e Caribe: Urbanização (1950 e 2010)..... | 67 |
| Mapa 4: Paraguai – Distribuição da população por Departamento (2015) | 84 |
| Mapa 5: Localização de San Jerónimo | 92 |
| Mapa 6: Topografia do bairro Loma San Jerónimo | 94 |
| Mapa 7: Uso do território de Loma San Jerónimo | 110 |
| Mapa 8: Intervenção da Rua Piravevé – 1ª etapa | 127 |
| Mapa 9: Áreas de Urbanização e Desenvolvimento do “Plan Maestro del Puerto de Asunción” | 133 |
| Mapa 10: Patrimônio-territorial e patrimonialização global em San Jerónimo..... | 153 |
| Mapa 11: Localização do bairro San Jerónimo e do Mercado 4 | 175 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: América Latina: participação da Indústria no Produto Interno Bruto (%) (1950 - 1980)..... | 63 |
| Tabela 2: Taxa de desemprego zona urbana/ano (%) (1990 – 2016)..... | 68 |
| Tabela 3: Evolução da População Total, Urbana e Rural no Paraguai (1950 – 2012)..... | 74 |
| Tabela 4: Distribuição de populações indígenas por Região do Paraguai..... | 86 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1: Sistematização de Atividade de Campo – Instituições e lugares visitados..... | 22 |
| Quadro 2: Sistematização de Atividade de Campo – atividades realizadas no bairro | 23 |
| Quadro 3: Estrutura demográfica do Departamento Central e Assunção (1992 – 2002)..... | 83 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Relação Industrialização e Urbanização na América Latina e Caribe (1950 – 1980)..... | 64 |
| Gráfico 2: População em situação de indigência e pobreza segundo etnia – Paraguai (%) (1999-2014) | 70 |
| Gráfico 3: América Latina e Caribe: População urbana que vive em situação de tugúrio (%) (1990 – 2014) | 71 |
| Infográfico 1: América Latina e Caribe (8 países): população indígena, afrodescendente e não indígena e não afrodescendente, em situação de pobreza e indigência em zonas urbanas (%) (2011) 69 | |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| BID | Banco Interamericano de Desenvolvimento |
| CEPAL | Comissão Econômica para América Latina e Caribe |
| FES | Formação Econômica e Social |
| MOPC | Ministerio de Obras Públicas y Comunicaciones |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PLAN CHA | Plan Maestro del Centro Historico de Asunción |
| RUM | Reconversión Urbana y Metrobús |
| SENATUR | Secretaria Nacional de Turismo |
| UNA | Universidad Nacional de Asunción |
| UNB | Universidade de Brasília |
| UNILA | Universidade Federal da Integração Latino-Americana |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 16 |
| AMÉRICA LATINA..... | 27 |
| 1.1.Território usado e relações de poder na América Latina..... | 30 |
| 1.2.Colonialidade persistente e definidora dos usos do território – o caso do Paraguai | 42 |
| 1.3. <i>Urbanização do território</i> e formação de periferias na América Latina..... | 56 |
| 1.4.Notas sobre a urbanização da “mãe das cidades” – o caso de Assunção | 73 |
| PATRIMÔNIO-TERRITORIAL LATINOAMERICANO E PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL..... | 89 |
| 2.1.Loma San Jerónimo: uma aproximação geográfico-histórica | 92 |
| 2.1.1. “É uma das sete colinas de Assunção...”: descrição da Loma San Jerónimo | 94 |
| 2.1.2. “Narrativa em retalhos...”: A Loma San Jerónimo no passado | 102 |
| 2.1.3. “O Despertar da sentinela?”: o bairro San Jerónimo hoje | 109 |
| 2.2.Patrimonialização global e usos hegemônicos do território | 113 |
| 2.3.Assunção e San Jerónimo sob a ótica da patrimonialização global | 120 |
| 2.4. <i>Patrimônio-territorial</i> : proposta de outro olhar sobre o patrimônio de Assunção..... | 137 |
| PATRIMÔNIO-TERRITORIAL DE SAN JERÓNIMO E POSSIBILIDADES DE SUA (RE)ATIVAÇÃO | 150 |
| 3.1.Revelando o <i>patrimônio-territorial</i> em Loma San Jerónimo..... | 152 |
| 3.1.1. Vestígios ancestrais: o idioma guarani e a medicina tradicional em Loma San Jerónimo 155 | |
| 3.1.2. Mercado <i>Guazú</i> : conexões socioterritoriais possíveis..... | 173 |
| 3.1.3. Meu bairro, meu patrimônio: o <i>patrimônio-territorial</i> em San Jerónimo..... | 184 |
| 3.1.3.1. O Oratório de San Jerónimo e a Festa patronal..... | 185 |
| 3.1.3.2. O Clube San Jerónimo..... | 197 |
| 3.1.3.3. Relações espaciais solidárias..... | 201 |
| 3.1.3.4. Zona baixa – O <i>Kure Cuá</i> | 205 |
| 3.1.3.5. Os <i>Estacioneros</i> de San Jerónimo | 207 |
| 3.2.Pela possibilidade de <i>(re) ativação</i> do <i>patrimônio-territorial</i> em Loma San Jerónimo .. | 214 |
| 3.3.Proposta de material educativo para o bairro San Jerónimo: Apresentando o <i>patrimônio-territorial</i> para jovens e crianças | 223 |
| ALGUMAS CONSIDERAÇÕES | 232 |
| REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO | 236 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o continente latinoamericano pela ótica da geografia e da história das espoliações sofridas pelos seus povos e das intervenções feitas em seu território, com foco na Loma San Jerónimo, em Assunção, Paraguai – crítica da *patrimonialização global* e entendimento de um *patrimônio-territorial*, a serem explicados.

O *patrimônio-territorial*, proposto por Costa (2016, 2017, 2018), sinaliza a importância de se preservar e divulgar dimensões socioespaciais pouco ou não valorados na história, mas que são resistentes na vida cotidiana e na cultura localizadas frente a colonialidade do poder, direcionando foco da análise para narrativas mais abrangentes em contraposição àquelas contadas pelos vencidos (POLLAK, 1989). Além disso, adquire caráter de denúncia face a um contexto de ascensão da *patrimonialização global* (COSTA, 2015), em que memórias e identidades passam a ser consumidas e apropriadas por seus agentes.

Como síntese das duas lógicas patrimoniais aqui abordadas, o recorte espacial da investigação é um bairro localizado no centro tradicional de Assunção. Apesar de sua localização e dos mecanismos institucionais de proteção patrimonial que recebeu, San Jerónimo foi considerado um setor vulnerável e classificado como um bairro marginal (MASULLI, 2008), bem como teve seus aspectos culturais relegados. É possível dizer que esse menosprezo pela história e pela situação do bairro vinculam-se com a própria *patrimonialização global*, quando o centro não é considerado em sua totalidade e totalização processuais.

Entretanto, o lugar passa a ser valorado e a ter seu patrimônio ressignificado para a comercialização turística, a partir dos anos 2000 no contexto de “*recolonização dos centros em um mercado globalizado das cidades*” (COSTA, 2015a, p. 125). Por essa razão, nosso horizonte temporal enfoca no período de transformações decorrentes da *patrimonialização global* [entre os anos 2003 e 2018] que acometem San Jerónimo. Sendo o *patrimônio-territorial* resistência geográfica-histórica da formação dos lugares, perpassamos a narrativa histórica que nos traz ao cenário atual do bairro.

Isso posto, a presente pesquisa se **justifica** pela denúncia da situação atual impressa pela *patrimonialização global* e pela busca do que resiste espacialmente pelos sujeitos no sentido do *patrimônio-territorial*, em contraposição a racionalidade hegemônica do primeiro processo e ante à colonialidade do poder. Loma San Jerónimo, mesmo com as mudanças que tem passado ao longo dos anos, por meio de projetos urbanos, apresenta indícios da permanência de tradições e manifestações que reavivam a memória indígena situada pelos sujeitos, além de saberes, formas de convívio e relações no cotidiano, tudo a consolidar um tipo de resistência periférica.

Esses elementos reacendem o sentido de comunidade e de cidadania, bem como trazem à tona o significado de pertencimento ao lugar.

O momento é oportuno para uma *outra práxis patrimonial*, como sugerem as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Grupo de Pesquisa *Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe*, do Depto. de Geografia da UnB. Ademais, cabe destacar que esta dissertação de mestrado pode contribuir para o conhecimento acerca do Paraguai [ao revelar informações e outras pesquisas feitas, especificamente sobre Assunção e Loma San Jerónimo], uma vez que poucos são os estudos, no Brasil, a considerarem o país, do ponto de vista da urbanização e da patrimonialização.

Por conseguinte, pretendeu-se analisar o bairro da capital paraguaia Loma San Jerónimo à luz do *território usado* proposto por Milton Santos, do *patrimônio-territorial* e da *patrimonialização global* propostos por Everaldo Costa, uma vez que sua história nos convida à busca de resistências espaciais, no sentido em que foi transformado, ressignificado pela razão que reproduz a colonialidade do poder; concretamente, pelo movimento do processo de *patrimonialização global* (COSTA, 2015a). Assim, tem-se o seguinte **problema de pesquisa**: Diante dos usos históricos do território e dos usos que podem favorecer a alienação do sujeito em relação ao processo mercantil que constitui o lugar (pela *patrimonialização global*), o que resiste enquanto *patrimônio- territorial* no bairro San Jerónimo? A **hipótese de estudo** é a de que o bairro, mesmo com a presença incisiva da lógica da *patrimonialização global*, resguarda pelos sujeitos o seu *patrimônio-territorial*.

A fim de responder ao problema de investigação apresentado, foram elencados diferentes objetivos, sendo o **objetivo geral** o de Analisar o que resiste enquanto *patrimônio-territorial* em Loma San Jerónimo, no contexto das interações e intervenções espaciais oriundas da patrimonialização global em Assunção – Paraguai.

Ainda foram definidos quatro **objetivos específicos** para o melhor desenvolvimento da pesquisa, a saber:

- a) Apresentar o debate sobre o *patrimônio-territorial* na América Latina
- b) Levantar a discussão sobre o *patrimônio-territorial* em contraposição ao movimento de *patrimonialização global* em Assunção – Py, especificamente no Bairro San Jerónimo
- c) Analisar o bairro San Jerónimo e a sua história a fim de revelar o que resiste no sentido de sua formação socio-territorial e no contexto da colonialidade

d) Verificar como interações espaciais oriundas da *patrimonialização global* têm ressignificado/podem ressignificar o *patrimônio-territorial* no bairro Loma San Jerónimo

Partindo da perspectiva de pesquisa orientada à ação transformadora da realidade social, adotada pelo GECIPA/Cnpq (UnB), estabeleceu-se ainda um **objetivo complementar**:

- e) elaborar material didático que colabore com a valorização do *patrimônio-territorial* no bairro, de modo a elencar os elementos valorizados pela racionalidade hegemônica e os elementos que refletem a presença do *patrimônio-territorial*. O material deve ser pensado de forma a ser distribuído em escolas frequentadas por moradores do bairro, numa perspectiva de construção histórica e geográfica que evidencie todos os sujeitos que dela foram/são participantes.

O material educativo será concretizado mediante a elaboração do livro intitulado “*San Jerónimo – meu cantinho no mundo*”, produzido a partir das referências culturais da população apreendidas por meio de pesquisa de campo e entrevista, a ser discutido no capítulo 3.

A seguir serão elencados os passos e procedimentos adotados nesses dois anos de pesquisa.

Aporte teórico -metodológico da pesquisa

Tendo em vista a necessidade de se pensar outras possibilidades de enquadramento da realidade-social, a dissertação seguirá os preceitos teórico-metodológicos apontados por Costa (2016, 2017, 2018) que visam estimular a *ativação popular do patrimônio-territorial* na América Latina. Essa ativação se perfaz como uma possibilidade de outros usos do território e dos objetos que o constitui, os quais visem valorizar o conteúdo da vida cotidiana e os indivíduos subalternizados no processo histórico e nas periferias urbanas e do campo no continente.

Um quadro histórico de uso exploratório do território (SANTOS; SILVEIRA, 2006) e de sua gente marca o continente, de modo que ao pesquisador não cabe apenas o papel da crítica, mas também o de indicar caminhos alternativos de mudança social (COSTA, 2017). Por essa razão, a pesquisa seguiu três preceitos teórico metodológicos levantados pelo autor para orientar o pesquisador quanto ao entendimento do *patrimônio-territorial* e futuras propostas de ação em conjunto com as comunidades:

1. Abordagem da interação sujeito-lugar-mundo – parte do entendimento do lugar como o intermédio entre o mundo e o indivíduo, deve-se compreender que o núcleo da ativação patrimonial é o sujeito e a comunidade. Esse princípio nos demanda maior cuidado e atenção com os envolvidos na pesquisa, de modo a não interferir em suas realidades caso não estejam de acordo.

2. Elaboração de uma epistemologia situada ou do Sul – Ante uma ciência hegemônica, faz-se imprescindível a reflexão de seu uso de maneira contra-hegemônica. Nesse sentido, a pesquisa sobre o *patrimônio-territorial* e sua possível ativação deve ser articulada com o debate pós-colonial e decolonial. O presente projeto centra-se no debate latinoamericano e nas discussões levantadas pelo debate decolonial.

Esse ponto de vista faz frente à colonialidade do saber e do poder mediante a denúncia da supressão de saberes pela ciência dominante e pela valorização de conhecimentos resistentes, favorecendo diálogos interdisciplinares, o que foi denominado por Boaventura Santos (2009a) de ecologias de saberes.

3. O tratamento da solidariedade no período popular da história – Os avanços do sistema capitalista e a interferência da globalização em todos os âmbitos da vida convergem para um processo de homogeneização afetando inclusive a própria subjetividade. Entretanto, encontra obstáculo na heterogeneidade das pessoas e dos lugares, atingindo-os de diferentes maneiras. Em verdade, esse fenômeno agrava as diferenças e produz escassez, dando caráter mais estrutural às desigualdades (SANTOS, 2000a).

Esse cenário dá condições para um outro momento da história, o que Santos (2000a) chamou de período demográfico ou popular. O quadro de desigualdades produzido de forma perversa chama à ação os populares subalternizados. O imperativo de uma cultura de massas sobre as mais diversas manifestações culturais e modos de vida culmina na reação da cultura popular. Assim, para Costa (2017, p. 69), o *patrimônio-territorial* latinoamericano faz-se na solidariedade cultural das comunidades que não deixaram perder seus símbolos, pois são tenazes no movimento da sociedade capitalista.

Trabalha-se aqui com o fato de que em Loma San Jerónimo coexistem distintas lógicas espaciais. Nesse sentido, e buscando compreender a totalidade de sua história antiga e recente e os usos do território pelos distintos sujeitos, identifica-se até aqui a possibilidade de uma (*re*) *ativação popular* a partir da identificação do *patrimônio-territorial* em Loma San Jerónimo, de modo a valorizar os distintos elementos da cultura que compõem esse lugar. Diante de um cenário que tem sido modificado por interesses do Estado-mercado, urge a necessidade do

conhecimento e da integração das diferenças, em prol da defesa do patrimônio, dos símbolos territoriais materializados ou não e que dão sentido a vivência coletiva e solidária do bairro.

O que se pretende com a pesquisa é colaborar com identificação do *patrimônio-territorial* e retornar para a comunidade o produto da dissertação, conforme objetivo complementar, com o intuito de favorecer a valorização desses elementos e um entendimento mais inclusivo do patrimônio do bairro. O *patrimônio-territorial* é um caminho possível de estancamento de preconceitos de origem, racismos e outros estigmas sociais e a sua força advém justamente da sua capacidade de transmutar a racionalidade dominante, bem como de se apropriar dos benefícios advindos de uma preservação sinérgica do patrimônio.

Procedimentos metodológicos

Essa investigação é considerada de caráter exploratório e natureza qualitativa, pois se refere uma aproximação inicial com fenômenos ainda pouco explorados e por preocupar-se com a com a opinião dos membros da comunidade estudada (RICHARDSON, 2011). De acordo com Richardson (2011, p. 80),

os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Quanto aos procedimentos metodológicos e técnicas de levantamento de dados, levando em consideração a característica e a natureza da pesquisa, foram utilizadas especificamente para o alcance dos objetivos: a **pesquisa de campo**, a **observação** e a **entrevista**, além de outras abordagens ao longo dessa inquirição.

I) Procedimentos gerais:

Foi realizada **pesquisa bibliográfica** durante todo o processo de construção da pesquisa de maneira a garantir o aprofundamento das teorias referentes aos temas trabalhados. Concretizou-se por meio de leitura pertinente, levantamento de publicações, material cartográficos e meios audiovisuais. Ainda foram assistidos documentários sobre o país analisado, bem como sobre a cidade de Assunção como etapa prévia a atividade de campo.

A **pesquisa documental** foi executada para a busca de informações, documentos e dados estatísticos referentes ao Paraguai e à Assunção, elaborados em agências e órgãos

oficiais, bem como análise dos projetos urbanísticos atinentes ao bairro. Foi de extrema importância para a construção do capítulo 1 referente às generalidades da América Latina e particularidades do Paraguai, e para o entendimento do processo de *patrimonialização global* no bairro, tratado no capítulo 2. Isso foi possível mediante a disponibilização de materiais diversos pelo escritório de arquitetura “Estudio Cardozo Ocampo & Asociados”, responsável pela elaboração de estudos sobre o bairro no âmbito dos projetos financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID.

Também recorremos ao uso de **material iconográfico**. As fotografias, além de se constituírem como registros possíveis graças aos aparatos técnicos, apresentam uma função social mnemônica, pois são carregadas de significados. São testemunhos do que foi e apresenta possibilidades interpretativas para o leitor quando bem orientadas e informadas, além de se conformarem como conhecimento para o futuro (HUMBERTO, 2000 *apud* COSTA, 2014).

Segundo Costa (2014, p. 88), a fotografia e as iconografias não congelam um dado espaço-tempo histórico, ao contrário, favorecem o reconhecimento individual e coletivo do próprio movimento da história e da geografia do mundo. Nesse sentido, buscou-se fotografias antigas de Assunção e do bairro de modo a aproximar o leitor das transformações ocorridas e deste movimento descrito por Costa (2014), bem como se utilizou do recurso como representação da minha vivência em campo na atualidade, de modo a corroborar com estudos posteriores.

Os registros feitos em campo foram fundamentais para todo o trabalho, especialmente para o capítulo 3, onde apresentamos os resultados finais da investigação. Por meio da fotografia, foi possível revelar uma realidade distinta e pouco conhecida e evidenciar ao leitor a presença do *patrimônio-territorial* e demonstrar como a *patrimonialização global* tem interferido na dinâmica do bairro.

Utilizou-se **material cartográfico** disponibilizado por instituições governamentais, bem como elaboramos nossa própria cartografia. Além de situar o leitor, e demonstrar as peculiaridades geográficas de San Jerónimo, tivemos a oportunidade de representar espacialmente a incidência da *patrimonialização global* e a resistência do *patrimônio-territorial* no bairro, a partir de informações coletadas.

II) Procedimentos específicos:

Foram realizadas duas **pesquisas de campo** à cidade de Assunção com a finalidade de observar a realidade do bairro Loma San Jerónimo e alguns aspectos importantes da capital paraguaia, bem como coletar informações. Perante a dificuldade em encontrar dados precisos sobre o bairro, a realização dessa técnica foi fundamental para atingir os objetivos da pesquisa.

O primeiro campo, de caráter exploratório, foi realizado entre os dias 15 e 22 de fevereiro de 2018 e permitiu uma primeira aproximação com os moradores do bairro. Foram gravadas algumas entrevistas, a partir de roteiro prévio, que tiveram caráter de conversa e foram feitas baseadas em alguns eixos temáticos. Cabe salientar que essa primeira aproximação foi fundamental para executar mudanças relevantes no projeto de pesquisa.

O segundo campo foi realizado entre os dias 17 de setembro e 2 de outubro de 2018, de modo a propiciar uma maior aproximação dos fenômenos que permeiam o bairro com a teoria utilizada e coleta de maiores e melhores informações. Neste momento, com os objetivos de pesquisa já refinados e roteiro de entrevista finalizado, foi possível realizar entrevistas mais densas, bem como visitar instituições importantes e lugares fundamentais para a pesquisa, conforme sistematizado no quadro a seguir:

Quadro 1: Sistematização de Atividade de Campo – Instituições e lugares visitados

| | |
|---|---|
| Arquivo nacional | Foi realizada visita ao Arquivo Nacional de Assunção, mas não foram encontrados documentos e fotografias relacionadas à pesquisa. Foi possível contatar o diretor da instituição que nos encaminhou à direção Geral de patrimônio histórico. |
| Direção geral de patrimônio histórico | Foi realizada visita à instituição e conversa com a diretora María Luisa Blanes, que nos deu acesso a materiais referentes a cultura e patrimônio na cidade de Assunção. |
| Biblioteca Nacional de Assunção | Foram acessadas e estudadas obras relevantes para a construção da dissertação |
| Colegio Dr. Jose Gaspar Rodriguez de Francia | Realizada visita ao colégio onde a maioria dos seus alunos são moradores do bairro San Jerónimo, para compreender a forma como o ensino patrimonial é tratado no currículo escolar e para refletir propostas de devolutivas da pesquisa para o âmbito do ensino. Foi realizada uma (1) entrevista com o professor de História e Geografia da escola. |
| Ministério de Obras Públicas e Comunicações (MOPC) | Visita realizada para obter mais informações acerca dos projetos urbanos que têm impactado o bairro San Jerónimo. Foram disponibilizados contatos importantes para a continuidade da investigação, tais quais de outros arquitetos relacionados e consultores que estudaram o bairro. |
| Museu Manzana de la Riviera | Foram acessadas obras de interesse cultural e patrimonial do Paraguai, de modo a favorecer a pesquisa acerca do que tratamos por “patrimônio-territorial”. Buscou-se por obras da temática indígena e cultura popular. |
| Mercado 4 de Assunção | Antigo Mercado Guasú relaciona-se historicamente com o bairro San Jerónimo, pois foi a partir de sua formação e crescimento que o bairro passa a ser ocupado por famílias do interior no século XIX. Hoje, configura-se como um importante espaço de relações socioespaciais pautadas em características relegadas pelo Estado como a cultura periférica, as crenças populares nos remédios naturais e o idioma guarani. Perfaz-se como um dos exemplos de “patrimônio-territorial” |

| | |
|---|--|
| | de Assunção. Foram realizados registros fotográficos, vídeos na tentativa de captar o movimento da feira e também observação não participante |
| Escritório de arquitetura “Estudio Cardozo Ocampo & Asociados” | Foi realizada visita ao consultor responsável pelo estudo inicial e diagnósticos acerca de Loma San Jerónimo no âmbito do “Proyecto Ejecutivo de la Rehabilitación Urbana y Puesta en Valor del Barrio San Jerónimo”, realizado no ano de 2011. Foram compartilhados todos os documentos disponíveis acerca dos projetos realizados no bairro em que o arquiteto consultor esteve relacionado, bem como os mapas e registros fotográficos elaborados muito importantes para a construção da dissertação. Também fomos presenteados com o livro de memórias do bairro San Jerónimo, escrito por uma de suas moradoras, que retrata as suas tradições, suas memórias, e as potencialidades do bairro ante um contexto de modernização da cidade de Assunção. |
| Universidade de Columbia | Encontro com professores de arquitetura da Universidade e conversa acerca da modernização da cidade de Assunção e os impactos no bairro San Jerónimo. |
| Museu de Barro de Assunção | Museu que conta com um amplo acerto de peças feitas de argila e de barro por comunidades indígenas do Paraguai e também de outros povos latino-americanos. Também contém elementos de arte contemporânea de comunidades remanescentes e artistas provenientes de comunidades indígenas e ou comunidades campesinas e periféricas. A visita possibilitou a reflexão acerca da força de permanência da cultura indígena impregnada no cotidiano, mas também acerca dos grupos que fazem resistência ante as pressões modernizadoras, em especial no campo |
| Ateneu de Língua e Cultura Guarani | Visita realizada com o intuito de efetivação da entrevista marcada com o diretor da instituição, Dr. David Galeano Oliveira. Tratou-se da importância da cultura e da língua guarani no contexto em que há discriminação e tentativa de apagamento das reminiscências dos povos originários no país e em Assunção. Também foi explicado o papel da instituição na manutenção da permanência do idioma enquanto idioma oficial do Paraguai. Fomos presenteados com obras da temática folclórica e literária escritos em guarani. |
| Bairro Kamba Cuá – Fernando de la Mora | Realização de visita ao bairro de origem afrodescendente localizado na Região Metropolitana de Assunção (RMA), na cidade de Fernando de la Mora. O bairro apresenta uma gama de atividades, em especial na escola do bairro, que remetem a desconstrução do imaginário de que em Assunção não há a presença afrodescendente, retrato do apagamento de grupos historicamente subalternizados. Foram realizadas duas entrevistas: uma com moradora do bairro e outra com a diretora da escola infantil. Esta visita concatena-se com a possibilidade de pesquisas futuras a serem realizadas em Assunção sob a perspectiva do “patrimônio-territorial”, mas no viés da cultura afrodescendente. |

Fonte: Elaboração da autora

No contexto de Loma San Jerónimo, o campo viabilizou a realização de entrevistas e a realização de atividades de pesquisa, como observação, fotografias e localização de lugares específicos do bairro, bem como a participação de eventos importantes para a pesquisa, como sistematizado a seguir:

Quadro 2: Sistematização de Atividade de Campo – atividades realizadas no bairro

| | |
|---------------------------------------|--|
| Mapeio do bairro | Foram realizados registros fotográficos e registros de coordenadas geográficas dos pontos importantes do bairro com a finalidade de melhoria dos mapas que elaborados para a dissertação. |
| Roda de conversa com moradores | Durante uma semana, a vizinhança foi mobilizada para um encontro com a pesquisadora com o objetivo de explanação da pesquisa e verificação de possibilidades de construção coletiva de material educativo sobre o bairro e seu patrimônio. Contou com a presença de dez (10) moradores.. |
| Missas no bairro | Realização de observação não participante e verificação da presença da população nas atividades religiosas da comunidade. |

| | |
|---|--|
| Visita ao Centro comunitário San Jerónimo | Resultado do projeto urbano “Reconversión Urbana y metrobus” estudado na pesquisa, foi possível conhecer sua estrutura física, as possibilidades de seu uso e as consequências que pode gerar para a comunidade. Foi realizada uma entrevista com a arquiteta responsável pelo projeto, que disponibilizou informações e explicou a importância das obras realizadas nas cercanias do bairro |
| Rosário no oratório de San Jerónimo | Acompanhamento de atividades prévias a festa patronal a ser realizada no dia 30 de setembro. |
| Preparativos para a festa patronal | A pesquisa orientada ao “patrimônio-territorial” demanda práxis. O dia foi destinado a auxiliar a comunidade na execução de atividades e organização para a festa patronal. Foram feitas decorações juntamente com moradores e crianças do bairro e organização dos espaços a serem utilizados. Constituiu-se como um momento de trocas enérgicas de experiências e intercâmbio cultural. |
| Missa ao Santo Patrono | acompanhamento da missa de comemoração do Santo patrono do bairro, San Jerónimo. Foram feitos registros fotográficos e de vídeos |
| Acompanhamento e participação no evento “SanJe Festival” | Averiguação da organização para o evento denominado “SanJe festival” em sua primeira versão. O evento ocorreu no perímetro do bairro e contou com uma gama de expositores de artesanato, quiosques de gastronomia e shows. Ademais foram feitas anotações em diário de campo, uma vez que o evento redimensiona as práticas religiosas da comunidade para um sentido mercadológico, deturpando o seu intuito original e impactando o bairro. O evento se iniciou com a missa às 08h da manhã e teve fim às 00h30 da noite. |

Fonte: Elaboração da autora

A pesquisa de campo esteve associada ao **Diário de Campo**, à **Observação não-participante** e à **Entrevista**.

- (a) **Diário de Campo** – As informações coletadas em campo foram todas organizadas em diário, com o objetivo de registrar elementos percebidos durante contato com o bairro e com a sua comunidade, bem como nossas impressões pessoais. Aspectos que não foram apreendidos em fotografias e entrevistas compõem os diários de campo, como: expressões, comportamentos e sensações captadas e observadas. Ademais, esse recurso permitiu à autora a exposição de seus sentimentos ao se aproximar cada vez mais do seu objeto de pesquisa, sendo utilizado ao longo do texto da dissertação de maneira a imprimir pessoalidade à alguns parágrafos do texto.
- (b) **Observação sistemática não participante** – técnica de coleta de dados que se utiliza dos sentidos para apreender determinados aspectos da realidade em pesquisa de campo. Adota-se aqui a observação não-participante, uma vez que por motivo de distância e a dificuldade de realização de mais atividades de campo, não se fez possível uma maior inserção no grupo, apesar da participação em atividades da comunidade. Nessa modalidade de observação, tem-se o “contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora” (RICHARDSON, 2011, p. 90). Foi utilizada ao longo

das pesquisas de campo e quando da realização das entrevistas, sendo as informações apreendidas organizadas em diário de campo.

- (c) **Entrevista** – A entrevista, quando em conformidade com os objetivos e com a problemática construída, é uma técnica essencial para a pesquisa de caráter qualitativo, sendo considerada instrumento primaz de pesquisas sociais (MARCONI; LAKATOS, 2008; RICHARDSON, 2011). Foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada ou guiada, considerando que nessa modalidade há uma maior liberdade entre entrevistador e entrevistado. Desse modo, o entrevistador se utiliza de um guia e pode formular as questões a partir do andamento da entrevista (RICHARDSON, 2011). Objetivou-se realizar esse procedimento para preencher lacunas históricas, identificar a resistência do *patrimônio-territorial* e a potencialidade de ação por meio da *ativação popular do patrimônio-territorial*.

Procurou-se entrevistar os moradores mais antigos da comunidade, de modo a resgatar o maior número possível de dados históricos do bairro, e àqueles que de alguma forma estavam mais envolvidos em suas atividades culturais. A partir de informações prévias sobre os moradores mais engajados, optamos por utilizar a técnica de bola-de-neve para encontrar outros atores que pudessem colaborar com a pesquisa. As entrevistas foram gravadas via áudio e, posteriormente, desgravadas por um profissional bilíngue.

Já no primeiro campo, foram entrevistados 9 (nove) atores sociais, dentre os quais 6 (seis) eram moradores do bairro. As outras três pessoas eram: a professora da Universidade Nacional de Assunção (UNA) e responsável por atividades universitárias realizadas no bairro, a Arquiteta responsável pelo projeto do Centro Comunitário de Assunção e a encarregada do Departamento de Geração de Produtos Turísticos da Secretaria Nacional de Turismo.

No segundo campo, foram entrevistadas um total de 27 (vinte e sete) pessoas. Foi entrevistado o diretor do Ateneu de Língua e Cultura Guarani, o professor de História e Geografia da Escola Dr. José Gaspar Rodriguez de Francia, a Arquiteta responsável pelo projeto do Centro Comunitário de Assunção, o arquiteto do escritório “Cardozo Ocampo & Associados”, uma moradora e a diretora da escola infantil do bairro *Kamba Cuá*, em Fernando de La Mora. Os demais participantes eram moradores do bairro San Jerónimo.

Diante do pouco tempo disponível, essas entrevistas foram filtradas e 15 delas foram selecionadas para a transcrição. Optamos por transcrever as entrevistas que possuíam informações inéditas e daqueles atores mais ativos nas atividades do bairro. Em

seguida, foram lidas e os fragmentos relevantes foram organizados em uma planilha de Excel para a análise, de maneira a serem utilizados ao longo dos capítulos 2 e 3. Todos os entrevistados autorizaram a utilização de suas falas, por meio do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, traduzido para o seu idioma.

A análise dos dados textuais permitiu a elaboração do mapa síntese dessa dissertação, a ser apresentado no capítulo 3 e o encontro da teoria com a realidade empírica.

Esta dissertação está estruturada em três capítulos. No **capítulo 1**, abordaremos as relações de poder que permeiam a América Latina e o seu processo de urbanização demarcado por imposições externas. Também adentramos o contexto da formação socioespacial do Paraguai e a urbanização de sua capital Assunção, de maneira a trazer para o autor informações sobre esse cenário pouco estudado pelo viés da urbanização e patrimonialização no Brasil.

No **capítulo 2**, fizemos uma inquirição geográfica-histórica de San Jerónimo para então tratar do processo de *patrimonialização global* no bairro. Foram apresentadas suas características geográficas peculiares e a sua história de formação, bem como todos os eventos importantes que comprovam a *patrimonialização global* em seu perímetro. Ademais, introduzimos a temática do *patrimônio-territorial*, demonstrando sua presença na cidade de Assunção.

Já no **capítulo 3**, apresentamos os resultados dessa investigação. A partir da utilização dos relatos de seus moradores, das fotografias e da elaboração cartográfica, evidenciamos a permanência do *patrimônio-territorial* ante a *patrimonialização global* no bairro. Também propomos a reflexão sobre uma possível (re) ativação do *patrimônio-territorial* da comunidade, mediante a elaboração de material didático para jovens e crianças de San Jerónimo.

I

AMÉRICA LATINA

“Por isso te falarei destas dores que quisera afastar, (...) para que assim sejamos invencíveis”

Por isso te falarei destas dores que quisera afastar,
te obrigarei a viver uma vez
mais entre suas queimaduras,
não para nos determos como numa
estação, ao partir,
nem tampouco para golpear com o rosto a terra,
nem para enchermos o coração de água salgada,
mas para caminhar conhecendo,
para tocar a retidão com decisões infinitamente carregadas de sentido,
para que a severidade seja uma condição da alegria,
para que assim sejamos invencíveis.
(Pablo Neruda, A areia traída)

América Latina, continente das veias abertas. Não faltaram para Eduardo Galeano (2005) argumentos para tal designação. Entender o continente latinoamericano é compreender as explorações pelas quais passaram o seu território e a sua gente. Enquanto colônia ibérica, teve seus recursos explorados e seus habitantes originários, bem como os negros trazidos da África, subjugados. Exploração essa que subsidiou o acúmulo de capital e foi base para o aprimoramento e desenvolvimento do sistema capitalista. Não foram contidos também os posteriores avanços neoliberais, que culminaram na intensificação da pobreza, atingindo de modo brutal afrodescendentes, indígenas e camponeses.

O mundo que é assim desenhado, a partir da exploração do trabalho e, posteriormente, do apagamento de sujeitos subalternizados, tem no discurso da modernidade o seu eixo estruturante (LANDER, 2005). Esta narrativa é orientada por um conjunto de justificativas para a submissão e a dominação pautadas na inferioridade fenotípica e cultural dos povos abusados. Este é o lado ocultado da modernidade, a sua colonialidade constitutiva e permanente (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2005). Essas populações que, historicamente, passaram por quadros de exploração são as mais afetadas pela continuidade do discurso colonial em outros trajes e pelas novas ordens políticas e econômicas mundiais.

As consequências dos projetos de mundo escritos por outras mãos que não as nossas são sentidas até os dias de hoje. Por vezes, são enraizadas nas nossas estruturas sociais, pautadas em modelos estrangeiros reforçados por governos locais e estaduais; por outras se manifesta de maneira destrutiva e belicosa: racismo do dia-a-dia, discriminações no mercado de trabalho e preconceitos de origem. Uma série de barreiras que impedem os sujeitos de reproduzirem materialmente sua existência e ascenderem a melhores condições de vida.

Ademais, essas resultantes da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) se espacializam. No contexto de uso exploratório do território, ela é refletida no consequente processo de urbanização do continente. Respondendo aos reclames estrangeiros e acolhendo as modernizações impostas pelo poder hegemônico, tem-se que a urbanização é “social e territorialmente seletiva” (SANTOS, 1993, p. 9).

Assim, a urbanização latinoamericana se origina segregadora e destina as populações mais vulneráveis às frações menos favoráveis do território, os quais mantêm uma guerra de posição entre metrópoles e opressões que produzem *territórios de exceção* (COSTA, 2017) como *locus* de vida, ao mesmo tempo segmentada e pujante, dos subalternizados, de forma que sujeitos, aglomerados, objetos e saberes (não só a pobreza) constituem tais territórios na América Latina. Fica clara a proposta de leitura em que, apesar de acolherem as mazelas do processo histórico de equipagem do território em prol de agentes hegemônicos, as periferias da América Latina abrigam as memórias de lutas e resistências contra a exploração e contra as imposições de ideais universais, nas suas mais variadas formas, expressas material e imaterialmente no território.

Com a mirada voltada adentro e tendo como protagonistas afrodescendentes, indígenas, mulheres e pobres urbanos, objetiva-se uma nova escrita da história. É com esse intuito que se propõe um trabalho de identificação e valorização do patrimônio material e imaterial situados ou não nas áreas periféricas da América Latina que resistem à lógica da colonialidade do poder: o *patrimônio-territorial* (COSTA, 2016).

Esta dissertação tem o interesse de desvelar o que resiste enquanto *patrimônio-territorial* em um bairro de Assunção, capital do Paraguai, chamado Loma San Jerónimo. Durante o cumprimento das disciplinas do curso de pós-graduação em Geografia, fui por vezes questionada do porquê escolher o Paraguai para a realização da pesquisa. Outras vezes fui acusada de exotismo. Ambos os casos me levaram a uma maior vontade de aproximação com a dura realidade paraguaia. O país, assim como todo o continente, tem sua história marcada pela

colonialidade dos atores estrangeiros hegemônicos e também pela exploração de seus vizinhos Argentina e Brasil.

Apesar de possuir uma cultura marcada pela influência da matriz indígena guarani, a contradição é imperante, uma vez que as populações indígenas e camponesas são cada dia mais afligidas pela modernização do campo e compelidas a migrarem para as cidades a viverem nas periferias, muitas vezes em condições de risco, e a sofrerem diversas discriminações; sinais da colonialidade do poder reproduzida internamente. Afora as dificuldades, esses sujeitos encontram na vida em comunidade e na solidariedade, a esperança e a vontade para continuar persistindo. Além disso, a memória e a cultura se perfazem e se mantêm em símbolos territoriais, de modo a resguardar todo o percurso histórico realizado para permanecerem vivas outras narrativas, a partir dos sujeitos nos lugares.

Nesse sentido, este primeiro capítulo tem o propósito de lembrar e ponderar acerca das mazelas que têm afetado a América Latina desde a chegada dos invasores europeus até os momentos atuais, pois “aqueles horrores foram as dores do parto de que nascemos” (RIBEIRO, 2010, p. 110). Este exercício evocativo nos faz refletir sobre novas possibilidades e nos desperta a vontade para a busca de ações alternativas ante uma racionalidade impositiva do ser, do viver, e do sentir. Todo esse percurso nos dará subsídios para abordar o nosso referencial empírico.

Pablo Neruda, poeta chileno, nos traz essa perspectiva ao falar das mazelas do Chile em sua poesia “A areia traída”. Suas palavras podem ser transcendidas ao contexto de todo o continente. A invencibilidade do povo latinoamericano está e estará sempre no reconhecimento daquilo que se perdeu e daquilo que se sofreu de modo a fazer ressurgir, em cada momento, a força combativa e consciente contra os vetores que insistem em desarticular e alienar nossas populações. Há muito a se pensar e muito a se fazer pelo continente e o *patrimônio-territorial* se figura como um dos caminhos possíveis de emancipação.

Por último, tomamos as palavras de Darcy Ribeiro, que também nos incute a necessidade de revisão do nosso presente com vistas ao nosso futuro: “prefiro a nossa pobreza inaugural à sua opulência terminal, de quem já acabou de fazer o que tinha a fazer no mundo e, agora, usufrui o criado. Nós temos todo um mundo a refazer” (RIBEIRO, 2010, p. 84).

1.1. Território usado e relações de poder na América Latina

Para que seja possível a aproximação da compreensão da América Latina, seus processos e sua realidade contemporânea, faz-se essencial o esforço de entendimento de suas distintas Formações Socioespaciais¹. Essa totalidade se perfaz a partir da articulação entre tempo e espaço, portanto é pela realização da periodização que se encontra no passado características determinantes do presente (SANTOS, 1986). Levando em consideração as especificidades de cada país, já que são as particularidades que nos motivam à análise, nos é permitido o exercício de generalização, uma vez que a história de todo o continente é marcada por explorações advindas da expansão do capitalismo moderno e da difusão de discursos de modernidade, progresso e desenvolvimento, heranças de uma duradoura colonialidade do poder (QUIJANO, 2005).

Nesse sentido, parte-se do conceito de *território usado* para uma leitura latinoamericana das distintas relações estabelecidas no e com o território, considerando a sua materialidade e imaterialidade, não sendo possível desassociá-las, já que é na simultaneidade desses dois aspectos que é factível a realização do próprio espaço geográfico. Ademais, as propostas do *território usado*, do *patrimônio-territorial* e dos *territórios de exceção* são convergentes por localizarem os sujeitos na história e no espaço, através dos usos e das apropriações. Em “O papel ativo da Geografia: um manifesto”, Milton Santos (2000b), com a colaboração de seus alunos, define o território usado como a resultante da espacialização do processo histórico, mas também como “a base material e social das novas ações humanas. Tal ponto de vista permite uma consideração abrangente da totalidade das causas e dos efeitos do processo socioterritorial” (SANTOS, 2000b, p. 104).

De acordo com Santos (2005b), o território é permanente, enquanto nosso quadro de vida, mas também é noção e conceito híbrido em constante movimento, o que torna necessária a sua compreensão e revisão, de maneira a “afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro” (SANTOS, 2005b, p. 255).

¹ A *formação socioespacial* é um conceito elaborado por Milton Santos para abordar a escala intermediária entre o lugar e o mundo. Santos (2005a), parte da categoria marxista de Formação Econômica e Social – FES no intuito de aproximá-la da dimensão espacial, pois para ele não há FES que também não se configure como uma formação espacial. Nesse sentido, tem-se o interesse pelo processo de formação socioeconômica e territorial de cada país e as especificidades advindas da relação dialética entre o espaço e a sociedade, mediante a compreensão da interdependência entre as categorias modo de produção, formação social e espaço.

Assim, parte-se do pressuposto de que o conceito de território passou e passa por modificações no seu sentido, uma vez que não está restrito apenas ao campo do saber geográfico. Entretanto, independente do domínio ao qual está relacionado e a apropriação que seja feita, tem-se que o domínio político permanece sendo indispensável para compreender as relações de poder que são estabelecidas a partir dele. Essa preponderância não pode e não deve ser confundida com uma associação única e exclusivamente do território ao recorte de um Estado-Nação, colocando no Estado o papel centralizado de normatizador da vida em sociedade. Essa perspectiva restrita reduz o território a um substrato desse agente regulador, negligenciando as distintas possibilidades de relações a serem estabelecidas pelas coletividades.

Esse reflexo multidimensional das associações e relações que os membros de uma coletividade e a sociedade instituem com o território é o que se denomina territorialidade (RAFFESTIN, 1993). De acordo com Santos e Silveira (2006, p. 19),

a territorialidade, no sentido de pertencer àquilo que nos pertence, sendo característico um sentimento de exclusividade e limite, não se restringe à humanidade e nem mesmo depende da existência de um Estado. Essa territorialidade é sinônimo de área de vivência e de reprodução, mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, sendo privilégio do homem.

Nesse sentido, o território passa a ser entendido mediante a multiplicidade de ações que o permeia, ampliando a discussão centralizada sob a ótica do Estado-Nação, e aproximando-se dos usos e controles sociais que nele foram consolidados. Por essa lógica, que o conceito de território usado vai se assemelhando ao conceito de espaço geográfico, conjunto de objetos e ações organizados em redes, ou ainda, quadro de vida híbrido (SANTOS, 2005b).

A construção da categoria de análise “espaço geográfico” por Milton Santos entende que o espaço é produtor e produto da ação humana, ou seja, não é apenas palco da sociedade, mas influencia e é influenciado por ela. Este atributo revela o seu poder de determinação e culmina nas formações socioespaciais. O espaço é social, por isso, histórico. Essa dimensão permite entender o caso aqui avaliado [o da Loma San Jerónimo, no Paraguai], na perspectiva do trabalho depositado no lugar e ressignificado pela própria sociedade com suas intencionalidades. Mediante o trabalho social é que se produz espaço e daí distintos modos de produção são espacializados deixando suas marcas por meio daquilo que Milton Santos entende por *rugosidades*, ou seja, constituintes materiais e concretas da configuração territorial em devir.

As formas espaciais, ou seja, as materializações e expressões das relações sociais, o que é mais aparente, é também arranjo ordenado de objetos², sendo as formas artificiais, as obras dos homens. Essas formas espaciais apresentam diferentes papéis em cada momento da história à medida que os objetos geográficos que as representam ganham outras significações. É dessa maneira que são compreendidas como formas-conteúdo³. Nesse sentido, a essência do espaço pode ser aproximada através da leitura da dinâmica social depositada nos lugares; é este esforço que pretendemos desenvolver para a leitura dos significados atinentes ao bairro avaliado na capital do Paraguai. As ações dão vida aos objetos; são os processos sociais e são os fluxos; “São as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhes um sentido” (SANTOS, 2006a, p. 55).

O que está entre o objeto e a ação é a intencionalidade e é ela que demarca os processos de produção e de produção das coisas. Assim, chegamos à sua síntese de que o espaço é um conjunto indivisível de sistemas de objetos e sistemas de ações que interagem entre si, como ensina Milton Santos. De acordo com o autor, os sistemas de objetos influenciam o desenrolar das ações, bem como os sistemas de ações ocasionam em novos objetos ou se realiza em objetos já existentes. É assim que “o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, 2006a, p. 39) e sua definição se dá, também, através dos usos. Sobre a perspectiva dos usos e apropriações será possível avaliar a ressignificação histórica dos fenômenos que constituem Loma San Jerónimo.

Como a noção de território está atrelada às apropriações e aos variados usos pela sociedade, a depender de seu arranjo espacial à medida que passa o tempo (SANTOS; SILVEIRA, 2006; SAQUET, 2009), ela é entendida enquanto uma construção social que se sucede a partir das relações estabelecidas de forma coletiva e envolvendo múltiplas dimensões.

Mediante essa perspectiva relacional, e tendo como um dos conceitos norteadores deste trabalho o *território usado*, tem-se que os usos do território estabelecidos no continente são determinados por uma permanente colonialidade, revelando profundamente a história e a configuração territorial latinoamericana por meio de relações de poder. Apesar de demarcadas

² Para Santos (SANTOS, 2006a) há uma tendência a tudo se transformar em objeto, visto que a natureza é sempre utilizada pela sociedade direcionada por suas intencionalidades. “A natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais de coisas e, ironicamente, é o próprio movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor” (SANTOS, 2006a, p. 41). Entretanto, de acordo com o autor, para os Geógrafos os objetos não são somente o resultado da ação humana, mas sim tudo o que existe na superfície da terra e que é instrumento material de sua vida. Assim podemos falar de objetos geográficos naturais e artificiais.

³ De acordo com Santos (2006a, p. 66) “ ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações”.

pela assimetria, essas relações não inibem a apropriação do território por todos os atores, reforçando a perspectiva do território usado, uma vez que nos aproxima da ideia de

espaço banal, o espaço de todos, todo o espaço. Trata-se do espaço de todos os homens, não importa suas diferenças; o espaço de todas as instituições, não importa a sua força; o espaço de todas as empresas, não importa o seu poder. Esse é o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social (SANTOS, 2000b, p. 104).

Por esse ângulo, entendendo que é no território onde se manifestam diferentes escalas de poder e, por isso, lugar onde ocorrem diferentes apropriações do espaço, faz-se importante o debate acerca de como estruturas dominantes se apoderaram de territórios e a partir de ideais hegemônicos de modernidade e de desenvolvimento se inseriram nos mais diversos campos da vida, condicionando populações inteiras à submissão.

A América Latina revela em seu território, mediante os quadros de uso ao longo de sua história, as distintas relações estabelecidas entre espaço e sociedade, ou seja, as distintas apropriações da natureza pela ação humana politizada e por meio da realização do trabalho, reforçando a inseparabilidade e interdependência existente entre a materialidade e imaterialidade expressa nas ações (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

É nesse sentido que se impõe a importância da historicidade do espaço, revelada a partir da presença das técnicas⁴. Essas são as responsáveis pela empirização do tempo no espaço e demonstra as mudanças entre a relação espaço – sociedade no decorrer da história (SANTOS, 2008). Entendendo o espaço enquanto “acúmulo desigual dos tempos” (SANTOS, 1986) e mediante as técnicas empreendidas pelo esforço do trabalho, modernizadas a cada período histórico que se faz possível um entendimento das relações de poder presentes na América Latina.

Não sendo considerada a perspectiva dos autores quanto a primazia do espaço ou território⁵, tem-se que para Raffestin (1993) o território se constitui como o lugar de todas as relações sendo, portanto, produto das ações executadas pelos atores sociais sobre uma base inicial dada, em que esses sujeitos empreendem as mais distintas relações de poder mediante a criação de malhas, redes e centralidades. Todas as relações com o território expressam o poder

⁴ Conforme Milton Santos, as técnicas se constituem enquanto elementos essenciais para o entendimento do espaço. Sendo um elemento de explicação de cada sociedade e dos lugares que ocupa, apresentam idades diferentes nos conduzindo aos modos de produção e às relações de produção de cada época. De acordo com Santos (2008), a empirização do tempo é possível mediante as técnicas.

⁵ Apresentando também uma abordagem relacional, Raffestin considera o **espaço** enquanto o substrato material para a produção do território mediante o trabalho. Para ele o espaço vem antes do território (RAFFESTIN, 1993; SAQUET, 2009).

mesmo que em diferentes graus⁶. Souza (2009) também se aproxima dessa concepção, em que o definidor principal do território é a realização do poder, sendo seu perfil definido pela perspectiva política, não renunciando a outras abordagens. Para o autor, o território se perfaz essencialmente como um instrumento de exercício do poder, desvelando quem domina e influencia quem nesse espaço e de que maneira.

Assim, o conceito de colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) é essencial para compreender as relações estabelecidas com o território latinoamericano, bem como os processos de exploração e dominação presentes nas sociedades pós-coloniais. Muito debatido no contexto do grupo modernidade/colonialidade⁷, surgido na década de 90, revela a permanência de estruturas coloniais nas sociedades atuais de modo a legitimar relações pautadas na superioridade fenotípica. Este conceito está atrelado, inseparavelmente, à noção de modernidade.

A modernidade, um momento que representa uma ruptura e traz mudanças sociais radicais, constitui-se como uma narrativa complexa marcada por fenômenos intra-europeus como Iluminismo, Reforma protestante e Revolução industrial, os quais impactam em cheio a América Latina. Essa construção coloca como ponto de origem da civilização ocidental o continente Europeu e celebra todas as suas conquistas enquanto esconde todas as mazelas decorrentes desse projeto eurocentrado: a exploração das gentes e as marcas deixadas no território, o seu lado obscuro, a sua colonialidade constitutiva (MIGNOLO, 2005; MIGNOLO, 2017). Entretanto, entende-se que há uma primeira modernidade que surge na verdade no século XVI a partir da formação do sistema-mundo e da conquista e colonização da América, sendo esse território partícipe da modernidade europeia.

Um mundo antes demarcado pela existência de vários centros, circuitos comerciais, em que havia a coexistência de civilizações passa por duas transformações no transcurso da constituição do mito da modernidade, uma de ordem econômica e outra de ordem epistemológica. Assim, a emergência do capitalismo e a revolução científica são elementos constituintes da retórica da modernidade, culminando numa nova ordem mundial e num mundo

⁶ Raffestin (1993) também se preocupa em diferenciar o “poder” do “Poder”. Este último é o poder empreendido pelo Estado e seu aparelhamento institucional que garante o exercício de sua soberania. Baseado em Foucault, o autor explica que o “poder” é mais difícil de ser visto e encontrado, pois está presente em todas as relações de força existentes na sociedade.

⁷ O grupo modernidade/colonialidade surge na década de 90 com a proposta de uma novidade epistemológica e com a rompimento com a episteme dominante (crítica aos estudos pós-coloniais e subalternos que davam preferência aos autores europeus como ferramenta). De acordo com Escobar (2003) a pretensão é de refletir sobre as questões latinoamericanas mediante a inclusão do conhecimento dos grupos explorados e oprimidos, e a produção de um conhecimento situado.

interconectado por uma mesma economia, o surgimento de uma estrutura de controle econômico, normativo e subjetivo, pautado na exploração do trabalho e na expropriação de terras. Tudo isso gera sentidos díspares ao território, em diferentes escalas, no continente.

Conforme Mignolo (2017), a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã. A fase ibérica e católica da modernidade, traz como central a teologia cristã e uma visão primeiro animalésca dos povos originários e, depois, como sujeitos imergidos no pecado que deveriam ser salvos mediante os deveres de cristandade dos europeus. No primeiro século de explorações, as populações indígenas foram dizimadas pela contaminação por doenças do homem branco, pelos conflitos e guerras, e pelo trabalho cativo e por via das *encomiendas* cristãs em que eram atribuídos

a um senhor branco o dever sagrado de catequizar um magote de índios, se lhe dava, em compensação, a posse da terra e o direito de explorá-los para sempre como mão de obra gratuita. Conjugaram-se, eficazmente, a catequese e a contaminação, a guerra de extermínio e a escravidão, para reduzir drasticamente a população indígena (RIBEIRO, 2010, p. 55).

A natureza e o território eram antes intrínsecos ao pensamento das comunidades indígenas, não havendo uma distinção entre natureza e cultura, prevalecendo o conceito de “pachamama” – relação do homem com a vida, com a terra (MIGNOLO, 2017). A dominação ibérica moderna, em outra via, se pauta na culturalização da natureza e na complexização territorial do continente, ou seja, na implantação de técnicas do continente europeu por meio da estrutura de exploração colonial, no qual os recursos, os povos no trabalho são dominados por agentes externos; o que revela usos do território com elevado custo social (COSTA, 2016).

É a partir da formação da América latina, do capitalismo colonial, moderno e eurocentrado e da aceleração do seu processo com a emergência do circuito comercial Atlântico que se institui um novo padrão de poder mundial configurado a partir da conceituação e imposição da ideia de raça e pela classificação dos povos originários enquanto inferiores, sendo estas utilizadas enquanto justificativa para a dominação colonial (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2005). Essa dominação se pauta na apropriação do território e das populações enquanto recursos a serem utilizado de acordo com as intencionalidades colonizadoras (MORAES, 2011; COSTA, 2016, 2017).

De acordo com Quijano (2005), dois foram os eixos estruturantes para a fundamentação desse padrão de poder, sendo a definição da raça enquanto elemento de diferenciação entre colonizador e colonizado, o que permitiu naturalizar a perspectiva de inferioridade baseada em características biológicas, e a centralidade do capital e do mercado mundial pelo o qual foram

articuladas todas as formas históricas de apropriação do trabalho e de recursos. Assim, segundo o autor, a América se constitui enquanto “o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e desse modo e por isso, como a primeira *identidade* da modernidade” (QUIJANO, 2005, p. 117).

De acordo com Raffestin (1993) é notadamente pelo trabalho empreendido no território que podemos verificar a existência das relações de poder. Esse território é produzido mediante emprego de energia e informação⁸ pelos seus atores de modo a efetivar as redes, as atividades produtivas, representações simbólicas e as malhas (SAQUET, 2009). É resultante da relação espaço-tempo-sociedade, no qual as distintas territorialidades efetivadas pelos homens refletem e demonstram como cada território é produzido, organizado e configurado historicamente a partir de relações simétricas e principalmente dissimétricas. Para o caso da América Latina essas relações apresentam componentes raciais constituídas a partir da diferença colonial⁹.

É com a América que surge a raça no seu sentido moderno mediante o contato com os povos que abrigavam os “novos territórios”, e na medida em que se estabelecem as relações sociais de dominação, a raça, tendo na cor a sua expressão, passa a ser elemento classificatório e legitimador do controle. Tendo em vista a naturalização da posição de inferioridade desses povos, tem-se a diminuição também de suas descobertas mentais e das suas culturas (QUIJANO, 2005).

Assim, se delinea a formação do novo padrão global de controle do trabalho, de recursos e produtos que consegue alinhar e articular as formas de apropriação já conhecidas, sendo esse padrão o capitalismo mundial. Não se faz possível conceber a modernidade apartada da colonialidade, sendo este seu elemento constitutivo e não derivativo (MIGNOLO, 2005).

A Colonialidade do poder gestada no colonialismo se configura como um padrão de controle, hierarquização e classificação da população mundial de modo a acometer todas as dimensões da existência social. O que a perspectiva da colonialidade do poder consegue atualizar é a ideia da raça e do racismo enquanto eixo estruturador das hierarquias do sistema mundo colonial (BALLESTRIN, 2013).

⁸ Para o autor o trabalho é energia informada. Tem-se que no caso da exploração do trabalho há uma dissociação entre a informação e a energia, acarretando numa maior alienação quanto ao trabalho executado. Um trabalho que estava relacionado à realização da vida, passa a relacionar-se a outras intencionalidades. No caso da América, as populações foram subjugadas e considerados como “um combustível humano em forma de energia muscular, destinado a ser consumido para gerar lucros” (RIBEIRO, 2010, p.40).

⁹ Distinção estabelecida entre os europeus e os “outros” que passaram a encontrar e que tem na etnicidade a sua força motriz para a categorizar e desvalorizar os sujeitos e suas experiências, favorecendo os desejos e intencionalidades de apropriação da terra e do trabalho humano, num primeiro momento. No período nacional ela se transforma em colonialismo interno, preservando essa distinção entre pessoas na constituição dos Estados nacionais latinoamericanos (MIGNOLO, 2005).

Mediante essa sistemática divisão do trabalho pautada no racismo, que se mantém ao longo de todo o período colonial, a branquitude passa a ser associada aos postos de mando e ao salário – este enquanto um privilégio desse grupo – enquanto índios foram forçados a trabalhar até a morte durante todo o período das *encomiendas*, culminando na reorganização da apropriação de seu trabalho por meio da prática da servidão; posteriormente o trabalho escravo se direciona restrita e exclusivamente à população negra advinda do continente africano. Este padrão foi estendido mediante a sujeição de todos os outros grupos encontrados pelo branco europeu, traçando uma geografia social do capitalismo, uma vez que surge e se mundializa a partir da América (QUIJANO, 2005; BALLESTRIN, 2013).

É nessa lógica que os territórios passam a ser classificados de acordo com as gentes que lhe ocupam, favorecendo uma hierarquização dos lugares a partir do grau deduzido de evolução de suas sociedades, em que os parâmetros relacionam natureza e cultura em uma linha contínua. As sociedades mais próximas à natureza e compreendidas como as menos evoluídas – América e África – devem percorrer o caminho até alcançar o mais alto grau de civilização e cultura encontrado na Europa. Essa perspectiva foi o que favoreceu a articulação de relações assimétricas de poder entre os distintos continentes e a naturalização do controle pelo continente europeu (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2012).

Apesar das imposições, da violência justificada e do favorecimento do esquecimento e encobrimento dos povos explorados, onde há relações de poder, e suas intencionalidades são reveladas, gera-se como força motriz a resistência desses grupos subalternizados, expondo o caráter dissimétrico das ações. O confronto diante desse desequilíbrio não fica centrado apenas aos espanhóis e ameríndios, mas é estendido ao *criollo* (branco, negro e mestiço) advindo da importação de escravos africanos ou da população branca transplantada, instigando forças ameríndias e afro-americanas a virem à tona, reconhecendo e reforçando seu lugar no mundo (COSTA, 2016).

Entretanto, é a consciência *criolla* branca que marca a formação dos Estados Nacionais da América a partir de uma alteridade geográfica em relação às metrópoles, mas não em relação a europeidade. Os processos independentistas no século XVIII tratam mais de uma busca da identidade americana, sem que a elite *criolla* deixasse de ser europeia. De acordo com Ribeiro (2010, p. 73) “os crioulos mais abandonados que sempre se quiseram identificar, em vão, com os metropolitanos ibéricos, de repente se aperceberam que eram outra coisa, talvez até coisa melhor. Rapidamente se diferenciaram, assumindo novas identidades étnicas, orgulhosos delas”. Tratava-se na verdade de uma nova diferenciação – elite *criolla* em relação aos

ameríndios e aos afro-americanos – findando-se a estrutura colonial, mas não a colonialidade que permeia e infiltra as estruturas políticas e sociais e que vão se constituindo racistas enquanto expressão da colonialidade interna (MIGNOLO, 2005). A formação dos Estados Nacionais demandava homogeneidade, e teve na mestiçagem – ou melhor dizendo, no pretense “embraquecimento” da população – o cumprimento desse objetivo.

É a partir do desejo e da necessidade de construir uma territorialidade própria que os *criollos* se autodeterminam tendo na latinidade, mais especificamente na França, a orientação da constituição de seus projetos de Nação, negando seu passado colonial e reafirmando o anseio por pertencer à modernidade europeia (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2012).

O mundo assim estruturado delinea-se na ideia de modernidade como seu eixo articulador, sustentando a classificação e a hierarquização do continente, dos seus povos e de suas experiências de modo que a civilização moderna e europeia se centraliza e se coloca numa posição de superioridade, consolidando o eurocentrismo (DUSSEL, 2005; LANDER, 2005). Assim, entende-se que colonialidade do poder não se encerra no âmbito do subjugo do trabalho e das relações sociais de raça; ela se prolonga a outras áreas e se reproduz nas dimensões epistemológicas e na própria subjetividade humana.

Tendo no eurocentrismo o seu pilar, a colonialidade do saber nega outras formas de saber e reafirma o controle do outro a partir de uma geopolítica do conhecimento. Dessa forma, perspectivas de mundo e culturas foram relegados a segundo plano, tendo como objetivo o enaltecimento das descobertas mentais do sujeito europeu. Mediante esse posicionamento, o mito da modernidade e suas perspectivas falseadas de desenvolvimento definem como um único caminho comum a ser trilhado pelas populações, o caminho percorrido na Europa.

Essa interpretação parte de uma visão histórica universalizada e pautada em ideais de progresso, em que a perspectiva linear e única de temporalidade demarca o silenciamento de outras histórias nos continentes explorados, em prol da ideia de um desenvolvimento comum, esquecendo que essas diversas temporalidades se perfazem em distintos espaços, reafirmando a necessidade de espacialização das narrativas históricas (SOJA, 1993).

Tendo em mente a colonialidade do poder até aqui elucidada, podemos conceber como essas relações assimétricas se dão pelo espaço, mediante os usos do território realizados por distintos atores, agentes, grupos e sujeitos, notadamente pelos setores sociais hegemônicos, rearticulando e moldando a natureza de acordo com seus propósitos de dominação.

Como resultado da colonização tem-se o estabelecimento de uma relação dialética centro-periferia – sendo o centro as metrópoles e a periferia as colônias –, em que a exploração

de recursos naturais e a apropriação do trabalho de índios e negros culmina na formação de riquezas para os centros e na desestruturação de sociedades territorializadas (CORONIL, 2005). Dessa relação, tem-se a complexização do território, que se manifesta na constituição de novos objetos técnicos, mediante o transplante de formas espaciais europeias para o território latinoamericano. Tinha-se como objetivo o cumprimento de uma intencionalidade: a imposição de ideologias modernizantes mediante a diminuição das sociedades e a tomada da força de trabalho dos sujeitos subalternizados em benefício dos centros mundiais.

Segundo Ribeiro (2010), esse processo de complexização do território demarca a história do trabalho no continente por meio de um sistema brutal de opressão de indígenas e negros, em que os europeus se constituíram como as primeiras empresas multinacionais modernas. Em um dado momento, foram instalados fortes de defesa, em seguida portos e, traspostos os modelos de cidade europeia. Os templos existentes em algumas sociedades foram substituídos por igrejas suntuosas, na tentativa também de descaracterizar o território existente, dando-lhes feições europeias. Entretanto, é possível ver traços de adaptabilidade tanto em termos de força de determinação do espaço, quanto em termos culturais. A natureza impõe suas condições e as sociedades reafirmando suas crenças na realização do trabalho. Como exemplo tem-se a estética de igrejas barrocas construídas por indígenas em que a simbologia cristã é subvertida através de caricaturas e inserção de elementos de sua vida cotidiana anteriores a colonização¹⁰.

As relações de poder pautadas no subjugo do outro também demarca localizações, uma vez que porções privilegiadas do território são destinadas ao uso hegemônico, enquanto aos subalternizados desterritorializados, coube a reterritorialização em locais com menos condições de reprodução existencial, culminando na produção de *territórios de exceção latinoamericanos* (COSTA, 2017)¹¹, situação que perdura nos dias atuais e que será entendida no contexto histórico da capital do Paraguai. Tendo sido demarcados os postos de trabalho e configurados mediante a raça no período colonial, e impregnando as instituições estatais e relações sociais, esse elemento perdura no âmbito laboral em que aos negros e indígenas são atribuídos postos com os mais baixos salários¹².

¹⁰ Notas do curso de graduação Urbanização na América Latina e Caribe. Aula do dia 06/04/2018, ministrada pelo Dr. Everaldo Batista da Costa na Universidade de Brasília – UnB.

¹¹ De acordo com Costa (2017), cada país expressa espacialmente como a ideologia capitalista segregou e condicionou pobres, negros e indígenas à distintas condições de existência. Constituem-se como “*locus* de vida, ao mesmo tempo segmentadas e pujante, dos subalternizados” (COSTA, 2017, p. 58) e também abrigo do *patrimônio-territorial* (COSTA, 2016), a ser explanado no próximo capítulo da dissertação.

¹² Ver Bonilla-Silva (1997) que aborda a perspectiva da construção de sistemas sociais racializados. Para ele não basta lutar contra o eurocentrismo se estruturalmente a dominação está enraizada nos sistemas sociais.

Com o advento do período técnico científico e informacional, urge uma nova apresentação da colonialidade do poder marcada pela mundialização e unificação técnica. A globalização, esse período definido pela financeirização e pela lógica das redes, traz um discurso de como a humanidade dividida em seus opostos estivessem se unindo em prol de um destino e de um futuro harmonioso, sendo esta a sua fábula (SANTOS, 2000a).

Para Lander (1998), o mito da modernidade é renovado por ações que mantiveram acesas a ideia de colonialidade presente nas narrativas de modernização, progresso, desenvolvimento e globalização. Observa-se que o discurso colonial apenas muda suas roupagens e que são construções presentes em todos os tempos. É nesse sentido que os territórios continuam a ser invadidos por lógicas dominantes, pela imposição de redes de modo a reorganizar os espaços em proveito do capital estrangeiro e favorecendo ações marcadas por intencionalidades que intentam diluir as solidariedades construídas no decorrer da história e em relação direta com o território.

Entretanto, essas transformações não são capazes de chegar para todos com o mesmo impacto, pois encontra obstáculos na diversidade dos lugares. O lugar (SANTOS, 2000a) se conforma como acumulador de tempos múltiplos, sendo a escala do acontecer solidário, ou seja, da realização compulsória de várias atividades permeando distintas intencionalidades, revelando como o global incide no local e como este também é capaz de deformar os impactos vindos de vetores externos. Assim, nem tudo é passível de ser transnacionalizado, e entendendo o território usado como espaço banal, como território usado por todos os atores é que se faz possível a criação de novas sinergias. Também se faz possível pensar em outros usos do território, impondo uma “revanche” e desenhar esperançosamente uma outra perspectiva de futuro (SANTOS, 2000a, 2005b).

O conceito de território usado nos traz uma dimensão histórica da relação dialética entre espaço – sociedade e revela as apropriações do território pelos distintos atores. É nesse sentido que se pretende deslindar o Paraguai, uma vez que o país revela pelos quadros de uso do seu território as relações de exploração inerentes à colonialidade do poder pelos atores hegemônicos. Todavia, o uso do território também é realizado pelos sujeitos que foram subalternizados, nos lugares produzidos por essa lógica dominante – os *territórios de exceção* – sinalizando outras relações com o território por meio do *patrimônio-territorial* (COSTA, 2016, 2017).

Sabendo que no lugar se sucede a dialética das relações verticais e horizontais, pretende-se analisar o bairro da capital paraguaia Loma San Jerónimo à luz do *território usado* e do

patrimônio-territorial, uma vez que sua história nos convida à busca de resistências espaciais, no contexto em que foi transformado, ressignificado pela razão que reproduz a colonialidade do poder; concretamente, pelo movimento do processo *patrimonialização global* (COSTA, 2015a).

1.2. Colonialidade persistente e definidora dos usos do território – o caso do Paraguai

Como já esboçado, o território se constitui enquanto uma fonte histórica a ser lida, que revela as ações materializadas em objetos e os seus usos. Adotando o recurso da analogia, o território representa um livro e a sua escrita se perfaz pelos atores no processo de sua utilização, sendo cada capítulo o quadro de uso de cada um dos seus períodos/setores; esses quadros não se distanciam das relações de colonialidade do poder, porque este é elemento central nas formações socioespaciais latinoamericanas.

O geógrafo paraguaio Vázquez (2006) considera que o território pode ser entendido como a síntese da interação entre os atores sociais, as práticas produtivas e econômicas¹³ e os recursos naturais no decorrer do tempo. Sua perspectiva se aproxima do entendimento de Santos & Silveira (2006), em que o território é elemento fundamental para entender a história de cada país e também a história da humanidade, efetuando-se mediante as técnicas que são representantes de cada momento. O que se adiciona a essa compreensão dos autores é que a complexificação do território ocorre mediante inserção de próteses e modelos impostos/importados, em que os sujeitos, principalmente os sujeitos historicamente subalternizados, foram e ainda são explorados e/ou apagados para o cumprimento desse propósito.

À luz desse entendimento, serão apresentadas algumas anotações sobre o quadro de usos do território no Paraguai, considerando momentos marcantes de sua história, de modo a dar subsídio ao entendimento de sua urbanização (análise que será focada na cidade de Assunção) e da história de Loma San Jerónimo (a serem abordados nos tópicos e capítulos seguintes).

O Paraguai (*Paraguay* em guaraní sua língua indígena materna) é um país latinoamericano de pequena extensão territorial - 406.752 km² - localizado no coração da América do Sul. Apesar de possuir uma gama de recursos naturais, um povo afetuoso e forte presença de uma cultura indígena, é muito comum o país ser evocado por suas características negativas e por estigmas. Com a presente pesquisa, pretende-se reverter tais construções e imaginários; importa interpretar, por algumas notas, o quadro histórico de usos do seu território, com a finalidade de alcançar as bases e as marcas das diversas explorações que sofreu e que nos trazem aos dias atuais.

O país apresenta uma série de dicotomias em sua estrutura socioespacial, resultantes de uma história demarcada pelo uso exploratório e indiscriminado de seu território e

¹³ Vázquez (2006) traz uma perspectiva de uso do território que enfatiza o âmbito econômico (sua especialização), mas não anula outros usos possíveis sobre o mesmo.

subalternização de sua gente, em especial por agentes estrangeiros ligados à produção agrícola e à pecuária. Além do mais, conflitos armados, como a Guerra contra a Tríplice aliança (1864 – 1870), Guerra do Chaco (1932 – 1935) e também mais de três décadas de regime ditatorial (1954 – 1989), deixaram profundas cicatrizes na sociedade e no território. São esses alguns dos muitos eventos fundamentais de sua geografia histórica a serem interpretados à luz dos usos territoriais estabelecidos. De acordo com Vázquez (2006), esses acontecimentos são revelados pelas configurações territoriais que foram deixadas mediante os distintos usos e significados da terra e do território em determinados momentos, resultando, portanto, na base geográfica sobre a qual os atores atuais implementam suas ações.

Para Vázquez (2006), o Estado-Nação é um conceito pertinente e fundamental para compreender a formação socioespacial do Paraguai, pois continua sendo o Estado o agente mais importante na administração e no ajuste territorial, funcionando como um filtro das ações. A perspectiva de Santos (1986) também se aproxima desse ponto de vista, posto que entende o Estado como intermediário único entre o âmbito nacional e o internacional, aspecto que renova seu papel no contexto atual em que são incisivas as investidas da iniciativa privada e dos agentes estrangeiros, de modo que se torna responsável direto por sua flexibilidade ou resistência aos interesses do sistema capitalista mundial.

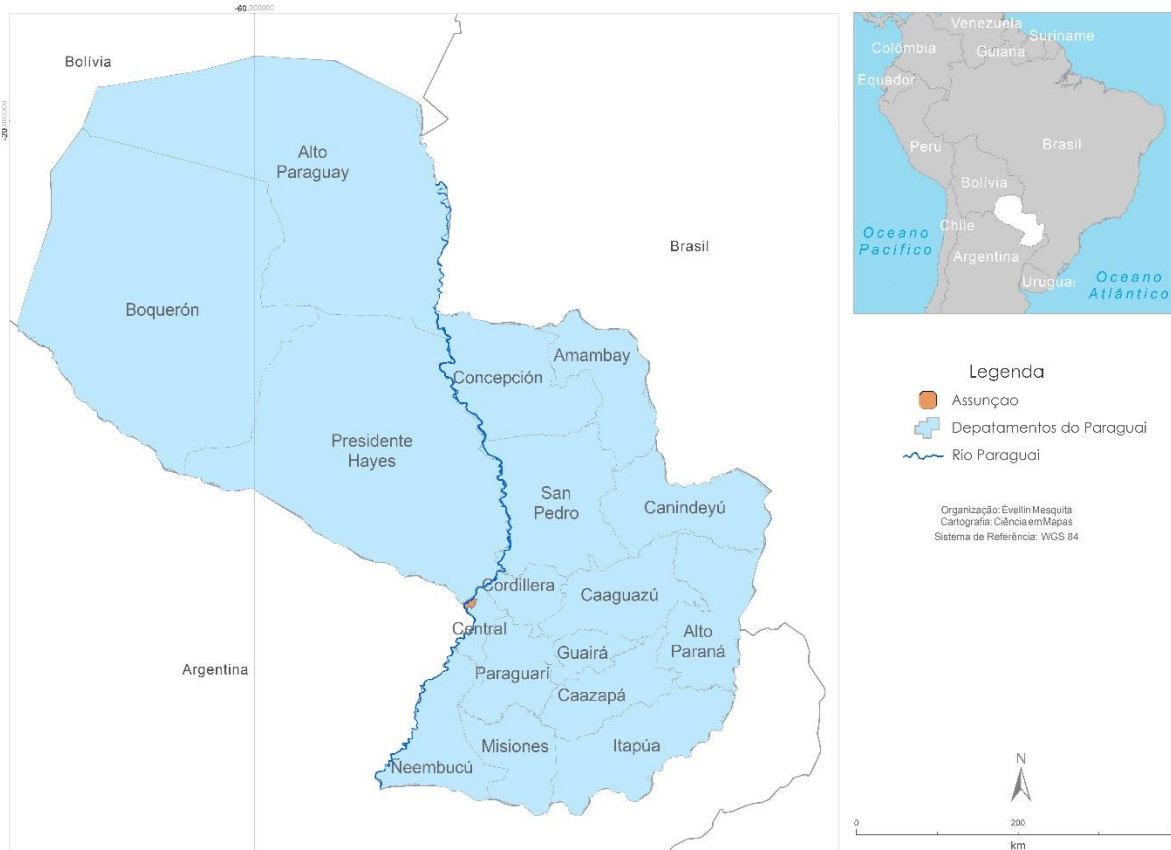
Entretanto, as instituições políticas replicam estruturas coloniais, evidenciam interesses e a própria colonialidade do poder em âmbito interno (MIGNOLO, 2005), pois ao largo de sua história, a instância governamental, que deveria regular e primar pelo país e pela sua população, priorizou e direcionou investimentos a Região Oriental, especialmente ao Departamento Central e facilitou o uso das terras do território nacional por atores estrangeiros ligados a agricultura e pecuária intensiva. Os vazios deixados pela falta de ações do Estado em todo território, principalmente na Região Ocidental, despertaram o interesse de atores transnacionais, (tem-se como exemplo, fazendeiros brasileiros e empresários coreanos no Departamento do Alto Paraguay) com projeções continentais e mundiais e a abertura permitida pelo Estado acarretou na sua fragilização frente a esses imperativos (VÁZQUEZ, 2005).

O processo de ocupação do território paraguaio se deu de forma bastante heterogênea, do período pré-hispânico aos dias atuais. Isso se deveu à divisão natural do território feita pelo rio Paraguai em Região Oriental e o Chaco paraguaio (VÁZQUEZ, 2006), conforme apresenta o **Mapa 1**. Essa divisão antagônica¹⁴, na verdade, é fundamental para compreender o território

¹⁴ A Região oriental, irrigada pelos seus afluentes é onde se concentra a sua população e a maior parte de suas atividades econômicas, como a agricultura. A outra é marcada pela seca, composta pelo Chaco boreal de Savanas.

e o seu uso ao longo da história do país, pois as condições favoráveis de sua Região Oriental fizeram convergir as atividades econômicas desde o período colonial, corroborando com uma díspar configuração territorial e o favorecimento de sua urbanização.

Mapa 1: Divisão Natural e departamental do Paraguai



Apesar de ser um país mediterrâneo¹⁵, o Paraguai apresenta um conjunto de recursos hídricos¹⁶ que, além de demarcar naturalmente algumas de suas fronteiras¹⁷, constituiu-se enquanto elemento fundamental para a existência e em seguida para a reprodução econômica a partir de sua exploração, sendo o mais importante o rio Paraguai (ROLON, 2010). Esse elemento natural geográfico também se constituiu enquanto uma barreira cultural, influenciando os primeiros usos do território pelos povos originários e anteriores à colonização.

¹⁵ Característica geográfica que se relaciona com diferentes aspectos de sua história, configurando-se como um obstáculo no seu contexto de Estado independente (ROLON, 2010).

¹⁶ O país possui bacias hidrográficas importantes, sendo seus principais rios o Paraguai – de onde provem seu nome –, o Pilcomayo e o Paraná.

¹⁷ O país faz fronteira com Argentina, Bolívia e Brasil, sendo o único país da América Latina a enfrentar conflitos armados com todos os seus vizinhos. Estes confrontos colocaram em voga sua soberania enquanto Estado-Nação, uma vez que se relacionavam com o domínio de terras e de recursos presentes em seu território.

O território configura-se como a base para a reprodução da vida e elemento carregado de simbolismos para os povos originários. Enquanto os povos do Chaco, à direita do rio Paraguai, tinham no nomadismo¹⁸ sua característica principal, à sua esquerda, os grupos neolíticos tinham na agricultura e na instalação duradoura propiciada pelo sedentarismo o seu *ethos*. A atividade agrícola será apropriada pelos espanhóis com a sua chegada, de modo a facilitar a implantação de atividades econômicas e novas estruturas no território, favorecendo a Região Oriental.

A invasão e colonização do Paraguai se inicia a partir da chegada de espanhóis vindos de Buenos Aires, Argentina, tendo Assunção sua fundação datada no ano de 1537 (ROLON, 2010). Assim como na maior parte do continente, os colonizadores espanhóis estabeleceram seu controle a partir do sistema de *encomiendas*, definindo os critérios de uso da terra e principalmente dos povos originários, dado que estes também eram vistos como um recurso a ser utilizado racionalmente diante de sua escassez (VÁZQUEZ, 2006). É nesse sentido que os estrangeiros passam a ressignificar as relações entre os indígenas e suas terras: com o trabalho forçado e com a apropriação da atividade agrícola desenvolvida pelos povos da Região Oriental, pois percebem logo que naquelas terras a riqueza não estava no ouro e na prata, mas no solo.

Sabe-se que além do estabelecimento de relações simbólicas com o território, de onde advém sua sobrevivência, os povos originários possuíam organizações políticas e uma religiosidade própria, apesar de não terem estruturado locais específicos para a adoração de seus deuses (SILVA, 2011). De acordo com Medeiros (2009), o território tem sua existência pautada também em relações simbólicas e traz poder de afirmação identitária, entretanto os colonizadores passam a desestruturar essas coletividades mediante a inserção dos seus conjuntos simbólicos, tidos como superiores, bem como a sua religiosidade e os seus locais de adoração.

A igreja católica, nesse contexto, tem papel essencial, assim como em todo continente, uma vez que é a partir da evangelização que as culturas indígenas são fortemente impactadas. Diante da resistência e hostilidade desses povos – principalmente dos nativos do Chaco – as missões¹⁹ chegam ao território para a catequização dos nativos “indomáveis”, sendo estabelecidos modelos culturais e econômicos que culminaram, dentre outros aspectos, na

¹⁸ Esses grupos tinham nas atividades de caça, pesca e colheita de frutos, os pilares de sua economia. Sendo a disponibilidade e acesso de recursos o fator determinante para sua territorialização, migravam em busca de áreas para a atividade extrativa e para garantir sua sobrevivência (VÁZQUEZ, 2006).

¹⁹ A presença desses missionários, data de 1587, que chegando em Assunção foram distribuídos em terras dos indígenas infieis. Além dos franciscanos e dos jesuítas, nesta zona também chegaram outras congregações religiosas, como los mercedários, los jerónimos y los domínicos. Los Jeronimos fundariam o forte, que futuramente daria origem ao assentamento Loma San Jerónimo, referencial empírico desta pesquisa (SILVA, 2011)

aculturação dos indígenas (VÁZQUEZ, 2006; RIBEIRO, 2010; SILVA, 2011). Essas missões também foram centrais para a conformação de novos povoados nas cercanias de Assunção, bem como pela tentativa de assimilação do sistema cultural-religioso espanhol pelos índios. Mais distante se iniciam as reduções jesuíticas²⁰ que, por obter certo grau de autonomia, desenvolveram um sistema religioso-econômico importante até a sua expulsão pelos espanhóis, em 1776²¹. Assim, o território passa a comportar aparato técnico necessário para a exploração dos recursos naturais e da gente. Foram construídos fortes de defesa e também portos para escoamento de produtos.

Como destacam Costa & Suzuki (2012), a colonização do Novo Mundo fez-se sob o subjugo de culturas autóctones e no contexto de formulação de novas identidades, as quais passaram por um processo de apagamento. Nesse sentido, importa para esses autores analisar o território como constituído por dominantes e dominados, caracterizado por símbolos de propriedade material e imaterial, em seu processo formativo.

Cabe salientar que a Região Oriental do Paraguai (notadamente Assunção) já sofria, nessa época, com os avanços de bandeirantes portugueses oriundos do Brasil, que iniciam suas incursões de maneira violenta. Essa região também passou a ser alvo dos interesses argentinos de liderança pelo vice-reinado do Prata, do qual o Paraguai fazia parte. Este é o prelúdio de um processo de intensa exploração e relações de poder com seus vizinhos, caracterizando o país tanto como periferia do sistema global capitulado pela máquina colonizadora, quanto do sistema regional recriado no movimento da posse de terras e da gente que viria a constituir a América Latina (VÁZQUEZ, 2006; ROLON, 2010; BALLESTRIN, 2012).

Diante do crescimento e do poder de Buenos Aires, os quais se expressavam mediante o controle dos fluxos de mercadorias paraguaias em seu porto e, por conseguinte, de sua economia, no ano de 1811, o Paraguai se independentiza e oficializa a formação de seu Estado-nacional. Esse processo culmina numa tentativa de independência econômica e de não subordinação aos países europeus e ao emergente imperialismo inglês. Assim como muitos países da América Latina, o processo de independência e formação do Estado-nacional paraguaio contou com conflitos de grupos com ideais distintos, mas essencialmente pela contradição do desejo de rompimento com a metrópole espanhola – e no caso com a

²⁰ Eram povoados indígenas sob custódia de padres jesuítas. Conformava-se como um sistema territorial econômico e religioso fundamental para a disseminação do cristianismo e do modo de vida europeizado (VÁZQUEZ, 2006; RIBEIRO, 2010).

²¹ O poder espanhol começa a enxergar como uma ameaça à sua administração a autonomia conferida aos jesuítas, expulsando-os e retomando o controle do território e das atividades produtivas ali desenvolvidas a preço de debilitar o sistema de defesa operacionalizado com êxito sob regime dos padres (VÁZQUEZ, 2006).

submetrópole, Buenos Aires – pautado em princípios europeus difundidos a partir da Revolução Francesa, tendo como protagonistas entes civis e a participação de *criollos*. Como assinalam Costa & Suzuki (2012), o Estado nacional (na América Latina) resulta do processo histórico interacional de comunidades e natureza, no cerne do colonialismo como dimensão objetiva da experiência histórica da nação, que forjou territórios específicos regidos por estratégias políticas regionais.

Como resultado da independência do Paraguai, tem-se a ruptura com o domínio da metrópole espanhola e da submetrópole Buenos Aires (capital do vice-reinado do Prata), bem como o início de uma República soberana. Após alguns poucos anos da independência, instaura-se em 1814 uma ditadura comandada por José Gaspar Rodríguez de Francia. Cabe ressaltar que o processo de independência acarretou na tentativa de uma formação de identidade nacional mais inclusiva, de modo a reconhecer distintos setores da população. Este aspecto não impediu que a sociedade e a cultura paraguai se desenvolvesse a partir de valores europeizados e, que a sua estrutura política se modelasse a partir da participação de elites no poder (ARECES, 2010).

Tendo sido reconhecida a sua vulnerabilidade no plano internacional e a permanente ameaça externa, inicia-se, portanto, uma política de defesa e redução de fluxos – econômicos e demográficos – ao passo que se nacionaliza a maior parte das terras do país mediante o confisco de propriedades pertencentes a instituições privadas. Destina-se a terra à produção de forma livre, com a formação de um campesinato responsável pela diversificação da base produtiva, o que subsidia o início da industrialização motivada pela erva matte e o tabaco enquanto principais produtos. Com o Estado exercendo forte controle em todos os âmbitos, viu-se dificultado o estabelecimento do livre mercado capitalista (VÁZQUEZ, 2006; ARECES, 2010).

Esse isolamento característico do governo ditatorial de Rodríguez de Francia, que deu base para o crescimento independente dos países estrangeiros, altera-se no governo de Carlos Antonio López (iniciado em 1840). Essa transição se deu através de um processo de abertura controlada e internacionalização do país, da convocação pela imigração estrangeira como forma de desenvolvimento econômico, do aproveitamento de recursos disponíveis e da ocupação territorial. A transição de um país fechado para “moderno e integrado ao mundo” denota um trânsito da perspectiva de usos do território, expressando grandemente a essência da colonialidade na prática e no discurso.

Essa perspectiva estrangeira de desenvolvimento atrelada a presença do sujeito europeu a partir da contratação de técnicos estrangeiros para uma “regeneração progressista” e a

permissão da migração estrangeira traz muitas mudanças na estrutura social estabelecida pelo governo de Rodriguez de Francia, pois tem no estabelecimento do estrangeiro como um modelo a ser seguido, o impulsionamento de uma vida social e cultural marcada pelo eurocentrismo. Além do ímpeto desenvolvimentista materializando-se pela inserção de objetos técnicos como a ferrovia – primeira da América Latina – e a instalação de indústrias como a de fundição de ferro, tem-se o retrocesso da situação de indígenas e camponeses, uma vez que o Estado se declara proprietário das terras de comunidades indígenas, modificando substancialmente a condição de índio, que passa da vivência em comunidade para ser integrado coercitivamente ao mercado de trabalho urbano, sob o papel de assalariado diante da perda de suas terras e de sua fonte de vida (ARECES, 2010).

Esses dois governos são marcados por relações de poder extremamente assimétricas justificadas pela manutenção a todo custo da soberania do país, que ainda se consolidava perante a permanente ameaça vizinha e estrangeira (ARECES, 2010). Carlos Antonio Lopez tenta trazer uma perspectiva de abertura econômica controlada, permitindo uma expressiva reconfiguração territorial pelo maior incremento de objetos técnicos e alterando o quadro de uso do território pela crescente modernização. Entretanto, esse ensaio de equilíbrio programado não foi sustentado, culminando na Guerra do Paraguai (1864 – 1870), durante o governo de Francisco Solano López.

Sendo um dos eventos, se não o mais representativo para a história paraguaia, a “Guerra Grande”²² deixou profundas marcas nos mais diversos aspectos de sua história territorial. Esse conflito sem precedentes na história da América Latina se pauta na coalizão entre Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai, em uma disputa cujas causas, além da delimitação de fronteiras e limites de navegação, guarda controvérsias quanto a presença estrangeira, especificamente britânica, em seu contexto de expansão imperialista.²³ O mapa de autoria de H. Lailiot (**Mapa 2**), publicado em 1694, no qual o Oceano Atlântico é denominado “mar do paraguai” é utilizado no museu “Casa de la Independência”, em Assunção, para explicitar a perda de territórios paraguaios ao longo de sua história e, principalmente, após a “Guerra Grande”.

²² Como os paraguaios denominam a Guerra do Paraguai, ou Guerra contra a Tríplice Aliança.

²³ Há defensores da perspectiva de que a Guerra contra a Tríplice Aliança tenha sido fortemente influenciada por interesses britânicos de livre comércio nesse momento de forte expansão capitalista, sendo a Inglaterra a grande responsável pelo financiamento de armas aos países envolvidos nesta conflagração (ARECES, 2010). Entretanto, esse ponto de vista é fortemente criticado pela falta de base documental e por uma série de argumentos que distanciam a influência britânica desse evento histórico, apontando para uma dinâmica mais fortemente relacionada com a conformação dos Estados Nacionais na região platina (DORATIOTO, 1991).

Mapa 2: “Mar du Paraguay



Fonte: Coleção de Dr. Edgar L. Ynsfrán. Museu Casa de la Independência

Interessa ressaltar as consequências socioespaciais desse conflito que abalou severamente o Paraguai. Um dos aspectos a serem levantados é a redução do seu tamanho populacional devido ao emprego demográfico de homens em combates e de mulheres e crianças em atividades relacionadas, desequilibrando a população quanto ao gênero e às gerações. Modifica-se, expressivamente, a distribuição populacional durante os anos do conflito, visto que alguns povoados e cidades do interior são eliminadas e outras enfraquecidas, o que culmina na concentração de população, bens e serviços na cidade de Assunção, situação que permaneceu durante muito tempo, retardando o crescimento econômico e a expansão da ocupação das demais cidades, alterando-se muitos anos depois do término da guerra. O Paraguai também perde significativamente elementos de seu patrimônio institucionalizado, arquivos do Estado e bibliotecas, além de lugares de memória coletiva e monumentos simbólicos. As perdas territoriais foram representativas, visto que teve que ceder cerca de 60 mil km² de seu território para o Brasil, mediante o Tratado de Limites de 1872. Além dos inúmeros conflitos e dicotomia política, em termos econômicos, o Paraguai se tornou economicamente dependente dos países vizinhos (VÁZQUEZ, 2006; ARECES, 2010; ROLON, 2010; LÓPEZ, 2016).

Fica evidente que o capitalismo paraguaio prefigura suas bases na propriedade da terra. Com o fim da guerra, território devastado e inúmeros problemas de ordem socioeconômica, o Estado enxerga na venda das terras públicas, retomadas no governo de Roriguez de Francia, a forma de se recuperar das grandes perdas resultantes da Guerra do Paraguai por meio da promulgação da Lei de Venda de Terras Públicas, de 1875. Esse dispositivo destituiu os camponeses da posse da terra – já que todas elas pertenciam ao Estado – destinando-as para o capital transnacional (VÁZQUEZ, 2005; LÓPEZ, 2016). Novamente, o território passa a ser entendido como um recurso a ser explorado e o Estado, que funciona de maneira intermediária entre as forças externas e os espaços a receberem e repercutirem essas ações, não só é permissivo como incentivador de práticas fragmentadoras do território. É válido lembrar que a reorganização de um subespaço, a partir de forças externas, sempre depende do papel exercido pelo Estado e seus interesses (SANTOS, 1986).

Comprando as terras a baixos preços, se comparados aos dos países vizinhos, os atores estrangeiros adquirem esses terrenos mais com fins especulativos do que produtivos, o que acarreta na formação de grandes latifúndios, ilustrando que a formação e usos do território não se fazem somente de atividades econômicas imediatas, mas da expectativa e da intencionalidade de valorização de áreas já ocupadas ou sem valor aparente (SANTOS, 1986; VÁZQUEZ, 2005, 2006).

Essa perspectiva de “desenvolvimento”, em fins do século XIX, pautada no uso exploratório do território e na expulsão de trabalhadores rurais e populações indígenas, promoveu uma intensa atividade extrativa de erva-mate, madeira e palmito, sem nenhum retorno por parte do capital estrangeiro, uma vez que não foram geradas obras de utilidade pública e nem povoados regulares. É nesse momento que se intensificam as tentativas de penetração do Chaco paraguaio, uma vez que a região passa por muito tempo explorada minimamente diante da resistência secular dos grupos indígenas. Instalam-se nessas áreas distintas empresas coabitando e sobrepondo-se ao território já habitado²⁴.

Além disso, novamente se vê a valorização do sujeito estrangeiro em detrimento da população interna por um novo chamado à imigração, tencionando a ocupação das terras e desenvolvimento econômico, colocando na mão desses migrantes a recuperação do país. Conforme Vázquez (2006, p. 26) essa política foi também “una política de Estado que privilegió, por sobre los recursos humanos del propio país, a los agricultores europeos que

²⁴ Nessas áreas foi intensa a presença de empresas anglo-argentinas e posteriormente norte-americanas. Essas empresas mediante a compra das terras passam a ter acesso ao rio Paraguai, recurso estratégico e estruturante da região (VÁZQUEZ, 2005, 2006).

fueron considerados capaces de modernizar la actividad agropecuaria de un país devastado por la guerra”.

Já no século XX, o país se vê imerso em uma série de conflitos, no qual se destaca “la guerra del Chaco”. Ocorrida em 1932 e com duração de três anos, a contenda envolvendo o Paraguai e a Bolívia refere-se ao domínio e controle da região do Chaco Boreal. Os empreendimentos ali instalados eram de extrema importância econômica para o Paraguai, uma vez que rendiam parte significativa dos ingressos fiscais²⁵. Também se configurou enquanto uma área vantajosa para a Bolívia devido à presença do petróleo nos seus extremos ocidentais, cuja exploração foi cedida à empresa norte-americana Standart Oil. A dificuldade para extração do petróleo boliviano reafirma os desejos de raízes coloniais de passagem para o mar via Bacia do Prata pretendida pela Bolívia (ROLON, 2010; YEGROS, 2010). Apesar de sair vitorioso e garantir a anexação de parte do território boliviano, o país obteve novamente grandes prejuízos financeiros e humanos.

Um aspecto que nos traz à reflexão sobre este conflito é o ocultamento da figura do índio da historiografia oficial dos dois países envolvidos, em uma região historicamente ocupada por populações indígenas resistentes às interferências desde a colonização espanhola. Eltz (2016), destacando o cenário boliviano, alega que as narrativas acerca da guerra do Chaco enxergam como atores políticos apenas os homens do Estado e criam um imaginário de região desértica e despovoada, focando nas dificuldades enfrentadas pelos soldados diante desse ambiente hostil, ocultando ou colocando como passiva a figura indígena, que esteve presente nos campos de batalha.

Após a Guerra do Chaco, o Paraguai apresenta um quadro de instabilidade política e guerra civil, o que preparou o terreno para o golpe de Stroessner e instauração de um regime ditatorial que viria a ser o mais longo da América Latina – 35 anos – deixando sinais duradouros na formação psicossocial do país, como a corrupção enraizada e a falta de formação cidadã da população paraguaia.

Em meados do século XX, em um cenário de pós-Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, e tendo os Estados Unidos se conformado como nova hegemonia mundial, alastra-se por todo o continente uma onda de regimes ditatoriais mediante o temor do país pela proliferação

²⁵ No período entre 1885 – 1930, o Chaco paraguaio passa a ser ocupado e explorado por empresas de extração de quebracho e produção de tanino (substância que garante a durabilidade do couro) de capital estrangeiro (principalmente anglo-argentinas). Posteriormente por assentamentos de Alemães menonitas com forte tradição na atividade agrícola. Nesse sentido, a região conferia grandes vantagens econômicas ao país na década de 30 do século XX (VÁZQUEZ, 2005).

internacional do comunismo. Neste contexto, o Paraguai foi o segundo país a iniciar um governo ditatorial, a partir do golpe de Estado contra o presidente Frederico Chávez em 1954.

A ditadura de Stroessner tem apoio dos Estados Unidos e se consolida mediante o Programa de Estabilização Econômica decidido pelo FMI – Fundo Monetário Internacional, sendo um dos primeiros países a receberem esse tipo de apoio e os setores agroexportador e financeiro os mais beneficiados pela política de controle de gastos públicos (NICKSON, 2010). Segundo Nickson (2010), esse regime se sustenta a partir de alguns elementos²⁶, sem os quais não teria obtido apoio de grande parte da população mediante coerção e manipulação, além de se assentar na corrupção institucionalizada, no uso da ideologia nacionalista e uma fachada democrática. Todos esses elementos reforçam a continuidade do colonialismo em novas vestes e da colonialidade do poder debatida no item 1.1.

O período é sublinhado por uma tentativa de reestabelecimento econômico, através isenções fiscais de modo a atrair investimentos externos e pela intensiva influência dos Estados Unidos mediante o programa de “Alianza para el progreso”. Contudo, fortalece-se a estrutura fundiária e aumenta ainda mais as desigualdades pautadas na posse de terras (NICKSON, 2010).

A fase de expansão do regime ditatorial de Alfredo Stroessner, período modernizador do território, também é marcada pela aproximação dos relacionamentos entre Paraguai e Brasil. Essa aproximação se consolida a partir da necessidade de uma alternativa à forte dependência econômica da Argentina, culminando num processo de transformações na sua economia, a partir da expansão de suas fronteiras agrícolas para áreas antes inexploradas do país, bem como pela construção da hidrelétrica binacional de Itaipú²⁷ (ROLON, 2010). Tem-se uma categórica intensificação da base agroexportadora, do desmatamento e do fluxo de colonos brasileiros, favorecendo o surgimento de movimentos campestres em luta contra o desigual sistema de posse de terras, sendo estes fortemente reprimidos.

Nota-se que o território continua a ser visto como um recurso a ser explorado para benefício da classe hegemônica nacional, como a influente elite agrária, demarcando a presença

²⁶ Um desses pilares é a centralidade do partido Colorado, que foi completamente remodelado pelo presidente, tornado uma máquina política hierárquica que oferecia lealdade indiscutível à Stroessner; as forças armadas e um eficaz sistema de repressão; e o culto à personalidade do ditador e a criação de uma imagem estereotipada de caudillo latinoamericano (NICKSON, 2010).

²⁷ A construção da hidrelétrica de Itaipú, apesar de trazer expressivo crescimento econômico foi extremamente desvantajosa para o país. Com uma forte presença e influência de uma elite rural, não foi pensado um plano para uso da energia proveniente e nem mesmo num programa de industrialização. Diante desse cenário e de uma forte pressão do governo brasileiro, o Paraguai vende quase toda sua parte em energia para o Brasil que sai como grande beneficiado, objetivando o abastecimento da economia da região Sudeste, em especial São Paulo (NICKSON, 2010).

histórica da colonialidade do poder. Com o término da construção da hidrelétrica de Itaipú nos anos iniciais da década de 80 e um cenário de crise da dívida externa para todo o continente latinoamericano, a situação dos camponeses e dos já presentes pobres urbanos se deteriora ainda mais. Com a modernização da agricultura e o seu incremento técnico, muitos camponeses e comunidades indígenas foram despejadas de suas terras por parte da invasão dos grandes empresários do agronegócio. Soma-se a esse quadro uma corrupção desenfreada no processo de titulação de terras, facilitando expulsões arbitrárias dessas comunidades (NICKSON, 2010).

O término da construção da hidrelétrica que empregava muitos indivíduos sem-terra e um processo de industrialização quase nulo, visto que o país não adotou o modelo de industrialização por substituição de importações nas décadas anteriores, empurrou uma massa de mão de obra rural e desempregados até as cidades em busca de sobrevivência. Não sendo absorvidos pelo mercado laboral, tem-se o aumento de habitações não planejadas nas margens e em lugares insalubres das cidades mais densas (NICKSON, 2010; LÓPEZ, 2016). O aumento de fatores de atração da cidade, ao largo do século XX, a migração compulsória do campo devido à sua apropriação por atores hegemônicos agrários, mais sua equipagem técnica do território, culminaram em *territórios de exceção* entendidos por Costa (2017) como síntese dialética da colonização presente tanto no campo como nas cidades contemporâneas da América Latina.

Já na década de 80, numa conjuntura de eleições fraudulentas, crescentes problemas no regime ditatorial, piora do relacionamento com os Estados Unidos e uma crise econômica²⁸ associada ao inchaço do setor público e à corrupção enraizada, chega-se ao fim o regime ditatorial por mais um golpe, deixando profundas cicatrizes na estrutura política e na sociedade do país. Uma das consequências mais drásticas da ditadura foi a permanência de uma corrupção institucionalizada. Esse aspecto foi basilar para a manutenção do regime ditatorial, uma vez que se enraizou de tal forma que o país passou a ter sua imagem associada à corrupção. Isso advém não só de uma série de litígios cometidos pela hierarquia militar – que se associa com as atividades de contrabando, narcotráfico e tráfico de armas – como também pelo uso indiscriminado dos recursos estatais como se fossem seus e pelos abusos com relação ao uso da terra, o que justifica o aumento da desigualdade de sua distribuição no período entre 1956 e 1991 (NICKSON, 2010).

²⁸ O governo paraguaio cumpriu 25 anos de políticas econômicas estabelecidas pelo FMI, após isso passa a experimentar o maior déficit da sua balança de pagamentos, ocasionando na drástica redução de suas reservas acumuladas no período de crescimento econômico. Também se tem um quadro de agravamento dos relacionamentos com o Banco Mundial em termos das desfavoráveis taxas de câmbio para empréstimos internacionais (NICKSON, 2010).

Na década de 90, tem-se o intenso processo de maior aproximação do Estado com os setores empresariais, de modo que, a partir de incentivos para investimentos, passam a se assentar as bases para a iminente privatização de empresas públicas, tendo nesse setor o apoio para uma modesta expansão econômica (BRUN, 2010). Nesse momento passam a ser estabelecidas as bases para a aprovação de crédito proveniente do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID relacionado às prescrições do neoliberal Consenso de Washington, que com uma agenda de iniciativas e um discurso de combate à miséria em que estavam imersos os países latinoamericanos, em verdade favoreceu, em especial no Paraguai, à manutenção e intensificação de uma crise econômica e social.

Para Santos (2007), esse engajamento dos países latinoamericanos a uma política econômica subordinada à Aliança Atlântica permitiu um quadro de contínuas explorações. Tal aspecto resulta na fragmentação do território e no aumento da concentração de riqueza e das injustiças, deflagrando a nova cara da colonialidade do poder e do capitalismo neoliberal, a globalização (CORONIL, 2005; SANTOS, 2007).

Uma tentativa de rompimento com essa lógica se deu com a eleição de Fernando Lugo, mediante propostas e uma abordagem mais progressista e de esquerda, além de demonstrar apoio às demandas campesinas. De acordo com López (2016), as políticas públicas desenvolvidas por Lugo traziam perspectiva de melhora das condições de vida da população e um ordenamento e uso territorial que conjecturava a possibilidade da reforma agrária. O então presidente também apresentava preocupação com os setores sociais mais vulneráveis e com impedimento da exploração de recursos naturais do país pelo capital transnacional. Todavia, Lugo não conseguiu modificar essas estruturas coloniais tão arraigadas com medidas tão prejudiciais às ideias da elite e principalmente dos agentes transnacionais. Estes atores necessitam de um Estado mais permeável e permissivo para que possam continuar explorando não só o território e impondo o ordenamento que melhor lhe convém, como também explorando a mão-de-obra barata existente. Todos esses aspectos culminaram no *impeachment* de Lugo no ano de 2012.

Ainda hoje, tem-se um panorama extremamente sinalado por uma política que se realiza em prol das elites agrárias e novas elites urbanas e em benefício da preservação de benefícios e privilégios mantidos ano após ano em detrimento dos mais pobres do país – comunidades indígenas que relutam em se inserir no modelo capitalista vigente, campesinos e pobres urbanos. A cidadania, nesse sentido, não é exercida de forma plena por todos os indivíduos, de modo que se estratifica em classes e é determinada por relações econômicas e pela

ressignificação de seu sentido em cada lugar (SANTOS, 2007), heranças de uma história e de um território marcados pela colonialidade do poder nos seus mais diversos estágios.

De acordo com Ballestrin (2012) o Paraguai tem passado por um processo enérgico de exploração do seu território e de sua gente por distintos atores, o que revela uma persistente colonialidade. Nesse sentido, a colonialidade perpassa sua história desde a colonização espanhola, está presente nas relações imperialistas internacionais e regionais, e é reproduzida na forma de colonialismo interno por meio de suas instituições e relações sociais.

É por esse caminho que se forma social e espacialmente o Paraguai. Os usos do seu território são marcados por um “fundamentalismo civilizatório, ideológico ou religioso” (MIGNOLO, 2005, p.52) dos atores hegemônicos de cada período, impactando severamente os atores subalternizados, em especial indígenas e camponeses. No entanto, a perspectiva de uso do território prescrita por Milton Santos denota a participação de todos os atores. Isto se faz possível mediante o uso do território a partir de uma perspectiva local, territorializada, de modo a deformar e reverter os sentidos dos imperativos estrangeiros (SANTOS, 2000a, 2000b).

Nesse quadro de continuidade da violência com aqueles que foram oprimidos e subalternizados na lógica do trabalho e das produções culturais, Costa (2016) levanta uma outra concepção de uso do território viabilizado pela valorização do *patrimônio-territorial* localizado nas periferias da América Latina. Diante do apagamento por uma cultura da opressão imposta (MIGNOLO, 2005), tem-se em contrapartida a resistência dos povos por meio de símbolos territoriais e outras possibilidades de uso do território ante usos restritivos estabelecidos pela ótica da colonialidade. Aspectos a serem desenhados em capítulos próximos.

Essas anotações sobre *colonialidade persistente e definidora dos usos do território* no Paraguai favorecem, a partir daqui trazer o debate acerca de sua urbanização, enfatizando a cidade de Assunção, no contexto geral do quadro urbano para o continente latinoamericano, num anseio de verificar o que resiste espacialmente enquanto *patrimônio-territorial* no bairro de Assunção, San Jerónimo.

1.3. Urbanização do território e formação de periferias na América Latina

Considerando a sua diversidade e também as especificidades de suas formações socioespaciais, a América Latina é hoje uma das regiões mais urbanizadas do mundo²⁹. Marcado por altos índices de desigualdade e pobreza, o processo de *urbanização do território* dos seus países deve ser vinculado às suas raízes históricas.

Para Santos (1993), a *urbanização do território* é a difusão mais ampla das variáveis e nexos modernos no território. Esse processo mais geral de equipagem territorial e de maior presença de urbanização faz-se possível a partir das condições criadas pela II Guerra Mundial. Dentre os fatores estão: o avanço da industrialização, o desenvolvimento do sistema de transportes, telecomunicações e produção de energia. Nesse sentido, alastra-se no território novas formas produtivas, essencialmente urbanas, viabilizando uma maior integração e fluidez territorial.

Este esforço de integração do território, pautado no incremento de objetos técnicos ao espaço, está intrinsecamente relacionado à unificação do território ao mercado, tendo como agentes cruciais o Estado e as grandes corporações multinacionais. A ação conjunta desses atores corrobora com a nova ordem econômica capitalista neoliberal e sua respectiva lógica territorial, esta beneficiada pelos avanços tecnológicos, pela informação e pela ideologia do crescimento econômico e do consumo (SANTOS, 1993).

Em síntese, a *urbanização do território* se pauta no alargamento da área ocupada pelas cidades e a ampliação de modos de vida urbanos, alcançando também o espaço rural. Esse processo culmina numa série de consequências socioespaciais, visto que o campo modernizado resulta em uma população que também se urbaniza diante dos impactos advindos do período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1993; MORAES, 2013). Aspectos a serem apresentados ao longo deste tópico.

Santos (2010a) recorda-nos que a história é fundamental para o entendimento da vida urbana no continente, apesar das problemáticas presentes em suas grandes cidades terem origem recente. Conforme o autor (SANTOS, 2004), para se ter uma compreensão dos impactos dos sistemas históricos sobre a organização e reorganização da economia, da sociedade e, conseqüentemente, do espaço, faz-se necessário ter em mente as modernizações. Essa noção é fundamental para a realidade latinoamericana, pois se configura como as inovações de um dado período, que no continente se dá por uma pressão dos centros detentores de poder de difusão e

²⁹ Estima-se que sua população total é de 623 milhões de pessoas do qual 79, 5% se concentra em áreas urbanas (CEPAL, 2017)

que acabam influenciando no seu processo de urbanização. É nesse sentido que se alega que a história das formações espaciais dos países ditos subdesenvolvidos se confunde com a dos países-polos, devido às imposições das modernizações no território originando “espaços derivados”, espaços organizados a partir de intencionalidades distantes.

Essa perspectiva é compartilhada com Castells (1973), que também considera o espaço latinoamericano como o resultado de diferentes tipos de dominação e influência em sua história, resultando em formas espaciais derivadas. Essa incessante articulação com os países estrangeiros, primeiro com relação ao colonialismo e, segundo, com relação ao imperialismo, resulta em uma urbanização dependente dos fatores externos.

Há uma série de fatores precedentes que fundamentam o fenômeno de “explosão urbana” (CASTELLS, 1973), no contexto de pós Segunda Guerra Mundial e que baseiam a reflexão acerca da urbanização do território (SANTOS, 1993, 2010a; FUENTES, 2012). Isso porque, no continente, a urbanização é anterior à revolução dos transportes e dos processos de industrialização nacionais (Séculos XIX e XX)³⁰, sempre em resposta às demandas externas.

A industrialização, ou como afirma Milton Santos, a “indução industrial”³¹ (SANTOS, 2010c) vai ganhar uma maior centralidade no contexto da América Latina, impactando determinadamente a sua urbanização. Esse elemento será favorecedor da equipagem territorial mediante a implantação de uma gama objetos técnicos no espaço e a sua posterior interconexão. Por conseguinte, possibilitará o alcance de um mais alto patamar de integração entre as cidades e a inclusão do espaço rural, ao modernizar o campo e reconfigurar as suas relações com a cidade (SANTOS, 1993).

É a partir do século XVIII que se tem o desenvolvimento da urbanização. Esta amadurece no século XIX, e depois de mais de um século ela adquire o seu caráter atual, atingindo amplamente o território das nações latinoamericanas (SANTOS, 1993). Nesta lógica, a urbanização do território seria essa mais abrangente disseminação de dados modernos no espaço, ajustando-o aos reclames de grupos específicos. O território é então fragmentado, e suas melhores frações destinadas ao uso dos atores estrangeiros e hegemônicos, em consonância com uma pequena elite nacional, de forma a corroborar com uma nova escassez (SANTOS, 1993; SANTOS; SILVEIRA, 2006), aspectos a serem melhor delimitados mais à frente.

³⁰ Aqui a colonização foi “sinônimo de modernização e urbanização” (SANTOS, 2010b, p. 60).

³¹ Para Milton Santos (SANTOS, 2010c), a indução industrial estaria relacionada não só com as instalações industriais propriamente ditas, mas com todos os aspectos relacionados ao mundo industrial, ou seja, “a abertura de estradas, a disseminação de meios de comunicação, os fatores psicológicos ligados a ambos, a alfabetização e os progressos sanitários, sem falar em outros fatores de “abertura” – ou de fuga da economia “fechada” – diretamente ligados ao progresso econômico, como a expansão da economia agrícola comercial” (SANTOS, 2010c).

Nota-se que o continente, desde a formação de seus Estados independentes, tem absorvido todo tipo de interferência externa em termos culturais e econômicos e, principalmente, tem obedecido às suas modernizações. Essa resignação sem a devida preocupação e reflexão das possíveis consequências em relação ao espaço e à sociedade enquanto totalidades, sinalizam uma relação dependente dos ditames estrangeiros ao longo da história (SANTOS, 2006b). Esse aspecto reforça a colonialidade do poder expressa espacialmente, já que aponta o uso exploratório do território e sua equipagem em benefício do agente externo do momento, de acordo com as suas intencionalidades. Assim, a situação presente é reveladora dos impactos de sucessivas modernizações técnicas representantes de cada período histórico e de relações assimétricas com outras formações socioespaciais, em que uma exerça poder (CASTELLS, 1973).

Com esses elementos em mente, e a partir de uma tentativa de periodização, podemos falar das distinções quanto ao fenômeno urbano da América Latina, único continente que conheceu os elementos e impactos da modernização e inovações técnicas já no período de formação dos circuitos comerciais mundiais. Assim, traduz espacialmente os desequilíbrios sociais e econômicos resultantes da dominação dos distintos atores hegemônicos (SANTOS, 2010a), especialmente Portugal, Espanha, França, Holanda e, por um novo imperialismo, Estados Unidos das Américas.

Num primeiro momento de modernização comercial [precedente à Revolução Industrial], assinalado pela dominação colonial de acumulação primitiva (CASTELLS, 1973), é que se tem o esboço de uma Divisão Internacional do Trabalho, recordando que esta se estabelece tendo no critério racial um de seus pilares (SANTOS, 2004; QUIJANO, 2005). De acordo com Quijano (2005), desde os primeiros anos da colonização, as populações indígenas foram vistas como inferiores pelos europeus, e a partir de sua redução foram usados como mão-de-obra descartável e forçados ao trabalho até a morte. Foi explorado o seu quadro de vida, mediante “saque sistemático das riquezas dos países colonizados em benefício dos colonizadores” (SANTOS, 2004, p. 34).

Em alguns casos, os europeus se entrecruzaram com territórios ordenados³², sendo as construções das populações originárias menosprezadas e destruídas, e suas ruínas reutilizadas,

³² Costuma-se conceber o processo de urbanização da América Latina a partir da formação do mundo moderno e capitalista, derivando da expansão e consolidação do sistema, quando da sua efetiva expansão (QUIJANO, 1978). Entretanto, há de se considerar a presença de aglomerados urbanos na América Latina (especialmente, no México e no Peru) antes mesmo da chegada de Colombo a essas terras, como é o exemplo dos grandes núcleos organizados e habitados pelas grandes civilizações antigas, como os Maias, Astecas e Incas. Notas do curso de graduação Urbanização na América Latina e Caribe. Aula do dia 06/04/2018, ministrada pelo Dr. Everaldo Batista da Costa, na Universidade de Brasília.

resistindo *rugosidades* de uma urbanização pretérita, enquanto em outros casos tem-se a liquidação de organizações sociais prévias para a exploração do trabalho. Nessa direção, o uso do território traz dimensões da colonialidade do poder, pois é possuído e delimitado para ser tomado como recurso bem como a população por meio do sistema de *encomiendas*, o que afeta intimamente na morfologia das cidades³³. Há, portanto, uma transposição dos modelos europeus, tendo na cidade a expressão de um apetite territorial das metrópoles e no controle dos nativos o elemento essencial da conquista (MORAES, 2011).

As escolhas dos colonizadores quanto à instalação das estruturas de controle espacial não eram arbitrárias. Em verdade, as cidades tiveram suas localizações previamente estabelecidas, de modo a facilitar a aglutinação de recursos e com funções pré-determinadas a serviço do intenso processo de colonização e das relações internacionais com os países europeus, seguindo rigorosamente a legislação metropolitana, o que Santos (SANTOS, 2010a) denominou de “função original”³⁴.

De acordo com Moraes (2011), os elementos naturais presentes no território se perfizeram como direcionadores do processo de assentamento, favorecendo a instalação de objetos técnicos. Com a economia baseada em exportação, demandou-se a presença de um porto responsável pelo escoamento de produtos, coordenando as unidades produtivas com os circuitos atlânticos. Nesse sentido, o valor que foi materializado na colônia se expressa em elementos básicos para a reprodução da vida e da economia para aquele momento. Segundo Romero (2007), além das funções³⁵, as cidades fundadas pelos espanhóis e portugueses apresentavam o intuito de afirmarem seu domínio territorial, bem como o domínio étnico e cultural sobre as populações dominadas e subjugadas – primeiro os indígenas quase dizimados, e em seguida, negros africanos – como recurso mediante apropriação do trabalho.

O que é característico dessa fase é que as cidades surgem pontualmente, com fracas ligações entre elas, respondendo às vontades e determinações do poder das metrópoles; são essencialmente administrativas e comerciais. A expansão da atividade agrícola comercial e

³³ Notas do curso de graduação Urbanização na América Latina e Caribe. Aula do dia 06/04/2018, ministrada pelo Dr. Everaldo Batista da Costa, na Universidade de Brasília.

³⁴ No ensaio “Mecanismos de Crescimento Urbano na América Latina”, Santos (SANTOS, 2010a) não considera a existência de padrões de urbanização antes da colonização europeia, o que pode ser visto na seguinte citação: “Todas as cidades latinoamericanas nasceram a serviço das relações internacionais com os países mais evoluídos” (SANTOS, 2010a, p. 11). Essas constatações do autor nos exigem maior cuidado de análise, pois como já exposto, outras organizações espaciais e padrões de cidade já se perfaziam no território antes das invasões coloniais.

³⁵ Romero (2007) trata que as cidades latinoamericanas nascem com distintas funções predeterminadas, podendo estas mudarem ou serem somadas a outras funções à medida que transcorre o tempo e se manifestam outras necessidades. A instalação de fortes, portos, de cidades sobre organizações indígenas, atração mineira, dentre outros aspectos demarcam as distintas funcionalidades dessa forma espacial.

exploração mineral são fatores que corroboram com um maior relacionamento entre as cidades já fundadas e facilitam o surgimento de outras. Além da economia de produção dependente do estrangeiro, a passagem de um meio natural para o meio técnico é vigorosamente pendente do trabalho concreto dos sujeitos subalternizados (SANTOS, 1993; SANTOS; SILVEIRA, 2006).

Através da exploração de recursos naturais e do trabalho cativo, a Europa foi favorecida, conjugando as bases para a revolução industrial em meados século XVIII e sua expansão no século XIX. A partir desse evento, tem-se a abertura para um outro período de modernização [situado entre a Revolução Industrial e a II Guerra Mundial], em que o território é amplamente mecanizado e o meio natural é substituído pelo meio técnico (SANTOS, 2004; SANTOS; SILVEIRA, 2006).

A datar da conjuntura de formação dos Estados-nacionais latinoamericanos pelas elites *criollas* que se tem o alargamento urbano ou da urbanização na América Latina³⁶. O grande capital formado nos países centrais, especialmente na Inglaterra, procura ser aplicado ao passo que reforça a divisão internacional do trabalho diante da crescente busca de recursos para a continuidade e ampliação das atividades industriais (SANTOS, 2004). Cabe recordar que os processos de independência para o continente não significaram o rompimento com a exploração do trabalho dos sujeitos subalternos. A escravidão é um exemplo, sendo abolida apenas no fim do século XIX, o que mostra a permanência das estruturas sociais e das atividades econômicas anteriores, tudo a favorecer a expansão periférica das antigas cidades latinoamericanas.

Com inversões externas, formam-se *os sistemas de engenharia* latinoamericanos. A instalação de ferrovias, estradas, usinas elétricas, equipagem dos portos, dentre outros aspectos, geram impactos nas principais cidades que já se beneficiavam e se estruturaram a partir das atividades econômicas ali desenvolvidas. Foram intensificados os seus papéis e reforçada a interconectividade entre estas e suas áreas de influência, formando as incipientes redes urbanas. Nesse sentido, a Revolução dos transportes foi crucial para o crescimento econômico do continente³⁷ e sua profusão industrial. Esses elementos se perfazem como fatores favoráveis a

³⁶ Notas do curso de graduação Urbanização na América Latina e Caribe. Aula do dia 13/04/2018, ministrada pelo Dr. Everaldo Batista da Costa. Ainda, pode-se argumentar que a formação dos Estados-Nacionais latinoamericanos está fortemente ligada à delimitação de fronteiras, sendo estas relacionadas a um absoluto controle do território para o usufruto e exercício do poder dessa instância política (RAFFESTIN, 1993) que possui o papel de ocupar e usar os territórios “vazios” sob seu limite. O povo é encarado como uma mera abstração e instrumento de um projeto nacional do qual não faziam parte (MORAES, 2006, 2011). São ainda recursos, mão-de-obra que torna possível a produção e consequentemente o lucro.

³⁷ A instalação das linhas de trem foi fundamental para os processos de mudança social e econômica no continente. Inicialmente relacionadas à economia de exportação, a médio prazo se conformou como vetor de industrialização. Nesse sentido, os países que mais se desenvolveram a partir dessa estrutura foram México, Argentina e Brasil. As cidades brasileiras como Rio de Janeiro e São Paulo, tiveram na expansão das ferrovias elemento essencial da

uma nova fluidez potencial do território, que se torna efetiva a partir do abundante comércio internacional, com o crescimento das exportações (SANTOS, 1993). Segundo Fuentes (2012, p. 744),

los cultivos tropicales fueron, junto con la ganadería, el sector más dinámico de la economía iberoamericana en el Siglo XIX: el café en Brasil y Colombia; el cacao, en Venezuela y en Ecuador. En países de climas templados como Argentina las exportaciones giraron en torno a los cueros y las industrias cárnicas.

O crescimento das exportações movimentou a economia e atraiu, desde 1860, mão de obra estrangeira qualificada, absorvendo a imigração europeia. De acordo com Santos & Silveira (2006), muitos dos imigrantes mantiveram uma cultura de consumo que tinham (ou gostariam de ter) em seus países de origem, o que favoreceu o desenvolvimento industrial e a consequente expansão da urbanização. Assim a tendência do século XIX foi o da inserção de objetos técnicos e a embrionária industrialização relacionada ao incremento das exportações.

Para Moraes (2011) trata-se de uma “modernização conservadora”, ou seja, da modernização e equipagem do território baseada em relações arcaicas de produção – indicativas do colonialismo interno a ser instituído – o que ocasionaria numa industrialização a baixos salários. Como constata Lambert (1979), as estruturas sociais e as atividades econômicas do continente chegam ao início do século XX com base no século XV e com uma massa popular marcada pela miséria³⁸.

Ainda segundo o autor (LAMBERT, 1979), a América Latina tem como herança uma estrutura social dualista: de um lado permanece a estrutura rural que não se moderniza até os anos 30, de outro uma estrutura particularmente urbana ocupada primordialmente pelos crioulos, que com aspirações europeizadas, almejam acompanhar a evolução do mundo norte-atlântico e que não cessa de proliferar.

As suas economias crescem baseadas em exportações e dependente das oscilações externas, mostrando-se extremamente frágeis diante da Crise de 1929, que atingiu drasticamente os países latinoamericanos. A dependência absoluta de monoprodução e exportações fez com que os países adotassem diferentes saídas³⁹. Sob essas novas condições conjunturais que a indústria na América Latina conhecerá a partir de 1930, uma impulsão

expansão da economia cafeeira. Já Argentina foi crucial para a sua integração territorial, mas com elevados custos sociais: dizimação de sua população indígena (FUENTES, 2012).

³⁸ Para Fuentes (2012) um elemento importante desse momento para o nascimento das sociedades contemporâneas é o pagamento de salários e a proletarianização da força de trabalho. Apesar de não ser um fenômeno novo em princípios do século, sucedeu-se de forma muito lenta e diferente para cada país a partir da transformação de trabalhadores camponeses em assalariados, abolição da escravatura e atração de mão-de-obra livre europeia.

³⁹ Algumas das medidas tomadas: (a) endividamento externo, (b) redução das importações e ritmo do crescimento e (c) substituição das importações por via de produção interna. Essa última alternativa foi a mais adotada nas décadas seguintes (FUENTES, 2012).

interna no qual o poder público terá papel essencial na organização e urbanização do território via industrialização por substituição de importações (SANTOS, 1993; FUENTES, 2012). Entre os anos de 1940-70, inicia-se a etapa industrialista e desenvolvimentista em que a Comissão Econômica para América Latina – CEPAL terá um papel central⁴⁰.

Para Santos (2004), é nesse período compreendido entre a revolução industrial e a segunda guerra mundial que se torna mais claro como as imposições de modernização técnica vindas do exterior, pressionando a modernização dos países subdesenvolvidos, visavam respostas às necessidades dos atores hegemônicos. Essas pressões de inovações têm na colonialidade do poder suas raízes, pois acabam por condicionar os povos abusados, a uma situação ainda mais precária de exploração do trabalho e posteriormente, de localização espacial, pois se consolidam os centros urbanos, mediante inserção de mais objetos técnicos e se constituem afastados desses centros, assentamentos precários, causados por políticas públicas que favoreceram a propriedade privada e as elites.

O período de modernização tecnológica vigente se inicia após a segunda guerra mundial com a reorientação da hegemonia europeia aos Estados Unidos das Américas, incluindo os países do continente latinoamericano realmente, nos anos 70 do século passado. No contexto da Segunda Guerra Mundial, a região latinoamericana se viu beneficiada pela sua neutralidade e a participação enquanto exportador de bens aos participantes do conflito. Esse fator contribuiu para o seu desenvolvimento industrial local, haja visto os obstáculos para a importação, o que culminou numa maior arrecadação estatal e na sua convergência para o investimento em futuros programas de modernização e industrialização (FUENTES, 2012).

A partir da **Tabela 1**, pode-se observar o incremento da atividade industrial para a maioria dos países do continente entre as décadas de 50 e 70 do século XX. O modelo de industrialização adotado – substituição de importações – foi possível em países com alguma tradição manufatureira e recursos energéticos: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México. Outros países seguiram com o modelo exportador de produtos primários, caso do Paraguai, que tem seu crescimento industrial estável durante todo o período (ROLON, 2010; FUENTES, 2012). Cabe ressaltar que o Brasil, por exemplo, inicia essa etapa de incremento na década de 30, mas tem a participação da atividade aumentada em 10% até os anos 70. Apesar de iniciar

⁴⁰ A partir da Segunda Guerra Mundial, iniciam-se os estudos desenvolvimentistas e, por conseguinte, uma crescente preocupação acerca dos porquês do subdesenvolvimento dos países considerados “atrasados”. Também se iniciam estudos acerca das estratégias para uma possível alteração desse quadro, confluindo a uma única via de desenvolvimento pautada na industrialização impulsionada e protegida pelo Estado. Essa foi a tese difundida pela Cepal, encabeçada por Raúl Prebisch, um economista argentino, de modo a investir as divisas advindas de uma posição de neutralidade na II Guerra Mundial (FUENTES, 2012).

tardamente sua industrialização, a Venezuela apresenta uma evolução acelerada no setor. Foi o último país a se modernizar em escala nacional, a partir de 1940-1950, acompanhada de uma urbanização intensa. Foi dependente de fornecimento externo até a década de 50 quando inicia um vigoroso processo de industrialização por substituição de importações (SANTOS, 2010b, 2010d) com uma taxa de quase 12% de crescimento para o período.

Tabela 1: América Latina: participação da Indústria no Produto Interno Bruto (%) (1950 - 1980)

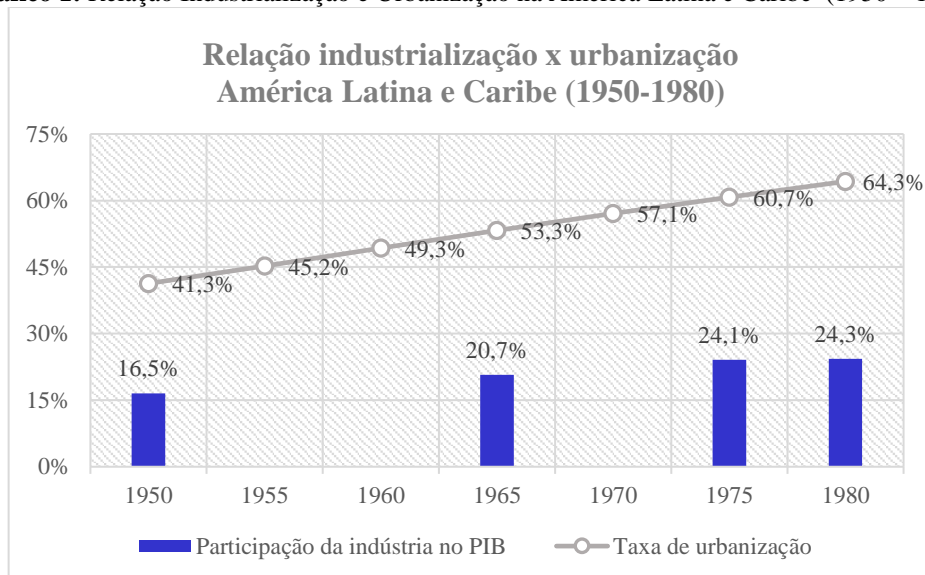
| América Latina: participação da Indústria no produto interno bruto (%) | | | | |
|---|--------------------|--------------------|--------------------|--------------------|
| Países | 1950 - 1952 | 1964 - 1966 | 1973 - 1974 | 1974 - 1980 |
| América Latina | 17 | 21 | 24 | 24 |
| Argentina | 22 | 28 | 31 | 27 |
| Bolívia | 11 | 11 | 13 | 14 |
| Brasil | 21 | 27 | 31 | 31 |
| Chile | 16 | 19 | 19 | 16 |
| Colômbia | 14 | 17 | 20 | 17 |
| Costa Rica | 11 | 12 | 16 | 17 |
| Equador | 13 | 13 | 12 | 15 |
| El Salvador | 13 | 16 | 18 | 17 |
| Guatemala | 11 | 14 | 15 | 16 |
| Haiti | 10 | 10 | 14 | 14 |
| Honduras | 9,9 | 13 | 15 | 17 |
| México | 16 | 19 | 22 | 22 |
| Nicarágua | 12 | 17 | 21 | 22 |
| Panamá | 8,5 | 13 | 14 | 12 |
| Paraguai | 15 | 16 | 17 | 16 |
| Peru | 16 | 21 | 22 | 21 |
| Republica Dominicana | 14 | 15 | 19 | 19 |
| Uruguai | 24 | 24 | 26 | 26 |
| Venezuela | 7,7 | 12 | 14 | 17 |

Fonte: Dados Cepal. Bielshowsky (2000)

A industrialização passa a ser vista como um processo central que ativa ainda mais a urbanização. Conforme **Gráfico 1** e levando em conta a heterogeneidade dos acontecimentos nos países do continente, é possível verificar o aumento das taxas de urbanização no período definido por ideologias desenvolvimentistas relacionado ao aumento da participação industrial. Alia-se a esse movimento, o crescimento demográfico das grandes cidades e das cidades médias. É também a partir desse quadro de maior difusão da urbanização, alcançando o campo, que se começa a atingir uma maior incorporação dos territórios nacionais. Essas transformações correspondem aos golpes de estado que ocorreram em todo o continente – que impõem a necessidade de integração para um maior controle territorial – e o empenho pela internacionalização das economias. Mediante o recurso da dívida externa, tem-se um maior

investimento na composição técnica do território e a expansão da industrial também confluem para a formação de um mercado nacional, expansão do consumo e a terciarização da economia⁴¹ (SANTOS, 1993; FUENTES, 2012).

Gráfico 1: Relação Industrialização e Urbanização na América Latina e Caribe (1950 – 1980)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados de (1) industrialização: Comissão Econômica para América Latina – CEPAL *apud* Bielschowsky (2000) e (2) urbanização: Comissão Econômica para América Latina – CEPAL. División de Población de las Naciones Unidas - Panorama de Urbanización Mundial. Revisión 2014. Base de datos de Población

É a partir dos anos 70 do século passado que o período se transforma. O seu conteúdo passa a ser fortemente marcado pela tríade tecnologia, ciência e informação e pelo alargamento do espaço de outras instâncias da produção – um papel especial dado à circulação e à revolução do consumo. Parte-se do pressuposto de que essas modernizações, “criações do sistema tecnológico, são comandadas pela força da grande indústria, representada essencialmente pelas firmas multinacionais e seus suportes, tais como as formas modernas de difusão de informações” (SANTOS, 2004, p. 27–28).

De acordo com Santos (2006a), a esse período de ampla difusão tecnológica corresponde o meio técnico-científico-informacional, que seria a expressão espacial desse momento da globalização. É assim que a técnica ganha outra dimensão mediante a produção de espaços cada vez mais artificializados, transformando-se em meio, donde a maioria da população mundial retira as suas condições de existência. Outro dado fundamental para a

⁴¹ “Os intercâmbios aumentam e, em decorrência, também aumenta o terciário, pois há maior necessidade de organização, de serviços públicos e privados, de transportes e de bancos” (SANTOS; SILVEIRA, 2006, p. 50).

compreensão desse período, é que antes restrita às cidades, passa a imperar também no meio rural, acarretando em uma série de consequências socioespaciais.

Mediante a ampliação do processo de modernização do campo, tem-se intensificada a migração interna, constituindo-se como um dos fenômenos mais importantes para o continente no século XX, favorecido pelo incremento do território e pelas novas tecnologias de comunicação. Dentre os anos 1950 e 1970, a população urbana cresceu amplamente, coincidindo com o processo de industrialização por substituição de importações e contribuindo com o aumento do fenômeno de metropolização (FUENTES, 2012). Segundo Santos & Silveira (2006), isso se deve a um grande crescimento num mesmo sentido, o que acarreta na centralização e concentração econômica e na concentração geográfica e de renda; uma grande especialização territorial produzindo lugares de mando e lugares de obediência.

Com a crise da dívida externa e uma economia corroída, os anos 80 foram considerados “a década perdida” para os países do continente, o que criou um cenário propício para reformas neoliberais, sendo o consenso de Washington uma das mais importantes. Estabeleceu-se como uma receita econômica composta de dez passos que trouxe uma série de consequências, dentre elas a derrocada do modelo estatista para um modelo neoliberal, criação de facilidades para a instalação de empresas e redução de gastos sociais. Esses aspectos impactam as características das indústrias⁴² (mas não em sua essência, já que continua dirigida e dependente dos países estrangeiros), e das cidades (FUENTES, 2012).

O meio técnico-científico e informacional se dissemina e se estabelecem as bases para o período da globalização: unifica-se o território e o mercado, o espaço é produzido a partir da necessidade dos grandes capitais, reformulando as estruturas urbanas, sobretudo nas grandes cidades. A fluidez tem agora outra qualidade, visto que informação e finanças se tornam dados essenciais do território transnacionalizado (SANTOS, 1993).

O domínio das empresas e das instituições multilaterais desarticulam as solidariedades horizontais constituídas ao longo da história do território e das relações sociais aí instituídas, para sobrepor nos lugares as solidariedades verticais, sem preocupações com o entorno e agindo por seus próprios interesses, uma vez que “as empresas hegemônicas têm apenas dois caminhos: permanecer para exercer plenamente seus objetivos individualistas ou retirar-se” (SANTOS, 2000a, p. 42). Para Santos (1993), como resultado temos uma urbanização que permeia cada

⁴² De acordo com Fuentes (2012), com as reformas surgem dois modelos industriais: (a) Indústrias processadoras de matéria prima com alta concentração de capital e tecnologia, sendo os setores mais dinâmicos os que produzem bens industriais básicos. Ex.: papel, alumínio, petroquímica e alimentos; (b) baseado em utilização massiva de mão de obra a baixo custo. Ex.: eletrônica, vestuário e automotiva. O primeiro modelo foi adotado por países como Brasil e Cone-sul, o segundo pelo México e países da América Central.

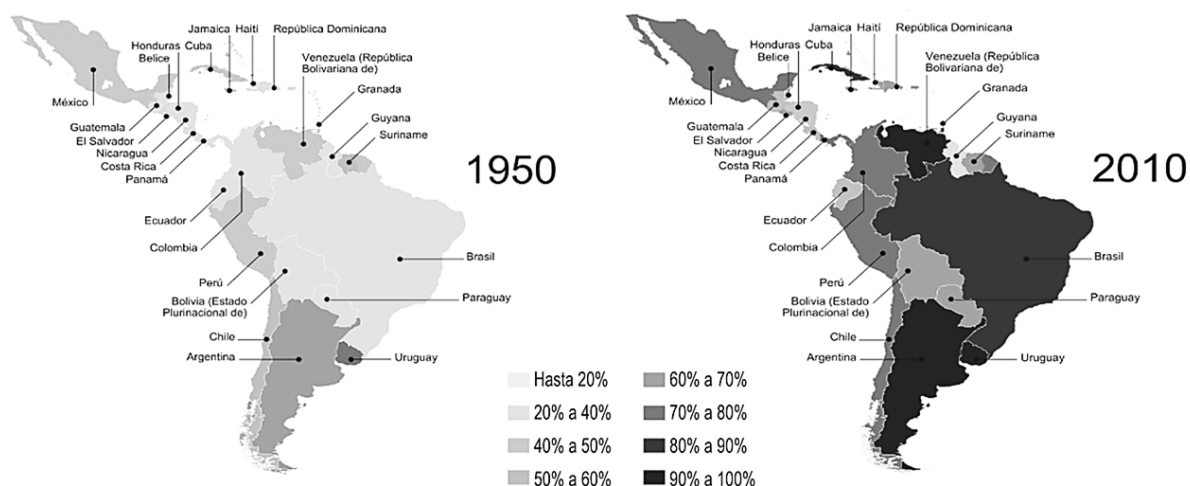
vez mais o território. A modernidade cada mais espacializada assinala a urbanização do território.

É nesse contexto de ampla difusão da industrialização, da difusão de ideais de modernização e crescimento econômico que muitos autores tratam dessa “hiperurbanização” (CASTELLS, 1973; ROUQUIÉ, 2007) do continente a partir de meados do século XX. Levando em consideração as diferenças para cada formação socioespacial, tem-se que esse fenômeno possui algumas características comuns: advém de sua articulação com respeito primeiro ao colonialismo e segundo ao imperialismo e reflete como o continente continuou a ser influenciado econômica, política e socioculturalmente pelos países estrangeiros. Este quadro reafirma a tese de que a colonialidade do poder não finda com o rompimento das relações coloniais e é reproduzida no espaço urbano. Também demonstra como as transformações do território respondem não só a pressões econômicas, mas também às ideologias de desenvolvimento e modernidade difundidos (CASTELLS, 1973; SANTOS, 1993; VILLANUEVA, 2012)

A partir de um cenário de altas taxas de crescimento urbano, migrações internas e êxodo rural, que se tem a intensificação da problemática da pobreza urbana, marcada pela crescente formação de periferias, acentuando, desse modo, desigualdade socioespaciais, desencadeamento de um circuito inferior da economia urbana, violência, construção social de riscos, dentre outras questões (QUIJANO, 1973; ROUQUIÉ, 2007; SANTOS, 2009b; COSTA, 2016).

Conforme **Mapa 3**, desde a década de 50 do século XX até anos mais recentes, todos os países do continente apresentaram taxas relevantes de crescimento urbano, alguns deles excedendo 90% - casos como Argentina, Uruguai e Venezuela. O Paraguai, país analisado nesta pesquisa, apresenta uma taxa de urbanização entre 60% e 70%, pois como visto, sua história é assinalada por um forte traço rural. Sua urbanização é considerada tardia, uma vez que seu crescimento urbano se intensifica a partir da década de 70, o que não significa menores impactos de modernização, haja visto a tecnificação do campo.

Mapa 3: América Latina e Caribe: Urbanização (1950 e 2010)



Fonte: ONU Habitat (2012)

A partir do incremento do progresso tecnológico na América Latina, a indústria de tecnologia intensiva e alto coeficiente de capital cria empregos limitados, exigindo uma mão-de-obra qualificada a troca de melhores salários, logo, não são destinados às populações que desempenhavam atividades tradicionais originais. Essa situação somada à modernização da agricultura que acaba por expurgar as populações campesinas, para Santos (2009), justificam o êxodo rural e a urbanização terciária. Além disso, a paisagem urbana do continente é delineada pela formação de assentamentos precários em zonas e terrenos insalubres, configurando-se em áreas de possíveis riscos à vida. Nos dizeres de Galeano (2005, p. 321),

É multitudinária a invasão dos braços provenientes das zonas mais pobres de cada país; as cidades excitam e golpeiam as expectativas de trabalho de famílias inteiras, atraídas pela esperança de elevar seu nível de vida e conseguir um lugar no grande circo mágico da civilização urbana. Uma escada mecânica é a revelação do Paraíso, porém o deslumbramento não se come: a cidade torna ainda mais pobres os pobres, porque cruelmente exhibe miragens de riquezas às quais nunca terão acesso - automóveis, mansões, máquinas poderosas como Deus e como o Diabo - e, em compensação, lhes nega uma ocupação segura e um teto decente, pratos cheios para cada meio-dia.

O desemprego nas zonas urbanas (**Tabela 2**), por conseguinte, se torna uma constante no continente latinoamericano, conforme dados apresentados pela CEPAL, deixando uma ampla camada da sociedade sem atividades e sem salários permanentes. Esse movimento de povoamento forçado das periferias, porque advém de impulsos e pressão externa, também demarca uma necessidade dessas populações de lidar com a falta de empregabilidade e possibilidades de inserção na economia hegemônica (SANTOS, 2004, 2009b; ZIBECHI, 2015).

Tabela 2: Taxa de desemprego zona urbana/ano (%) (1990 – 2016)

| Taxa de desemprego zona urbana/ano (%) | | | | | | | | | | | |
|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| Países | 1990 | 1994 | 1997 | 1999 | 2002 | 2005 | 2008 | 2010 | 2011 | 2012 | 2016* |
| América Latina | 5,6 | 7,2 | 8,4 | 10,6 | 10,4 | 9,4 | 7,5 | 8,3 | - | 6,6 | - |
| Argentina | 5,9 | 12,1 | 14,3 | 13,9 | 17,9 | 11,5 | 8,6 | 7,7 | 7,2 | 7,2 | 5,9 |
| Brasil | 4,5 | 7,4 | 8 | 11,4 | 10,4 | 10,7 | 8 | - | 7,4 | 6,7 | 11,2 |
| Chile | 8,7 | 6,8 | 10,1 | 10,8 | 10,1 | 7,6 | 10,5 | - | 7,8 | - | 6,8 |
| Colombia | 9,3 | 8 | 11,8 | 10,2 | 17,1 | 13,3 | 12,1 | 12,7 | 11,8 | 11,5 | 8,8 |
| Costa Rica | 5,3 | 4,2 | 5,8 | 6,1 | 6,8 | 6,9 | 4,8 | 7,1 | 7,7 | 7,8 | 9,5 |
| Equador | 6,1 | 7,1 | 9,2 | 14,2 | 9,1 | 7,7 | 7,3 | 6,1 | 5,1 | 5 | 7,4 |
| México | 3,3 | 4,5 | 3,2 | 2,4 | 3,4 | 4,1 | 4,8 | 6,3 | - | 4,7 | 4 |
| Paraguai | 6,3 | 4,4 | 8 | 9,1 | 10,2 | 7,5 | 7,1 | 6,9 | 6,4 | - | 5,8 |
| Peru | - | - | 10,6 | 7,3 | 7,2 | - | 5,9 | 5 | 4,8 | 4,4 | 7,1 |
| Uruguai | 8,9 | 9,7 | 11,4 | 11,2 | 16,9 | 12,1 | 7 | 7 | 6,3 | 6,3 | 7,9 |

Fontes: Elaboração de Costa (2017) a partir de Cepal - Comisión Económica para América Latina y el Caribe. Base de tabulaciones especiales de las encuestas de hogares en sus países. 2014. *Maio de 2016 / Agência Trading Economics.

É nesse sentido, que se tem a necessidade de abordar a economia urbana enquanto um sistema composto de dois circuitos⁴³, um superior e outro inferior, este do qual os mais pobres se beneficiam mesmo estando fora do mercado formal de emprego (SANTOS, 2009b). Quijano (1998) e Zibechi (2015) tratam de uma economia de sobrevivência diante de suas condições materiais e de uma economia de resistência frente a economia hegemônica apesar de a ela estar relacionada, pois demanda uma reinvenção do sentido de comunidade, redes de parentesco e reciprocidade.

A ideia de progresso que permeia o fenômeno de urbanização latinoamericano e a modernização tecnológica após a segunda guerra mundial tem em sua essência a colonialidade do poder. Assim, favorecem o uso do território pelas empresas que, em nome do desenvolvimento, ampliam a injustiça social e produzem ainda mais disparidades. Enquanto os

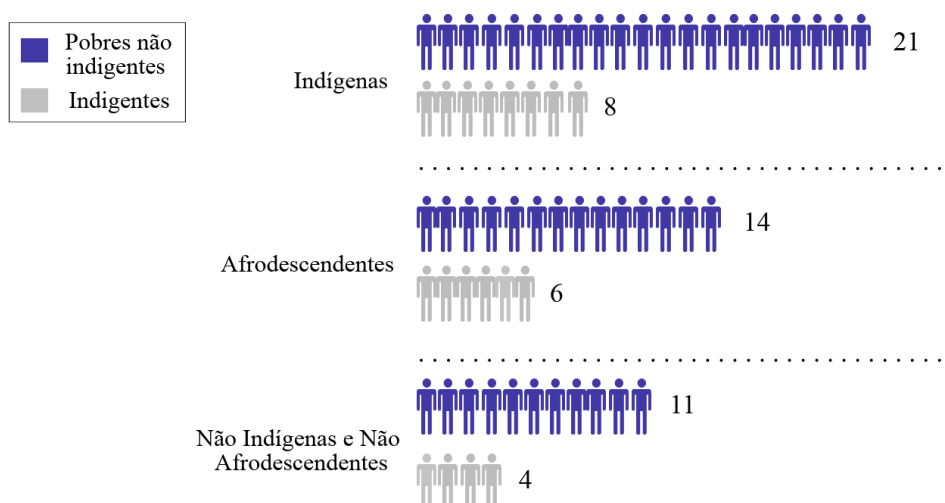
⁴³ Milton Santos em suas obras “O espaço dividido” (2004) e “A pobreza Urbana” (2009b) se atém a refletir acerca da modernização tecnológica e os seus impactos sobre a economia urbana nos países subdesenvolvidos. Suas observações se aproximam do entendimento de Quijano (1973) acerca da formação de um “polo marginal” da economia global. Este seria um prolongamento dominado do polo hegemônico, que se constitui das atividades exercidas pelos pobres urbanos por ele categorizado como “marginais”. Para Santos, esse período marcado pelos avanços tecnológicos cria duas formas de organização econômica que apesar de apresentarem diferenças quanto a tecnologia empreendida e a sua organização, são integradas. O circuito superior se caracteriza por um elevado vínculo com a modernização tecnológica e seu controle está mais atrelado a estrutura do país ou de países estrangeiros, tendo como exemplo os monopólios. Já o circuito inferior se compõe de atividades que no geral servem aos mais pobres e são mais enraizadas ao território, nesse sentido sua escala de controle é local. Assim, para o autor não há um esquema dual ou um entendimento de marginalização, já que esse conceito para ele coloca os pobres a parte do movimento do capital que os produz, mas sim uma complementaridade mesmo que um dos aspectos centrais seja a dependência do circuito inferior ao circuito superior da economia urbana.

pobres são direcionados a uma situação de mais pobreza, os ricos são beneficiados pela distribuição desproporcional dos recursos.

A perspectiva de que o crescimento urbano proporciona maior acesso a serviços básicos e melhor qualidade de vida, mediante o incremento do território não é mais que uma falácia constantemente rebatida pelos dados. Estes, muitas vezes, servem unicamente de justificativa para intervenções urbanas que incidem sobre essas populações em benefício do capital. A realidade é mais brutal para esse continente que continua tendo como suas principais características a desigualdade social e a concentração de pobreza, dirimindo as perspectivas de melhoria de vida desses sujeitos. Aqui, o aumento da pobreza está relacionado à ideia de progresso material (SANTOS, 2009b).

A situação ainda é mais alarmante quando nos deparamos com dados recentes para pobreza e indigência (**Infográfico 1**). Ao observarmos esse quadro para o continente, a colonialidade do poder se evidencia ainda mais, uma vez que afrodescendentes e indígenas são protagonistas. Dos indígenas que vivem em zonas urbanas, 21% são pobres e 8% são indigentes. Os afrodescendentes correspondem a 14% e 6% dos pobres e indigentes, respectivamente. Para Costa (2017) isso induz a uma subvalorização dos sujeitos e dos estigmas sociais aos quais são submetidos, condições procedentes “do conteúdo e da forma do trabalho impostos aos grupos indígenas e afrodescendentes na América Latina” (COSTA, 2017, p. 62).

Infográfico 1: América Latina e Caribe (8 países): população indígena, afrodescendente e não indígena e não afrodescendente, em situação de pobreza e indigência em zonas urbanas (%) (2011)

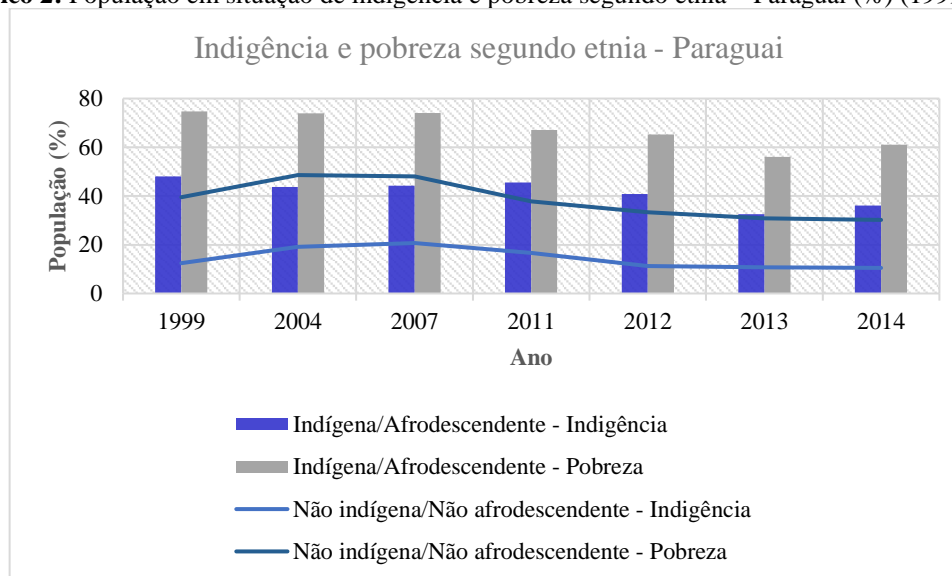


Fonte: Reprodução da autora segundo dados do Panorama multidimensional del desarrollo urbano en América Latina y el Caribe – Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CEPAL (2017)

Para o Paraguai, 61% de sua população indígena e afrodescendente se encontra em situação de pobreza e 36% em situação de indigência (CEPAL, 2016 *apud* COSTA, 2017). Pelo

Gráfico 2 é possível observar a desigualdade em termos étnicos e raciais, o que corresponde a um cenário de colonialidade do poder a que, principalmente, indígenas e camponeses têm sido submetidos. Esses grupos tendem a viver em piores condições quando em âmbito urbano, principalmente em relação aos materiais das habitações e ao acesso a serviços (ONU/HABITAT III, 2016; CEPAL, 2017).

Gráfico 2: População em situação de indigência e pobreza segundo etnia – Paraguai (%) (1999-2014)



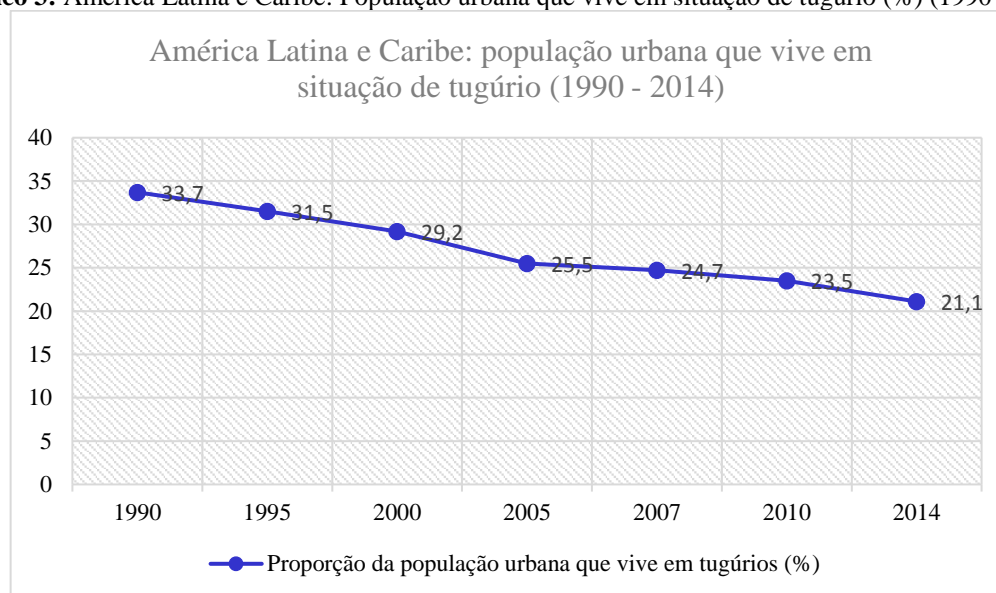
Fonte: Adaptação de dados elaborados por Costa (2017) de CEPAL: Comisión Económica para América Latina y el Caribe - División de Estadísticas. Unidad de Estadísticas Sociales, sobre la base de tabulaciones especiales de las encuestas de hogares de los respectivos países, 2016

Diante desse cenário, em que o sistema capitalista continua a perpetuar desigualdades, tem-se que essas se expressam espacialmente em cada país, em cada cidade, tanto em formas de trabalho ou de localização dos pobres (COSTA, 2017). De acordo com Galeano (2005, p. 321–322),

As Nações Unidas calculam que pelo menos a quarta parte da população das cidades latino-americanas habita “assentamentos que escapam às normas modernas de construção urbana”, extenso eufemismo dos técnicos para designar os tugúrios conhecidos como favelas no Rio de Janeiro, callampas em Santiago do Chile, jacales no México, barrios em Caracas e barriadas em Lima, villasmiséria em Buenos Aires e cantegriles em Montevideú. Nos casebres de lata, barro e madeira que brotam antes de cada amanhecer nos cinturões das cidades, se acumula a população marginal jogada nas cidades pela miséria e pela esperança. Huaico significa, em quéchua, deslizamento de terra, e de huaico chamam os peruanos à avalanche humana desgarrada da serra sobre a capital na costa: quase 70% dos habitantes de Lima provêm das províncias. Em Caracas os chamam de toderos, porque fazem de tudo: os marginalizados vivem de biscates, mordiscando trabalho aos pedacinhos e de quando em quando, ou cumprem tarefas sórdidas ou proibidas; são serventes, pedreiros ou marceneiros eventuais, vendedores de limonada ou de qualquer coisa, ocasionais eletricitistas ou bombeiros ou pintores de paredes, mendigos, ladrões, guardadores de carros, braços disponíveis para o que der e vier.

Os poderes públicos, em determinados períodos e governos, intervêm mediante políticas de moradias populares, o que não significa melhoras quanto à qualidade de vida da população. Além de atenderem a uma pequena parte dos moradores dos setores mais precarizados, muitas vezes se localizam distantes dos centros urbanos, sem acesso a oportunidades de trabalho e o transporte público não corresponde às necessidades dessas populações (ROUQUIÉ, 2007; CEPAL, 2017). A pequena redução nos índices de moradias precárias, não representa uma perspectiva de resolução dos problemas, pois, de acordo com dados apresentados pela Cepal (2017), mais de 100 milhões de pessoas vivem em situação de tugúrios⁴⁴ no continente (**Gráfico 3**)

Gráfico 3: América Latina e Caribe: População urbana que vive em situação de tugúrio (%) (1990 – 2014)



Fonte: Elaboração da autora segundo dados do Panorama multidimensional del desarrollo urbano en América Latina y el Caribe – Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CEPAL (2017)

Segundo Costa (2017), o processo histórico de uso e apropriação do território, não se desvincula, em diferentes momentos da história continental, da exploração do trabalho e da invisibilização de afrodescendentes, indígenas, mulheres e pobres, o que gera singularidades às periferias urbanas da América Latina. Esse cenário de abusos culmina no que o autor trata por *territórios de exceção*, expressão espacial da colonialidade do poder e resultante da divisão social e espacial do trabalho, que demonstram as contradições dos espaços derivados, já que estes têm seus princípios herdados de imposições forâneas estimulantes da “criação de novas

⁴⁴ A partir de uma urbanização segregadora como a do nosso continente, a tugurização se conforma como a resultante de falta de políticas públicas de moradia; habitações subnormais. Um problema que afeta as populações pobres e indigentes e fortemente os migrantes campo-cidade (COSTA, 2018).

regiões, novos territórios, novos lugares, ou a mutação dos preexistentes” (COSTA, 2017, p. 64).

Historicamente, territórios de exceção têm abrigado populações subalternizadas, constituindo-se enquanto seu *locus* de vida mesmo que destoante das condições de vida apresentadas pelas modernizações impostas (COSTA, 2017). Ainda para o autor, esses territórios revelam a opressão que esses grupos sociais têm sofrido ao longo dos séculos, mas também expressa possibilidades de reafirmação da existência diante de um quadro de precariedade. Zibechi (2015) baseado em outros autores⁴⁵, afirma que é nas periferias do continente que confluem as mais importantes fraturas que trespasam o sistema capitalista: raça, classe, etnia e gênero, constituindo-se enquanto territórios da despossessão e das ausências: do Estado e das instituições. Mas também são territórios da esperança.

Os usos ou as ações que incidem sobre esses territórios das diferenças não se conformam totalmente à lógica dominante do sistema capitalista; também estão envolvidos por relações empreendidas pelos sujeitos, que valorizam a experiência espacial das coletividades com e no lugar. Ao serem valorizadas essas experiências de solidariedade urbana e enaltecido o sentido de vivência em comunidade numa sociedade em que prevalece a lógica do dinheiro, o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca nesses territórios (SANTOS, 2000a; ZIBECHI, 2015; COSTA, 2017). Além disso, os *territórios de exceção* latinoamericanos guardam em seu interior o *patrimônio-territorial*, enquanto referenciais memoriais, práticas culturais e identitárias dos subalternizados frente à colonialidade do poder, que se perpetuam e trazem outra dimensão da relação dos sujeitos com o espaço, mediante outros usos do território, em especial o potencial ou a própria apropriação simbólica enquanto um fato dado.

Nesse sentido, seguir-se-á uma análise do processo de urbanização da cidade de Assunção, no Paraguai, a fim de compreender as dinâmicas de um de seus bairros – Loma San Jerónimo. Este lugar ainda é marcado por singularidades, mas tem sofrido os impactos dos usos fragmentadores do território em Assunção, nos instigando a verificar o que resiste aí enquanto *patrimônio-territorial* neste contexto.

⁴⁵ Wallerstein (2004) e Davis (2007).

1.4. Notas sobre a urbanização da “mãe das cidades” – o caso de Assunção

Apesar de apresentar diferenças histórico-geográficas significativas, o Paraguai compartilha com outros países da América Latina as características mais representativas do processo de urbanização e as consequências advindas do ordenamento territorial. Um desses aspectos é a modernização do território marcada pelos impulsos estrangeiros (CASTELLS, 1973; SANTOS, 1993; SANTOS; SILVEIRA, 2006) e pela colonialidade poder. Outro é a inserção desigual de objetos técnicos, de maneira a fragmentar o território pela determinação de diferentes usos que favorecem os agentes do capital hegemônico (SANTOS, 2000a; VÁZQUEZ, 2006).

O continente latinoamericano passou por um largo processo de uso exploratório de seu território no período de colonização. Esse cenário se repete ao longo de sua história pela “imposición de um modelo dominante de desarrollo y su correspondiente proceso de urbanización” (VILLANUEVA, 2012, p. 55). Além disso, as capitais latinoamericanas têm como traço comum a concentração de funções econômicas, políticas e administrativas e a centralização de atividades e serviços no decurso de sua história, o que corroborou para a formação de metrópoles e regiões metropolitanas (VILLANUEVA, 2012). Estas terão papel ainda mais relevante no cenário de pós II Guerra Mundial, mediante a dissipação de vetores verticais em seus territórios nacionais e pelo rebatimento das consequências de usos demarcados pela fragmentação do território.

Conforme já averiguado, a urbanização do continente não se sucede de forma homogênea, cada país correspondendo a um momento de intensificação desse processo. Assim, o Paraguai é considerado um país de urbanização tardia, que ocorre de maneira heterogênea a partir do uso desigual de seu território relacionado aos movimentos e eventos de sua história. Alguns destes acontecimentos históricos foram determinantes na definição de modelos econômicos e da distribuição populacional no espaço (ZAVATTIERO, 2016), já analisados no item 1.2.

Muito recentemente – cerca de 20 anos –, o país passa de predominantemente rural para aglutinar sua população em zonas urbanas, conforme é possível averiguar na **Tabela 3**. Apesar de dividido em 17 departamentos⁴⁶ (**Mapa 1**), 14 na Região Oriental e 3 na Região Ocidental, o Paraguai apresenta uma maior concentração populacional em seu departamento central –

⁴⁶ Durante o século XX, a divisão política e administrativa do Paraguai surge e se consolida a partir da configuração da superfície nacional em Regiões, departamentos e distritos. Apesar dessas transformações, a capital Assunção continua centralizando o poder político, econômico e, conseqüentemente, a população (ZAVATTIERO, 2016).

fronteiriço à capital–, reunindo aí mais de 37% de sua população. A cidade de Assunção, juntamente com sua área metropolitana composta por 30 municípios⁴⁷ agrega 45% da população nacional (PLAN CHA, [s.d.]).

Tabela 3: Evolução da População Total, Urbana e Rural no Paraguai (1950 – 2012)

| Evolução da População Total, Urbana e Rural no Paraguai | | | | | |
|--|-------------------|--------------------|----------|-------------------|----------|
| Ano do Censo | Pop. Total | Pop. Urbana | % | Pop. Rural | % |
| 1950 | 1.328.452 | 459.726 | 34,6 | 868.726 | 65,3 |
| 1962 | 1.819.103 | 651.869 | 35,8 | 1.167.234 | 64,1 |
| 1972 | 2.357.955 | 882.345 | 37,4 | 1.475.610 | 62,5 |
| 1982 | 3.029.830 | 1.295.345 | 42,7 | 1.734.485 | 57,2 |
| 1992 | 4.152.588 | 2.089.688 | 50,3 | 2.062.900 | 49,6 |
| 2002 | 5.163.198 | 2.928.437 | 56,7 | 2.234.761 | 43,2 |
| 2012 | 6.755.756 | 4.085.396 | 60,4 | 2.670.360 | 39,5 |

Fonte: Dirección General de Estadísticas y Censos, 2012, Paraguai *apud* Habitat III (2016)

Mesmo que apresente um processo de urbanização mais lento em comparação aos demais países da região, o país não se isentou das consequências socioespaciais advindas do incremento urbano e populacional, concentrando sua estrutura urbana principalmente em Assunção e Ciudad del Leste⁴⁸, expressando mais claramente os resultados da colonialidade do poder espacializada nessas cidades e suas áreas proximais (VILLANUEVA, 2012; ONU/HABITAT III, 2016; ZAVATTIERO, 2016).

É nesse sentido que se pretende analisar, de maneira concisa, como se deu o processo de urbanização da cidade de Assunção, capital do Paraguai, de modo a compreender os impactos das modernizações do seu território. Esta análise nos apoiará, em capítulos seguintes, no delineamento da formação do bairro Loma San Jerónimo, referencial empírico desta pesquisa, que possui processo de urbanização distinto da capital, mas não deixa de receber os efeitos do processo mais geral de colonialidade do poder, esta fortalecida pelo fenômeno da globalização.

⁴⁷ Juntamente com Assunção, são 19 municípios do departamento central, somando ainda os municípios de Caacupe, Emboscada e San Bernadino (Departamento de Cordillera); cidades de Benjamin Aceval, José Falcón, Nanawa e Villa Hayes (Departamento de Presidente Hayes); por último as cidades de Paraguarí, Pirayu e Yaguarón (Departamento de Paraguari) (PLAN CHA, [s.d.], p. 15).

⁴⁸ Ciudad del Leste, localizada no extremo leste do país e capital do departamento de Alto Paraná, teve seu processo de urbanização acelerado devido a instalação da Ponte da Amizade e da Hidrelétrica de Itaipú, entre Paraguai e Brasil na década de 70, correspondendo com o regime ditatorial de Stroessner. Esses elementos impulsionaram a dinâmica funcional da cidade, de modo a ser considerada uma centralidade com características de metrópole (ROLON, 2010; VILLANUEVA, 2012)

Assunção se moderniza e as contradições da racionalidade hegemônica se agudizam e se projetam na sua imagem urbana, uma vez que esta não é rígida, mas acompanha a estrutura econômica e política e as transições ideológicas, pois está em permanente interação com esses elementos (CAUSARANO; CHASE, 1987). Entretanto, nos estimula a buscar uma resistência reproduzida em símbolos e memórias dos sujeitos subalternizados, o *patrimônio-territorial* (COSTA, 2016, 2017, 2018), em Loma San Jerónimo, a ser averiguado no próximo capítulo desta dissertação.

Desde a sua fundação, em 1537, Assunção tem acumulado para si as diversas atividades políticas, administrativas e culturais, sendo até os dias atuais palco de muitas transformações. Os antecedentes de sua história enquanto cidade, nos remonta a um território apropriado e delimitado pelo uso social de comunidades indígenas de matriz guarani – índios “Carios”, de cultura neolítica⁴⁹ e com forte coesão grupal em torno de uma territorialidade repleta de simbolismo e religiosidade. As intervenções nesse território não desarmonizavam a natureza e nem causava impactos danosos ao conjunto ambiental (CAUSARANO; CHASE, 1987; VÁZQUEZ, 2006).

A chegada de espanhóis, vindos de Buenos Aires, e as formas de apropriação do espaço desses novos atores, são refletidas na fisionomia que irão tomar as cidades. A partir das intencionalidades dos colonizadores, objetos técnicos estranhos às comunidades originárias são implantados nos territórios e as formas espaciais, são construídas a partir de funcionalidades estabelecidas (SANTOS, 1993; ROMERO, 2007). A histórica repressão que os indígenas dessa zona sofriam dos índios da região do Chaco favoreceram o pacto hispano-guarani⁵⁰ e a instalação hispana da “casa-fuerte” denominada “Nuestra Señora de la Asunción”, seguidamente do “Puerto de Asunción”. Pela presença do Rio Paraguai, desde suas origens Assunção é condicionada a ser também cidade-porto.

A cidade-forte seria a primeira experiência hispano-americana, mas essa não seria sua única função nesse território. De acordo com Romero (2007, p. 50), em alguns casos “la ciudad latino-americana fue originariamente sólo un punto de etapa, un centro de reagrupamiento de personas y cosas para asegurar la prosecución de la marcha hacia regiones lejanas o peligrosas”. É por esse aspecto que Mabel Causerano e Beatriz Chase (1987) denominam essa tipologia de

⁴⁹ Povos que tinham na agricultura sua atividade chave, culminando no sedentarismo e assentamento duradouro do grupo. Essas populações se baseiam na produção, consumo e na vida religiosa (CAUSARANO; CHASE, 1987; VÁZQUEZ, 2006; AYALA; VERÓN, 2007)

⁵⁰ Os espanhóis oferecem defesa dos índios chaquenhos aos guaranis, e estes os apoiam em termos de subsistência e fontes de abastecimento para alcançarem as rotas do ouro (CAUSARANO; CHASE, 1987), favorecendo a mestiçagem e a aculturação dos indígenas.

assentamento de “forte de passagem ou conexão” para o caso de Assunção. É por isso também que nominam Assunção como “Madre de Ciudades”, pois se constituiu como ponto de partida para expedições que deram origem a outras cidades do Rio da prata (DGEEC, 2004). O forte espanhol se impôs como um distinto uso da terra indígena, alojando edifícios necessários para o seu funcionamento e para a manutenção do esquema de poder espanhol.

O espaço impõe seu poder de determinação à medida que revela suas condições geomorfológicas. A capital paraguaia se erigiu sobre sete colinas⁵¹, o que lhe garante distinta formação territorial e a necessidade de adequação das atividades coloniais e usos do território ao suporte natural⁵². Essa adequação de longe está atrelada a ausência de conflito com os autóctones e nem de custos sociais, pois apesar da mestiçagem, os indígenas foram subalternizados e sua subordinação é ampliada à medida que passa o tempo. Por isso, muitas etnias foram desaparecendo (CAUSARANO; CHASE, 1987).

Em 1543, o forte e toda as estruturas que lhe acompanhavam foram destruídas por um incêndio, significando uma primeira mudança na fisionomia da cidade. Essa transformação se deu pela adoção de uma trama aberta e dispersa a fim de evitar tais eventos. A partir de sua reconstrução, o núcleo inicial se modifica lentamente, ao passo que adquire características de cidade. Além disso, novas cidades vão surgindo com o intuito de deter avanços dos portugueses, abrir caminho ao Peru devido a sua abundância em minérios, e facilitar o acesso ao Oceano Atlântico.

Entretanto, dada a separação do governo do Rio da Prata, aglutina-se uma série de fatores responsáveis pela decadência da província do Paraguai⁵³ e de sua capital, Assunção. Dentre eles estão a sua mediterraneidade e a falta de recursos minerais, que direcionaram a economia para um sistema agrário extremamente dependente dos embargos de Buenos Aires.

A estrutura social desse período é determinante da configuração territorial de Assunção, revelando a sua estratificação pautada em critérios raciais; uma urbanização já segregadora e definida pela colonialidade do poder. Conforme **Figura 1**, observa-se a divisão setorial e o papel do centro no acúmulo de instituições para reafirmação de poder e transmissão de ideologias.

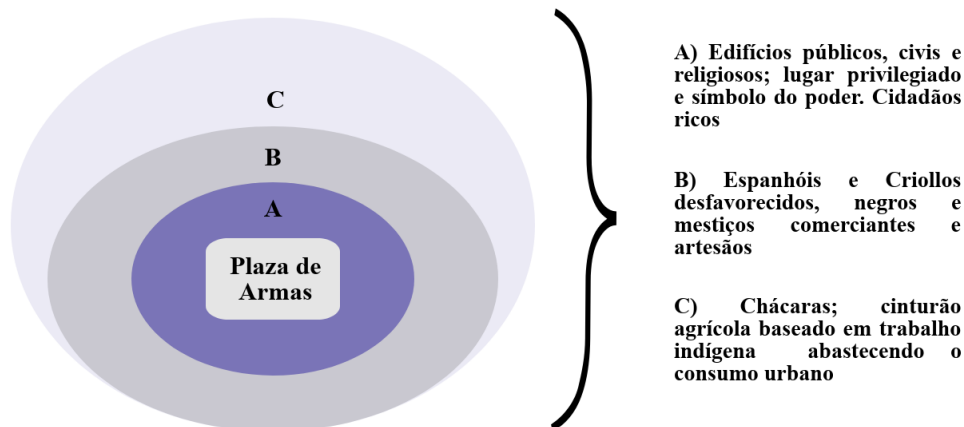
⁵¹ Lomas Cabará, Volo Cue, San Jerónimo, Cachinga, Clavel, Mangrullo y el Cerrito Sansón Cue, sendo a Loma Cabará sítio fundacional da cidade. A Loma San Jerónimo será central nesta pesquisa, já que abriga atualmente o bairro com mesmo nome.

⁵² Assunção se configura como um caso atípico de colonização hispana se adaptando às condições ambientais do local de implantação. Regularmente essa colonização seguia um modelo pré-estabelecido, traçado em quadrículas, obedecendo a regra de “manzanas cuadradas” e com uma praça próxima ao centro da região traçada (CAUSARANO; CHASE, 1987; ROMERO, 2007). Ao redor da praça se “construirían la iglesia, el fuerte e o palacio para sede del gobierno y el cabildo o ayuntamiento” (ROMERO, 2007, p. 62).

⁵³ O governo do Rio da Prata seria dividido em dois: Paraguai e Buenos Aires.

Até esse momento, a ocupação permanece espontânea como nos anos anteriores (CAUSARANO; CHASE, 1987; RUBIANI, 1998).

Figura 1: Estratificação social e configuração urbana em Assunção – Séculos XVII e XVIII



Fonte: Elaboração da autora a partir da descrição de Causarano & Chase (1987).

A **Figura 1** é meramente ilustrativa e quer ser didática; o caráter de aparentemente estanque que ela demonstra deve ser relativizado, cuidadosamente; deve ser reconhecido que o espaço urbano se constitui em hibridez e homogeneidade sempre em movimento, em mutação, seguindo os ditames do próprio espaço geográfico em totalização permanente (COSTA, 2011).

Após a Independência, durante o período Francista (Século XIX), é que o perfil urbano de Assunção será intensamente transformado. Os seus dirigentes são expulsos; assente em um regime ditatorial, por conseguinte, a necessidade de maior controle territorial, o ditador Rodriguez de Francia impõe uma reforma urbanística extremamente agressiva. Pretendeu-se substituir toda a estrutura para lhe conferir verdadeiro “aspecto de cidade”, marca de uma mentalidade colonial e a absorção de valores europeus, visto que com 300 anos da sua fundação, Assunção será quadriculada como as demais cidades de colonização hispana.

A realização de seu objetivo demandou o rebaixamento de suas colinas, a derrubada de casas, de árvores, influenciando diretamente na consistência de seu solo. Essa intervenção espacial, sem levar em consideração os aspectos socioambientais, deixaram heranças para os dias atuais e uma série de problemas territoriais, principalmente com as crescidas do Rio Paraguai. Poucas são as construções e os recursos naturais desse período que resistiram a esse evento. A exemplo, tem-se a Loma San Jerónimo que não foi quadriculada e incluída no novo modelo urbano (CAUSARANO; CHASE, 1987; RUBIANI, 1998; MASULLI, 2008).

Diante das medidas políticas adotadas pelo ditador – isolamento internacional, retomada da posse de terras pertencentes a instituições privadas e consolidação do sistema de distribuição de terras para a população – configura-se uma maior dicotomia campo-cidade, a partir da ruralização de Assunção. A população da cidade é diminuída em dois terços e a área urbana vive seu declínio mesmo com tamanhas transformações. Esse cenário se modificará com a abertura econômica e imigratória controlada do governo seguinte (CAUSARANO; CHASE, 1987). Esses aspectos podem ser retomados no item 1.2 deste capítulo.

O Paraguai não ficou alheio aos ditames mundiais do século XIX e dos avanços promovidos pela Inglaterra no período marcado pela industrialização, o que corrobora com a urbanização do território nacional (SANTOS, 1993). Assunção foi fortemente impactada nesse momento de criação de um Estado mercantilista. Abriu-se aos preceitos estrangeiros de modo a fazer frente aos países que não haviam reconhecido a independência do país e estabeleciam uma série de embargos econômicos, como já comentado anteriormente.

Esse aumento de intercâmbio com o exterior, em especial com a Europa, propiciou a criação de uma base industrial pesada no Paraguai. A primeira indústria de fundição de ferro da América Latina foi instalada no país e há a criação de base industrial, o que induziu o seu processo de urbanização e o desenvolvimento do seu setor público (CAUSARANO; CHASE, 1987; VILLANUEVA, 2012). Em Assunção, o traçado em quadricula é consolidado, a população aumenta, e se intensifica o investimento em obras de infraestrutura e serviços. O modelo de organização urbana do período colonial é retomado (**Figura 1**), e o primeiro setor é privilegiado recebendo grandes empreendimentos urbanísticos, se estendendo paralelamente ao rio (CAUSARANO; CHASE, 1987).

São estabelecidas mais vias de comunicação, mas a centralidade está na instalação da via férrea, que permitiu uma maior comunicação com o interior do país⁵⁴. Começam a ser desenhados os principais polos da vida ativa e representantes da dinamização econômica da cidade: o porto (**Figura 2**) e a Estação de trem (**Figura 3**). Segundo Causarano & Chase (1987, p. 32),

Por uma parte, la Estación de Ferrocarril, via de acceso principal para la comunicación de la ciudad con el interior del país, estaba situada en el extremo del casco urbano. En el otro extremo, el Puerto, con su Recova y Aduana, punto de partida para la

⁵⁴ Essa estrutura impactou intensamente o território, uma vez que ocasiona em ocupação e configuração de novos espaços, de modo a favorecer a vida econômica comercial, em especial nos centros urbanos. Além disso, contribuiu para uma maior integração regional, pois chegando até o sul do país corrobora com amplas trocas comerciais com o porto de Buenos Aires (VÁZQUEZ, 2006). Entretanto, tanto a via férrea quanto as vias rodoviárias incorporadas no território, ao serem concentradas em áreas mais dinâmicas do país, condicionavam regiões historicamente prejudicadas a uma situação ainda mais marginal (ZAVATTIERO, 2016).

comunicación con el exterior. Estos dos servicios, unidos pela via férrea, constituían los símbolos materiales más elocuentes del nuevo Estado Mercantilista y conformaban, al mismo tiempo, espacios abiertos, al ser no solo puntos de intercambio comercial sino, además, sitios de esparcimiento.

Figura 2: Porto de Assunção – Vista da baía



Fonte: Albúmina (ca 1885), 17x24, atribuída a San Martín *in* Yubi (2010)

Figura 3: Estação de trem de Assunção

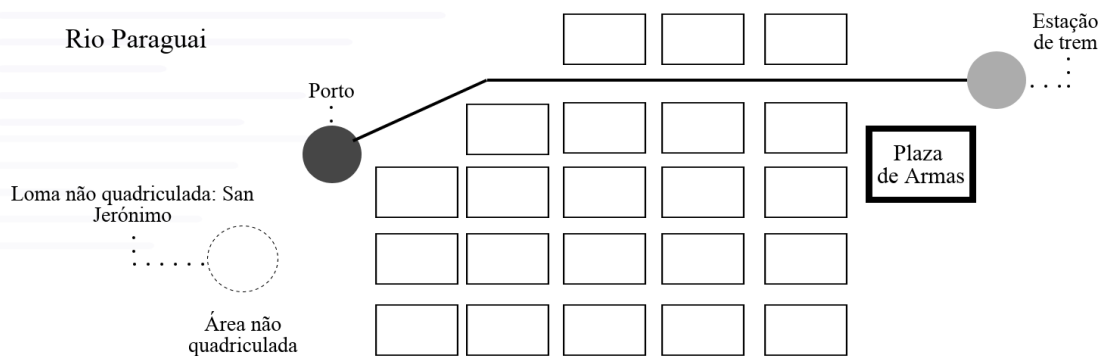


Fonte: Albúmina (1898), 10x16, José Fresen *in* Yubi (2010)

Assim como em muitos países da América Latina, a via férrea vai permitir a equipagem dos portos e favorecer uma vida urbana mais intensa; o eixo que se consolida a partir da união desses dois pontos irá conformar o eixo histórico-cívico da cidade (**Figura 4**). De acordo com Rubiani (1998), pode-se falar da existência de mais de um porto ao longo do rio, seriam dez instalações portuárias. Uma dessas instalações seria o porto San Gerónimo, perto da Loma que não foi rebaixada e que passaria a ser ocupada, abrigando o bairro San Jerónimo, a ser analisado. Todo esse movimento e a experiência de crescimento econômico seriam interrompidos pela

Guerra da Tríplice Aliança (CAUSARANO; CHASE, 1987; RUBIANI, 1998; AYALA; VERÓN, 2007).

Figura 4: Conformação do eixo Histórico de Assunção – Século XIX



Fonte: Elaboração da autora a partir de Causarano & Chase (1987)

Como já comentado no tópico 1.2, a Guerra do Paraguai trouxe uma série de consequências para o país no geral, mas Assunção como sede do poder foi saqueada e destruída pelos militares dos países aliados (Brasil, Argentina e Uruguai). Instaura-se no país o sistema capitalista liberal, e como solução “los gobiernos de la post guerra hipotecaron las terras estatales como garantía a los préstamos ingleses”⁵⁵ (CAUSARANO; CHASE, 1987, p. 36) e se promulga a lei de terras públicas ao capital estrangeiro, que inclui propriedades urbanas. De acordo com Vázquez (2006), a guerra acarretou em dois efeitos territoriais principais: grande dispersão populacional e uma rede sem vínculos de povoados com poucos habitantes e, depois uma crescente concentração demográfica em Assunção.

O país começa a se reerguer a partir de um lento processo de reconstrução social e institucional e na cidade se iniciam os primeiros trabalhos de ordenamento diante de um contexto de insalubridade. Posteriormente, as ruas foram reestruturadas e são fornecidos serviços de iluminação e transporte público. Os últimos anos do século foram marcados pela tentativa de renascimento da cidade e por uma identidade paisagística influenciada por novos imigrantes, principalmente italianos (CAUSARANO; CHASE, 1987; VILLANUEVA, 2012).

As primeiras décadas do século XX são marcadas ainda por reestruturação urbana pós “Guerra Grande” – como é chamada a Guerra do Paraguai pelos paraguaios. As *rugosidades* de tempos passados e uma urbanização de muitas componentes rurais são ainda presentes, até que

⁵⁵ Assim como em muitos países da América Latina, nesse período o capital inglês foi importante para a equipagem do território.

Assunção foi favorecida na década de 1940 pelos primeiros empréstimos estrangeiros para obras infra-estruturais.

No contexto de pós-II Guerra Mundial, após 1950, tem-se traçadas as bases econômicas e ideológicas que consolidariam o meio técnico-científico-informacional. Assunção começa a ser transformada por um novo esquema de cidade imposto em todo continente, incorporando “masivamente novas formas, valores, tecnologia, prescindiendo del bagaje cultural y tecnológico que la tradición ofrece” (CAUSARANO; CHASE, 1987, p. 47).

Esse período desenha diferenças, mas também semelhanças do país em relação aos outros países da América Latina. Um aspecto relevante é que o Paraguai não desenvolveu políticas de substituição de importações entre as décadas de 1950 – 1980. O país adota o esquema de exportação de seus produtos (setor primário) e outras formas de acumulação de capital⁵⁶. Nesse sentido, não são desenvolvidas infraestruturas para a formação de um parque industrial (ROLON, 2010). Cabe recordar que o Paraguai já nessa década vive o regime ditatorial de Alfredo Stroessner e que esse presidente toma uma série de medidas que irão impactar a urbanização do país e logicamente, da capital, sobretudo na década de 70.

Na década de 60, sob o governo de Stroessner, inicia-se o período de “modernidade paraguaia”⁵⁷ (VÁZQUEZ, 2006). Resumidamente isto significa: a fratura do tradicional esquema rural, mediante forte imigração brasileira e argentina e modernização do setor agrícola, caracterizado pelo monopólio da terra para a produção da soja (frente a isso, o campesinato paraguaio e as populações indígenas se veem fortemente impactados, recorrendo à migração para as cidades); e a construção das hidrelétricas binacionais. O impulso econômico dessas transformações intensificará a urbanização do território, bem como o crescimento de Assunção e das cidades favorecidas pelas obras das hidrelétricas, como Ciudad del Este (departamento de Alto Paraná) e Encarnación (departamento de Itapúa), ao Leste do país. Isso tanto em termos econômicos quanto demográficos (CAUSARANO; CHASE, 1987; SANTOS, 1993; VÁZQUEZ, 2006; ROLON, 2010; VILLANUEVA, 2012).

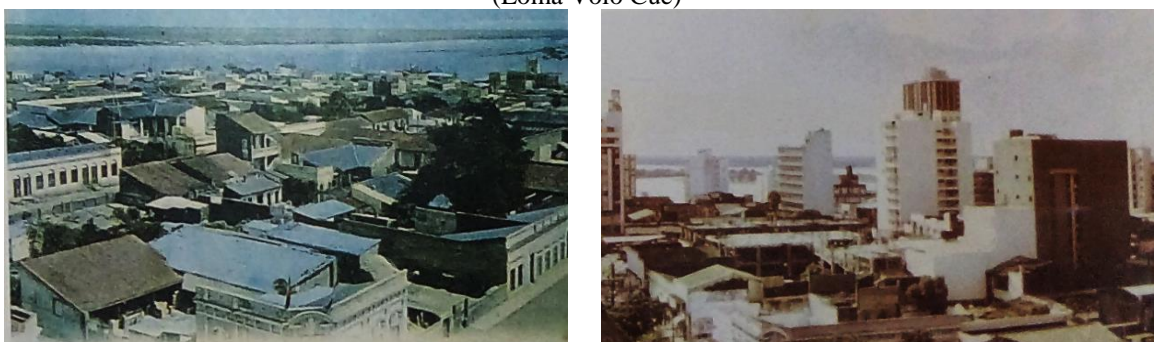
Ademais desses fatores, o crescimento de Assunção conta com a atuação de dois agentes do espaço: o setor privado ligado ao capital financeiro e a Municipalidade de Assunção. Esses dois agentes em conjunto permitiram uma ampla mudança do tecido urbano. O setor privado

⁵⁶ Por exemplo a “construção das hidrelétricas binacionais com Argentina e Brasil (respectivamente Yacyretá e Itaipu), mais a intermediação comercial regional e o comércio fronteiriço com forte teor de ilegalidade” (SILVA, 2006, p. 5 *apud* ROLON, 2010, p. 43).

⁵⁷ A necessidade de controle territorial de forma panóptica exigida pelo governo ditatorial, direciona o presidente a iniciar a abertura para o interior do país, de modo a estabelecer uma maior comunicação, como empreendido em outros países (SANTOS, 1993; VÁZQUEZ, 2006).

traz uma gama de novas construções, apartamentos e escritórios, derrubada de antigos edifícios e a “urbanização para a nascente classe média” que expande a cidade. Todas essas transformações não seriam possíveis sem as políticas favoráveis da Municipalidade de Assunção, muitas vezes inadequadas e transgressoras de normas prévias (CAUSARANO; CHASE, 1987). É significativa a materialização de objetos técnicos no espaço, conformando relevante diferença entre a década de 20 e os anos finais da década de 80 do século XX, como mostra a **Figura 5**.

Figura 5: Vista do Rio Paraguai desde a Iglesia de la Encarnación, situada em uma das colinas de Assunção (Loma Volo Cue)



Fonte: Causarano & Chase (1987)

Ao receber a maioria dos impactos da modernização estrangeira, tem-se favorecida a metropolização de Assunção. Nesse processo, a cidade reafirma seu papel centralizador em nível territorial e sua Região Metropolitana se conforma nos anos finais da década de 70. A capital e os dez municípios pertencentes da Região Metropolitana, até então, sofreram forte aumento demográfico e a migração campo-cidade abre espaço para a migração cidade-cidade. A exemplo, dentre os anos 70 e 80, algumas localidades tiveram expressivo crescimento demográfico, como: Villa Elisa (152,3%), Lambare (105,3%), San Lorenzo (102%) Mariano Roque Alonso (94,1%) e Fernando de la Mora (81,1%), de acordo com Causarano & Chase (1987).

O cenário de desigual distribuição de terras, de consolidação do modelo econômico baseado no monocultivo da soja e, de modernização do campo das décadas de 70-80, abalaram a população campesina que é obrigada a sair de seus locais de origem (tanto da Região Oriental quanto ocidental do país) em busca de melhores condições de vida na capital Assunção e em sua Região Metropolitana (CAUSARANO; CHASE, 1987). As cidades, por sua vez, “se tornam funcionales a este sistema de mercado, adaptando la infraestructura necesaria para que los condicionamientos de producción y comercialización de este producto se desarrollen con agilidad para la masa empresarial” (ZAVATTIERO, 2016, p. 125)

Esses fatores são fundamentais no que tange ao aumento de bolsões de pobreza na cidade e a formação de periferias. Frente a dificuldade de encontrar possibilidades de reprodução da vida e diante dos preços exorbitantes das moradias, tem-se como resultado a construção de moradias precárias e formação de uma economia dos mais pobres, visto que estes não têm condições de participarem da nova lógica do consumo imposta (SANTOS, 1993; VILLANUEVA, 2012).

Na década de 1990, em um cenário de abertura democrática, de imposições econômicas neoliberais e globalização acentuada⁵⁸, amplia-se a concentração da população na capital e em sua área metropolitana. Conforme mostra o **Quadro 3**, nos anos iniciais dessa década, a população total de Assunção é urbana e se mantém estável até o ano de 2002, o que significa o início da saturação do território da cidade (VÁZQUEZ, 2006). Segundo Vázquez (2006, p. 102), “el espacio se convierte en artículo de lujo provocando altos niveles de crecimiento urbano en los anillos periféricos de Asunción”. Em resposta a esse movimento, tem-se um aumento populacional de 57% e de 70,7% no departamento Central.

Quadro 3: Estrutura demográfica do Departamento Central e Assunção (1992 – 2002)

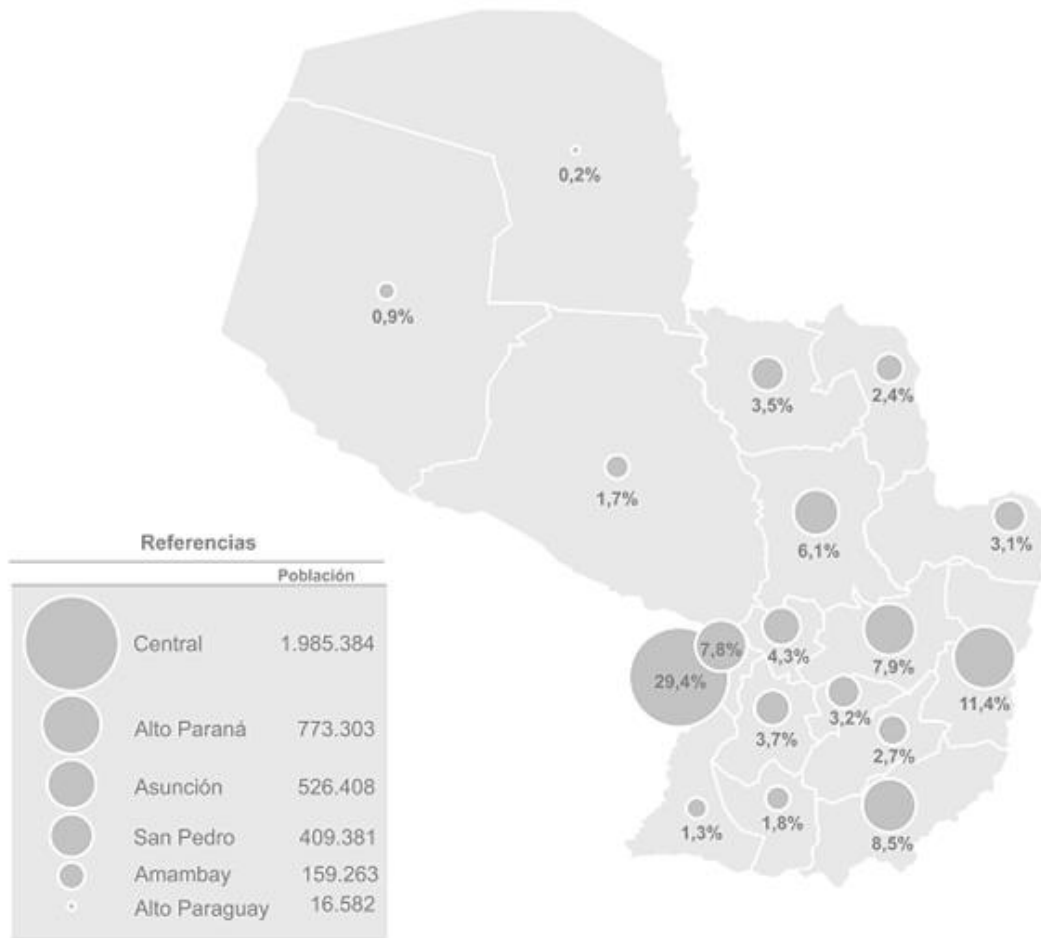
| Estrutura demográfica do Departamento Central e Assunção | | | | | | |
|---|-----------------|-----------|----------------|------------------|-----------|----------------|
| Região | População Total | | Incremento (%) | População Urbana | | Incremento (%) |
| | 1992 | 2002 | 1992/2002 | 1992 | 2002 | 1992/2002 |
| Assunção | 500.938 | 512.112 | 2,2 | 500.938 | 512.112 | 2,2 |
| Departamento Central | 866.865 | 1.362.893 | 57,2 | 690.021 | 1.177.738 | 70,7 |

Fonte: Censos de Población y Vivienda, 1992 y 2002 (VÁZQUEZ, 2006)

Essa situação pode ser ainda observada em anos mais recentes. Segundo projeção da população nacional, no ano de 2012 (ano da realização do último censo populacional) a população total estimada era de 529.433 pessoas para Assunção e de 1.855.241 pessoas para o Departamento Central, sendo o departamento com maior concentração populacional do país. Dados que revelam aumento populacional de 3,4% para Assunção e 36,1% para o Departamento Central em relação ao ano de 2002. Não foram distinguidas as populações urbanas e rurais departamentais em documentos consultados (DGEEC, 2016). Para o ano de 2015, o Departamento Central, concentra 29,4% da população nacional abrigando 1.985.384 pessoas em seu território. Enquanto Assunção passa a uma situação de retração demográfica (**Mapa 4**).

⁵⁸ “El proceso de globalización o mundialización se internaliza recién a finales de la década de los ’90 en Asunción y de allí se expande velozmente al resto del país” (VÁZQUEZ, 2006, p. 104).

Mapa 4: Paraguai – Distribuição da população por Departamento (2015)



Fonte: DGEEC (2015a)

Com um mercado de trabalho incapaz de absorver o exorbitante aumento populacional ocorrido nas zonas urbanas do país, as condições de vida e de labor dessas populações citadinas mais recentes são deterioradas. Apesar da diminuição de sua população, dados da *Encuesta Permanente de Hogares* de 2015 apontam que do total populacional de Assunção, 35.208 pessoas (6,6%) ainda estavam em situação de subocupação, enquanto 11.777 pessoas (2,2%) estavam desempregadas (DGEEC, 2015b). Nos últimos anos, esse aspecto permaneceu como o motor do crescimento das áreas periféricas em Assunção e outras grandes cidades (ZAVATTIERO, 2016).

A realidade empírica nos aproxima desse cenário, quando, em Campo exploratório realizado, deparamo-nos com uma série de pessoas nas ruas da cidade na condição de pedintes ou a vender a mais variada quantidade de produtos e prestar os mais diversos serviços: desde venda de artesanatos, a venda de frutas, ervas para o preparo do tradicional terê e remédios naturais; a população busca saídas laborais e condições de sobrevivência. Na **Figura 6**, observamos uma senhora indígena vendendo seus produtos artesanais na *Calle Palma*, rua mais

famosa e tradicional de Assunção, agrupando diversos edifícios e setor de serviços. As contradições de Assunção são reveladas em cada esquina, praça, nas proximidades de grandes prédios comerciais ou destinados ao setor público. Já na **Figura 7**, verificamos uma vendedora de frutas nas ruas do Centro Histórico da cidade de Assunção. Nota-se os produtos agrícolas e a venda de comidas tradicionais como “Chipas” e “beiju”, revelando a presença indígena fortemente incorporada no cotidiano e na cultura.

Figura 6: Senhora indígena vendendo artesanato



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 7: Senhora vendendo frutas



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Dados recentes da Organização das Nações Unidas – ONU (para 2014) estimam que 20% da população paraguaia vive em assentamentos precários e informais. O governo nacional alega que o Departamento Central (com maior concentração demográfica) apresenta um número de mais de 1.000 assentamentos precários, sem distinguir as áreas urbanas e rurais. A situação de tugurização se faz mais evidente nas ocupações das áreas costeiras do rio Paraguai. Essa área é considerada de risco, pois com as crescidas do rio há a possibilidade de inundações tornando a população extremamente vulnerável (ONU/HABITAT III, 2016).

A urbanização marcada pela colonialidade do poder, presente em todo o continente, segrega os sujeitos que historicamente sofrem os mais diversos abusos – negros, indígenas, populações camponesas e mulheres. Nessa urbanização segregadora, os riscos não são compartilhados de forma equitativa. Os pobres são os mais afetados e mais vulneráveis aos eventos trágicos, uma vez que residem em sua maioria em territórios perigosos e em habitações precárias (ZAVATTIERO, 2016; COSTA, 2018).

Neste contexto de expansão urbana, falta de empregos e de moradia em todo território paraguaio, e a consequente degradação da vida das populações campestres, que se intensifica a ocupação histórica das áreas inundáveis de Assunção (Bañados Sur y Norte, incluindo também o tradicional bairro Ricardo Brugada, conhecida Chacarita):

Con la migración rural, la zona del borde costero, y em particular las áreas más cerca al centro ciudad, han ido ocupándose y consolidándose de manera espontanea y informal hasta convertirse en áreas de ocupación masivas por parte de familias de escasos recursos que encontraban posibilidades de ingresos y mejores condiciones de vida al estar en un sector tan próximo al Centro de la ciudad (PLAN CHA, [s.d.], p. 70).

Essa população busca sanar suas necessidades em Assunção e sua Região Metropolitana, bem como em outras cidades do país. O censo indígena de 2012 revelou que a maioria das populações indígenas se encontra na Região Oriental, historicamente mais dotada de infraestruturas urbanas. Uma mudança demográfica relativa que ocorre desde os anos 1980 até o ano de 2012, já que a Região Ocidental abrigava mais que o dobro de populações indígenas que a Região Oriental, ultrapassando o número em 2002, conforme dados da **Tabela 4**.

Tabela 4: Distribuição de populações indígenas por Região do Paraguai

| Distribuição de populações indígenas por Região do Paraguai (1981-2012) | | | |
|--|--------------------|---------------------|--------------|
| Ano | R. Oriental | R. Ocidental | Total |
| 1981 | 12706 | 25997 | 38703 |
| 1992 | 21872 | 27615 | 49487 |
| 2002 | 44135 | 42964 | 87099 |
| 2012 | 58969 | 53879 | 112848 |

Fonte: III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas (2012) apud ONU/Habitat III (2016)

Também foi possível constatar, em campo exploratório, a presença de moradias precárias e as condições insalubres em que vivem essas pessoas, em especial no seu Centro (**Figura 8**). Essa área se viu empobrecida devido a massa de campestres, em péssimas condições de vida, que passou a se concentrar em distintos pontos ou somando-se a bairros históricos marcados por condições precárias, como é o caso de Chacarita e Bañados norte. Ao caminhar pelas proximidades de Bañados norte, observa-se casas de madeira⁵⁹ a presença de animais e esgoto ao ar livre. Impressiona o quadro a que são destinadas as camadas mais pobres da

⁵⁹ Conforme conversado com a população, em campo exploratório, são moradias provisórias da população que vive mais próxima ao rio Paraguai. Foram afetados pela crescida do rio e tiveram que abandonar provisoriamente suas casas.

sociedade e, principalmente, as crianças; expostas a condições prejudiciais à saúde, inocentemente brincam próximas a água contaminada por deságues cloacais e lixo. Outro aspecto que cabe ressaltar, é a estigmatização desses bairros, considerados altamente violentos, de modo que fui orientada e levada a deixar o local por agentes de segurança pública. Um retrato da criminalização da pobreza em Assunção. Ao fundo da **Figura 8**, tem-se o monumento da Plaza del Congreso. A poucos metros de toda essa situação de precariedade, está localizado o Palácio legislativo, sede do Congreso de la República de Paragua, o que reflete a falta de vontade política dos governantes do país em lidar com uma realidade observada diariamente das janelas do edifício.

Figura 8: Ocupação temporária à esquerda e bairro bañados à direita



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Acampamentos precários também são montados próximo à Praça de Armas, localizada no Centro Histórico da cidade. Este setor é historicamente valorizado e repleto de prédios de valor histórico, que se vê marcado pela pobreza e miséria campesina. Muitas das pessoas dessa ocupação na praça são campesinos provenientes da Região do Chaco paraguaio em busca de melhores condições de vida.

Como assinalado em tópico anterior, diante das problemáticas que corroboram para a formação do que aqui estamos tratando por *territórios de exceção* (COSTA, 2017), urge a necessidade de atuação dos sujeitos por vias comunitárias. A própria sobrevivência se estabelece pautada em vínculos de solidariedade e ajuda mútua, revelando a potência da vivência em comunidade, como diz Raul Zibechi (ZIBECHI, 2008). Tomemos como exemplo as comunidades de Bañados. Marcadas pelo desemprego, muitas das pessoas exercem atividades de ambulantes, de coletores de lixo, de criadores de animais, dentre outros como alternativas laborais. Nas palavras do autor,

todo lo que puede verse en los Bañados lo construyó la gente en base a la ayuda mutua. La solidaridad es una seña de identidad, ya que es la única forma de sobrevivir en un entorno tan hostil. Las formas de solidaridad son múltiples y abarcan todos los aspectos imaginables de la vida cotidiana. De modo natural, los vecinos les llevan comida a los que menos tienen; se venden rifas para comprar los medicamentos de los ancianos y los enfermos; se organizan polladas y tallarinadas para recaudar fondos para los obras más importantes del barrio (ZIBECHI, 2008).

As populações são impelidas a conformarem uma rede de solidariedade e esses vínculos também demarcam uma apropriação do território, transcendendo as questões legais, visto que as áreas não foram destinadas para moradia pelo setor público. O forte vínculo identitário entre os vizinhos, uma cultura de comunidade herdada dos povos campesinos e indígenas da Região, dão a Bañados um outro retrato, menos delineado pelo estigma de violência, reforçado pelos canais de comunicação e informação do país. Além do mais se conformam como abrigo de um resistente *patrimônio-territorial* de Assunção, guardando relações, modos de vida e costumes tradicionais, verificados na gastronomia e no próprio idioma guarani que, apesar de idioma oficial do país, é mais presente nesses assentamentos.

As discussões aqui tratadas nos dão bases para uma melhor compreensão da realidade de Assunção e para uma leitura mais crítica de um dos seus bairros, denominado Barrio San Jerónimo, estabelecido em uma das colinas da capital paraguaia. O seu diferente processo de ocupação e as relações que ali se constituíram, conferiram ao bairro uma identidade marcada pela religiosidade e pela solidariedade entre vizinhos. Ademais, o lugar revela claramente a dimensão dos impactos de ações globalizadas que incidem sobre o território de Assunção e que chegam no âmbito do bairro.

Com uma história sublinhada por distintos usos históricos do território, a relação de conflito e harmonia entre as distintas heranças e usos do território nos impulsiona a compreender o que resiste enquanto *patrimônio-territorial* (COSTA, 2016) no bairro, num contexto em que operam interações espaciais favorecedoras da lógica fragmentadora da *patrimonialização global* (COSTA, 2015a), a qual impacta ou redimensiona o lugar.

II

PATRIMÔNIO-TERRITORIAL LATINOAMERICANO E PATRIMONIALIZAÇÃO GLOBAL

“Para que serve a utopia? serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”

A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.
(Eduardo Galeano citando Fernando Birri)

Quando a palavra “utopia” nos vem à mente, instantaneamente a associamos à dimensão do sonho impossível e de um projeto ideal de sociedade, porém inalcançável. Apesar dessa perspectiva consensual de distanciamento, os ideais utópicos, quando localizados e apoiados no real, são capazes de nos indicar caminhos alternativos e respostas à lógica vigente. É nesse sentido, que a utopia passa a ser entendida como um projeto orientado à mudança concreta amparada nas condições materiais das quais dispomos: a construção de um novo mundo possível a partir da reflexão do nosso mundo hoje.

Frente às profundas transformações advindas da globalização, David Harvey (2004) nos direciona para a busca e construção de estratégias alternativas e emancipatórias com vistas ao futuro, de modo a incorporar a produção do espaço e do tempo ao pensamento utópico para romper com as estruturas desiguais impostas. Esse pensamento também nos impulsiona a refletir sobre outras formas de organização espacial, que ressaltem a diversidade e a diferença, e fortaleçam a crítica ao modo como se sucedem os processos sociais na atual conjuntura.

Costa (2016, p. 2), em diálogo com outros geógrafos, afirma que se a utopia se caracteriza pelo rompimento com a realidade presente e pela projeção do futuro, o *utopismo* deve ser entendido como um projeto com base tópica. Ou seja, pressupõe espaço-tempo e é assumido como “o ideal do processo social inovado e já em andamento; proposição no devir

fundada em ações de potencialidades e de fragilidades situadas e em situação duradoura”. Assim, Costa (2016) conceitua utopismos patrimoniais, cuja topicidade é a América Latina, justificados pelo cenário de explorações, desigualdades e preconceitos que afligem o continente e pela necessidade revelada de deflagrar os problemas advindos de uma gestão patrimonial pouco inclusiva, trazendo novas possibilidades.

Num contexto em que a razão hegemônica moderna é reafirmada no campo patrimonial pelo processo de *patrimonialização global*, que ressignifica lugares e memórias para o mercado global de cidades e agudiza diferenças socioterritoriais⁶⁰, Costa (2016) apresenta a resposta a esta lógica por meio do utopismo *patrimônio-territorial*⁶¹, complementado pelos *utopismos patrimonial singularista*⁶² e *patrimonial existencialista*⁶³, afirmando que “tais utopismos resgatam, ressignificam e situam, espacialmente, o que resiste na região: do índio sacrificado, do negro escravizado, da mulher oprimida, da cultura popular desprestigiada, dos recursos territoriais expropriados, ou seja, aquela “face oculta” da modernidade” (COSTA, 2016, p. 1).

Após elucidar, no capítulo I, as problemáticas derivadas do histórico de uso exploratório do território por agentes dominantes na América Latina, no Paraguai e também em Assunção, chega o momento de esquadrihar nosso referencial empírico em profundidade, aproximando-o das duas lógicas que o permeiam: o embate entre a incidência da *patrimonialização global* e a permanência de seu *patrimônio-territorial*. Apresentaremos o bairro San Jerónimo, sua história, a perspectiva de suas gentes e os impactos que a *patrimonialização global* tem trazido nesse contexto para então lançar o seu *patrimônio-territorial* como utopia e resistência consciente frente às transformações que tem passado e aos riscos de perda do seu patrimônio [no capítulo III].

A epígrafe do capítulo, de Fernando Birri, ainda que nos leve àquela visão inalcançável do utópico, também nos apresenta a esperança que norteia nossos projetos de um futuro melhor

⁶⁰ Ver o debate aprofundado sobre o conceito e o fato *patrimonializacao global* em Costa (2015a).

⁶¹ O utopismo *patrimônio-territorial* baseia os outros utopismos e se relaciona às resistências histórico-culturais ante a colonização e ao domínio de grupos elitistas e dominantes, de modo a denunciar contradições de maneira situada. Nesse sentido, revela verdadeiras histórias nacionais e implica o protagonismo a atores sociais subalternizados: afrodescendentes, indígenas, mulheres e pobres urbanos.

⁶² O utopismo patrimonial singularista reflete sobre a universalidade que ganha os bens cancelados pela UNESCO a partir da definição de características singulares a serem mundializadas e a conseqüente produção de diferenças socioterritoriais. Esse utopismo se perfaz pela idealização de alternativas para uma preservação sinérgica do patrimônio, de modo a enaltecer e valorar elementos nas demais escalas.

⁶³ O utopismo patrimonial existencialista pressupõe que o sujeito localizado é também responsável pelo patrimônio e une a produção intelectual e existencial do conhecimento. Assim, sujeito é tido como central na preservação, uma vez que é ativo, consciente e participante, mesmo em um cenário de produção social de riscos. Também mostra a possibilidade de um novo futuro mediante o enfraquecimento das negatividades impostas pela história. Em síntese, essa proposta utópica tem sua centralidade na valorização do “patrimônio-territorial singular que resiste, a ser preservado e mobilizado por sujeitos localizados e empoderados, apesar da essência contraditória da urbanização e das situações de riscos” (COSTA, 2016, p. 5).

para a vida nas cidades. Apesar de muitas vezes termos a impressão de que estamos longe de romper com as perversidades que fundamentam o sistema vigente, seguimos caminhando, refletindo sobre esse quadro e pensando em possibilidades. O *patrimônio-territorial* pode ser visto por esse ângulo ou como uma semente a germinar. Ante a grandiosidade e o ímpeto da patrimonialização como se mostra hoje, o *patrimônio-territorial* em calma e ainda no chão firme, age com potência transformadora sob a terra, projetando tornar-se local, antes de global.

2.1.Loma San Jerónimo: uma aproximação geográfico-histórica

Após o esforço de deslindar o processo de formação territorial dos países latinoamericanos, dando ênfase à formação socioespacial paraguaia e ao ordenamento territorial de sua capital, foi escolhido como referencial empírico da pesquisa o bairro San Jerónimo. Originalmente conhecido como “Loma San Jerónimo”, localiza-se no setor oeste de Assunção sobre uma de suas sete colinas. Está inserido na área do tradicional bairro Dr. Garcia de Francia, conforme ilustra o **Mapa 5**, sendo delimitado pelas ruas Tte. Cesar Díaz De Peffaur, Cap. Remigio Cabral, Av. Stella Maris e Estrella. Nas suas proximidades estão situadas importantes referências para a cidade como o Porto de Assunção e instâncias militares, influenciando sua inserção na zona de amortiguamento do Centro Histórico da cidade.

Mapa 5: Localização de San Jerónimo
Localização de San Jerônimo - Assunção



De maneira a transmitir ao leitor uma maior compreensão deste lugar, objetiva-se construir uma geografia da Loma San Jerónimo a partir de dados institucionais, referências

bibliográficas e memórias de seus moradores⁶⁴ coletadas em entrevistas. Para a leitura espacial da atualidade do bairro, faz-se necessário o exame de seus aspectos passados. Entretanto, defendemos que a imaginação histórica nunca é totalmente desprovida de espaço, pois as narrativas históricas possuem uma geografia, ambientes, locais e localizações que motivam e influenciam a ação social (SOJA, 1993). Por esse ângulo, acredita-se no entrelaçamento da leitura histórica com a perspectiva da produção social do espaço, já que o ser social está “ativamente posicionado no espaço e no tempo, numa contextualização explicitamente histórica e geográfica” (SOJA, 1993, p. 18).

Aproxima-se dessa abordagem a concepção de Milton Santos acerca do território usado, que localiza e situa os sujeitos histórica e geograficamente, a partir de uma leitura dos usos sociais do território [o que o dá o estatuto de categoria de análise]. Entende-se o território como um espaço historicamente produzido pela sociedade, apropriado e usado por ela, devendo ser interpretado como um espaço que é construído e reconstruído constantemente. Assim, como bem aponta Santos (2000a, p. 97) “quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população”.

Para a realização da análise territorial é essencial a delimitação de uma escala, ainda que esta seja uma atividade complexa, especialmente nos tempos atuais, em que as apropriações e transformações espaciais são cada vez mais vertiginosas. Esse aspecto favorece a constituição de territórios estratégicos cada vez mais marcados pela exclusão (LEMOS JUNIOR, 2016). Tendo isso em vista, pretende-se refletir como o universal se revela no particular por uma inquirição de escala bairrial, em um contexto de intervenções urbanas marcadas por ideologias excludentes e de mentalidade colonial.

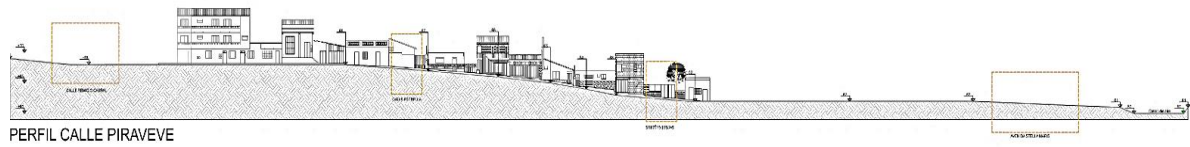
⁶⁴ Partindo da constatação de que a história oficial faz o trabalho de enquadramento de determinados aspectos e acontecimentos, encontramos na memória dos sujeitos a possibilidade de uma construção histórica dos lugares mais aproximada da realidade dos fatos, entendendo a memória enquanto resultado de uma trajetória construída coletivamente.

A sua conformação urbana segue a morfologia do terreno e conserva a característica de ocupação orgânica de Assunção anterior à reforma urbana que impôs a quadriculação da cidade no século XIX, sendo este um dos atributos principais da Loma San Jerónimo. As habitações que se deram de forma espontânea foram parcialmente legalizadas com o tempo, mas mantendo os vestígios da história da capital paraguaia. Por essa razão, a maioria dos lotes do bairro apresentam distintas dimensões e formas, acumulando desigualmente no espaço, a passagem do tempo, conforme ensina Milton Santos.

Ao adentrar este bairro estabelecido sobre um morro, ficam ainda mais evidentes os seus desníveis e principalmente a forma como os seus moradores se adequaram a sua condição ambiental. A maneira como são distribuídas as casas, as suas ruas largas e corredores estreitos, fazem-nos pensar em um pequeno labirinto que nos convida a perscrutar todas as suas possibilidades.

O bairro possui três ruas de circulação interna que comunicam todos os setores da colina. A rua Piravevé é o principal acesso à Loma, apresentando ao longo de sua extensão um desnível de 6 metros, como demonstra a **Figura 10**. É possível verificar uma mescla de cores ao adentrar o bairro por essa passagem, mas destaca-se o verde e amarelo do Club San Jerónimo, localizado nesse perímetro. A **Figura 11** nos revela o colorido das casas, as crianças se apropriando da rua, mas também apresenta como os projetos urbanos deram especial atenção a esse setor do bairro. Encontramos postes de iluminação temáticos, bancos distribuídos nas calçadas e rua com distinto pavimento. Tudo a criar um ar de bairro pitoresco e atrativo.

Figura 10: Perfil da rua Piravevé



Fonte: Sánchez (2014)

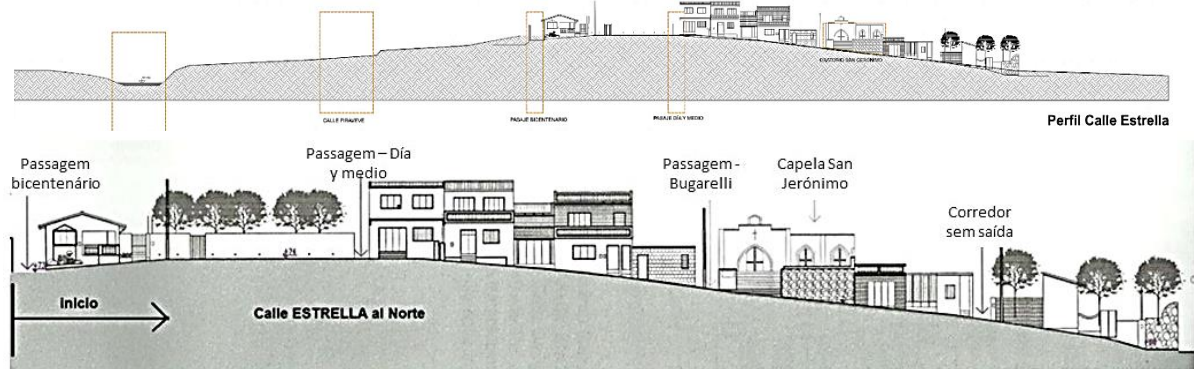
Figura 11: Entrada do bairro pela rua “Piravevé”



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

A segunda via principal do bairro, a rua Estrella, conecta essa pequena vizinhança ao centro de Assunção. Sobre essa via, encontra-se o ponto mais alto da colina, representado na **Figura 12**, e nascem passagens mais estreitas que se dirigem à zona mais baixa do bairro. Essas passagens, ilustradas pelas fotos seguintes, são bastante estreitas, mas cada uma com suas particularidades demonstram a necessidade de criação de artérias para suprir as necessidades de mobilidade da população. Ademais, encontramos um dos elementos mais importantes para a dinâmica do bairro nessa rua: o Oratório San Jerónimo (**Figura 16**).

Figura 12: Perfil e detalhe da rua "Estrella"



Fonte: Ocampo (2011a) e Sánchez (2014)

Figura 13: Passagem Bicentenário

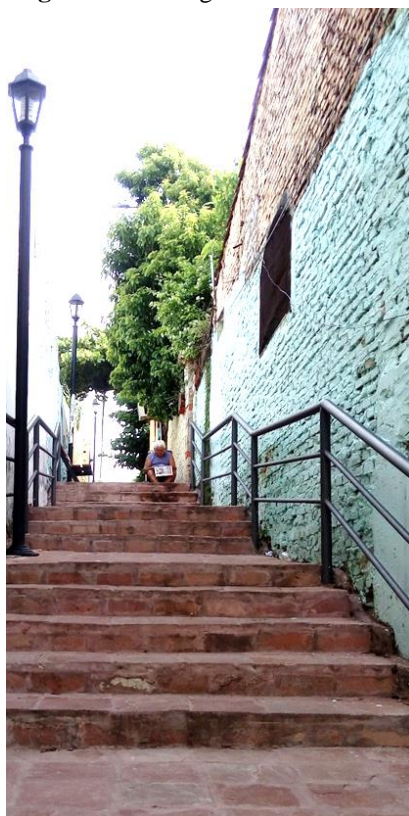
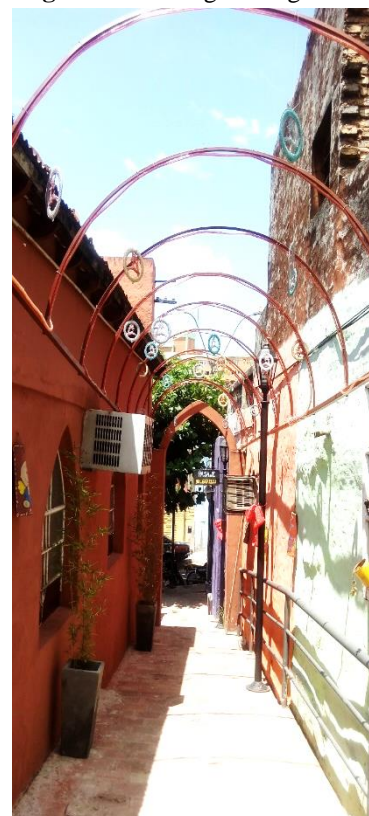


Figura 14: Passagem dia y medio

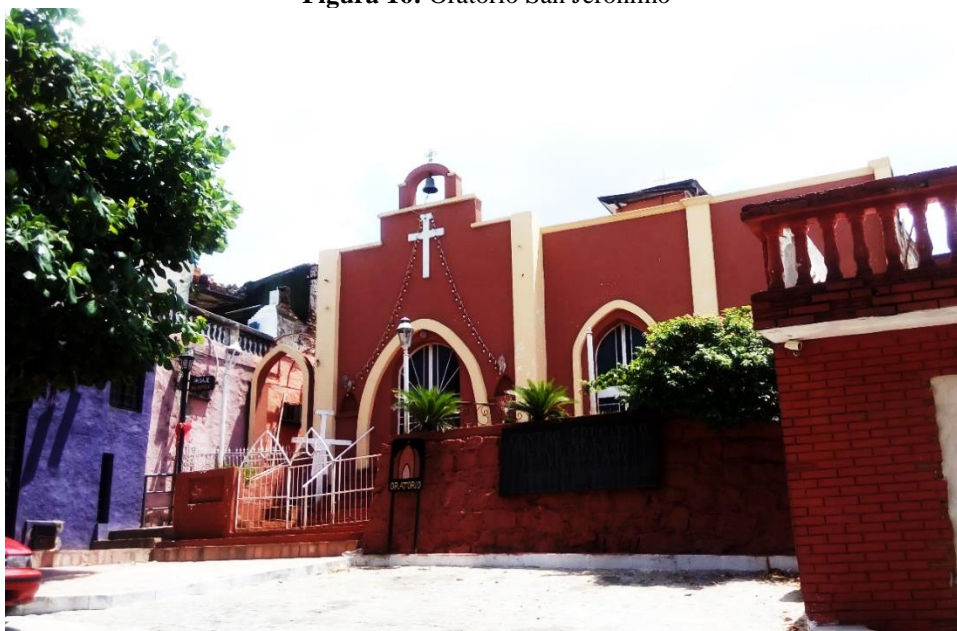


Figura 15: Passagem Bugarelli



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 16: Oratório San Jerónimo



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Na zona baixa tem-se a rua Agustín Barboza que se apresenta de forma mais plana e se conecta com a via Stella Maris. Toda essa área delimitada pelas ruas Agustín Barboza, Diaz de Pefaur e a Avenida Stella Maris (vide **Mapa 5**) ficou historicamente conhecida por zona

baixa e “Kure Cuá” [em guarani, lugar dos porcos]. Devido a antiga utilização da área para criação de porcos, muitas vezes seus moradores são associados a um imaginário discriminatório e pejorativo.

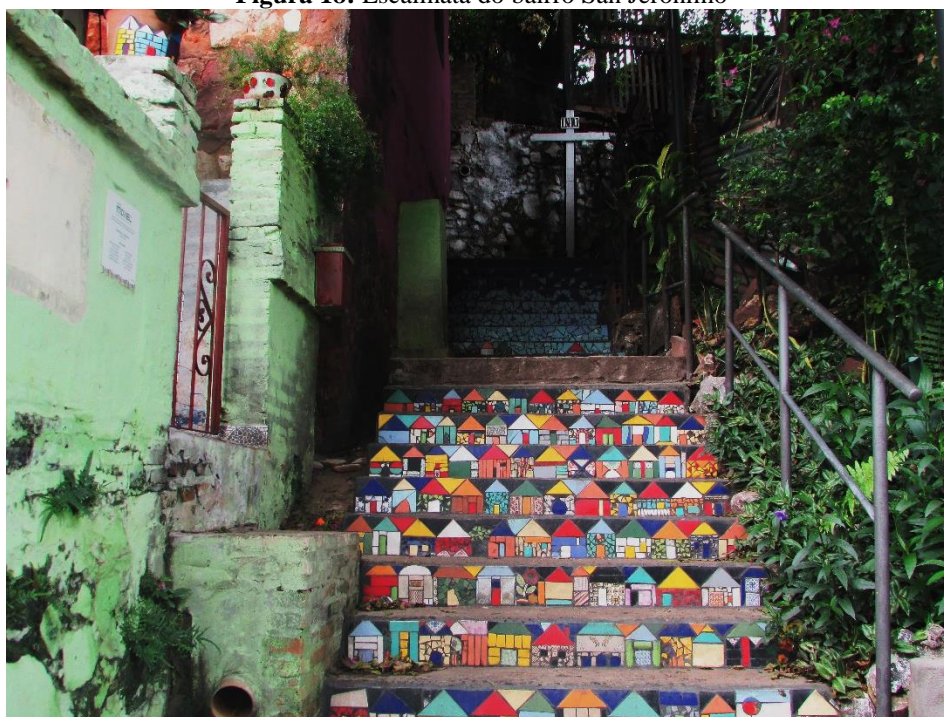
Ao adentrar o setor pela Passagem escalinata (**Figura 18**), uma das passagens mais conhecidas por seus mosaicos em cerâmica, apreendemos distintas tipologias de moradias, como casas em madeira, ou casas feitas em adobe, como revela **Figura 19**, mas claramente moradias mais humildes, demonstradas na **Figura 20**. Diferentemente dos outros setores, as obras de infraestrutura e revitalização não alcançaram plenamente o “Kure Cuá”, sendo as casas pintadas pelos próprios moradores, de modo a acompanhar as transformações do bairro.

Figura 17: Perfil da rua Agustín Barboza



Fonte: Ocampo (2011a)

Figura 18: Escalinata do bairro San Jerónimo



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 19: Casa de madeira e casa de adobe em San Jerónimo



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 20: Zona "Kure Cuá" da Loma San Jerónimo



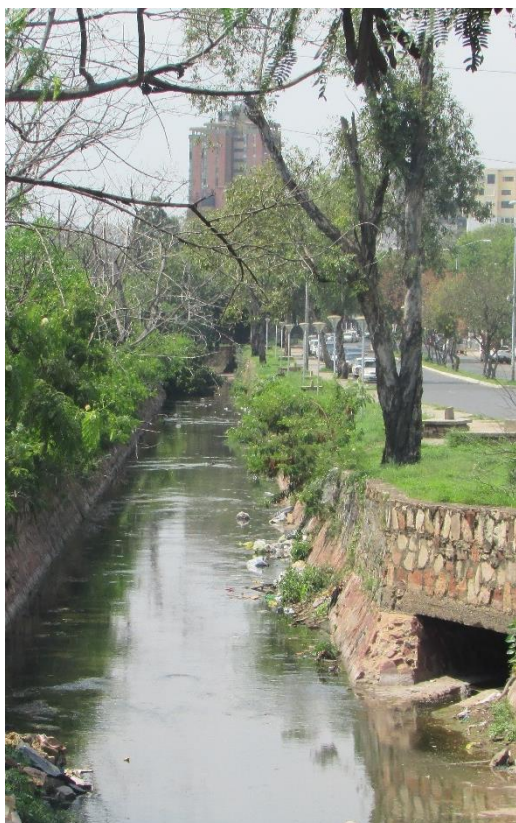
Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Nota-se que a sua topografia resultou em uma setorização na distribuição do bairro em zonas baixa, média e alta que correspondem basicamente a uma divisão de estratos socioeconômicos. Encontra-se no bairro famílias com mais ampla disponibilidade de recursos e proprietárias de seus terrenos, mas também famílias em situação de ocupação irregular de terrenos municipais e com menores poderes econômicos, notadamente no setor baixo da colina.

Nesta zona, a população se apropria de forma espontânea de pequenos espaços existentes, estabelecem moradias precárias e não contam com a prestação de todos os serviços necessários para uma vida saudável. Como fatores comuns tem-se a irregularidade dos terrenos, habitações únicas e compartilhadas entre os membros da família e uso de materiais de baixo custo. Este aspecto se relaciona diretamente com os recursos naturais presentes no território, bem como com a intensidade com que são atingidos os grupos pelos eventos relacionados a eles (OCAMPO, 2011a; SÁNCHEZ, 2014).

Destaca-se a presença e a importância de dois arroyos que perpassam e atravessam espaços de tecido urbano consolidado –Arroyo Jardín (**Figura 21**) e Arroyo Jaén (**Figura 22**). Esses dois cursos de água atravessam diversas zonas povoadas e chegam ao rio Paraguai rodeando a Loma San Jerónimo, mas se perfazem como uma problemática em períodos de “crescidas” das águas. Parte do seu território não sofre impactos do aumento de nível do rio Paraguai e transbordo do “Arroyo Jaén”, entretanto nas áreas que se encontram abaixo da cota 64m (cota habitual de inundação da cidade de Assunção), o fenômeno da inundação é recorrente, afetando as populações mais vulneráveis socioeconomicamente localizadas na zona baixa da colina (OCAMPO, 2011a).

Figura 21: Arroyo Jardín entubado



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 22: Arroyo Jaén poluído perpassando casa de moradora da zona baixa



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Outrossim, ambos os arroios estavam poluídos e contaminados, principalmente em decorrência de desagues de esgoto e depósitos de lixo, restos de vegetação e sobras de construções. Configurando-se como áreas de risco à saúde da população, passaram por processos de recuperação e saneamento a partir do ano de 2015, iniciativa que faz parte do projeto de “Reconversión Urbana y Metrobus”, a ser analisado em tópicos seguintes, mas como revela as fotografias ainda não foram totalmente recuperados.

O mais interessante em relação a essa diferenciada conformação urbana do bairro, são as suas estreitas passagens. Esses “pasillos” dão um aspecto de maior proximidade entre os moradores, favorecem a interação cotidiana e justificam toda uma trama histórica de “vivência em família” no bairro, realçando como o espaço sugere diferentes formas de apropriação, derivando daí uma série de relações simbólicas dos sujeitos com o lugar. Destaca-se também nessa paisagem, a permanência de casas de distintos períodos, testemunhas da configuração territorial do bairro e de sua dinâmica com o passar do tempo. Ademais, a áurea de tranquilidade, as crianças na rua e as casas de diferentes momentos, fazem com que o caminhante atento e curioso se sinta em outro momento da cidade de Assunção.

O diagnóstico realizado pela consultoria prestada pelo arquiteto Anibal Cardozo traz uma análise precisa do processo geral de ocupação da Loma San Jerónimo. Para ele, tem-se que esse singular assentamento se deu segundo

critérios dictados por las condicionantes físicas, la necesidad de utilización máxima de la tierra y la posibilidad de ágiles intercambios entre vecinos. Las viviendas aprovechan los espacios para múltiples funciones y mantienen en su distribución valores propios de la vivienda rural: los espacios de transición con alguna vegetación y dispuestos de manera a permitir la comunicación física entre viviendas; en tales espacios se cocina, se lava ropa, se conversa y se puede observar a los niños que juegan en las calles (OCAMPO, 2011a).

Nas duas atividades de campo realizadas ao bairro, percebeu-se como os moradores se apropriaram de forma muito particular dessa colina, de maneira a criar fortes vínculos identitários e de pertencimento. Para compreender essa forma de vivência, faz-se necessário conhecer e tentar se aproximar das narrativas históricas acerca do bairro, as relações, usos e apropriações que os sujeitos estabelecem com e nesse lugar e os significados que a ele são atribuídos.

2.1.2. “Narrativa em retalhos...”: A Loma San Jerónimo no passado

Uma das dificuldades dessa investigação é a falta de dados e de referenciais históricos concisos acerca da formação do bairro em questão. Há, na verdade, uma série de especulações e informações dispersas, bem como narrativas construídas coletivamente que se mantêm na memória individual e coletiva de seus moradores, difundidas de geração em geração. Essas circunstâncias evidenciam como a história oficial ao fazer recortes e selecionar momentos a serem exaltados em prol da memória nacional, intencionalmente não apresenta a totalidade constituinte dos lugares (POLLAK, 1989), ao passo que imprime nos sujeitos a possibilidade de reafirmação do que consideram sua história e sua identidade.

Nesse sentido, a finalidade deste tópico é fazer um levantamento histórico e geográfico, pois traz a dimensão da relação do sujeito com o bairro, sem ignorar ou invalidar o conhecimento que carregam seus habitantes acerca de suas próprias experiências e vivências no lugar. Assumimos a importância da memória e dos relatos pessoais como uma importante fonte para a reconstrução histórica dos lugares, o que exige do pesquisador atenção no enlaçamento dos testemunhos com outras fontes disponíveis (SUZUKI, 2011; COSTA, 2015b). Essa perspectiva nos aproxima de uma visão mais abrangente, menos recortada e menos universalizada para ser acomodada no discurso oficial e nos orienta ao entendimento do *patrimônio-territorial* conceituado e defendido por Costa (2016), pois

depoimentos ou testemunhos de fatos passados, enquanto constituição parcial da memória espacial, são representações individualizadas para a pesquisa histórica em Geografia, a lembrar que qualquer registro guarda dimensões de poderes, de maneira que dar voz aos poucos ouvidos pode representar, ainda, uma possibilidade de contra-hegemonia da informação face aos poderes instituídos (COSTA, 2015b, p. 23).

Pretendeu-se valorizar e situar os sujeitos que vivenciam cotidianamente o subir e descer a “loma” San Jerónimo, a partir de suas ideias e memórias coletadas por meio de entrevista semiestruturada, uma vez que “o sujeito situado e em situação é capaz de legar, pela memória, um conhecimento espacial passível de perecimento, se não registrado” (COSTA, 2015b, p. 18). Além disso, recorreu-se ao livro “*Historia de mi barrio San Jerónimo – rincón cargado de recuerdos que emocionan*” da já falecida professora e moradora do bairro Limpia Concepción Allende. Essa senhora ansiou fazer um compilado de memórias e um levantamento sobre a sua gente e suas tradições. O tom extremamente pessoal dado ao livro e o objetivo de resgatar e manter o patrimônio que ela enquanto moradora valoriza, “que está presente no cotidiano e que imprime um sentido à vida do cidadão (...) e representam espaços repletos de simbolismos e

significados para quem os vivencia” (HOLSTENSKY, 2018, p. 21), aproxima-se do *patrimônio-territorial* que existe e resiste no bairro e que será abordado.

Uma das particularidades da Loma San Jerónimo é a sua história de ocupação e o seu processo peculiar de urbanização, que revela como as mudanças nos quadros de uso do território nacional com o passar do tempo também implicam na forma como a população se apropria das suas frações. Milton Santos (2000b) alega que o território usado entendido enquanto totalidade, é capaz de revelar a estrutura global da sociedade, bem como a complexidade do seu uso, ou seja, os processos mais gerais atinentes ao sistema hegemônico e uso proveniente de seus atores, mas também as apropriações e adaptações singulares do território pelos hegemônizados, como será possível observar a partir do referencial empírico aqui abordado.

Passear pela história do lugar escolhido para análise representa um desafio e significa trabalhar com versões de sua origem, o que nos faz pensar numa colcha de retalhos: uma gama de narrativas costuradas na tentativa de chegar a um ponto comum. Há muitas interpretações acerca das primeiras formas de ocupação desta área, mas os registros são datados do século XIX para frente. Durante o período colonial, o local passa a ser conformado como área de defesa da cidade, sendo utilizado para fins militares e navais devido às possibilidades de vigilância que a topografia da colina permitiu. De acordo com Masulli (2008), em diversas bibliografias esse assentamento aparece com esse objetivo.

O tema da presença missioneira também é recorrente (ALLENDE, 2011). De acordo com alguns relatos de moradores, integrantes da ordem religiosa “Los Jerónimos” seriam os primeiros ocupantes da colina, estabelecendo ali um forte. Sánchez (2014) reitera que apesar de não existir atualmente registros que comprovem o assentamento da congregação na zona da colina, há registro da existência de um agrupamento de fortes denominado “Del Dragón”, sendo um deles correspondente ao Forte San Jerónimo.

O historiador Jaime Grau reuniu uma série de anotações acerca da constituição desse lugar. Ao discorrer sobre a área onde se localiza o porto de Assunção, ilustra e descreve que “al lado izquierdo se visualizan dos elevaciones, siendo la primera el correspondiente a la loma de San Jerónimo y en su cúspide el muro del fuerte allí edificado” (GRAU, [s.d.], p. 5). Supõe-se que a localização referida seria a parte lateral da “escalinata” devido a reminiscências materiais que remetem a antiga estrutura do forte.

Já no Paraguai independente e no governo de Dr. Francia (século XIX), o perfil urbano de Assunção foi transformado. Entretanto, a colina foi deixada de fora do novo traçado devido a sua sinuosa morfologia e em virtude de sua localização geográfica favorável à visualização

do movimento da Baía de Assunção. Por ter sido excluída da quadriculação neste período significativo de transformação urbanística, a conformação originária da Loma foi mantida, o que permitiu a manutenção da configuração morfológica. Nesse sentido, o bairro abriga resquícios da gênese de Assunção e demonstra como a população se apropriou do território espontaneamente, mas respeitando as suas características de colina (MASULLI, 2008).

Sob o governo de Don Carlos Antonio López e de seus propósitos de desenvolvimento já abordados no capítulo anterior, o país passa por um intenso processo de transição. Inicia-se na capital a criação de uma frota de navios mercantes, construção e instalação de áreas portuárias e também da ferrovia. Estas instalações, bem como o desenvolvimento do chamado Mercado “Guasú”, tradicional em Assunção, demarcaram um momento de dinamização da cidade (RUBIANI, 1998). Conforme Rubiani (1998) foram estabelecidas dez instalações portuárias ao longo do rio, uma delas próxima à Loma, denominada “Puerto de San Gerónimo”.

Com a intensa atividade nessas áreas citadas, chegam trabalhadores de todo o território nacional, em especial do interior. Eram pedreiros, ferreiros, carpinteiros, mecânicos, construtores de embarcações, trabalhadores e trabalhadoras do mercado, criadores de animais, dentre outros que, devido à distância e a falta de caminhos estruturados, começaram a se instalar em Assunção. Passam também a ocupar vigorosamente o território da Loma San Jerónimo, construindo pequenas casas de madeira e trazendo sua bagagem cultural. É nesse contexto que se assentam muitos criadores de porcos na zona baixa da colina (GRAU, [s.d.]; OCAMPO, 2011a; SÁNCHEZ, 2014).

Nesse mesmo período histórico, muitos europeus chegaram à Assunção, em especial técnicos em arquitetura e engenharia, e dentre esses imigrantes, estavam italianos. Acredita-se consensualmente que o dono de um estaleiro localizado nas proximidades do bairro, de origem italiana e devoto ao santo italiano San Jerónimo, sempre realizava em trinta de setembro um festejo patronal com as crianças e com as pessoas que viviam na colina (ALLENDE, 2011). Esse mesmo senhor possuía uma pequena imagem do santo e decidiu fazer um oratório simples de madeira para abrigá-la. Assim, os habitantes passaram a renovar essas atividades religiosas atribuindo a este lugar o papel de referente e símbolo do bairro. Uma moradora do bairro, relata a história com as seguintes palavras:

Durante el gobierno de don Carlos, vinieron europeos (...), vinieron muchos italianos, y ellos eran muy fervorosos y creyentes católicos y veneraban a lo santo (...). Un italiano que trabajaba, era artillero, que estaba acá muy pegado en nuestro barrio, este italiano a cada 30 de septiembre hacia un festejo por el santo patrono San Jerónimo. Ofrecía chocolate a los chicos una (inint.), esto durante el gobierno

*de don Carlos (...), después cada ano la gente iba renovando su actividad en lo oratorio.*⁶⁶

Até o governo de Francisco Solano Lopez não se tem registros de mudanças de sua estrutura e de sua arquitetura. Entretanto, tem-se o aumento de sua população e o início de sua consolidação enquanto vizinhança. O negócio local se vivifica a partir de carpintarias e serrarias e as mulheres passaram a se dedicar ao ofício de lavadeiras, oferecendo seus serviços aos militares e embarcadores que chegavam ao porto. Esse era um trabalho muito comum nesse período e oferecido também a muitas famílias ricas de Assunção. As mulheres costumavam levar trouxas de roupa em suas cabeças para os arroios da cidade ou qualquer curso de água limpa, sempre iam em duplas ou mais para estender as roupas nas beiras da água e também para conversar (YUBI, 2010), como bem confirma a **Figura 23**.

Figura 23: Lavadeiras do século XIX nas águas do rio Paraguai



Fonte: Manuel San Martin (1890) in Yubi (2010)

É após a Guerra da Tríplice Aliança e, possivelmente, devido ao processo de reconstrução da cidade de Assunção, que a Loma San Jerónimo passa a organizar-se como um bairro. Inicia-se, em Assunção, uma nova onda de imigração, principalmente de italianos. É nesse âmbito que a Loma San Jerónimo será ocupada também por esses imigrantes para exercer as funções de estaleiros e artesãos.

⁶⁶ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de fevereiro de 2018.

Essa zona passa a ser reconhecida pelo município e se inicia a legalização dos terrenos tanto residenciais quanto para finalidades laborais. O senhor J.V.L.⁶⁷, que preferiu resguardar sua identidade, apresentou documentos datados de 1905 retratando esse processo. Seu avô, por meio dessa documentação, obteve a liberação para a instalação de uma *calera*⁶⁸ aos pés da colina e a responsabilidade por essa porção do território. Algumas construções começavam a utilizar materiais mais resistentes e a se modernizar, seguindo alguns estilos arquitetônicos como a maioria das moradias da cidade (SÁNCHEZ, 2014). Entretanto, continua abrigando população humilde e trabalhadora durante todo o período.

Muitos relatos pessoais acerca da história do bairro relembram que a maioria das casas permaneceram durante anos com o mesmo aspecto: pequenas casas de madeira que acomodavam toda uma família. As moradias alcançavam o arroio Jaen em extensão, não havia luz elétrica e nem mesmo água. Foram décadas mantendo o mesmo estilo de vida determinado em especial pelas atividades ligadas ao rio Paraguai. Allende (2011) traz essa memória espacial e afetiva em seu relato: “Queda en el recuerdo aquel paisaje maravilloso de las lavanderas, de los pescadores que llegaban al río para lavar las ropas o echar las redes para pescar en el río Paraguay” (ALLENDE, 2011, p. 53).

O relato de C.T. também nos ajuda a construir a imagem mental da paisagem do que foi San Jerónimo em um passado não tão distante, quando muitas das famílias não possuíam recursos para fazer fotografias:

El barrio por ejemplo no es o que es ahora. Esto barrio era todo de casas de tabla, pegadas, siempre caracterizada por sus pasillos, angostos, acá no había salida, solamente los pasillos, no entraban vehículos, no había agua, no había luz (entonação), teníamos que ir allá de la casa rosada cerca de la plaza para tener el agua. Lavar la ropa en el río, todos bañábamos en el río.⁶⁹

A senhora R., uma das moradoras antigas, nascida e criada no bairro, gentilmente se prontificou em mostrar o seu álbum de família. Entre recordações de uma vida festiva, da participação nos carnavais de San Jerónimo e de diversão na chamada “praia carrasco” – lugar em que as famílias aproveitavam o rio Paraguai nas cercanias do bairro –, ela encontra uma fotografia de aproximadamente 1940 de seus pais (**Figura 24**). Eles estão exatamente do lado oposto de sua casa atual, na rua Cap. Remigio Cabral. Mostra como nesses tempos o bairro ainda não havia passado por intensas modificações em termos de urbanização e não possuía

⁶⁷ Entrevista com o Sr. J.V.L., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 19 de setembro de 2018.

⁶⁸ Jazida de cal.

⁶⁹ Entrevista com a Sra. C.T., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 19 de fevereiro de 2018.

muitas edificações. O terreno acidentado e os desníveis ainda muito evidentes caracterizavam o lugar. O lote onde hoje se encontra sua casa é também considerado “Kure Cuá”, o mesmo lugar onde se assentaram seus avós. Eles vieram de Cacupé, uma cidade do interior do Paraguai localizado no departamento de Cordillera e ali mesmo criavam seus animais, chegando a família a possuir cerca de 40 porcos, o que revela uma permanência histórica dos ofícios dos moradores da colina⁷⁰. Este relato demonstra a importância da lembrança dos entrevistados para a reelaboração do passado, entendendo o indivíduo como sujeito social participante da produção geográfica e histórica dos lugares, como instiga Suzuki (2011).

Figura 24: Moradores de San Jerónimo na década de 1940



Fonte: Arquivo pessoal da Srª R.

A professora Allende (2011) relata que na década de 40, o bairro vivenciou um intenso movimento gerado pelo encontro de poetas, músicos e artistas, constituindo-se como um setor boêmio. Entretanto, esse tempo de “esplendor” se encerra a partir da revolução de 1947. A luta armada que criou bases para a futura ditadura de Alfredo Stroessner culminou em mudanças significativas à demografia de San Jerónimo, pois muitas pessoas se foram e não mais retornaram à vizinhança e poucos habitantes seguiram sua rotina. Segundo seu relato, em seguida muitas famílias provenientes do interior do país novamente passam a se abrigar nesse lugar em busca de nova vida.

⁷⁰ Entrevista com a Sra. R.R.O., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 22 de setembro de 2018.

Após 1950, assim como a maioria das cidades latinoamericanas, Assunção passa a transformar-se e modernizar-se seguindo um padrão imposto de urbanização, especialmente durante o governo e ditadura do presidente Alfredo Stroessner, como avaliado em capítulo anterior. Entrevistas realizadas durante os campos a Assunção, apontam para o governo desse presidente como o mais significativo em termos de transformações urbanas, pois modificou a paisagem que demarcou a história do bairro até este momento.

Foi durante esse governo que se iniciou o loteamento e venda de terras municipais e prestação de serviços básicos como o de abastecimento de água. As ruas foram alargadas para que se tornassem veiculares – como a rua Estrella, por exemplo –, pequenas escadas de pedra foram substituídas por escadas de concreto (ALLENDE, 2011). Além disso, diante da demanda de atividades portuárias e a necessidade de consolidar avenidas como a dupla Av. Stella Maris, parte da população que ocupava a zona baixa da colina foi forçosamente removida e destinada a outras vizinhanças da capital, culminando em perda de terras e principalmente de parte do componente social de San Jerónimo que não mais foi recuperado. Uma moradora relata esse período:

Durante el gobierno de Stroessner, hubo un desalojo mas o menos de doscientas familias de lo que se reconocía como la zona de Kure Cuá. Era un grupo bastante grande de pobladores que correspondían a San Jerónimo que casi llegaba hasta la orilla del rio Paraguay. (...)¿Qué pasó? Cuanto más Asunción era comercialmente muy demandada, el usufructo del puerto, el puerto tuvo que extender su dominio para embarque y desembarque de los contenedores. Entonces tuvieron que usar ese espacio para construir el área de los contenedores del puerto. Y hoy en ese lugar están construyendo cinco edificios para la oficina administrativa del país, cinco ministerios, pero alzan la cota al 61 para que se hagan esa edificación⁷¹.

Os impactos das estratégias políticas e econômicas tomadas durante a ditadura foram sentidos com intensidade nas décadas seguintes. O bairro San Jerónimo não ficou imune ao cenário que atingiu o centro capitalino, sendo considerado um bairro vulnerável e periférico marcado pela pobreza, desemprego e poluição, problemática intensificada pela extensão do bairro e pela ocupação da zona baixa da colina por famílias de origem campesina entre os anos 2002 e 2005.

Abre-se o novo século e se iniciam, tanto no âmbito universitário quanto político, estudos acerca do lugar e das possibilidades de desenvolvimento a partir do reconhecimento patrimonial e da revitalização do bairro. Inaugura-se assim um novo momento na história e na geografia da Loma San Jerónimo, a ser introduzido em seguida, no qual o bairro “pareciera despertar de su letargo para plantearse una vida diferente” (ALLENDE, 2011, p. 53).

⁷¹ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de fevereiro de 2018.

2.1.3. “O Despertar da sentinela?”: o bairro San Jerónimo hoje

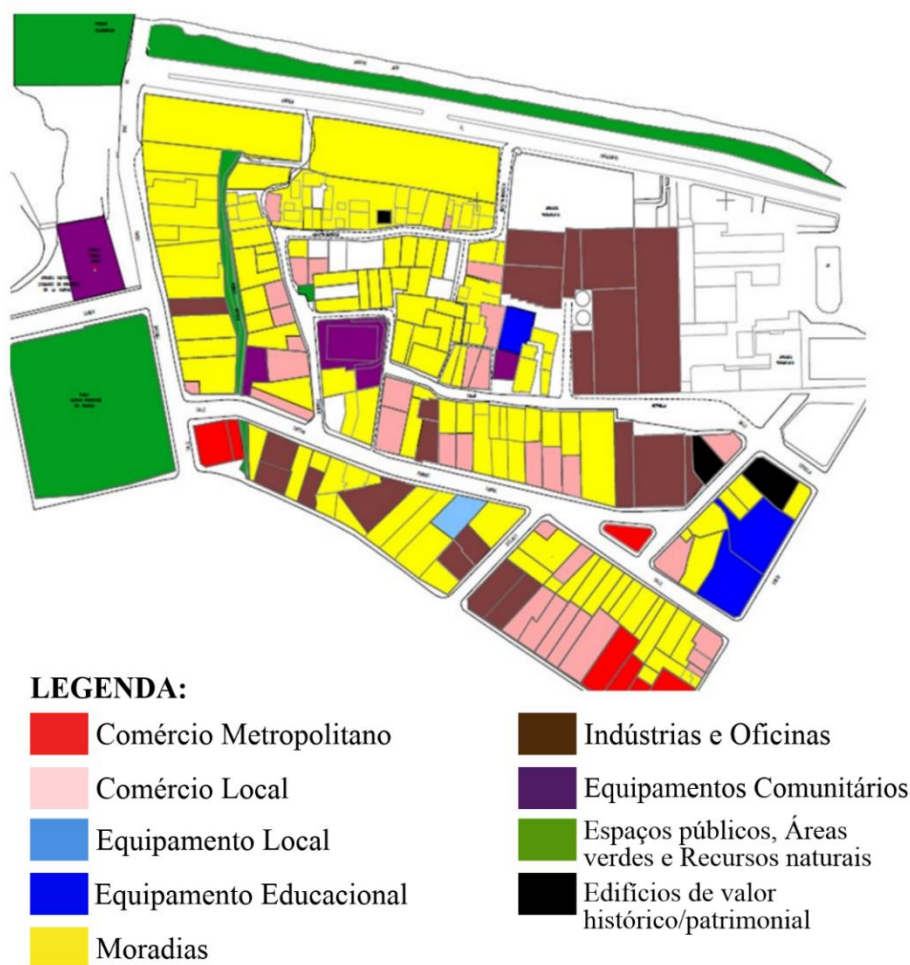
No prólogo do livro “Historia de mi barrio San Jerónimo”, o arquiteto Anibal Ocampo, ao abordar o isolamento da Loma San Jerónimo e a permanência de seus aspectos urbanos e modos de vida defronte as metamorfoses da cidade de Assunção, compara o bairro a uma sentinela que “desde el inicio de su historia vigila y observa callado el cambiante trajín del centro de la ciudad” (OCAMPO, 2011b, p. 5). Entretanto, essa porção do território não ficaria à parte das modernizações da capital, sendo compelida a acompanhar os tempos rápidos impostos ao seu ritmo lento e a seguir o percurso desenhado por agentes hegemônicos (SANTOS, 2000a). Esse novo cenário nos propõe uma análise dos aspectos atuais do bairro e do seu “acordar” para novas possibilidades postas, pautadas nas promessas de progresso que delas decorreram.

Considerado um dos bairros mais antigos de Assunção, Loma San Jerónimo atualmente tem seu conjunto urbanístico catalogado como Patrimônio Histórico, Urbanístico e Cultural pela Municipalidade de Assunção, segundo Ordenança N° 28/96, e como Bem Patrimonial Protegido por seu Valor Histórico segundo Ordenança N° 151/96 pelo Ministério de Educação e Cultura por conservar a sua configuração urbana originária de oito quadras irregulares, com ruas, passagens estreitas e escadas que se mantiveram até hoje. Ademais, após trabalho de resgate e valorização de sua história e de suas tradições pelo viés do desenvolvimento turístico, foi declarado o primeiro “Bairro Turístico da cidade de Assunção” pela Secretaria Nacional de Turismo – SENATUR e pela Municipalidade de Assunção por meio da Ordenança Municipal N° 5.167/13 (PROGRAMA RUM, 2016).

Em sua limitada porção territorial são abrigados aproximadamente 620 habitantes, dos quais 52% são homens e 48% são mulheres, distribuídos heterogeneamente por sua extensão e ocasionando uma densidade demográfica de 194 hab/km². Quanto aos aspectos laborais, hoje há uma maior diversidade de atividades e de ofícios exercidos por sua população. Enquanto no passado, os homens concentravam sua força de trabalho em serviços relacionadas aos estaleiros, como a carpintaria, e as mulheres se dedicavam à lavanderia, à costura e à cozinha em suas próprias casas, no presente as profissões podem ser classificadas em: empregados de empresas públicas e privadas, negócios independentes, donas de casa, recicladores e trabalhadores temporários. A atividade turística não se configura como a primeira forma de ganho econômico, senão como um incremento na renda das famílias, sendo mais recorrente nos finais de semana e nos feriados (SÁNCHEZ, 2014; PROGRAMA RUM, 2016).

Conforme assinalado no **Mapa 7**, o predomínio do uso do solo é residencial, apesar de asilar pequenos comércios, alguns complementares ao turismo, como empreendimentos gastronômicos e pequenos mercados. Em seu entorno encontram-se importantes negócios metropolitanos, como a tradicional “Casa Rosada”⁷². O bairro não apresenta uma grande variedade de zonas verdes, prevalecendo a vegetação nas praças e parques ao seu redor.

Mapa 7: Uso do território de Loma San Jerónimo



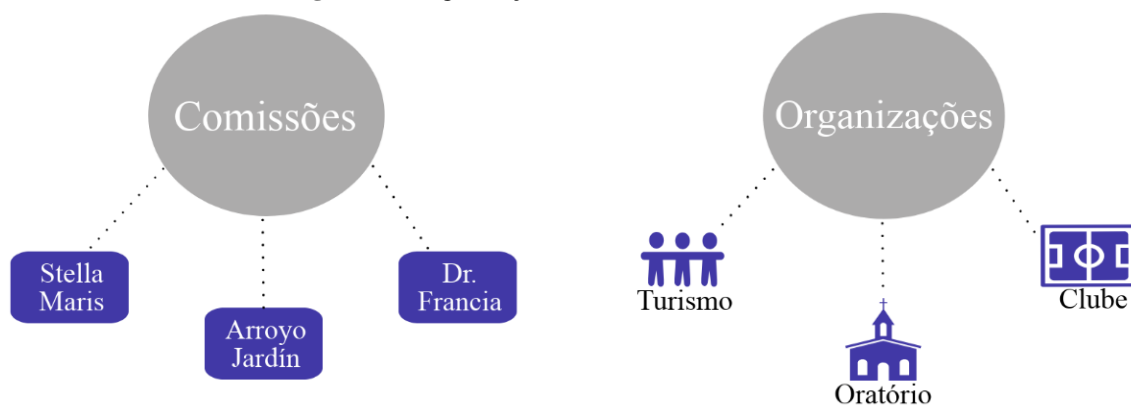
Fonte: Adaptação feita pela autora a partir de Sánchez (2014)

O bairro San Jerónimo também está organizado por três comissões vizinhais que são distribuídas geograficamente com o objetivo de melhor atendimento das demandas de cada setor do bairro: Stella Maris, Arroyo Jardín e Dr. Francia. Conta ainda com três organizações sociais que regem o seu cotidiano: o Oratório, o Clube San Jerónimo e comitê turístico aprovado

⁷² A casa rosada é um antigo empreendimento localizado nas proximidades do bairro. Instalado desde 1908 por causa do movimento portuário e para atender as demandas de seus trabalhadores (vendas de tintas, sabão e prestação de serviços de tinturaria), adiciona em 1917 a atividade de penhoraria, que persiste até os dias atuais.

pela SENATUR, encarregado pelas atividades turísticas elaboradas no local, todos esses elementos ilustrados no esquema a seguir.

Figura 25: Organização social do bairro San Jerónimo



Fonte: Elaboração da autora

O oratório e o Clube se perfazem como dois elementos centrais na trama social dos moradores, o que nos faz adentrar no campo do simbólico que permeia esses objetos, considerados referenciais da memória e da constituição territorial do lugar que os encerra. Esses dois lugares e as manifestações/relações comunitárias que impulsionam ou abrigam representam parte do patrimônio local que por muito tempo fora negligenciado pelo Estado. São alguns elementos valiosos para esta comunidade, que lhe confere o sentimento de pertencimento, que sugerem o uso e a apropriação do território pelos sujeitos que compartilham as vivências e o cotidiano nesse lugar e nos envereda a noção do *patrimônio-territorial*.

Além disto, a moradora Patrícia Sánchez (2014) alega que o fator humano, o relacionamento colaborativo entre vizinhos e o fato de seus moradores serem em sua maioria herdeiros de moradias passadas de geração em geração incutem na população o desejo de estender suas existências nesse lugar.

É nesse sentido que se intensifica a problemática de ocupação irregular no setor localizado entre a Avenida Stella Maris e Rua Augustín Barboza, somada pela ocupação campesina e pela falta de controle e interesse das instituições públicas. Há mais de dez anos, a população se apropria dessa porção do território, construindo pequenas casas amontoadas em um ambiente de insalubridade e instabilidade entre vizinhos, já que por ocupar terrenos fiscais não se encontram em condições legais semelhantes aos demais moradores.

Loma San Jerónimo se viu circunscrita em uma situação de degradação ambiental, particularmente dos seus arroios, e de pobreza gerada pela falta de empregos no bairro, quadro

que expõe uma situação de periferização e abandono no próprio centro da cidade em um contexto de fragmentação articulada do território urbano (COSTA, 2015), realidade apresentada na **Figura 26**.

Figura 26: Ocupação da zona baixa do bairro Loma San Jerónimo (2003)



Fonte: Beatriz Franco Paatz

A permissividade do Estado-mercado em relação a precarização do bairro impulsionou o surgimento do interesse das universidades acerca de suas problemáticas e a investigação de possibilidades de ação da comunidade acadêmica em benefício do setor. Mas também se relaciona com a ótica da revalorização programada dos centros envelhecidos e empobrecidos das cidades latinoamericanas, temática a ser assumida no próximo tópico.

Segundo Allende (2011), a partir dos anos 2000 se iniciam estudos acadêmicos acerca da Loma San Jerónimo que traziam novas perspectivas de desenvolvimento ao lugar, sobretudo a partir da revalorização turística do seu patrimônio arquitetônico e urbanístico, assim como de suas práticas socioculturais. O bairro passou a atrair também estudiosos do tema de “hermosamiento de la ciudad” (ALLENDE, 2011, p. 54), que se aproxima do que trataremos por revitalização. É neste momento que surge a proposta de Renovação Urbana para a Zona Portuária e Centro de Assunção.

O novo cenário compele à reflexão acerca de um despertar induzido da “sentinela” para inserir-se no movimento de *patrimonialização global* (COSTA, 2015a) ao qual a cidade capital se resignou. Essa temática, a ser assumida nas próximas páginas, nos dará condições de averiguar a o que resiste enquanto *patrimônio-territorial* no bairro ante as suas transformações mercantis e simbólicas.

2.2. Patrimonialização global e usos hegemônicos do território

Quando a palavra patrimônio é citada, logo nos vem à mente a ideia de herança, ou seja, todos os bens, materiais ou imateriais, transmitidos por aqueles que nos precederam, de maneira a serem preservados e legados às gerações futuras. Ao perpassar a esfera social e cultural, essa concepção originalmente localizada no âmbito da vida privada alarga-se e passa a representar os elementos legados a toda uma sociedade (FUNARI; PELEGRINI, 2009). Apesar dessa aparente unificação sociocultural que a noção de patrimônio nos traz, faz-se necessário pensar nas contradições sociais que expressa o patrimônio cultural e levantar o questionamento “herança de quem e para quem?”.

Componente importante na forja das identidades nacionais e do Estado-nação na América Latina, pautado na homogeneização das diferenças a partir da seleção de bens e práticas que nos identifica enquanto povo, “o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos” (CANCLINI, 2008, p. 160). Isto porque, as narrativas e o próprio discurso acerca do patrimônio cultural são elaborados e associados a partir de valores dominantes de civilização, progresso e cultura, reiterando moldes eurocêntricos basilares da colonialidade do poder e do saber.

É nesse sentido que o patrimônio cultural funciona para reproduzir diferenças entre grupos sociais, reforça o autor. A seletividade que orienta a escolha de bens patrimoniais é definida por intencionalidades marcadas pela colonialidade e dessa forma corroboram para a continuidade da subalternização e esquecimento de referências culturais das populações historicamente marginalizadas (CANCLINI, 2008; COSTA, 2016; HOLSTENSKY, 2018). Inclusive, essas coletividades continuam sendo excluídas e distanciadas das dinâmicas patrimoniais contemporâneas, em especial as que se estendem sobre o território urbano.

Choay (2006), em sua inquirição acerca da temática, realiza um percurso para expor as variações de sentido e também de tratamento que passou a noção de patrimônio. Apesar de relatar o trajeto pelo viés europeu, a obra nos impulsiona a refletir como a universalização de princípios impacta diretamente no nosso contexto latinoamericano.

De acordo com a autora (CHOAY, 2006, p. 207), “a mundialização de valores e das referências ocidentais contribuiu para a expansão ecumênica das práticas patrimoniais”. É a partir da década de 1960 que o culto ao patrimônio é quantitativamente transformado na França, de maneira a reforçar a política cultural do Estado e apressar sua implantação em outros países. Pode-se dizer que a sensibilização acerca do tema tomou maiores proporções a partir da

Convenção das Nações Unidas sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural pela Assembleia Geral da UNESCO, em 1972.

A partir da criação de uma noção mais restritiva de patrimônio e da consagração da “universalidade do sistema ocidental de pensamentos e de valores quanto a esse tema” (CHOAY, 2006, p. 207), fica estabelecido um conjunto obrigações referentes a proteção, valorização e disseminação do patrimônio em escala mundial. Este fator corrobora para a permanência de discursos salvacionistas e justifica a continuidade de intervenções externas nos países entendidos como “desprovidos”, razão que replica a colonialidade do poder na esfera da cultura e do patrimônio. Ademais, após consolidada a noção de Patrimônio Mundial, foi promovida também a inscrição dos bens culturais na Lista do Patrimônio Mundial que, para a autora, passa a se “transformar num índice de prestígio internacional e a se tornar objeto de disputa” (CHOAY, 2006, p. 208) que favorece a exploração turística. O patrimônio passa a ser reconfigurado e enquadrado nos termos impostos pela razão global.

Assim, o território e o seu ordenamento se constituem enquanto instrumento de exercício de diferenças de poder, pois cada empresa/agente/ator o utiliza em função de seus próprios interesses, desarticulando, distorcendo e quebrando uma solidariedade social antes presentes. No viés que aqui seguimos, o patrimônio urbano [sua valoração e universalização] “acompanha a dominação dos territórios de identidade por parte dos agentes públicos e privados hegemônicos”(COSTA, 2015a, p. 142) ao despertar interesses que estão para além da preservação de identidades e memórias. Logo, o patrimônio passa a ser incluído em estratégias e operações advindas do desenvolvimento da economia urbana e da mundialização da cultura ante a transnacionalização do território.

Essa passagem do valor de uso e simbólico para o um valor econômico, muitas vezes faz com que o patrimônio perca sua função memorial e se torne uma mercadoria, que na lógica do *city marketing*, favorece a inserção das cidades no mercado mundial. Desse modo, os monumentos e o patrimônio cultural não mais se localizam apenas no campo político-cultural, mas tornam-se “produtos culturais, fabricados, empacotado e distribuídos para serem consumidos” (CHOAY, 2006, p. 201). Para os fins dessa pesquisa, enquadra-se nessa racionalidade o que o que foi definido por Costa (2015a) como *patrimonialização global*, quando os territórios são objetos da financeirização capitalista e da corrida mundial pela inclusão de bens culturais na rede internacional de turismo. Assim, a *patrimonialização global* é definida como

brusco movimento universal de espetacularização e banalização pela cenarização progressiva dos lugares promovido pela dialética Estado-mercado sobre a base das

técnicas, da ciência e da informação; em síntese, é um processo de ressignificação dos lugares da cultura e da natureza em escala planetária (COSTA, 2015a, p. 35).

Essa ressignificação se dá, especialmente, mediante as intervenções urbanas operacionalizadas no período da globalização, ou seja, mecanismos modernos da *patrimonialização global*, particularmente nos centros históricos das cidades. O que podemos perceber é que a América latina continua um campo de possibilidades para os atores hegemônicos (LEMOS, 2018).

Para estes, o território usado

é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares (...). Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação de seu uso, com adição de uma mentalidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território (SANTOS, 2000b, p. 6).

Essas circunstâncias e o uso restritivo do território, o qual a *patrimonialização global*, seus agentes e seus artifícios produzem, contribuem com a fragmentação do território [tendo o Estado como grande articulador e mediador de intervenções externas]. Isso se dá a partir da centralização de ações aos lugares que abrigam patrimônios chancelados pela UNESCO e/ou representantes de estratos sociais dominantes, destinando a periferia a péssimas condições de vida, acirrando desigualdades socioespaciais e enaltecendo o patrimônio hegemônico face ao que determinados grupos valorizam enquanto patrimônio (COSTA, 2015a).

As intervenções territoriais urbanas são associadas a valores culturais e possuem capacidade de transformar substancialmente a morfologia das cidades, a partir de uma agenda urbana hegemônica. Além disso, refletem como o atual contexto de globalização econômica e de mundialização da cultura afeta a produção do espaço urbano, por meio da elaboração e disseminação de modelos e padrões legitimadores de novos projetos de cidade (SANCHEZ, 2001; SANCHEZ; MOURA, 2005; LEMOS, 2018).

O patrimônio edificado tem papel especial nessa racionalidade. Por intermédio da criação de um consenso de perda de qualidade de vida urbana, degradação, sujeira, informalidade e insegurança são promovidos, pelo poder público e iniciativa privada, investimentos nas áreas centrais e sua revalorização pautada no discurso de valorização patrimonial e em arquétipos internacionais (SANCHEZ, 2001; ALVES, 2008; COSTA, 2015a).

Orientadas pela relação entre materialidade e simbólico, estas estratégias evidenciam a passagem do administrativismo para o empreendedorismo urbano, que desponta em meados do século XX. Iniciadas na Europa e nos Estados Unidos, passam a ser replicadas mundialmente e alcançam também os países latinoamericanos (HARVEY, 2005; COSTA, 2012a; PAES,

2017). Todas com o objetivo de reincorporar zonas urbanas em situação de abandono, em especial os centros, à economia política das cidades (PAES, 2017).

É importante salientar que essa diferenciação de setores territoriais de cidades é essencial na lógica da expansão econômica. Ao passo que se desloca investimentos infraestruturais em áreas periféricas, possibilita-se o surgimento de uma renda diferencial da terra e cria-se oportunidades para novos investimentos nas áreas centrais, favorecendo o surgimento de estratégias para a recuperação de setores deteriorados (SANTOS, 1993; SMITH, 2007; ALVES, 2008). Essas intervenções surgem sob a égide da adequação do planejamento estratégico das empresas para as cidades, auferindo benefícios econômicos positivos.

As diferentes alternativas surgidas após a década de 60 para alcançar esse objetivo comum seriam: *renovação*, *reabilitação*, *revitalização*, *requalificação* e *refuncionalização*, as quais abordaremos sinteticamente, tendo em mente os seus distintos conteúdos e sentidos. Essa análise nos dará subsídios para o entendimento da realidade de Assunção e San Jerónimo no tópico em seguida.

O paradigma da renovação urbana perfaz-se como a fase inicial de intervenção nos centros urbanos em países da Europa e nos Estados Unidos, entre as décadas de 1950 e 1970. Relaciona-se a projetos de modernização do território abarcando mudanças formais, demandando, na maioria dos casos, a demolição dos edifícios⁷³. Segue os princípios da Carta de Atenas⁷⁴ e de modernistas, amplamente adotados pelos Estados Unidos, no qual demolir e construir são condições para renovar o espaço e dotá-lo de condições para atender as exigências de empresas e para atrair investimentos econômicos (COLVERO, 2010; PAES; SILVA, 2016).

A revitalização emerge como uma forma alternativa de ação urbana ao redor da década de 1960, visando a recuperação socioeconômica de setores em decadência da cidade incluindo a preservação do patrimônio histórico edificado (PAES; SILVA, 2016).

Ante a ampliação dos termos da Carta patrimonial de Atenas pela Carta de Veneza⁷⁵, particularmente no que diz respeito a espacialidade da proteção, ou seja, da passagem da

⁷³ No caso europeu foi decidido preservar ou reconstruir os remanescentes patrimoniais devastados pela Segunda Guerra Mundial (PAES; SILVA, 2016).

⁷⁴ A carta de Atenas é o primeiro documento de significância para a salvaguarda de monumentos. Entretanto, apresenta uma concepção restritiva e seletiva do patrimônio, ao se preocupar com o monumento isoladamente em detrimento do conjunto urbano. Segundo Costa (2012b, p. 13), “nega-se, na Carta, o valor da manutenção dos centros históricos, dos conjuntos urbanos. Esse documento propunha a preservação de edifícios isolados, construções significativas, memória do passado, ao passo que quarteirões e edificações diferentes dos objetivados seriam devastados e suas áreas transformar-se-iam em campos verdes”.

⁷⁵ A carta de Veneza aparece como um instrumento divisor de águas no tocante à preservação patrimonial, trazendo uma perspectiva de ampliação de resguardo do patrimônio no território urbano. Amplia-se a concepção monumentalista ao abarcar os conjuntos urbanos, dando ao patrimônio “dimensões temporal e espacial ao afirmar que o monumento é inseparável da história e do meio em que se situa” (COSTA, 2012b, p. 16).

proteção isolada de determinados monumentos para o cuidado com todo o seu conjunto, tem-se a reabilitação urbana, que acaba por reduzir as demolições e alargar a perspectiva de preservação (PAES; SILVA, 2016). Concebida na Europa, em meados da década de 1950, pode ser caracterizada, conforme define Colvero (2010) a partir de outros autores, como uma política direcionada às zonas consolidadas da cidade de modo a valorizar suas potencialidades socioeconômicas e funcionais.

A requalificação engloba os conceitos anteriores, mas não enfoca somente a recuperação do edificado, pois apresenta ações mais concretas para o desenvolvimento socioeconômico (COLVERO, 2010; COSTA, 2012a; PAES; SILVA, 2016). Assim, são pensados planos e projetos que objetivam recuperar a qualidade físico e social de ambientes construídos tendo em vista os processos de produção e reprodução social do espaço (COLVERO, 2010). Nas palavras de Costa (2012a, p. 90) é uma ação baseada na relação entre processos de produção social do território e sua realidade como lugar da vida e de memória.

Sobre a refuncionalização, Luchiari (2005) e Paes (2012) apontam para uma apropriação de bens culturais pelo viés mercadológico, servindo à ideologia do consumo e modificando o conteúdo das formas patrimoniais em especial pela atividade turística. Dessa forma, há uma adequação dos usos patrimoniais, que são baseados na realização dos desejos de visitantes e ao anseio de entrada de divisas da população em detrimento das “práticas culturais representativas do sentimento de pertencimento das culturas e populações locais” (PAES, 2012, p. 96).

Segundo Costa (2012a, 2015a) a requalificação, a renovação e a refuncionalização urbanas são os termos que melhor nos auxiliam na análise geográfica das transformações territoriais advindas do processo de recolonização dos centros em um contexto em que as cidades são inseridas em um mercado global.

É importante destacar que no contexto latinoamericano essas intervenções de cunho modernizante foram desastrosas, ocasionando na perda de grande parte dos edifícios históricos, à exceção de conjuntos patrimonializados ou ignorados pela modernização urbana e industrial. Foi somente após as décadas de 1970 e 1980 que o patrimônio histórico e arquitetônico passou a ser entendido como uma mercadoria lucrativa e a receber maior atenção no campo da preservação a partir de políticas mais amplas (PAES, 2017).

Apesar das diferenciações, essas estratégias são igualmente capazes de ocasionar drásticos efeitos, uma vez que o enobrecimento de locais selecionados pode favorecer a expulsão das camadas mais pobres [que acaba por se mudar para bairros situados nas periferias] e de atração da população com melhores condições financeiras, sendo este o seu lado perverso.

Alia-se o pensamento global à ideologia neoliberal, em que agências de cooperação e instituições multilaterais têm papel central na dissipação da ideia da cidade-mercadoria e das estratégias utilizadas para o favorecimento da venda das cidades no mercado internacional. Muitas vezes, essas operações são subsidiadas por governanças urbanas atreladas ao capital internacional, o que é determinante de um novo momento civilizador, apesar de não apresentar uma pátria fixa como quando advinha da península ibérica (SANCHEZ, 2001; LEMOS, 2018).

Costa (2012a) sustenta que as ações que rebatem o território urbano são setorizadas, seletivas e são encobertas pelo próprio Estado, sendo as políticas de intervenção respondentes a “uma inteligência global, representada por um Governo Global (o BID, o FMI e o BM), não nacional ou regional, um Governo que escolhe lugares, sendo cego. Isso parece um paradoxo, entretanto é cego para o seu redor, mas, lógico, preciso e determinado para seus interesses” (COSTA, 2012a, p. 89).

A perspectiva da *patrimonialização global*, movimento contemporâneo de universalização do patrimônio visando sua comercialização [o que acaba por banalizar e espetacularizar os elementos patrimoniais e memoriais], tem como seu principal vetor a Unesco, mediante a chancela e inclusão dos lugares na Lista do Patrimônio Mundial. Segundo Costa (2015a, p. 151), paralela e simultaneamente à busca da proteção, caminham os agentes potencializadores da *patrimonialização global*.

O mesmo autor em diálogo com Gabriel Videla define os *arquitetos do mundo* como os agentes da *patrimonialização global*, responsáveis pelo ordenamento do território em favor dos interesses hegemônicos do capital. Logo, “as instituições internacionais, especialmente agências multilaterais representam uma centralidade como agentes do mercado do Patrimônio Mundial” (COSTA, 2015a, p. 215). Isto posto, o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, os Estados Nacionais e o Banco Mundial – BM, configuram-se como favorecedores e otimizadores da lógica universalizante e fragmentadora da *patrimonialização global*.

O objetivo de estabelecer experiências urbanas em cânones replicáveis permite o pleno exercício dos chamados impulsos globais. Logo, as agências multilaterais estão diretamente relacionadas ao processo de ordenamento territorial, em diferentes escalas, a partir da difusão de suas ideologias camufladas de estratégias mundiais e presentificadas pelos planos e projetos de requalificação e renovação do território (COSTA, 2015a). Em resumo, os projetos e planos urbanos são pautados em esquemas pré-estabelecidos e na construção de uma imagem-síntese do que seria o ideal de cidade (SANCHEZ, 2001), além de ter nos *arquitetos do mundo* os seus principais agentes difusores.

Desse modo, modelos são legitimados tendo aporte importante nos fluxos comunicativos contemporâneos, em megaeventos internacionais e na entrega de prêmios e distinções por parte dos organismos internacionais às “experiências de sucesso”. Esse interesse em relação a promoção de projetos revela uma possibilidade de investimento e fonte de lucro, bem como evidencia a importância do *city marketing* como ferramenta das políticas urbanas (SANCHEZ, 2001; SANCHEZ; MOURA, 2005).

Amparados por Sanchez (2001), Alves (2008), Costa (2015a) e demais autores, podemos afirmar que há uma manipulação de imagens e representações de cidade fomentadas e dissipadas pelos *arquitetos do mundo*, de modo a tornar a cultura e o patrimônio fatores centrais nas estratégias de transformação dos espaços urbanos. Esses fatores culminam na objetivação de um urbano específico, na exclusão e subalternização de sujeitos, na restrição de usos do território e corroboram para a permanência da colonialidade do poder cristalizada no fato cidade.

Costa (2016) argumenta que território, lugar e suas singularidades são deturpados pela universalidade pretendida pela *patrimonialização global*. As imposições de universalismos que permeiam o patrimônio e que produzem desarticulação do território, usos pautados em interesses particularistas e negação dos sujeitos subalternizados “traz resquícios da colonialidade do poder e do saber, ao criar, no lugar, grupos que se impõem a outros, mal agregando comunidades heterogêneas para uma ordem espacial duradoura” (COSTA, 2016, p. 12).

É nesse sentido que o autor declara a necessidade de uma outra *patrimonialização global*, que enalteça o *patrimônio-territorial* por meio da valorização e reafirmação da existência e dos elementos socioculturais até então menosprezados e ignorados pela razão vigente. A Loma San Jerónimo, está inserida, dialeticamente, em um contexto de *patrimonialização global* e persistência do *patrimônio-territorial*. Por essa razão, pretende-se notabilizar as ações que impactam diretamente o bairro em questão, na cidade de Assunção para, em seguida, partir para o debate e apresentação do seu efetivo *patrimônio-territorial* e possibilidades de sua ativação popular.

2.3. Assunção e San Jerónimo sob a ótica da patrimonialização global

Sendo a *patrimonialização global* um processo orquestrado pela UNESCO e os *arquitetos do mundo*, com o aparato das técnicas, da ciência, da informação e do Estado-mercado (COSTA, 2015a), ou pelas agências de financiamento internacionais, serão elencados neste tópico os aspectos que evidenciam essa racionalidade hegemônica no contexto da cidade de Assunção. Ainda que não possua nenhum bem patrimonial inserido na Lista do Patrimônio Mundial, a cidade se embala na mundialização da economia e na competitividade territorial internacional, em especial tendo os centros antigos como pontos nodais dessas novas dinâmicas, de modo a incluir em seus planos estratégicos a valorização mercantil patrimonial.

Segundo Costa (2012a, p. 92), para se alcançar antigas mobilidades e circulação urbanas, forjam-se centros complexos que aglutinem as mais diversas esferas da vida social, no qual novos objetos são materializados no território e interferem na “dinâmica do lugar do acontecer dinâmico”. Nesse sentido, foi possível perceber [a partir de atividades de campo, entrevistas e materiais institucionais] que as intervenções na cidade de Assunção se aproximam dos conceitos de reabilitação-requalificação e de renovação urbanas – que incorporam a revitalização –, levando em consideração que ambas não se excluem, mas respondem “à nova onda de terciarização e estetização de cidades, provocada pela promoção de empreendimentos público-privados genéricos ou mais específicos” (COSTA, 2012a, p. 91).

Os projetos urbanísticos e as ações provenientes desse cenário incidem diretamente sobre o bairro San Jerónimo devido a sua inserção na zona de amortigamento⁷⁶ do CHA, via ordenança municipal nº 267/09. Ou seja, relaciona-se com sua proximidade ao Centro Histórico e a outra área estratégica da cidade – a Zona Portuária (ver **Mapa 5**).

San Jerónimo ao abrigar elementos patrimoniais importantes para a sua comunidade e modos de convivência dissonantes aos moldes impostos universalmente [durante muito tempo relegados pela gestão municipal], passa a ser influenciado pela mentalidade competitiva que se alastra por Assunção. Isto abre caminho para uma “dialética da memória”, que se expressa pelo abandono da essência e também da presença física das coisas, ao passo que intenciona resgatar e valorizar (COSTA, 2012a, 2015a), um verdadeiro paradoxo. É por isso que se pretende contextualizar os eventos e as intervenções na cidade – especialmente em seu centro tradicional – levando em consideração a totalidade urbana, que revelam o processo de composição da atual

⁷⁶ De acordo com a ordenança municipal apresentada, depreende-se que a zona de amortigamento são os setores adjacentes a área protegida do Centro Histórico de Assunção.

paisagem do bairro em pauta, como ensina Costa (2015a), em respeito às escalas que vão patrimônio declarado à totalidade da cidade e à “totalidade-mundo”.

A crescente urbanização da capital e o alargamento da sua Região Metropolitana motivaram o deslocamento de atividades econômicas e empresas mais importantes, bem como de zonas residenciais de classe média e alta, para áreas mais afastadas da cidade. Por outro lado, o centro tradicional foi perdendo a sua relevância. Esse aspecto pode ser visualizado pela perda demográfica que sofreu esse setor, uma vez que em 1992, a população do Centro antigo contava 20.000 habitantes, reduzindo-se a 5.000 habitantes em 2002. (PLAN CHA, [s.d.]).

Segundo Causarano (2013), essas transformações se dão a partir da década de 70, quando a ditadura de Stroessner passa a reprimir o uso do espaço público e inicia o projeto de modernização da cidade⁷⁷. Por conseguinte, na década de 1980, o centro antigo começa a experimentar a deterioração física e socioeconômica perante o quadro de conurbação metropolitana. Tal fator favoreceu a redução da sua função residencial, o aumento da informalidade, a perda do valor de mercado de seus edifícios e seus consequentes abandonos (CAUSARANO, 2013).

Em prol do ideal de modernização, muitos prédios de valor histórico e arquitetônico foram demolidos para dar lugar a estacionamentos e, a partir da década de 90, no contexto de abertura democrática, "las dinámicas sociales, culturales y económicas asuncenas fueron definidas por el mercado y la empresa privada: los centros comerciales y los conjuntos habitacionales cerrados connotaron las zonas de mayor inversión inmobiliaria y comercial" (CAUSARANO, 2013, p. 82). Assim, pela via contraditória do desenvolvimento urbano que é favorecedora da fragmentação articulada do território (COSTA, 2015a), a cidade de Assunção viu seu centro antigo se esvaziar e empobrecer e, como em muitas cidades da América Latina defronte do quadro de migração rural, as áreas centrais da cidade se consolidaram de maneira espontânea até serem convertidas em setores de baixa renda (PLAN CHA, [s.d.]).

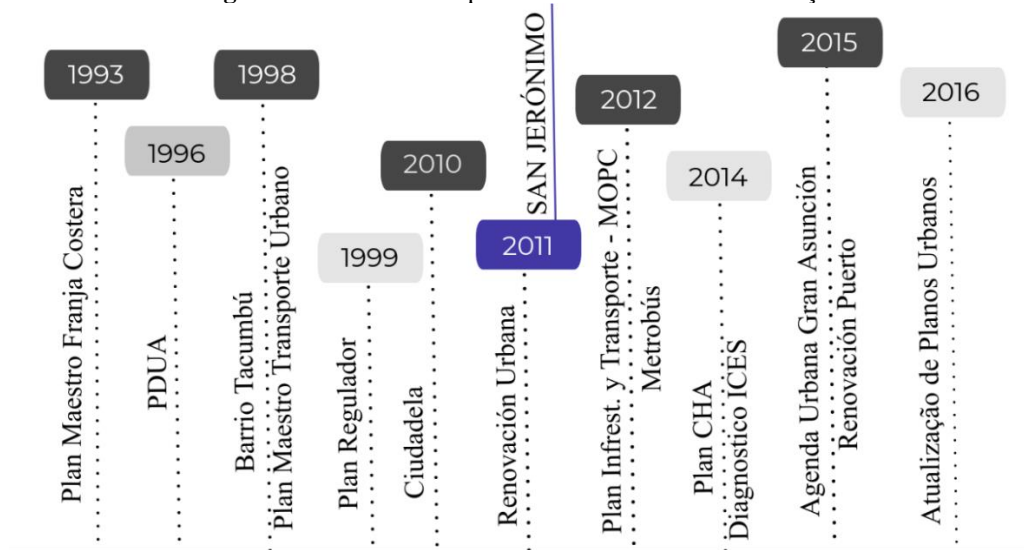
Assunção adota uma saída para esta situação correspondentemente ao que afirma Costa (2015a, p. 125), quanto à “busca por planos estratégicos de cidades, frente ao colapso das áreas centrais em situação de empobrecimento e esvaziamento, o que produz a *recolonização* dos centros em um mercado globalizado das cidades”.

Desde os anos finais da década de 90, a capital paraguaia tem sido transformada mediante projetos urbanísticos de cunho desenvolvimentista implementados pelo governo do

⁷⁷ Isto se deu por meio da entrada de capital proveniente da construção da hidrelétrica de Itaipú, como já abordado no capítulo passado.

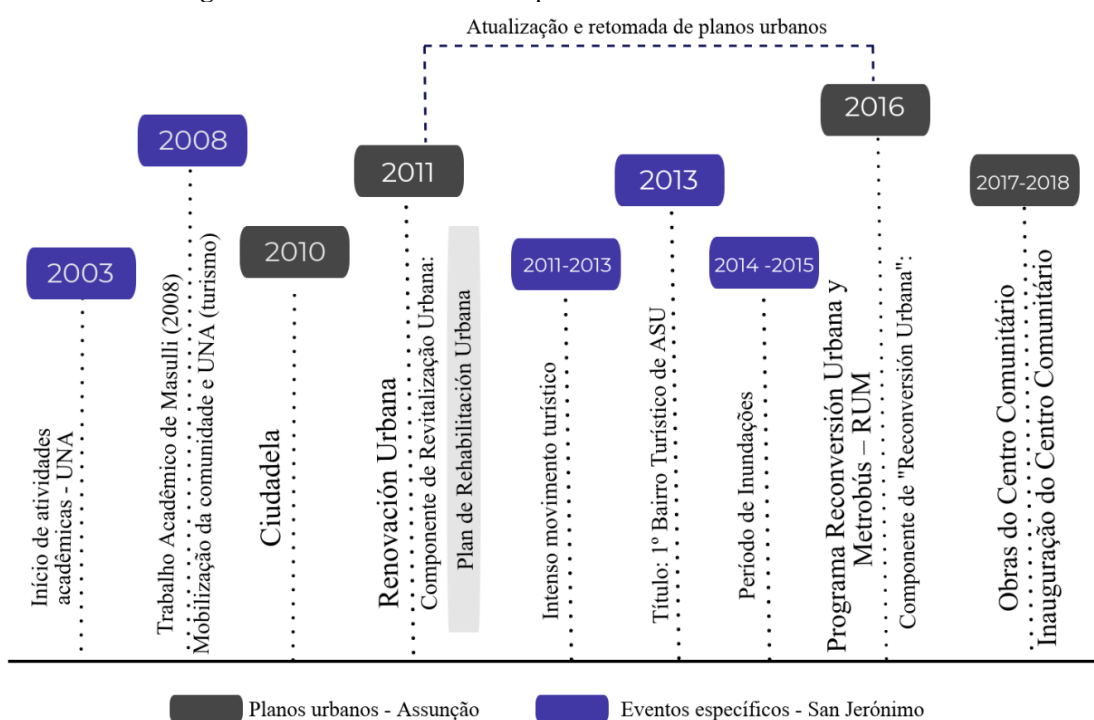
país. Conforme resume a **Figura 27**, alguns deles resultam de acordos de cooperação entre a municipalidade de Assunção e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Entretanto, nos ateremos aos planos urbanos que implicam incisivamente em transformações nas dinâmicas socioespaciais de San Jerónimo. Para melhor compreensão dos leitores, a **Figura 28** demonstra os eventos e a incidência dos planos urbanos no bairro, em síntese.

Figura 27: Linha do tempo de Planos Urbanos de Assunção



Fonte: Adaptação da autora a partir de Municipalidade de Assunção (2016)

Figura 28: Resumo de eventos e planos urbanísticos em San Jerónimo



■ Planos urbanos - Assunção ■ Eventos específicos - San Jerónimo

Fonte: Elaboração da autora

Assunção passa a ter seu centro antigo e seu patrimônio arquitetônico e urbanístico em evidência entre os anos 2009 – 2010. Isso se dá pela eleição da cidade como “Capital Americana da Cultura” pelo Bureau Internacional de Capitais Culturais no ano de 2009 e pelo evento do Bicentenário da Independência a ser realizado em 2011. Em decorrência deste, muitos projetos de “embelezamento” da cidade foram realizados, bem como a cultura e o patrimônio foram inseridos, de fato, na agenda urbana da cidade. O programa “Ciudadela Cultural de Asunción”, criado em 2010 pela Secretaria Nacional de Cultura em articulação com outras quinze instituições públicas e privadas⁷⁸, emerge neste contexto.

Notadamente, uma proposta de reabilitação associada à revitalização urbana, teve como objetivo recuperar e dinamizar culturalmente o centro histórico, por meio do turismo, da economia criativa e da inovação, no qual as tradições pudessem propiciar “cualidad de vida, cohesión social y competitividad” (SECRETARIA NACIONAL DE CULTURA/PY, 2010). Além disso, foi estruturado em torno de cinco eixos: cultura, urbanismo, governança, meio ambiente e promoção econômica e turismo. Dentre as ações que competiam à proposta, encontra-se o interesse pela consolidação do bairro San Jerónimo, que já teria iniciado um processo de valorização de suas tradições e cultura, conforme já comentado.

De acordo com Causarano (2013), sua intervenção de restauração de edifícios patrimoniais e emblemáticos, de construção de equipamentos públicos como parques costeiros e de revitalização em sentido mais amplo do CHA impulsionaram a mobilização cidadã, particularmente mediante os circuitos que englobam os bairros populares [como San Jerónimo] cujos guias eram os próprios moradores.

Nossa perspectiva é de que o programa funcionou como grande catalisador da valorização patrimonial em seu sentido comercial. Ele representa, claramente, como a cultura para o caso de Assunção, se tornou elemento fundamental nas estratégias de gestão das cidades: o tripé cidade, empresa, e práticas culturais transformam os centros históricos e/ou tradicionais das cidades (ALVES, 2008). Ademais, revela a importância do estabelecimento de parcerias público-privadas no viés da cidade competitiva e inserida num mercado de cidades, particularmente pela criação da Associação Ciudadela, em 2012. Esta entidade foi formada por atores públicos e privados com o intuito de conduzir e acompanhar todas as iniciativas dirigidas ao Centro Histórico de Assunção. É importante lembrar que, em conformidade com Vainer

⁷⁸ As seguintes instituições atuaram no âmbito do Programa Ciudadela Cultural: “Secretaría Nacional de Cultura”, “Municipalidad de Asunción”, “Ministerio de Hacienda”, “Secretaría del Ambiente”, “Secretaría de Emergencia Nacional”, “Administración Nacional de Navegación y Puertos”, “Dirección Nacional de Aduanas”, “Universidad Católica”, “Secretaría de Turismo” e “Ministerio de Obras Públicas y Comunicaciones”.

(2000), esse tipo de contrato é o que assegura que os interesses mercadológicos estarão inseridos de forma representativa e adequada nos processos de planejamento e de decisão e, em nosso entendimento, alavanca o processo de *patrimonialização global*.

Já em 2010, é aprovado o financiamento do BID para o projeto intitulado “Reconversión Centro, Modernización del Transporte Público Metropolitano y Oficinas de Gobierno” (PR-L1044), executado pelo Ministerio de Obras Públicas y Comunicaciones – MOPC, mediante operação de empréstimo que atingiria um investimento de USD 125,000,000 [cento e vinte e cinco milhões de dólares americanos] (IADB, [s.d.]). Com antecedentes datados em início dos anos 2000, a sua efetivação tem modificado o perfil urbano de Assunção e recaído diretamente sobre Loma San Jerónimo, por meio de obras de infraestrutura e instalação de novos equipamentos urbanos no perímetro do bairro. É um longo processo que intenciona a renovação urbana, apresentando planos que conciliam as intervenções de reabilitação-requalificação, mesmo que estas se aproximem muito mais da concepção economicista do desenvolvimento urbano.

Deve-se levar em consideração que a atuação das agências de fomento na América Latina relaciona-se com o entendimento da cidade como uma mercadoria e como um terreno fértil para investimentos. Assim, a lógica do financiamento que rege as agências multilaterais responde ao interesse de grandes transferências de valores das regiões mais pobres para os países centrais e, embora o seu discurso seja o de minimização da pobreza e de superação de crises pelo viés urbano, as suas ações pontuais corroboram com o uso excludente do território (VAINER, 2000; VIDELA; GASPAROTTO; NARDI, 2010; COSTA, 2015a).

Costa (2015a) em diálogo com Sanchez (2003) explica que a postura adotada pelo BID, um dos *arquitectos do mundo*, enquanto um organismo político é a de impor condições específicas que incluem também mudanças necessárias na gestão municipal como requisitos para o aporte financeiro para projetos de renovação e requalificação urbanas, uma vez que “as ações relativas à infraestrutura obedecem a um planejamento de investimentos, orientado pela análise das opções estratégicas de reordenamento e fragmentação articulada do território” (COSTA, 2015a, p. 162).

Esse aspecto pode ser lido no caso Paraguai pelo aprovação, no ano de 1999, do “Programa de Preinversión de Paraguay” (1143/OC-PR). O programa consistiu em um empréstimo de USD 5,000,000 [cinco milhões de dólares americanos] para o financiamento de estudos de viabilidade de projetos, bem como para auxiliar no processo de fortalecimento institucional para desenho e implementação de sistemas de gestão pública. No domínio de seu

“Subprograma de Preparação de Estudos” estava prevista a prestação de serviços de análise de viabilidade para o projeto intitulado “Asunción 2011 - Renovación Centro, Zona Puerto, Primer Corredor Metropolitano de Transporte Público y Oficinas de Gobierno”, uma primeira versão do projeto nº PR-L1044 em questão.

De acordo com dados encontrados nos documentos disponibilizados pela agência de fomento, tem-se que este projeto se origina no âmbito “de um contrato firmado com o BID nº 11771-ATN / SF-5536-PR, cujo relatório final atualizado foi entregue em agosto de 2005, através do apoio prestado por essa agência ao Governo Nacional no Programa de Modernização da Administração do Estado”(IADB, 2010a, p. 4 tradução nossa).

Após ajustes feitos em 2010, especialmente referentes ao tema dos transportes, o perfil do projeto revela seu propósito de recuperação do centro da cidade que fora desassistido, apoiando-se também na revitalização. Assim, tem-se que a sua finalidade é de

rehabilitación y mejoramiento de infraestructura urbana y de transporte, contribuyendo al aumento de la calidad de vida de la población del área de intervención. Los objetivos principales de esta operación son: i) la revitalización de la zona central de Asunción, (...) y ii) el establecimiento progresivo de un sistema de transporte integrado y eficiente para la movilización ordenada, rápida y masiva de la población (...).(IADB, [s.d.], p. 3)

Conforme abordado por Alves (2008) e Vainer (2000), a criação de um consenso e de uma consciência de crise, juntamente ao convencimento acerca da deterioração do centro antigo e dos objetos patrimoniais urbanos são tomados como elementos centrais na argumentação acerca da necessidade dos projetos aplicados às cidades. Não diferente foi o caso do projeto em pauta, que também se apropriou desses tópicos como justificativa de sua execução:

Todos estos factores contribuyeron, primero a la saturación del Centro y, luego, a su progresivo deterioro, así como el aumento de la precariedad, la percepción de inseguridad y la baja de los valores de la propiedad. Sin embargo, su importante significación histórica y su elevada potencialidad urbanística no han sido contempladas hasta el momento en ningún plan de recuperación y puesta en valor de manera integral, con un destino que le permita recuperar su peso dentro del conjunto urbano del área central de Asunción (IADB, [s.d.], p. 2).

Para o alcance de seus propósitos, o projeto foi originalmente dividido em dois componentes: (a) Revitalización urbana e (b) Primer Corredor Metropolitano de Transporte Público. O primeiro trazia muito claramente os seus objetivos e o interesse em Loma San Jerónimo (IADB, [s.d.], p. 3):

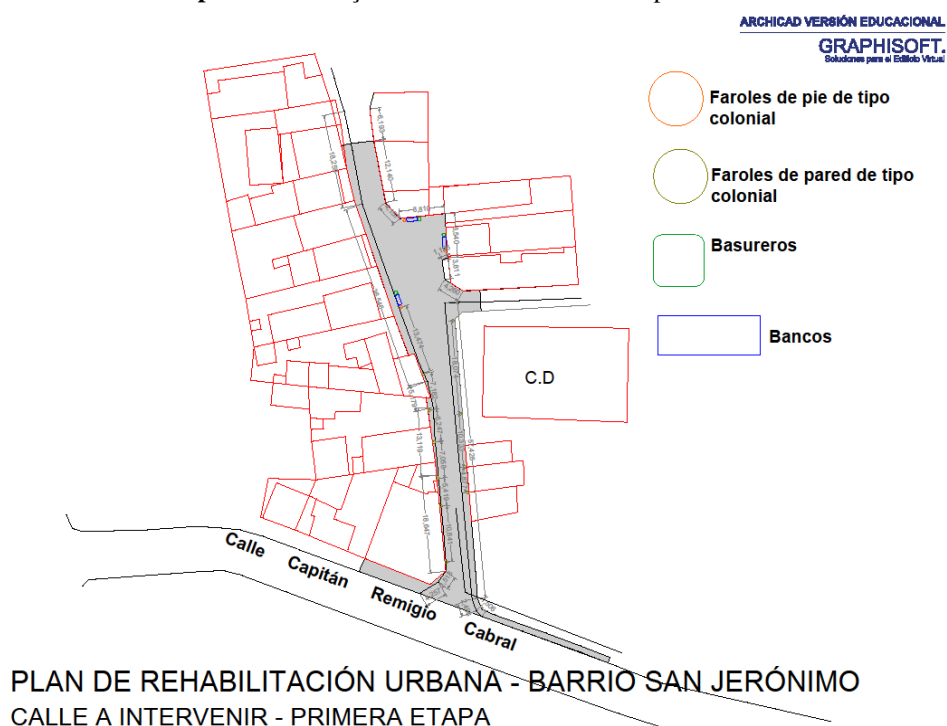
Este componente tiene como principal objetivo la revitalización y mejoramiento del espacio público de la zona central de Asunción, a fin de revertir el proceso de deterioro urbano actual, promover una revalorización inmobiliaria de la zona y generar un polo de desarrollo urbano para la ciudad. Se prevén recursos para financiar las siguientes actividades: **i) rehabilitación urbana y puesta en valor del barrio San Jerónimo (sector tradicional del área central)** (...).

O subcomponente de “Rehabilitación Urbana y Puesta en Valor del Barrio San Jerónimo” abarca una série de ações⁷⁹ financiadas pelo BID, sendo que algumas delas deveriam ser executadas e terminadas para a festividade do Bicentenário de independência, de modo a potencializar o turismo enquanto atividade chave no bairro.

Consoante entrevista concedida pelo então diretor de obras do MOPC, o Arquiteto. Gustavo Glavinich, ao jornal ABC, nesse primeiro momento de intervenções foram executadas as seguintes obras: pavimentação de parte da Av. Stella Maris e conclusão da intervenção que previa a recuperação do arroio Jaen. Ademais, já estavam iniciadas as obras em setor que afeta o domínio de Portos, que consistiu na primeira etapa de construção do Parque da Solidariedade (PERES, 2011). Foram realizadas obras de revitalização que se concentraram na rua Piravevé como a pintura das casas, instalação de lixeiras, de bancos e de pontos de iluminação, de modo a deixar o setor mais colorido e atrativo, conforme destaca o **Mapa 8**.

⁷⁹ O subcomponente incluía as seguintes ações: “i) Diseño ejecutivo del mejoramiento del barrio San Jerónimo; ii) Mejoramiento de la infraestructura urbana: regularización de 134 conexiones cloacales, pluviales y de agua potable; obras de recuperación y protección de los bordes de los arroyos Jaén y Jardín; 2500 metros cuadrados de acondicionamiento de la estructura vial vehicular y peatonal; y 1600 m. de electrificación y redes de telefonía fija, cables y transmisión de datos; iii) Equipamiento y mobiliario urbano: adquisición del terreno, diseño ejecutivo y construcción del **Centro Comunal** y el **Mirador**; instalación de mobiliario urbano incluyendo bancos, señalética, luminarias públicas, etc.; 3700 metros cuadrados de renovación de bordes y fachadas; y desarrollo e implementación de un proyecto piloto de reciclaje de residuos; iv) Plaza Ferial: creación de espacios intermedios y abiertos incluyendo equipamiento, mobiliario urbano, caminerías, servicios e instalaciones, para el desarrollo de una feria permanente que dará sostenibilidad a parte de la población de San Jerónimo; y creación y puesta en operación de la organización responsable de la gestión de la Plaza Ferial; v) Estudios y consultorías: Desarrollo del Marco Normativo Particularizado y del Plan para el fortalecimiento de la autogestión del Barrio San Jerónimo, puesta en marcha y seguimiento” (IADB, 2010a, p. 10).

Mapa 8: Intervenção da Rua Piravevé – 1ª etapa



Fonte: Paatz (2011)

Além das mudanças em seu espaço físico, o "Plan de Rehabilitación Urbana del Barrio San Jerónimo" tinha como objetivo o desenvolvimento de um Plano de Atividades Turístico-culturais, a ser implementado de maneira complementar. Observa-se que a atividade turística, mediante a apropriação comercial do patrimônio da comunidade, foi incluída na lista de propósitos das agendas urbanas de Assunção, com o objetivo maior de contribuir na dinamização do centro tradicional da cidade a partir da cultura e do simbólico, tendo a intenção de plena integração com o Programa Ciudadela Cultural de Assunção (OCAMPO, [s.d.]).

É possível depreender que esse plano se aproxima do entendimento de Costa (2012a, 2015a) e Paes (2016) acerca da requalificação urbana, uma vez que propõe o resgate do valor simbólico para os moradores e para o mercado. Entretanto, quando estas intervenções são descompromissadas com os significados atribuídos ao lugar pela comunidade, ocasionam na "dialética da memória", em que "a representação simbólica do lugar passa a ser atributo fundante da *patrimonialização global*" (COSTA, 2015a, p. 450).

Neste contexto, tem-se um acentuado processo de modificação do lugar e um quadro de ativação do patrimônio por atores externos. Estes envolvem a comunidade com o discurso de desenvolvimento econômico pelo viés do turismo, de modo a ressignificar suas práticas pelo viés mercadológico, de modo mais incisivo.

Por conseguinte, foram realizadas uma série de capacitações⁸⁰ viabilizadas pela UNA e em seguida pelo MOPC no âmbito do Plano de Reabilitação Urbana do bairro, de modo a criar condições para a efetivação do uso turístico desta fração do território. A Secretaria Nacional de Turismo também passa a dar apoio e a fortalecer ações nesse sentido, principalmente de divulgação, e já entre os anos 2011 e 2012 um ativo movimento turístico é gerado no bairro, resultando no título de “primeiro bairro turístico de Assunção” concedido pela SENATUR, no ano de 2013, como já declarado.

Sobre o tema do turismo, a encarregada do Departamento de Geração de Produtos Turísticos da SENATUR, Deisy Varela, explica em entrevista que Loma San Jerónimo apresentou um momento de “boom” e um momento de decadência. A decadência se deu devido às inundações ocorridas nos anos de 2014 e 2015⁸¹, afetando de forma mais intensa as famílias da zona baixa do bairro, fazendo com que a comunidade destinasse seus esforços a outras prioridades. Esse momento de declínio trouxe certo ressentimento à população, principalmente pela negligência da municipalidade de Assunção, também pela perda de movimentação turística e consequentemente de divisas. Em suas palavras:

*Y por supuesto Loma San Jerónimo, que es un lugar que hace poco levantó el interés también de vuelta de muchos turistas porque en su inicio, cuando empezó Loma San Jerónimo, si bien fue un boom, tuvo su momento de decadencia. Pero ese momento se debió a la subida del río, en donde la parte baja de Loma quedó inundada. Entonces había otras prioridades de la comunidad en ese momento (...). Entonces la actividad turística como que paró y mermó y quedó muy estacionado por un largo período de tiempo.*⁸²

Após período de hiato e de silêncio quanto ao aspecto turístico no bairro, no ano de 2016 foram retomadas as obras de melhoramento de San Jerónimo, ainda na esfera do Projeto PR-L1044 através do “Programa Reconversión Urbana, Modernización del Transporte Público Metropolitano y Oficinas de Gobierno”. Neste mesmo ano há uma atualização dos planos urbanos da cidade e o programa passa a ser tratado de forma reduzida e popularizada como “Programa Reconversión Urbana y Metrobús – RUM”, ainda a ser implementado pelo MOPC. Os vídeos institucionais e as explicações acerca da proposta evidenciam o seu caráter de renovação e modernização da cidade, de modo a torná-la mais eficiente economicamente.

⁸⁰ Foram realizados cursos de capacitação em turismo, empreendedorismo, gastronomia, artesanato com o intuito de analisar e desenvolver habilidades dos moradores e para que estes estivessem envolvidos na preparação para essa futura atividade a ser incorporada em seu cotidiano.

⁸¹ Na reportagem realizada pela rede ABC color é possível verificar a situação do bairro, especialmente de sua zona baixa e de população mais vulnerável quando da inundação ocorrida em 2015. <http://www.abc.com.py/tv/locales/inundacion-en-loma-san-jeronimo-1435691.html>

⁸² Entrevista com a Sra. Deisy Varela, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na sede da SENATUR, localizada em Assunção (PY), no dia 19 de fevereiro de 2018

Ainda mantendo o vago objetivo geral da proposta inicial lançada em 2010, tem-se a atualização de seus objetivos específicos de forma a incluir, de maneira mais robusta, a zona portuária pelo “Plan Maestro de Reconversión del Puerto de Asunción”. Como parte desta iniciativa, pretende-se a restauração do edifício principal do porto, a construção de edifícios governamentais e o terminal de “Metrobus”, no qual as obras de infraestrutura de Loma San Jerónimo têm papel central.

Em vista disso, o programa RUM apresenta cinco objetivos específicos, dos quais o primeiro é “revitalización de la zona portuaria de Asunción, a través del mejoramiento de la infraestructura urbana del Barrio San Jerónimo, de Asunción”⁸³. Para alcançar suas metas, o programa segue organizado em dois componentes: agora “Reconversión Urbana” e “Metrobús”, sendo ainda as operações do primeiro, o foco de nossa análise. Nesse componente, encontramos eixos de trabalho que impactam diretamente e indiretamente na dinâmica socioespacial do bairro.

A primeira etapa das obras, que previa o melhoramento vial e dotação de serviços básicos ao bairro, iniciaram-se em outubro de 2016 de forma direcionada a determinados setores, ampliando a área de atuação do projeto de reabilitação de 2011, mas ainda sem alcançar amplamente a zona baixa e o setor “Kure Cuá”. Uma série de intervenções foram realizadas como condições prévias para o início do processo de obras na zona portuária⁸⁴.

Observa-se, como aborda Vainer (2000) e Souza (2010), que esses projetos de cidade que incorporam a perspectiva da cidade-empresa e do planejamento estratégico “mercadófilo”, apesar de tomarem o exercício da cidadania e a melhoria da cidade para o cidadão como um dos seus pilares, baseiam-se na despolitização planejada e na negação da cidade enquanto espaço político. Nesse viés, abre-se a possibilidade de participação popular, mas nas palavras de Souza (2010, p. 144) esta é, ao frigir dos ovos, bastante limitada. Esse ponto pode ser nitidamente constatado quanto a construção do Mirador e do Centro Comunitário de San

⁸³ Os outros objetivos são: ii) La renovación y conformación de espacios abiertos de uso público; iii) La implementación de vías peatonales y senderos para bicicletas; iv) La restauración de edificios de valor histórico; v) El establecimiento progresivo de un sistema de transporte de pasajeros integrado y eficiente para la movilización ordenada, rápida y masiva de la población del Gran Asunción.

⁸⁴ Segundo informações encontradas em sítios institucionais e confirmadas pela arquiteta Rosa Ugarte, em entrevista realizada em campo em fevereiro de 2018, foram investidos o equivalente a aproximadamente USD 600.000 para instalação de redes de serviços básicos de drenagem pluvial e de esgoto, iluminação pública, água corrente e instalações elétricas. Além disso o bairro passou a ser o primeiro setor residencial a contar com sistema de fiação subterrânea. Foram retomadas também as obras de saneamento do Arroyo Jaén, que teve sua primeira fase realizada em 2011, e iniciada a primeira etapa das obras do Arroyo Jardín. No âmbito da construção de espaços abertos de uso público foram construídos o “parque Lineal Jaén” e o “parque de la Solidaridad”.

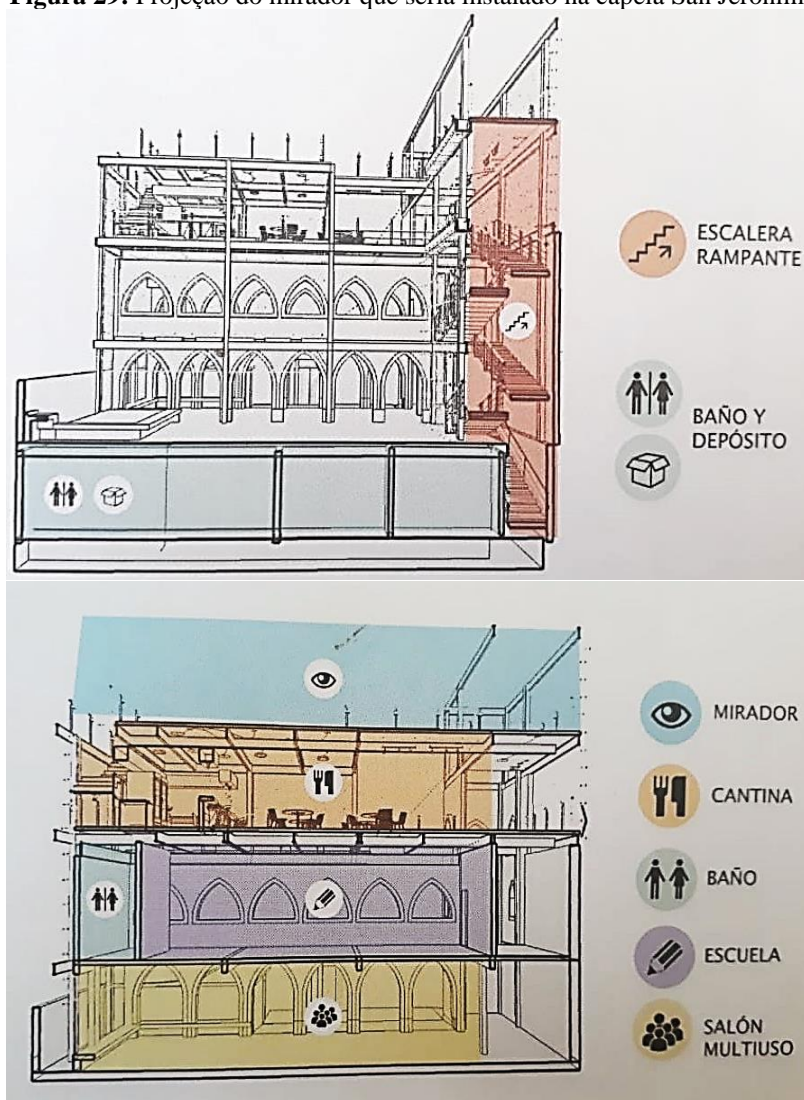
Jerónimo, dois objetos estratégicos para tornarem o bairro San Jerónimo um polo de desenvolvimento urbano para a cidade (PROGRAMA RUM, 2016).

Percebeu-se que houve a criação da narrativa de que a idealização de ambos elementos parte “de la inspiración conjunta de su propia comunidad” (PROGRAMA RUM, 2016, p. 39) e de um amplo processo participativo de seus moradores, quando na verdade seu advento remete às origens do projeto em questão, uma vez que em 2010 já estavam previstas a construção desses dois equipamentos urbanos (vide nota de rodapé 79, objetivo iii). Realizaram oficinas ditas participativas, mas a restrição da participação popular é evidente já que se concentrou apenas no desenho arquitetônico, de modo a incorporar alguns aspectos de seus desejos coletivos.

Entre os meses de janeiro e fevereiro de 2016 foram discutidos temas diversos como: insegurança, a questão das inundações, disposição de resíduos, cultura, dentre outros e também foram apresentados desenhos de projetos de “miradores” e centros comunitários em outros países e as possibilidades decorrentes dessas estruturas. Esse processo permitiu com que a comunidade fosse novamente cooptada mediante as ideias hegemônicas de desenvolvimento que se volta para o âmbito econômico e, turvamente, para o âmbito social, mascarando seus reais objetivos e a perspectiva excludente e fragmentadora do território que o encerra. Aliás, o convencimento acerca das obras se deu pela lógica das possibilidades econômicas que poderiam ser advindas dos edifícios e também pela valorização turística de seu patrimônio.

Para a instalação do mirante/centro de lazer no oratório, o MOPC defendeu a possibilidade de se propiciar uma vista panorâmica aos visitantes, devido ao ponto elevado da cidade em que está situada a pequena igreja, motivo que, segundo o órgão, fez nascer “la idea de los habitantes del barrio de abrir un espacio ya público y para el provecho del barrio y de la ciudad” (PROGRAMA RUM, 2016, p. 41). Tal obra daria conteúdo mercadológico a um dos elementos mais simbólicos do bairro [já que aglutina as atividades religiosas e corrobora para o nascimento e para a continuidade do sentimento de pertencimento que sentem seus habitantes], ao torná-lo um centro de visitas e compras (**Figura 29**). Esse aspecto nos faz pensar na perda de suas características autênticas e de sua áurea de elemento carregado de memórias em prol do projeto modernizante pretendido para o setor, bem como na espetacularização de suas festividades e práticas religiosas em prol dos ganhos advindos do turismo, permeando assim a “dialética da memória”.

Figura 29: Projeção do mirador que seria instalado na capela San Jerónimo



Fonte: Programa RUM/MOPC (2016)

Essa proposta não foi levada adiante e, segundo relato de moradores, o MOPC não deu devidos esclarecimentos, afirmando somente que as obras seriam suspensas por não trazer o retorno financeiro pretendido. Além disso, não foram encontradas explicações para a sua não execução, bem como não há mais informações nos sítios das instituições envolvidas. Outra questão importante levantada pelos moradores foi o fechamento da escolinha infantil, em funcionamento até a proposta de intervenção no oratório. Até hoje não foram retomadas suas atividades, o que implica em busca por outras escolas para as crianças do bairro.

A reabilitação-requalificação de San Jerónimo também indicou a construção do Centro comunitário inaugurado recentemente, em agosto de 2018. Situado sobre as Av. Stella Maris e Augustin Barboza, zona baixa de San Jerónimo, foi implantado em uma das entradas do bairro com o objetivo de torná-lo atrativo “para que la gente que pase por el sitio, quiera entrar al

barrio a vivir la experiencia de su cultura” (PROGRAMA RUM, 2016, p. 54). Contaria com uma área para práticas de esportes, salão multiuso, estacionamentos, área coberta para realização de feiras, auditório e terraço de onde é possível ter vistas ao rio Paraguai.

De acordo com o projeto e os memoriais de seu desenho, foi pensado de modo a dar continuidade ao valor de comunidade, funcionando como um centro de desenvolvimento comunitário para moradores de San Jerónimo, mas também para a população da cidade de Assunção. Nesse sentido, afirmam que o centro comunitário será como um ponto de encontro dos cidadãos que intensificará o turismo nesse bairro histórico (PROGRAMA RUM, 2016). Entretanto, moradores do bairro afirmaram que o seu uso é condicionado a aprovação da Municipalidade de Assunção e que não podem realizar suas atividades, mantendo-se de portas fechadas na maioria dos dias.

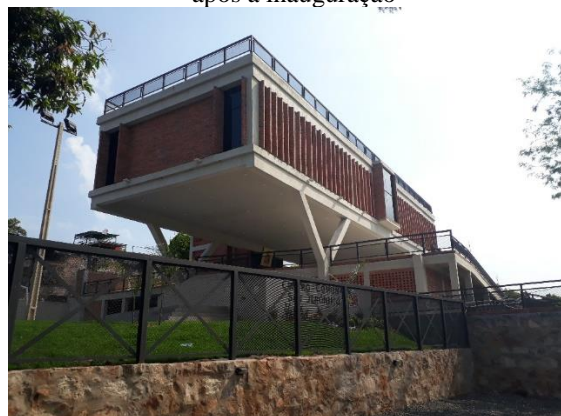
Percebeu-se em visita ao centro comunitário, no dia 24 de setembro de 2018, que as suas instalações seguiram os projetos e seu aspecto arquitetônico não corresponde a imagem do bairro San Jerónimo, destoando de sua paisagem, o que revelam as figuras a seguir. Entretanto, nota-se que apresenta um caráter moderno, afim de seguir a proposta de renovação urbana do Programa de Reconversão urbana, constituindo-se na verdade como um ponto de conexão com porto de Assunção a ser renovado.

Figura 30: Projeção do Centro Comunitário de San Jerónimo



Fonte: <http://www.metrobus.gov.py>

Figura 31: Centro Comunitário de San Jerónimo após a inauguração

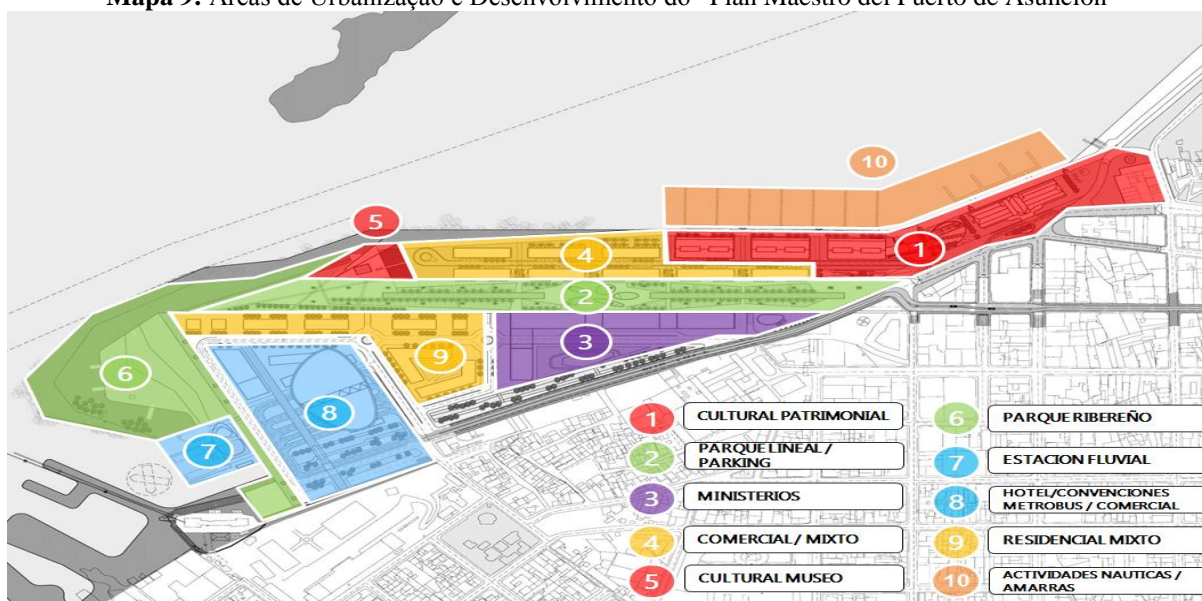


Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Em compatibilidade com as outras ações até aqui vistas, o “Plan maestro para la reconversión y ampliación de usos del área puerto de asunción” em trâmites desde 2015, teve as obras de sua primeira etapa iniciadas em 2017. Pretende-se por meio de sua renovação gerar um novo polo de desenvolvimento para a cidade de Assunção, criando novas atividades e facilitando novos investimentos públicos e privados na zona. A proposta para alcançar esse

objetivo organiza o porto em dez setores de diferentes usos (público, privado e misto), conforme apresenta o **Mapa 9**, sendo que no presente momento se executam as obras de revitalização do edifício patrimonial do porto, de habilitação de espaços públicos, de transposição de ministérios do governo⁸⁵ e a construção do terminal “metrobus”. Trabalhando com a ideia de cidade-porto, o “Distrito Puerto Asunción” deverá aglutinar funções e retomar o seu papel de centralidade urbana a partir de modelos aplicados por exemplo em Buenos Aires, com seu Porto Madero.(MOPC, 2016).

Mapa 9: Áreas de Urbanização e Desenvolvimento do “Plan Maestro del Puerto de Asunción”



Fonte: MOPC (2016)

As operações de renovação urbana de Assunção, ainda encontram na revitalização um importante instrumento de valoração dos setores específicos da cidade. De acordo com Souza (2010) as perspectivas “mercadófilas” negligenciam o planejamento de sentido minimamente público “pela enorme ênfase que passa a ser posta em projetos urbanísticos, sejam de embelezamento, “revitalização” ou de outro tipo – ênfase essa que é muito conveniente para o capital imobiliário” (SOUZA, 2010, p. 138). Transpondo o que afirma o autor para a realidade estudada, tem-se que a reativação imobiliária do setor é um dos objetivos principais da intervenção que pretende uma cidade moderna, com um eficiente sistema de transporte e melhor posicionada no mercado das cidades.

⁸⁵ Os prédios destinados aos órgãos públicos abrigarão os escritórios dos ministerios de “Obras Públicas y Comunicaciones” (MOPC), “Educación y Cultura” (MEC), “Relaciones Exteriores (MRE)”, “Trabajo, Empleo y Seguridad Social” (MTESS), “Subsecretaría de Estado de Tributación” (SET) del Ministerio de Hacienda y “Secretaría Nacional para la Vivienda y el Hábitat” (Senavitat).

Para Costa (2012a, 2015a) e Newbill (2016, 2019) a renovação nos centros urbanos instiga a especulação imobiliária que expulsa os habitantes incapazes de acompanhar a valorização do setor, tornando o território urbano palco de diferenciações promovidas pela lógica de valorização-desvalorização de distintas áreas da cidade. A **Figura 32**, reprodução gráfica da proposta para o setor do porto, deixa bem exposta a sua imponência e grandiosidade arquitetônica, representando o objetivo de modernização da cidade e trazendo a reflexão sobre para quem essa cidade está sendo pensada, se não para um público específico e consumidor do que de melhor a cidade terá a oferecer.

O “Plan maestro de reconversion del puerto de Asuncion” apresenta o bairro San Jerónimo como uma área de impacto indireta. Entretanto, o projeto de renovação futuramente poderá gerar impactos diretos ao bairro. Primeiro pelo processo de gentrificação⁸⁶ ocasionado pela valorização imobiliária [entendido não como um resultado, mas como uma estratégia assim como bem aponta Smith (2006, 2007)] e segundo pela pretendida remoção das famílias da zona baixa e “Kure cuá” para a realização do aumento da cota de inundação de todo o setor.

Figura 32: Projeto de modernização da zona portuária de Assunção e seus arredores



Fonte: (MOPC, 2016)

Desde a sua concepção, o projeto “Reconversión Centro, Modernización del Transporte Público Metropolitano y Oficinas de Gobierno” (PR-L1044) apresenta um caráter seletivo e excludente, de modo que a zona baixa do bairro, o setor “Kure Cuá”, ficou alheio aos melhoramentos que o bairro passou em função de sua revitalização e reabilitação-

⁸⁶ Um claro exemplo de intervenções e pressões globais que ocasionaram em gentrificação e mudança do componente social do lugar é o do bairro San Felipe – cidade do Panamá. Chancelado pela Unesco, o bairro comprova como as estratégias urbanas, ao centralizarem ações que visem a salvaguarda do patrimônio material, podem ocasionar na perda do patrimônio imaterial, mediante a modificação do seu tecido social e consequente perda de memória coletiva. Ver Newbill (2016, 2019).

requalificação. Na verdade, os moradores correm o risco de serem realocados, situação admitida pela arquiteta Rosa Ugarte em entrevista:

Las personas que viven en esta franja, son aproximadamente 50 familias, están en un terreno municipal, pero son pobladores antiguos digamos eso. Se hablamos de ubicación, de mejoras de las personas que habitan ahí, hay un trabajo institucional, porque estamos hablando de un territorio de cual ellos no son propietarios. Digamos, la municipalidad también está dispuesta a negociar en cierta forma con ellos, o su permanencia o su traslado a otro sitio. Igualmente el centro comunitario que se está construyendo está asentado en terreno municipal, toda esta franja es municipal, entonces necesita de un trabajo intermunicipal para una inversión social muy grande. Va a implicar otras instituciones de varios niveles fundamentales, en este caso el ministerio de obras públicas en caso que se tenga de dotar de morada esos pobladores.⁸⁷

Ao verificar o “Marco de Planes de Reasentamiento para Renovación Urbana del Barrio San Jerónimo y Relocalización de comercios informales en tramo de BRT” (IADB, 2010b) podemos constatar que a retirada dos moradores do “Kure Cuá”, de perfil “vulnerável devido ao perfil socioeconómico resultante”, palavras usadas no próprio relatório, está prevista desde a concepção do projeto, “tanto para la construcción de la plaza ferial, como para el ensanchamiento de pasillo de acceso, el saneamiento y resguardo del recorrido en ambas márgenes del arroyo jardín, con sus franjas de protección tratadas como parques lineales” (IADB, 2010b, p. 5).

São 44 famílias, em sua maioria migrantes ou descendentes de migrantes do interior do país, que apresentam igual sentimento de pertencimento, participam das festas e rituais do bairro, e veem San Jerónimo como o seu lugar no mundo, que não foram realocadas para atender às obras citadas, mas ainda em vias de serem transferidas a outros locais por programas de reassentamento involuntário.

A lógica mercadológica que rege a *patrimonialização global* reafirma a colonialidade do poder quando, conforme entende Vainer (2000), vê a vulnerabilidade socioeconômica como um problema paisagístico ou ambiental, que influi diretamente nas decisões dos agentes econômicos e também na atratividade da cidade. Não se importam com a grande perda de componente social dos lugares, quando a “mercadoria-cidade tem um público consumidor muito específico e qualificado” (VAINER, 2000, p. 82), que não são os mais pobres ou os migrantes atraídos pelas possibilidades de sobrevivência em setores valorizados, mas sim “um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis” (VAINER, 2000, p. 83).

⁸⁷ Entrevista com a Sra. Rosa Ugarte, concedida a Évellin Lima de Mesquita, no edifício do MOPC, localizado em Assunção (PY), no dia 19 de fevereiro de 2018.

Em síntese, a conjuntura apresentada afirma a lógica da *patrimonialização global* na cidade de Assunção, notadamente no bairro San Jerónimo. Esta racionalidade é permeada por relações de poder e formas de dominação (COSTA, 2012a, 2015a) que confirmam como os países da América Latina continuam a receber os impactos das modernizações e dos interesses de países hegemônicos, bem como dos grupos dominantes, favorecendo o uso do território enquanto recurso. As nossas cidades também continuam a serem transformadas em cenário dos diversos embates e interesses do capital internacional, tornando seus cidadãos reféns de uma imagem criada que apaga as diferenças em prol da dissimulação e estetização.

Apesar dessas várias intervenções espaciais marcadas pelo viés comercial e que sinalizam o continuísmo da colonialidade do poder, acredita-se em indícios da presença/permanência de elementos significantes do *patrimônio-territorial* em San Jerónimo. Nesse sentido, o tópico seguinte terá ênfase nesta proposta de Costa (2016, 2017), para que possamos nos aproximar do alcance do objetivo geral de “*Analisar o que resiste enquanto patrimônio-territorial em Loma San Jerónimo, no contexto das interações e intervenções espaciais oriundas da patrimonialização global em Assunção – Paraguai*”.

2.4. Patrimônio-territorial: proposta de outro olhar sobre o patrimônio de Assunção

Ao chegarmos a este ponto da dissertação, faz-se possível perceber com mais nitidez o percurso que optamos por seguir. Partimos da tentativa de entendimento dos processos histórico-geográficos mais amplos e gerais, no âmbito do continente latinoamericano, para então gradualmente abordarmos as particularidades que entremeiam nosso referencial empírico. O objeto de investigação, progressivamente construído [tendo seu aporte na geografia e na sua potência de apreensão da espacialidade], encontra no *patrimônio-territorial*⁸⁸ sua essência.

Para refleti-lo enquanto conceito e concebê-lo desde a realidade material, foi fundamental perpassar, no primeiro capítulo, alguns elementos de nossa formação espacial, e como as ideologias elaboradas no passado são materializadas no território e atualizadas nas dinâmicas da apropriação e do seu uso. É inconteste que há ainda uma série de constructos que definem o território e seu conteúdo simbólico e da vida no continente, mas não sem suscitar respostas antagônicas.

Assim, baseado nas particularidades das formações socioespaciais e da urbanização do continente latinoamericano, Costa (2016, 2017, 2018) propõe o conceito de *patrimônio-territorial* e vislumbra uma alternativa utópica de rompimento com a face dominante da *patrimonialização global*, que continua a esfacelar os territórios urbanos e rurais no continente.

Essa reflexão do autor se pauta numa outra ótica do patrimônio, visto que a concepção hegemônica é, em resumo, eurocentrada e negadora dos sujeitos historicamente subalternizados. Outrossim, esse olhar lançado sobre a temática instiga a atenção sobre esses sujeitos e a diferente apropriação que fazem do território em sua vida cotidiana.

É por esse viés, que nos permitimos correlacionar o *patrimônio-territorial* ao entendimento do território-usado de Milton Santos, pois leva em conta todos os atores do acontecer histórico-geográfico e nos convida a refletir as ligações processuais estabelecidas

⁸⁸ Enfrentando a ideologia que perpetua a distorção e diferenciação dos lugares, dos sujeitos e dos bens culturais e estimulando a resistência a partir da essência latinoamericana encontrada na infinidade de obras, nos fatos e nos próprios sujeitos históricos (COSTA, 2016), o Grupo de Estudos sobre Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe – GECIPA, coordenado pelo prof. Everaldo Costa, tem compartilhado e aprofundado essa perspectiva, teórica e empiricamente, na América Latina. Essa dimensão parte do projeto de pesquisa de Costa (2016, 2017, 2018), que fundamenta e estimula a discussão latinoamericana no grupo. Assim, os trabalhos orientados estão preocupados em difundir, evidenciar e valorar o *patrimônio-territorial* latinoamericano, a partir de diferentes referenciais empíricos e abordagens, e em fomentar o debate geográfico situado sobre a produção espacial no continente. O interesse comum do grupo é suscitar propostas, juntamente com as comunidades estudadas, em prol da transformação de suas realidades e da manutenção daquilo que acreditam ser o seu patrimônio (RÚBIO, 2015; FELIPPE, 2016; OLIVEIRA, 2016; LIMA, 2017; MALULY, 2017; HOLSTENSKY, 2018).

entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo, abarcando um todo complexo onde são estabelecidas relações de complementaridade e de conflito (SANTOS, 2000b).

Conforme temos debatido, todas essas relações estabelecidas entre os grupos e destes com o território conformam poderes, sendo que na América Latina elas são demarcadas pela colonialidade e esta não se encerra no campo econômico. Ela perpassa o saber, o sentir, o ouvir, o ser, o ver e o pensar, num longo percurso de negação e ocultação da diversidade de conhecimentos, crenças, vivências e simbologias.

De acordo com Castro-Gómez (2005), as relações de poder modernas apresentavam caráter dualista e excludente, sendo a modernidade “uma máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambigüidade e a contingência das formas de vida concretas” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 80). Lander (2005) concorda com essa perspectiva e acrescenta que a visão de mundo moderna dá superioridade aos processos vivenciados pelo Ocidente e aos “conhecimentos que essa sociedade produz (.ciência.) em relação a todos os outros conhecimentos” (LANDER, 2005, p. 13).

A ideia de superioridade e normalidade de um determinado padrão civilizatório aliada ao conhecimento eurocêntrico tem servido para legitimar explorações e controles no continente latinoamericano, a partir de diferentes recursos históricos (desde a evangelização até a globalização). Também corrobora para que “toda experiência ou expressão cultural que não corresponda a esse *dever ser*” (LANDER, 2005, p. 13) sejam ocultadas, negadas, subordinadas ou extirpadas.

Os silenciamentos dos sujeitos, das suas histórias e das suas manifestações que a colonialidade produz em suas diferentes formas de expressão e a imposição de condições socioespaciais de escassez, de modo algum, são cumpridos de forma indiscriminada [e ao mesmo tempo revelam resistências, o que denuncia o patrimônio-territorial]. Na verdade, são construídos minuciosamente ao longo da formação territorial latinoamericana, contribuindo para que práticas e manifestações culturais de grupos específicos se tornassem invisíveis ante a perspectiva hegemônica imposta (CASTRO-GÓMEZ, 2005; HOLSTENSKY, 2018).

Entretanto, toda relação de poder suscita resistências reveladoras do seu caráter dissimétrico (RAFFESTIN, 1993). Por isso, Costa (2016, 2017, 2018) pretende a denúncia, melhor visibilização e preservação de resistências culturais de base espacial, no contexto em que impera a modernidade/colonialidade manifesta pela lógica atual da *patrimonialização global*; o autor ainda fala da necessidade de uma *preservação sinérgica do patrimônio* e

conexões territoriais afetivas para uma outra práxis patrimonial na América Latina e Caribe. Assumir esse projeto que transgrida a ótica hegemônica, implica em voltar o olhar para os bens culturais relegados no âmbito da gestão patrimonial, especialmente para elementos que se referem aos grupos historicamente subalternizados – os grupos indígenas, os afrodescendentes, as mulheres e os pobres urbanos ou rurais.

Podemos afirmar que o *patrimônio-territorial* equivale aos símbolos representantes da história territorial latinoamericana em sua totalidade, ou seja, preocupa-se em identificar e dar notoriedade às expressões artísticas, à cultura, à religiosidade, aos saberes, aos fazeres, aos modos de vida, aos assentamentos urbanos e rurais dos grupos explorados e omitidos no processo colonizador e aos bens materiais e imateriais esquecidos ou destruídos pela lógica mercadológica e global do patrimônio, mas que retém significado em um contexto local.

Isto posto, sinaliza Costa (2016, p. 3) que

o patrimônio-territorial: i) anuncia as estratégias da conquista ibérica do continente latino-americano, em abertura para a modernidade, e a organização colonial do mundo; ii) indica que a América Latina “entra” na modernidade como sua “outra face”, dominada, explorada, encoberta, pois teria como ponto de partida fenômenos intra-europeus; iii) reforça o projeto transmoderno enquanto “co-realização do impossível para a modernidade; solidariedade de: centro-periferia, mulher-homem, diversas raças, diversas etnias, diversas classes, humanidade-Terra, Cultura Ocidental - Culturas do mundo periférico ex-colonial, por incorporação, partindo da Alteridade.

Desde a construção do imaginário do mundo moderno, a América Latina foi apartada do Ocidente sendo instituída como periferia, inferiorizada e dominada (MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2005). Como declara Costa (2016), o utopismo *patrimônio-territorial* quer reconectar a América Latina ao Ocidente, já que este é constituído não só pelos grupos hegemônicos enaltecidos e os seus fatos celebrados e contados em uma história oficial que se pretende unilateral, mas também pelos grupos silenciados, suas culturas e memórias suprimidas. Por isso, “identifica e ilumina a cultura barbarizada pela presente colonialidade, julgando os subalternizados latinoamericanos como necessários à escrita da nova história continental”, de modo a favorecer o “protagonismo a atores sociais antes vistos em segundo plano ou nem mesmo vistos como, indígenas, mulheres, pobres urbanos” e legitimar “a diversidade das memórias nacionais” (COSTA, 2016, p. 3, 9).

Canclini (2008) é bastante assertivo ao abordar criticamente a perspectiva patrimonial e elucidar o seu papel na diferenciação dos sujeitos, alegando que há desigual participação e manutenção dos diversos grupos sociais em relação ao patrimônio, mesmo que a sua ideia seja a de unificação nacional. Isto se evidencia pela quantidade de edifícios históricos e igrejas que

representam a história do “vencedor” na América Latina, quando a arquitetura popular vem se perdendo pela sua precariedade e pela negligência em sua conservação.

Nessa lógica, há uma hierarquia dos capitais culturais, mesmo nos países que conseguiram inserir de forma mais abrangente elementos representativos de grupos hegemônicos na dimensão da cultura nacional: “a arte vale mais que o artesanato, a medicina científica mais que a popular, a cultura escrita mais que a transmitida oralmente” (CANCLINI, 2008, p. 194). Nota-se que a cultura desprestigiada possui uma posição, mas esta é secundária ou às margens das instituições e dos mecanismos de salvaguarda delimitado por preceitos hegemônicos e pela colonialidade (CANCLINI, 2008; COSTA, 2016).

A intenção não é a de menosprezar e contestar a importância histórica do patrimônio mundial ou nacional, mas problematizar sua representatividade e o esquecimento de outros bens culturais e símbolos não institucionalizados em prol do enaltecimento das referências hegemônicas. Logo, a preservação mais abrangente do patrimônio é necessária e não demanda institucionalização transgovernamental (COSTA, 2016, 2017, 2018), uma vez que a América Latina não era um imenso vazio de sujeitos e significações. Ela não recebeu influência exclusivamente europeia [o que nos convida a pensar nas mais diversas etnias que contribuíram para o nosso processo de formação socioespacial] e logicamente os *sujeitos em situação espacial*, como trata o autor, valorizam distintivamente o patrimônio a depender de suas localizações, das experiências vividas no cotidiano e de suas relações com os lugares.

É por essa razão que Costa (2016, p. 9) instiga que a atenção esteja voltada também ao patrimônio que não conta com instrumentos de proteção ou está localizado para além dos centros tombados e nas periferias das cidades ou do campo latinoamericanos. De acordo com o autor, podem ser apreendidos e apropriados, dentre outros

com particular respeito à memória indígena, negra e da circulação continental: i) histórico sistematizado da origem dos assentamentos precários ou não [advindos do processo migratório rural-urbano no continente]; ii) modos de vida enraizados que revelem sociabilidades singulares, tipologias de moradias particulares, padrões alimentares locais ou regionais; iii) festas sagradas ou profanas representantes do grupo social e de seus ancestrais; iv) patrimônio edificado [e ruínas], nas periferias urbanas, não valorado pelos responsáveis da gestão territorial e órgãos de preservação nacionais, estaduais e municipais; v) imóveis rurais ou conjuntos [sedes de fazendas, capelas rurais, arraiais] representantes da história agropecuária do continente, do país, da região ou do lugar, dentre outros possíveis.

O *patrimônio-territorial* tem sua essência na valorização da existência subalternizada, sua co-realização junto à formação socioespacial latinoamericana e se realiza na produção de *territórios de exceção*. Abrigo das mais robustas manifestações do *patrimônio-territorial*, Costa (2017, p. 56) entende esses territórios (nas cidades e no campo) como resultantes espaciais [em

cada país latinoamericano] da dominação capitalista enquanto sistema internacional, “dadas as especificidades continentais da divisão social e espacial do trabalho”. Para o autor, o território de exceção é a síntese dialética das potencialidades e das fragilidades espaciais que perfazem o cotidiano das pessoas empobrecidas no continente.

Como abordado no capítulo 1, a articulação entre raça e trabalho, decorrente da depreciação promovida aos negros, indígenas e mestiços, prevaleceu até os dias atuais, mediante formas de trabalho e locais destinados aos pobres (QUIJANO, 2005; COSTA, 2017). Entretanto, sabendo que os vínculos identitários que são estabelecidos com o território estão intimamente relacionados com as experiências espaciais dos sujeitos, particularmente respondendo às demandas do trabalho, a experiência de escassez faz com que os sujeitos busquem outras vias de realização da vida no campo material e simbólico, numa luta diária contra os preconceitos advindos de localizações e estigmas provenientes de constructos raciais. (COSTA, 2017)

Zibechi (2015) e Quijano (1998) descrevem as mais diversas ações empreendidas pelos sujeitos periféricos a partir de uma economia popular e de valores negados pelo sistema. São cooperativas e organizações com fins laborais, de consumo básico, de resolução de problemas habitacionais e de atendimento a questões básicas, como educação e saúde (QUIJANO, 1998). Tem-se como exemplos: os refeitórios populares e autogeridos de Lima, Peru; os comitês de terras urbanas da Venezuela; as ações de gestão territorial e comunitária da água com base em modelos não estatais de setores indígenas na Bolívia; as hortas familiares no Uruguai dentre tantas outras experiências (ZIBECHI, 2015).

Já para Costa (2017), as possibilidades de visibilização e emancipação dos sujeitos também pode vir pelo reconhecimento e por uma agenda sistematizada de ações que visem a valorização do patrimônio enaltecido pelos sujeitos em sua vida comum, o que em capítulo seguinte será reconhecido como ativação popular do *patrimônio-territorial*, já que “la percepción popular de las injusticias, la actuación de las instituciones políticas y la realidad del desempleo imprimen urgencia de movilización por una praxis patrimonial alternativa de la vida grupal en las ciudades y el campo” (COSTA, 2018, p. 8).

Em síntese, os territórios de exceção, *locos do patrimônio-territorial*, têm sua essência vinculada à luta cotidiana e solidária ante estigmas advindos da estética espacial gerada preconceituosamente, diz o autor. Dessa forma sua conceituação tem a pretensão de diminuir os danos provenientes de preconceitos ao evocar as potencialidades vividas em um contexto marcado por problemáticas socioespaciais, fortalecendo “una dialéctica entre fragilidad y

fuerza espacial de los sujetos en los territorios de excepción como hechos” (COSTA, 2018, p. 2).

Enquanto a *patrimonialização global* participa e favorece essa dinâmica de competitividade e luta entre os lugares promovida pelo capital internacional, o *patrimônio-territorial* se aproxima do uso do território realizado pelo sujeito, a partir de sua vivência e estabelecimento de vínculos com o lugar em sua experiência diária, pois “os atores hegemonzados têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares” (SANTOS, 2000b, p. 6).

É nesse viés que se torna fundamental o entendimento do lugar para a apreensão do *patrimônio-territorial*; Costa (2017) e Santos (2006a) ensinam o lugar na qualidade de entre-dois [mundo e indivíduo], ao revelar as experiências e o uso do território realizado pelo sujeito a partir da dimensão espacial do cotidiano. É resultante do convívio dialético entre a razão global e a local, entre verticalidades e horizontalidades, entre solidariedades orgânicas e organizacionais, e do encontro entre razão e emoção. É “quadro de uma referência pragmática do mundo (...), mas também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis (...) pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e criatividade” (SANTOS, 2006a, p. 218). Apresenta-se como quadro de referência do sujeito, do qual retira suas experiências, toma suas decisões e forja sua própria vida; que se transforma ao transformar o mundo no qual está inserido (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012).

É nessa dimensão que o *patrimônio-territorial* ganha corpo, seja pela expressão material ou imaterialmente realizada pelos sujeitos, num movimento de resistência memorial e factual: símbolos do passado, que foram ou são menosprezados ou renegados, resistem na memória dos habitantes, no plano da vida presente. A resistência, assim, ganha seu conteúdo geográfico, uma vez que se baseia nos vínculos instituídos entre o sujeito e o lugar (LIMA, 2017).

Quando há uma história oficial construída a partir do silenciamento e da invisibilização da memória abrigada pelo território, é por meio dos sujeitos e dos lugares dessa memória que há a possibilidade de revelação de um outro patrimônio que resiste (COSTA, 2016, 2017; LIMA, 2017). E como afirma Holstensky (2018), os grupos estigmatizados ao se depararem com a subestimação de seus bens, de seus saberes-fazeres, seus conhecimentos e suas práticas encontraram estratégias para a resistência e permanência de sua cultura: “esses grupos sabem exatamente o lugar que ocupam na geografia do poder, o lugar que suas referências culturais e

suas lutas se encaixam. Não se calam, se reinventam, se ressignificam e perpetuam seus bens” (HOLSTENSKY, 2018, p. 47).

Os elementos da cultura popular demonstram uma forte relação com o território e por isso seus símbolos são tão expressivos, pois o território usado “é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS 2002, p. 13). O reconhecimento dos elementos da identidade territorial desses grupos, antes colocados em segundo plano, ou nem mesmo lembrados, se torna essencial, uma vez que “os símbolos ‘de baixo’ produtos da cultura popular, são portadores da Verdade da existência e reveladores do próprio movimento da sociedade” (SANTOS, 2000a, p. 145).

Assim, o *patrimônio-territorial* afirma a importância da cultura e da história do território para a formação do indivíduo e como elemento indispensável para a vida na cidade, rompe com a racionalidade imposta que se faz presente em espaços que foram homogeneizados e que prevalecem valores hegemônicos e evidencia “o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2000a, p. 144). Dada a conjuntura de alienação dos indivíduos, de modo que só enxerguem elementos de diferenciação e separação (SANTOS, 2000a, 2007), o *patrimônio-territorial* elucida o que os une: a resistência material, imaterial e existencial. Conjuntamente revela a possibilidade de comunicação entre os lugares pelas suas singularidades representativas de um processo formativo de raiz comum ou mesmo contraditória.

Ele emerge como tentativa de articulação entre o patrimônio institucionalizado, o não institucionalizado, o global e o local, de modo a repensar e religar os vínculos territoriais solidários e afetivos que vêm sendo destroçados por agentes dominantes. A sua força está nas pessoas; sujeitos que a partir do seu lugar e de sua ligação com o território, objetivam fazer frente às imposições externas assumidas pelo Estado, a partir de atitudes comunitárias, de relações econômicas outras e principalmente da valorização e da apropriação de suas histórias enquanto elemento de emancipação individual e coletiva. Enquanto a força dos atores hegemônicos está na alienação e na esperança pautada no consumismo, a potência do *patrimônio-territorial* está na ação coletiva e na esperança da mudança, a partir de atitude do próprio indivíduo consciente de seu papel transformador, individual ou coletivamente.

É nesse sentido que afirma Costa (2017, p.73) que

O *patrimônio-territorial* é uma chave, uma reação e uma resposta à “patrimonialização global”; possibilita, por meio de uma concepção mais totalizante da cultura, dismantelar, pelas periferias, os efeitos da modernização e da colonialidade no continente: valora homens, mulheres e crianças humilhados por preconceito de origem econômica, racial/étnica e tópico espacial.

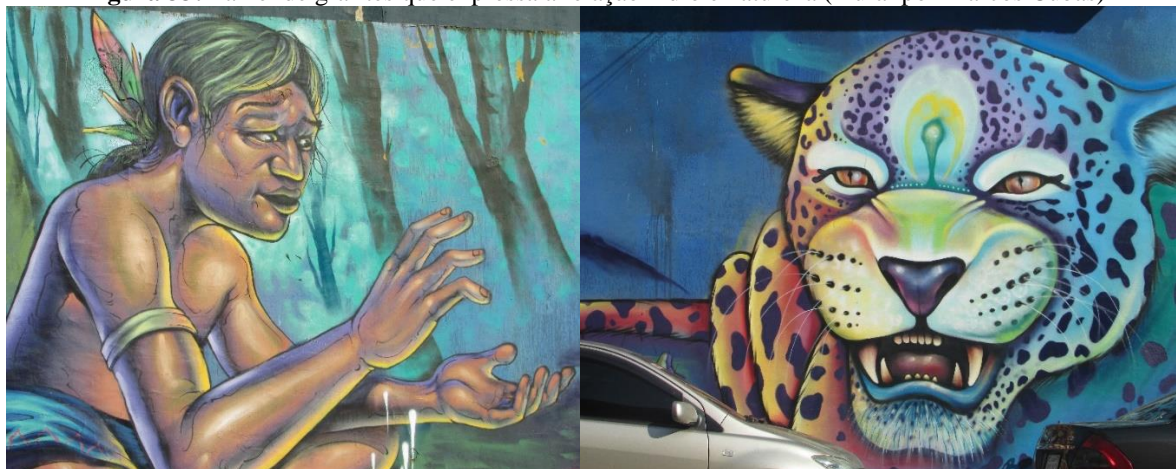
No contexto paraguaio, foi averiguada a existência do *patrimônio-territorial* ante a *patrimonialização global*, na cidade de Assunção. O país, assim como outros países latinoamericanos, apresentava uma linha discursiva e de ação cultural que expressava a continuidade do modelo político e ideológico colonial até início do século XX. Nesse sentido, o Estado se configurou enquanto favorecedor do que se denomina “alta cultura”, enquanto expressões culturais populares recebiam pouco ou nenhum fomento. Somente no ano de 2006, com a aprovação da Ley Nacional de Cultura (Nº 3051/22/11/06) e com o estabelecimento da Secretaria Nacional de Cultura, que há a inclusão de “(...) expresiones de comunidades indígenas y sectores populares varios: rituales, ceremonias, festividades” como elementos significativos da cultura paraguaia (ZAMORANO, 2012).

Como a existência e a resistência do *patrimônio-territorial* independe de mecanismos formais de preservação, ou da institucionalização, o país apresenta uma forte influência indígena nos relacionamentos, no âmbito da gastronomia, nos modos de vida, no cotidiano e particularmente no idioma. Entretanto essas referências têm suas origens desprestigiadas ou ocultadas pela força da colonialidade, bem como há a negação do sujeito indígena, uma vez que populações campesinas e indígenas, em busca de melhorias de vida, se encontram em situação muito vulnerável nas cidades.

A contradição se faz imperante em muitos casos, mas é percebida mais fortemente quando ao caminhar nas ruas da cidade, se avista uma imensidão de grafites⁸⁹ representando a cultura guarani, seus mitos e o vínculo com a natureza, como podemos averiguar na **Figura 33**. É notável a valorização do índio sacralizado, mitológico e distanciado da realidade urbana, enquanto as populações indígenas e campesinas continuam a buscar no âmbito da cidade, melhores condições de existência. Contudo, é possível encontrar uma dimensão crítica no trabalho de alguns artistas, como apresentado nas figuras **Figura 34** e **Figura 35**.

⁸⁹ A maioria dos grafites encontrados nas ruas da cidade foram realizadas por artistas latinoamericanos, em decorrência do Festival de Arte “*Latido Americano*”, no ano de 2016.

Figura 33: Pannel de grafites que expressa a relação índio e natureza (mural por Marcos Cubas)



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 34: Representação de índio lendo livro da História da América Latina (mural por Apipatán)



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 35: Vaso de barro e ave sobrepostos à imagem publicitária da Coca-Cola (mural por Gaia)



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Há ainda uma forte prova da existência do *patrimônio-territorial* nas praças e nas ruas da cidade, especialmente no seu centro tradicional. Esses lugares representam a força dos vínculos estabelecidos entre os sujeitos e o centro antigo da cidade e seus espaços públicos, mostrando como esses espaços, apesar de apropriados pela lógica hegemônica, apresentam

potencialidades de resistência expressas pela maior conexão dos sujeitos com o território em contraposição a usos fragmentadores, como bem aponta Costa (2018) ao tratar outras cidades latinoamericanas. Em Assunção, as ruas estão repletas de vendedores de alimentos, de frutas e de artesanatos [conforme ilustrado no capítulo 1]. As praças são tomadas por pequenas feiras para venda de elementos de arte como trabalhos em madeira, em renda *Ñandutí* e couro, todos referências indígenas. A **Figura 36** revela a delicadeza e a harmonia dos trabalhos de renda que remontam à tradição guarani, sendo sua origem retratada em várias lendas. Feitas manualmente, o saber-fazer é passado de geração em geração.

Figura 36: Renda *Ñandutí* exposta em praça



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Também são nesses lugares que se aviva a memória indígena pelo comércio dos “yuyos”, remédios tradicionais a serem adicionados no tradicional tererê. Estão espalhadas pela cidade uma gama de bancas de ervas a serem consumidas pela população, especialmente os “remédios refrescantes” que ajudam a lidar com o calor, ou outros remédios para enfermidades ligadas a doenças do sistema digestório e imunológico, como apontam as fotografias **Figura 37** e **Figura 38**. O próprio ato de beber tererê com os colegas ou familiares pode ser visto como resistência e um catalizador de vivências e apropriações do território pelo sujeito, ao quebrar

com o ritmo agitado do trabalho e oferecer a pausa, a conversa e a troca entre os indivíduos nesses espaços e também nos bairros.

Figura 37: Senhor vendendo “yuyos” na praça da democracia



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 38: Senhoras trabalhando com medicina tradicional nas ruas de Assunção



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Não podemos deixar de mencionar o idioma guarani e o *yopará* [sua mescla com o castelhano] que mesmo tendo mecanismos de defesa e divulgação, tem sido perpassado e continuado principalmente nas periferias da cidade, no âmbito familiar. Também se fez presente nas feiras, especialmente no mercado 4, onde tive minha maior aproximação com o *patrimônio-territorial* da cidade de Assunção. Destinaremos um tópico somente para tratar da riqueza e da importância da permanência de um idioma de matriz indígena e sua oficialização no contexto latinoamericano em que essas expressões são relegadas.

Apesar de não estar incluído no recorte espacial desta investigação, cabe menção a outra cidade da Região Metropolitana de Assunção. Foi possível encontrar uma forte evidência do *patrimônio-territorial* em Fernando de Lamora, localizada a 24 quilômetros do centro da capital. A comunidade de “Kamba Cuá” – em guarani “lugar dos negros” – tem reivindicado política e identitariamente o seu espaço – num país que nega a influência afro e os afrodescendentes possuem direitos constitucionais restritos até os dias atuais –, por meio do enaltecimento de suas raízes e sua cultura. Isso se dá pela realização da festa patronal de seis de janeiro em honra do santo patrono “São Baltazar”, escolhido por sua cor de pele, e também

pela realização do balé “Kamba Cuá” ao som dos tambores, configurando-se como um patrimônio sonoro-performático dessa população.

A comunidade possui uma escola infantil que trabalha anualmente com a questão racial e cultural, de modo a dirimir preconceitos e conscientizar as crianças acerca do seu papel e importância no mundo frente aos estigmas que a população ainda sofre. Uma das atividades realizadas é a apresentação do balé pelas crianças juntamente com os membros adultos do grupo, conforme **Figura 39**. De acordo com a diretora da escola esse tipo de atividade faz com que as crianças que não são da comunidade tenham maior contato com a cultura afro e ampliem suas visões de mundo, ao passo que para os jovens nascidos no local possibilita a identificação e o sentimento de pertencimento, numa troca que envolve respeito entre diferentes perspectivas de mundo.

Figura 39: Atividade realizada na escola infantil da comunidade Kambá Cuá



Fonte: Arquivo da escola, cedido pela diretora Liliana A. de García

Ademais, ainda há uma gama de monumentos, lugares, tradições, festejos e objetos no âmbito local e que dão sentido de pertencimento aos seus moradores, mas que pelos avanços da *patrimonialização global* são postos em risco. O referencial empírico adotado para essa pesquisa, o bairro San Jerónimo, aponta para esta análise do *patrimônio-territorial* que será mais profundamente realizada no capítulo seguinte, a partir da descrição e análise de suas singularidades resistentes, notadamente marcadas pelas influências indígenas e campesinas, frente a lógica hegemônica ao qual foi inserido nos últimos doze anos.

Todos esses aspectos são reveladores da potência do *patrimônio-territorial*. Os símbolos, as marcas deixadas pelos sujeitos subalternizados, os próprios sujeitos no território fazendo frente historicamente às imposições advindas de atores hegemônicos marcaram a minha experiência como pesquisadora e como ser no mundo, impulsionando a pensar possibilidades de valorização patrimonial e novos caminhos a partir da reafirmação e da denúncia, como instiga Costa (2016).

O próximo capítulo abordará o *patrimônio-territorial* encontrado em San Jerónimo, revelando como ele se conforma como síntese do encontro das duas lógicas patrimoniais aqui abordadas, e as possibilidades de revalorização de suas práticas por outra via que não a mercadológica.

III

PATRIMÔNIO-TERRITORIAL DE SAN JERÓNIMO E POSSIBILIDADES DE SUA (RE)ATIVAÇÃO

“Los sueños anuncian otra realidad posible y los delirios otra razón”

De nuestros miedos nacen nuestros corajes
y en nuestras dudas viven nuestras certezas
Los sueños anuncian otra realidad posible
y los delirios otra razón
En los extravíos nos esperan hallazgos,
porque es preciso perderse
para volver a encontrarse
(Eduardo Galeano)

No capítulo 2 da dissertação, abrimos o caminho para o debate acerca do *patrimônio-territorial* e sua perspectiva utópica frente os avanços da *patrimonialização global* nas cidades latinoamericanas. Visualizamos como as ideias hegemônicas se espacializam em Assunção – py e no bairro San Jerónimo, para então identificarmos a (re) existência do seu *patrimônio-territorial* conforme o objetivo geral de “analisar o que resiste enquanto *patrimônio-territorial* em Loma San Jerónimo, no contexto das interações e intervenções espaciais oriundas da *patrimonialização global* em Assunção – Paraguai”.

Por meio de observação em campo e das entrevistas realizadas com moradores do bairro e outros relevantes atores sociais, tivemos a oportunidade não só de verificar a resistência do *patrimônio-territorial*, mas vivenciá-lo, experimentá-lo e senti-lo à medida que a população nos dava a chance de conhecer suas histórias de vida e as relações que estabeleceram com o lugar. Foram identificados, cartografados e confrontados ante a colonialidade e a razão que a reproduz no contexto da patrimonialização: o idioma guarani, a medicina tradicional, as *rugosidades patrimoniais* (OLIVEIRA, 2016) do bairro e abordado também o tradicional Mercado 4, fora do seu perímetro, mas estabelecendo conexões territoriais.

Com isso, retomamos nossas orientações teórico-metodológicas aportadas em Costa (2017) sobre a *ativação popular* do *patrimônio-territorial* para reforçar nossa proposição de

(re) ativação patrimonial no contexto de San Jerónimo. Tal concepção está amparada na ação da universidade que leva em conta todas as vozes presentes nos lugares, e no vislumbre de alternativas ante a estigmatização tópico-espacial, às mudanças que já estão em curso no bairro em decorrência dos projetos urbanísticos, tendo no sentimento de pertencimento da comunidade, a força necessária para deturpar tais impactos, seja pela proposição de um outro turismo, seja por outras vias emancipatórias.

Ademais, em nosso último tópico deslindamos a possibilidade de construção coletiva entre universidade e comunidade, por meio da elaboração de material didático focado nos jovens e crianças do bairro. Optou-se pela escrita do livro **San Jerónimo – meu cantinho no mundo**, de maneira a abordar de maneira lúdica e atrativa o conteúdo da dissertação e de trazer para o centro do debate os futuros guardiões da história e memória do bairro. A intenção é valorizar todos os elementos encontrados no local e reforçar as matrizes culturais ancestrais com as quais nos deparamos.

Eduardo Galeano abre essa seção com palavras de esperança frente a um cenário de descaminhos. Como temos apresentado em todo o trabalho, a América Latina foi explorada, apropriada e é constantemente conduzida por ideias hegemônicas que nos afastam cada vez mais da autonomia possível. Entretanto, faz-se necessário reencontrar nosso próprio percurso, mediante a construção do pensamento situado, proposições que considerem os habitantes silenciados e apagados nas cidades e a valorização de nossas raízes sempre encobertas, anuladas e classificadas como inferiores.

Seguimos acreditando na união da comunidade, da universidade e instituições comprometidas para a transformação das realidades que encontramos em nosso continente. Somente o pensamento aliado à ação é capaz de suscitar resistência consciente ante os imperativos que preconizam ideais de progresso restritos e excludentes e a somente a utopia enquanto projeto é capaz de anunciar uma outra razão possível.

3.1.Revelando o *patrimônio-territorial* em Loma San Jerónimo

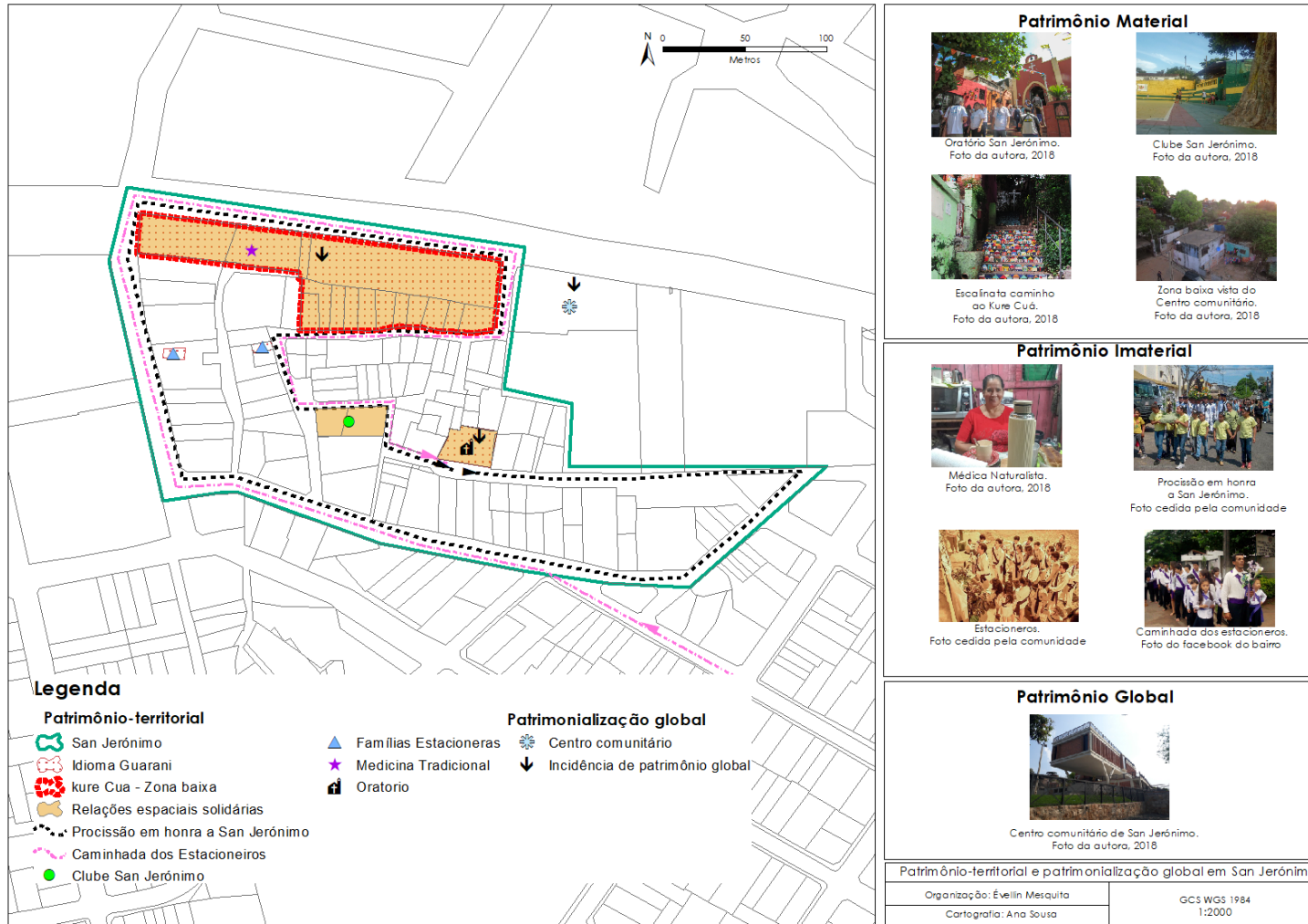
No capítulo anterior, objetivamos realizar uma inquirição histórico-geográfica do bairro San Jerónimo, pois “a formação dos bairros de uma cidade auxilia-nos na compreensão de suas funções internas, bem como das suas condições socioterritoriais no presente, dadas pelo seu movimento histórico” (COSTA, 2015a, p. 412). Essa investigação nos possibilitou a assimilação da incidência do processo de *patrimonialização global* em Assunção e, conseqüentemente, no referencial empírico escolhido. Também destacamos o *patrimônio-territorial* concernente à capital paraguaia, para então trazer ao debate as constatações de resistências patrimoniais encontradas no bairro.

Mediante realização de pesquisa de campo, observação não participante e entrevistas com moradores e outros atores sociais, verificou-se elementos que, apesar da razão dominante que norteia a urbanização na América Latina, permanecem e se presentificam no lugar pelo cotidiano, o que comprova a potência do *patrimônio-territorial*. O exame realizado ainda revelou os riscos ao patrimônio do bairro frente ao desconhecimento de sua população, desencadeada pela mercantilização de suas referências simbólicas e pelo uso territorial proposto por agentes hegemônicos. Esses aspectos demarcam a Loma San Jerónimo como síntese da simultaneidade entre as duas lógicas patrimoniais aqui abordadas e motivam possibilidades de revalorização de suas práticas por outra via, além da mercadológica.

Já é sabido que o *patrimônio-territorial* enaltece e valoriza aquilo que os sujeitos, em situação espacial duradoura [como referencia Costa (2016)], reconhecem como seu patrimônio a partir da realização da vida cotidiana, para além do que está definido institucionalmente como bem tangível ou intangível a se preservar. Em San Jerónimo, identificamos não só as heranças locais que dão sentido à sua dinâmica de bairro, como também as particularidades da vida rotineira da população que remetem à memória indígena, posto que a perspectiva de Costa (2016, 2017, 2018) reivindica os símbolos territoriais, manifestações culturais e memórias reprimidas no processo de formação dos territórios latinoamericanos. Nesse sentido, a análise que se propõe partirá dos elementos que permeiam o território nacional e, portanto, o bairro em pauta, e alcançará as suas especificidades.

Foi construído, levando em consideração as proposições teórico-metodológicas de Costa (2017), o seguinte mapa que sintetiza a (re) existência do *patrimônio-territorial* e a incidência da *patrimonialização global* no bairro (**Mapa 10**). Cada um dos elementos será estudado em detalhe nos tópicos seguintes, bem como será evidenciada a resistência ante a colonialidade/*patrimonialização global*.

Mapa 10: Patrimônio-territorial e patrimonialização global em San Jerónimo



Nas páginas seguintes abordaremos a ancestralidade indígena que ainda permeia a cidade de Assunção e o bairro San Jerónimo, especialmente pelo idioma guarani e pela medicina tradicional. Serão verificadas as possibilidades de estabelecimento de conexões histórico-territoriais entre o bairro e o antigo mercado *Guasú* e serão apresentadas todas as especificidades de San Jerónimo que se constituem como *patrimônio-territorial*: o oratório e as festividades religiosas que o acompanham, o clube San jerónimo, as relações espaciais solidárias e também a zona aqui já definida de *Kure cuá*, de modo a minorar “estigmas espaciais” (HUSSEINI ARAUJO; COSTA, 2017; COSTA, 2018).

3.1.1. Vestígios ancestrais: o idioma guarani e a medicina tradicional em Loma San Jerónimo

Um dos aspectos mais fascinantes do Paraguai e motivador da escolha pelo país é a forte presença de traços culturais da matriz indígena guarani. Durante a pesquisa de campo no bairro San Jerónimo, deparei-me constantemente com esse *patrimônio-territorial* irrompido nas expressões pronunciadas em guarani ou *yopará*, no preparo de “*mbeyú*”⁹⁰, de “*Chipa*”⁹¹ ou de “*mate cocido*”, no compartilhamento do tererê feito com a finalidade de curar alguma patologia ou na leitura de uma canção em guarani do grupo de *estacioneiros* do bairro.

Embora San Jerónimo detenha esse arcabouço que anuncia a duração de um *patrimônio-territorial* que se refere a raiz indígena, muitas vezes não há o reconhecimento ou a associação entre os dados da vida costumeira e a influência aborígine por parte de sua população, circunstância que afirma a pujança da colonialidade. Quando questionados sobre quais os elementos de seu cotidiano ou festividades do bairro que remetem a algum traço originalmente indígena, os moradores correlacionam com esforço essa dimensão presente no bairro, mas não sem antes fazer ponderações ou argumentar que quase nada dessa tradição permaneceu em Assunção ou em San Jerónimo, conforme mostra os depoimentos:

*Prácticamente no tenemos nada de la cultura indígena, casi nada (...) Usamos los yuyos, eso en cualquier parte ahí. No por ser tradición indígena, la vida de los paraguayos siempre hay remedios refrescantes, hay veces que para dolor de estómago, muchas cosas hay que se usa.*⁹²

*Mucho no hay acá, se está perdiendo todo. No me acuerdo luego nada que se asemeja a ninguna cultura indígena (inint). No se celebra, pero se usa mucho hasta ahora el famoso terere. Se hace por la mañana y se toma con el remedio yuyo.*⁹³

*El idioma sí, el conocimiento de los yuyos, de las plantas medicinales, eso sí es cosa de todos los días, calor tereré e invierno mate, siempre con plantas medicinales y eso heredamos de los indígenas guaraníes que vivieron acá.*⁹⁴

*Los remedios yuyos sí, de ellos [indígenas] vienen, el guaraní que hablan los indígenas no hablamos nosotros, hablamos el jopará.*⁹⁵

⁹⁰ O mbeju é um prato paraguaio derivante do encontro entre indígenas guaranis e espanhóis durante as missões jesuíticas. Assemelha-se à tapioca brasileira.

⁹¹ É um tipo de biscoito paraguaio feito com polvilho e queijo também originado no contexto das missões jesuíticas.

⁹² Entrevista com o Sr. J.C.F.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

⁹³ Entrevista com a Sra. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

⁹⁴ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

⁹⁵ Entrevista com a Sra. C.V.C., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de fevereiro de 2018.

Estes fragmentos de fala selecionados nos dão proporção desse quadro, mas também evidenciam uma territorialidade passada [ensejada pela vida campesina no fato cidade], revivida no presente pela força do hábito. Assim, observamos a necessidade de versar sobre o idioma guarani e a medicina tradicional, como forma de dar notoriedade a essa perspectiva patrimonial que é pouco valorizada ou reconhecida perante outras referências culturais do bairro, mas que perdura mesmo nessas condições.

No contexto latinoamericano de repressão histórica dos povos originários e de predomínio dos idiomas dos colonizadores, a preponderância e a oficialização de um idioma indígena são dignas de nota. Apesar de coexistirem no território paraguaio uma série de etnias com suas próprias línguas⁹⁶, a análise se restringiu ao guarani e à forma de comunicação em Jopará [*Yopará*, “mescla” em guarani], por terem sido percebidos no contexto urbano dessa pesquisa.

Entendendo o *patrimônio-territorial* enquanto símbolo resistente da memória dos sujeitos subalternizados, como foram e ainda são os indígenas no Paraguai, enxergamos no guarani uma de suas mais importantes representações. Sabe-se que a língua é um dos mais importantes meios de identidade de uma dada população e que a determinação de superioridade de um idioma sobre outro é permeada por relações de poder (RAFFESTIN, 1993). Nessa lógica, faz-se fundamental compreender como esse idioma tem perdurado diante de uma conjuntura demarcada pela colonialidade.

O guarani, pertencente à família linguística tupi-guaraní, é encontrado de forma dispersa na região amazônica e subtropical da América. Segundo Melià (2010), há um estranho silenciamento acerca da história do idioma no Paraguai, mas é evidente sua permanência e difusão nos seus diferentes momentos históricos. O diretor geral do Ateneu de Língua e Cultura Guarani, Dr. David Galeano Olivera⁹⁷, assim como o autor, entende como razões essenciais para a manutenção do idioma a centralidade da figura feminina, que sempre falou e ensinou o guarani, e a educação formal somente em castelhano que, com uma postura colonial de exclusão dos guarani-falantes, permitiu a preservação da língua.

A esses fatores somamos o componente espacial, pois assim como qualquer outra atividade, uma língua não se desenvolve desvinculada do espaço-tempo. De acordo com Raffestin (1993, p. 100), como tratamos de “espaços produzidos, de territórios, de lugares nos quais se realizam relações e tempos sociais, ou seja, durações e ritmos próprios a essas mesmas

⁹⁶ Ver Melià (2005).

⁹⁷ Entrevista com o Sr. Dr. David Galeano Olivera, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na sede do Ateneu de Língua e Cultura Guarani, localizada em Assunção (PY), no dia 01 de outubro de 2018.

relações”, a depender da situação dos lugares, do conjunto de possibilidades e por ser permeada por relações de poder, uma determinada língua se exprime com mais ou menos força.

Tal assertiva pode ser claramente visualizada no âmbito paraguaio, uma vez que o guarani é reprimido, desvanece, retorna com força e se reafirma a depender das condições sociais, políticas e espaciais de cada período. Ademais, com a urbanização e a imposição do modo de troca econômico da cidade, há também o imperativo de um modo de troca linguística dessa forma espacial (RAFFESTIN, 1993). Isto justifica a permanência do valor de uso do guarani onde o modo de vida do campo se manteve ou se territorializou, como em regiões do interior, em bairros populares e nas periferias com um grande contingente populacional de migrantes camponeses e seus descendentes, perfazendo-se como abrigo do *patrimônio-territorial* encarnado por essa língua.

Ao percorrer a história territorial do idioma guarani, não podemos deixar de mencionar sua origem. Lembra o historiador David Galeano que *“los Guaraníes vivieron hasta los años 1.600, 1.610, en la zona del sur del Paraguay, en el estado de Encarnación, poco antes, Misiones e Itapúa, zona de la expedición jesuita”*. Num primeiro momento, uma questão demográfica favorece a permanência da língua no período colonial, pois com a baixa chegada de espanhóis no território, os indígenas continuam sendo a população majoritária (MELIÀ, 2010). Esse aspecto motivou o estabelecimento do sistema de reciprocidade econômica e parentesco entre os espanhóis e os homens guaranis, baseado na disposição das mulheres indígenas para procriação, povoação e reprodução econômica. Dessa forma,

la mujer guaraní se convirtió en pieza económica, criada, brazo agrícola y procreadora de nuevos brazos (...). Por lo tanto, la poligamia hispano guaraní no fue el efecto de un simple libertinaje sexual, sino la imposición de un nuevo sistema económico cuyo resultado era el genocidio. La llegada y el establecimiento del sistema colonial produjo más muerte que las guerras (MELIÀ, 2010, p. 1848).

Da forçada relação entre mulheres guaranis e espanhóis nasceram os mestiços⁹⁸. Os filhos que foram reconhecidos por seus pais, tiveram maior exposição social ao quadro cultural paterno. Filhos e filhas que permaneceram em ambiente materno, tiveram acesso limitado à língua estrangeira, formando a categoria dos “bilingues guarani-falantes”. Como assevera Dr. David em entrevista, *“cuando comenzaron a tener hijos, los padres abandonaron a las mujeres, los hijos quedaron a los cuidados de la madre, la madre hablaba guaraní y ellos hablaban guaraní, los mestizos”*.

⁹⁸ Muito embora exista o consenso de que a mestiçagem [entendida como ato fundador da história nacional do país] tenha sido um harmonioso fenômeno, ela tem na barbárie e na colonialidade do poder a sua raiz, pois permitiu diferentes tipos de abusos, violência e conseqüentemente a morte de sua população indígena feminina.

Também nos assegura o Dr. David Galeano que os territórios geridos pelos jesuítas foram fundamentais não só para a conservação, mas para difusão do idioma, pois “*allí se empieza a escribir con los tipos latinos, con las letras latinas, allí comienzan a aparecer las obras, diccionarios, se comienza a escribir*”⁹⁹. Conforme salienta Torres (1980), o desenvolvimento de uma grafia para esse idioma assentado na oralidade foi de extrema importância, visto que permitiu resguardar essa importante manifestação cultural dos indígenas mediante a composição de gramáticas e catecismos.

Torres (1980) e Meliá (2010) ainda sinalizam para os materiais impressos pelas imprensas das missões – as primeiras do Ríó da Prata. Tem-se que as obras em guarani e “su amplia difusión en el continente americano, su valor aglutinante entre muchos pueblos y su utilidad para la difusión de la doctrina de la catequesis, le permitieron subsistir” (TORRES, 1980, p. 207).

Ainda que no contexto missioneiro tenham prevalecido as publicações de caráter religioso, os índios guaranis se apropriaram da escrita como forma de denúncia (MELIÀ, 2010). Há textos com uma alta carga emocional contendo lamentos e acusações dos abusos sofridos, demonstrando a resistência dessa população ante ao trabalho forçado nas *encomiendas* e as exploração de sua natureza, como revela essa escritura de 25 de agosto de 1630, citada por Meliá (2010, p. 1873). O que se observa é a subversão de um meio utilizado para a doutrinação, que passa a ser utilizado como instrumento de luta por liberdade e forma de resistência pelos guaranis:

Aquellos yerbales del Mbaracayú están del todo llenos de los huesos de nuestra gente. La casa de Dios solo tiene los huesos de nuestras mujeres; los huesos de nuestra gente muerta encuentran al Mbaracayú como lecho... Los españoles son nuestros enemigos... Nada pagan los españoles por el cansancio de nuestra gente. Lo único que traemos es cansancio; enfermedad es lo que traemos.

Raffestin (1993) defende que a língua se conforma como um instrumento de poder, pois é um instrumento de ação social, o que possibilita a opressão por meio dela. Esta se dá a partir da imposição de uma língua diferente da materna a uma população e da sua inferiorização para reduzir o uso em espaços concretos e abstratos. Para o autor, determinar uma língua como superior, significa impor um modelo de representação única de um dado universo e, por isso, homogeneizar o sistema de informação.

⁹⁹ As reduções jesuíticas promovidas pela coroa espanhola desde 1503, tiveram como idioma oficial o nativo [contrariando as disposições dadas pela coroa]. Nesse sentido, os jesuítas dedicados a estudar e a comunicar no idioma, conseqüentemente geraram a sua escrita e sua gramática (TORRES, 1980; MELIÀ, 2010).

O período do Paraguai independente revela bem essa dissimetria das relações de comunicação, pois apresenta mecanismos específicos de imposição do castelhano. Tem-se ainda, a pretensão de homogeneização e de valorização do modo de vida urbano e europeu, o que corrobora para a seleção da língua espanhola em favor da classe dominante e em detrimento de outros grupos.

Durante o governo de Dr. Francia, não existiu nenhum incentivo para a permanência do idioma, bem como interesses em preservar documentações escritas em língua nativa e derivantes. Já o governo de Carlos Antonio López foi o primeiro a trazer políticas de estímulo ao uso da língua colonial, a partir da criação de escolas, de uma imprensa editada somente em castelhano e de publicação de periódicos no idioma, o que sinaliza também a difusão e manutenção de ideias dominantes (ANDERSON, 2008; MELIÀ, 2010).

O ambiente escolar foi o lugar por excelência de expressão do poder hegemônico e de difusão do idioma central, havendo restrições de uso do guarani e castigo, como “por ejemplo con la entrega de anillos de bronce a los que eran pillados conversando en guaraní y el sábado cada uno de los poseedores como incurso en delito, llevaba el castigo de cuatro a cinco azotes, recordó el escritor Juan Crisóstomo Centurión” (MELIÀ, 2010, p. 1890).

Entretanto, mecanismos de repressão não foram capazes de suprimir o idioma materno, pois este é utilizado por todos os lados no âmbito do cotidiano, seja no ambiente familiar ou nas trocas econômicas. Nesse sentido, revela-se como a forma que os sujeitos se apropriam do território é favorecedora da permanência do idioma, resistente pelo próprio exercício da vida, sem nenhum tipo de registro. Como já abordado, o regime de Carlos Antonio López apresentou uma alta carga de colonialidade e negação da população indígena e campesina. Contudo, suas políticas excludentes e de retomada de terras de comunidades favoreceram a entrada da população guarani e campesina na sociedade paraguaia e, conseqüentemente da língua que tentou reprimir, pois ainda que os sujeitos mudassem seus sobrenomes, o idioma que falavam era o nativo.

Esses dois governos imersos na configuração do Estado-Nação, na afirmação da sua soberania e isolamento do Paraguai, abriram mão e marginalizaram seu principal elemento de identidade: o guarani. Por sua vez, a língua materna seguiu sendo a forma genuína de comunicação nesse território em formação. Mesmo sem fomento, gramática e literatura, resistiu e permaneceu ante as repressões.

Seu reconhecimento se deu somente durante a Guerra contra a Tríplice aliança (1864-1870), utilizado na comunicação estratégica de guerra entre oficiais e soldados e na produção

literária. Nas mãos das mulheres, o idioma foi instrumento de reconstrução do país após anos de conflito, como salienta Dr. David Galeano:

Termina la guerra de la triple alianza y las mujeres, otra vez, vuelven a educar sus hijos que van creciendo también con el guaraní, mujeres que tenían 10, 15 hijos, todos aprendiendo guaraní. Entonces hay una raíz muy fuerte que está bien vinculado a la madre, la madre que siempre fue guaraní hablante y que siempre educó a sus hijos en guaraní

De acordo com Torres (1980) e Meliá (2010), as ideologias modernizantes que estiveram entranhadas no país, durante todo o século XX, destinaram ao guarani o lugar de rechaço e de inimigo do desenvolvimento. Com um espírito amplamente marcado pela colonialidade e pelas influências europeias de novos imigrantes [que reforçaram o uso do castelhano], o momento foi de depreciação e discriminação daqueles que falavam guarani, principalmente nos ambientes escolares. Àqueles que falavam guarani era dado o apelido pejorativo de “*guarango*”¹⁰⁰, as crianças eram castigadas, e era difundida a ideia de que o guarani era coisa de gente iletrada e atrasada.

Ainda em conformidade com as palavras do Dr. David Galeano, é possível perceber como a população indígena, suas referências culturais e seu idioma foram e são subalternizados em benefício da conservação das ideias dominantes. Sua fala sinaliza a rejeição não somente ao idioma indígena, mas ao próprio sujeito, quando o substantivo “índio” é entendido como uma expressão pejorativa, mantida nos dias recorrentes:

Nadie paga nada por guaraní acá. Acá, la gente, por hablar guaraní, se le decía indio, guarango, se tenía una discriminación, se le decía campesino. Ninguna otra lengua en el mundo fue tan reprimida, se le ponía a la gente de rodillas sobre sal gruesa por hablar el guaraní, se le ponía también sobre el maíz duro.

No contexto da Guerra do Chaco (1932-1935), o guarani é retomado como língua do povo paraguaio, o que favoreceu a escrita de poesia e prosa no idioma e a criação de uma literatura guarani popular. Quando o idioma estava às portas de tornar-se língua nacional e oficial, o entrave estabelecido pela burguesia e o poder estatal estabelecido não admitiram.

Foi somente em 1967 que uma nova constituição torna o guarani idioma nacional, de modo a protegê-lo e a fomentar o seu ensino e aperfeiçoamento, mediante seus artigos 5º e 92º. Já a constituição nacional de 1992 declara a oficialidade da língua juntamente com o castelhano por meio dos seus artigos 77º e 140º. Outro importante dispositivo legal é a lei de línguas promulgada em 2010, que protege e dá garantias às línguas indígenas do país, bem como a linguagem de sinais¹⁰¹. Todos esses avanços se deram por meio de pressão de instituições que

¹⁰⁰ Pessoa mal instruída, sem educação.

¹⁰¹ Também foram criadas a Secretaria de Políticas Linguísticas e a Academia de Língua Guarani.

atuam em defesa do idioma – como o *Ateneo de Lengua y Cultura Guaraní*. De acordo com entrevista realizada com o diretor da entidade, há um duplo discurso nacionalista em prol da manutenção da identidade guarani, mas prevalece a inação por parte de muitas autoridades do país, que mantêm uma leitura colonial e preconceituosa sobre a temática.

No âmbito escolar em que a língua foi duramente reprimida, interessa-nos o cenário descrito pelo entrevistado, mencionando o período em que era relegada pela educação formal. Nota-se que o seu vigor estava no cotidiano, utilizada e mantida pelos sujeitos em suas atividades e na comunicação informal, passada pelos pais aos filhos em sua casa, em duradoura resistência, o que anuncia o seu caráter de *patrimônio-territorial*:

La imagen es así: de mañana temprano se levanta la profesora, habla guaraní. Se encuentra con otra profesora, viene caminando, habla guaraní. Los niños salen a la calle, hablan guaraní, llegan a la puerta de la escuela, silencio, castellano. Entran a la sala de clase, la profesora hace un esfuerzo, los alumnos, esfuerzo, castellano, cara seria. Viene una profesora allí en la puerta afuera, informalidad, le llama a la profesora y dice “fulana, ayuvi”, ayuvi= vení. Ella se va, allí las dos afuera hablan guaraní, los niños acá se liberan, hablan guaraní. Entra la profesora, formalidad, castellano. Receso, descanso, la profesora tomando tereré, habla guaraní. Los niños juegan hablando guaraní, entran acá, castellano. Termina la clase, una gran felicidad, la gente vuelve a hablar guaraní. Esa es la imagen. Al no entrar a la escuela y al hablar solamente en castellano, no entendían nada, abandonaba y seguía hablando el guaraní. Entonces la escuela, con un espíritu muy colonial, siempre intentó educar en castellano.¹⁰²

O ensino do guarani nas escolas se deu apenas em 1994, a partir da reforma educativa que previa o ensino bilíngue obrigatório na educação escolar básica. Ainda se questiona a falta de cuidado com os materiais escritos no idioma e a falta de equidade no seu ensino, já que a língua indígena é encarada como secundária. A maioria dos livros apresenta uma série de erros ortográficos, o que demanda dos professores maior atenção e faz com que percam tempo de aula com as correções, em um contexto limitado de duas horas semanais de classe. Além disso, o currículo escolar das instituições de ensino distribui desigualmente a obras utilizadas no ano letivo: “*Y el otro problema es que todavía no hay equidad, hay que recorrer los colegios y preguntar “¿cuántas obras de guaraní dan?” dos. “¿Cuántas obras de castellano? Cinco*”¹⁰³.

Também foi necessário o estabelecimento do ensino do idioma em algumas carreiras universitárias. Médicos, advogados, engenheiros agrônomos, dentre outros profissionais, não conseguem exercer suas profissões sem domínio do idioma. O nome das enfermidades está em guarani, ao se referir às plantas e aos animais se usa o guarani, os juízos orais são feitos também em guarani; apesar de todos os obstáculos impostos e da inferiorização do idioma ante ao

¹⁰² Entrevista com o Sr. Dr. David Galeano Olivera, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na sede do Ateneu de Língua e Cultura Guaraní, localizada em Assunção (PY), no dia 01 de outubro de 2018.

¹⁰³ *Ibidem*.

castelhano, o guarani segue resistindo pelos sujeitos, especialmente nas zonas rurais do país, onde mora a grande maioria dos paraguaios que dominam somente a língua aborígene.

Segundo os dados da *Encuesta Permanente de Hogares* realizada no ano de 2017, o idioma mais utilizado nos domicílios e na maior parte do tempo pela população é o guarani, com um índice de 40%, enquanto 30% da população se considera bilíngue, ou seja, falam guarani e castelhano. É pertinente ressaltar que dentre os lugares onde o idioma tem uma maior expressividade, destacam-se os departamentos de San Pedro (78,87%), Caazapá (77,39%) y Concepción (71,34%)¹⁰⁴. Em contrapartida, o guarani é menos falado em Assunção (8,95%), Departamento Central (15,9%) e Alto Paraná (37,75%), zonas mais urbanizadas do país (DGEE, 2018).

Conforme debatido nos capítulos 1 e 2, Assunção passou por um intenso processo de urbanização do seu território e, atualmente, vive uma série de transformações urbanas com projeção internacional financiadas pelo BID. Apesar da capital estar envolta pela ideologia de progresso, por uma mentalidade que acompanha o modo de vida da cidade e, conseqüentemente, pela renúncia do guarani, o idioma ratifica que “a existência do *patrimônio-territorial* independe de avanços ou da crise da sociedade global; ele é perpétua resistência, pois é parte de sujeitos em situação permanente com o espaço” (COSTA, 2017, p. 12).

Durante os dois campos realizados a Assunção, foram muitos os momentos com os quais me deparei com a língua e pude percebê-la enquanto *patrimônio-territorial*. A sua resistência se materializou significativamente pelos sujeitos, o que lhe dá um caráter de transcendência, pois sempre aparecerá quando tratarmos de outras referências patrimoniais.

Isso é percebido no bairro San Jerónimo, onde encontramos a presença do guarani no âmbito familiar, na comunicação entre os vizinhos, no cotidiano dos mais velhos e mais evidente no *Kure Cuá* (**Mapa 10**). Como há famílias provenientes do interior e do campo, as suas territorialidades são refletidas também pela expressão idiomática, revelando os traços de ruralidade no urbano e a carga histórico-cultural que carregam, como assevera o seguinte depoimento de moradora do bairro, cujos pais vieram da região do Chaco paraguaio, e demonstra a precedência histórica de ocupação campesina no bairro:

Yo viví en el campo cuando era pequeñita, viví un tiempo mucho tiempo en el campo y de ahí traje en la costumbre y me sale como si fuera natural. Por eso que de repente en una conversación yo meto el guaraní como si nada y me quedan mirando. Pero eso es nuestro, de gente que viene del campo. Él por ejemplo habla 0 guaraní (aponta

¹⁰⁴ Segundo Vázquez (2006), esses departamentos se destacam pela produção agrícola e ganadeira, e pela forte presença campesina. Observa-se também que o departamento de San Pedro, onde mais se fala o idioma, há um elevado índice de desemprego (60,6%), sendo considerado um dos departamentos mais pobres do país (VÁZQUEZ, 2006; DGEEC, 2016).

para a criança ao seu lado), mi hija 0 porque ellos ya crecieron ni en la esquina del campo por ahí fueron. Pero la gente que vivimos hacia el campo ya sale así en forma natural (...). No va a acabar, mientras hayan campesinos paraguayos no se va a terminar el guaraní.¹⁰⁵

Entretanto, há indícios da falta de transmissão desse costume para os mais jovens, pois como a própria moradora diz, seus filhos não conhecem bem o idioma. No âmbito do bairro e da cidade, a difusão do guarani tem se reduzido ao precário ensino nas escolas, o que revela uma mudança no quadro de possibilidades de realização da língua. Para o historiador Dr. David Galeano, o próprio sistema educativo imerso na colonialidade fez com que a língua fosse associada a ignorância até os dias de hoje, trazendo prejuízos aos indígenas e campesinos do país:

acá nosotros tenemos todavía padres de familia que van a una escuela, hablan guaraní solamente guaraní, llevan a su hijo a la escuela donde habla a su profesora en guaraní y le dice “no le enseñes guaraní, enséñales castellano.” y ¿porque? “porque yo no quiero que sea ignorante como yo, porque el que habla guaraní es ignorante”

Somada a falta de contato diário com o idioma pelos jovens e crianças, há uma certa permuta dos moradores pelo Jopará. Esta hibridização resultante do contato entre o guarani e o castelhano, que abre mão do purismo guarani ao realizar empréstimos linguísticos (TORRES, 1980) é a forma mais usada no âmbito geral do bairro, como salientam os moradores em suas falas:

Este barrio, lo que yo noté en mis años de acá, de vivencia en San Jerónimo, noté que no todos hablan el guaraní, yo soy uno de los pocos también que habla guaraní y utilizo al guaraní pero hay mucha gente que solamente castellano habla, eso porque estamos en un lugar cercano al centro de la ciudad y no todos los chicos participan con el idioma guaraní, eso hace también distinguible para otros lugares, los chicos mismos casi no hablan guaraní (...) En la escuela enseñan guaraní pero les cuesta, les cuesta la pronunciación porque en las casa casi no utilizan el guaraní, solamente a veces nosotros entre los adultos utilizamos el idioma guaraní, pero con los chicos no. (...) la gente mayor casi todos hablamos el guaraní pero la gente joven casi no lo utiliza.¹⁰⁶

En las casas se usan jopará, algunos usan español, los más nuevos usan español y los más antiguos usamos jopará.¹⁰⁷

Lo que más utilizamos es el jopará. Es en todas partes. En todas partes hay el yopará. Algunas personas, sí, tienen el guaraní cerrado y otras personas la mitad guaraní, la mitad castellano, entonces se les decimos el jopará y se les utiliza muchísimo el jopará.¹⁰⁸

Sí. Esto hasta se enseña en las escuelas mismo, se enseña guaraní y la mayoría habla. Es más... se habla más entre las familias que con la gente, con tus amigos también de

¹⁰⁵ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹⁰⁶ Entrevista com o Sr. J.B., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 17 de fevereiro de 2018.

¹⁰⁷ Entrevista com o Sr. J.C.F.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹⁰⁸ Entrevista com a Sr. L. H. V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

*repente, se habla mucho. (...) No, no me enseñaron nada, todavía. Ninguna expresión, nada. Pero cuando estuve en la casa de alguien, cuando están a hablar unos con los otros, hablan a veces en jopará y no comprendo nada.*¹⁰⁹

Conforme pronunciado, o espanhol é o idioma falado por jovens e crianças e aqueles que sabem o guarani não o têm ensinado em casa. A última fala é reveladora dessa situação, uma vez que a jovem entrevistada apresenta total desconhecimento de seu idioma materno. A fala dos moradores comprova a presença da “mescla” no seu dia-a-dia, mas também coincide com uma preocupação dos membros do Ateneu. Apesar de num primeiro momento parecer benéfico para a permanência do *patrimônio-territorial* figurado pelo idioma nativo, o jopará pode se configurar como um elemento de apagamento da língua indígena no contexto do fato-cidade:

*Acá en el Ateneo nosotros le tenemos miedo al yopará. Mucho miedo porque más yopará es menos guaraní. Es peligroso. Todas las lenguas, portugués, castellano, inglés, tratan de mantener un porcentaje alto de la lengua y hacen préstamos, lo que nosotros no queremos son préstamos desnecesarios. El ministerio de educación se preocupó en enseñar más el yopará que el guaraní. Eso también genera una actitud mental, donde la gente dice “yo no hablo guaraní, hablo yopará” y “hablo yopará porque es más fácil, el guaraní es más difícil”, porque en el yopará está el castellano.*¹¹⁰

Para Dr. David Galeano, o idioma continua sendo um elemento de dominação. O guarani é falado pelos índios nas ruas, pelos campesinos e pelos mais pobres localizados nas periferias das cidades. Assim, utilizá-lo amplamente nas escolas permitiria que muitas pessoas iletradas tivessem acesso ao conhecimento, o que desvela um colonialismo que vem de um grupo de poder que não vê com bons olhos essa mudança de perspectiva.

O desprestígio ainda dado pelas autoridades e o ritmo agitado da vida nas cidades, cria uma mentalidade cidadina que possui outros valores e faz com que os sujeitos percam de vista suas raízes e se tornem cada vez mais imersos em ceticismo, individualismo e intelectualidade, uma violência gerada pelo predomínio das relações capitalistas sobre outros vínculos sociais (LIMA, 2017). Em entrevista, a senhora R* aborda a temática das tradições advindas dos povos indígenas com muito pesar, afirmando que muito se tem perdido ante a imposição de uma vida agitada e moderna e do progresso que supostamente acompanha as grandes transformações urbanas, mas afirma a importância da tentativa de repassar a cultura e os ensinamentos no ambiente familiar:

¹⁰⁹ Entrevista com a Sra. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹¹⁰ Entrevista com o Sr. Dr. David Galeano Olivera, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na sede do Ateneu de Língua e Cultura Guarani, localizada em Assunção (PY), no dia 01 de outubro de 2018.

No hay mucho de qué hablar aquí lo patrimonial, la cultura, ya fuese las creencias, ya fuese las formas de ser del paraguayano (...) por las cuestiones de trabajo y las responsabilidades de la vida moderna estamos perdiendo en pasos acelerados (...) no hay que perder la fe por lo menos dentro de cada casa, seguir fomentando eso¹¹¹.

Apesar de se encontrar minorado no contexto do bairro, o idioma indígena é resistente e pode ser fortalecido mediante ações que mitiguem a visão deturpada e o silenciamento acerca desse universo, de forma a ser incorporado mais ativamente na vida de jovens e, especialmente, de crianças do bairro. Costa (2017, 2018) afirma que todo e qualquer risco ao *patrimônio-territorial* latinoamericano pode ser combatido por ações populares situadas, conscientes e transgressoras. Movidos por esse pressuposto, buscamos construir propostas de *(re) ativação do patrimônio-territorial* do bairro, juntamente com moradoras interessadas, baseado na conceituação de “ativação popular do *patrimônio-territorial*” proposta pelo autor, que abraçará fortemente o idioma e será debatido em tópicos futuros.

Outro importante traço observado durante a realização do campo a Assunção, foi a frequência com que nos deparamos com a medicina tradicional e com os chamados “remédios *yuyos*”. No geral, a população resguarda os conhecimentos acerca das propriedades de cura das ervas medicinais [*pohã ñana*, em guarani], passados de geração em geração e perpetuados especialmente pela sua vinculação ao consumo das “bebidas refrescantes”. Essa é, sem dúvida, uma significativa herança do mundo guarani, interpretada aqui como *patrimônio-territorial* que resiste e perdura no cotidiano da população, apesar da mentalidade marcada pela colonialidade que tenta desvanecer as origens dessa prática.

Num universo circunscrito pela influência indígena, a cultura guarani está no conceito das doenças, nas suas causas e também nos tratamentos. Tem-se que os indígenas aprenderam a lidar com o corpo humano e suas enfermidades a partir do que oferece a natureza, muitas das vezes sem compreender suas causas ou atribuindo-lhes origem alegórica. Esse entendimento que está relacionado às crenças e que demonstra uma clara relação de proximidade entre sujeito e meio, foi fortemente rechaçado e negado ante a imposição da ciência moderna. Esta recusou saberes e atribuiu caráter supersticioso e primitivo às distintas experiências, não sem antes se apropriar desses conhecimentos e difundir a dicotomização sociedade x natureza para maior controle desta (CASTRO-GÓMEZ, 2005; MIGNOLO, 2017).

Apesar da forma com que a esfera guarani e tudo que ela abarca tenha sido recriminada e associada à ignorância e ao atraso, em decorrência da difusão da ideia de progresso e

¹¹¹ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de fevereiro de 2018.

desenvolvimento paraguaio – assim como no caso do idioma –, alguns fatores advindos dessa mentalidade corroboraram para a manutenção da medicina popular. Além disto, mesmo com os esforços empreendidos no sentido de urbanizar o comportamento da população, permaneceram vivas muitas crenças populares e hábitos dos sujeitos campesinos, que ao migrarem para a cidade se re-territorializam por meio de sua bagagem cultural.

Podemos citar uma série de convicções ainda vigorosas no imaginário coletivo e que remetem à tradição indígena. Mesmo com a ascensão das ciências médicas, a população, especialmente proveniente do campo, ainda encontra outras explicações e outras formas de tratamento, conforme alega o professor Dr. David Galeano:

Nada está probado científicamente, pero dentro de eso está la tradición. Por ejemplo, se dice que una mujer embarazada no tiene que comer bananas gemelas, porque si lo come, va a tener gemelos. Por ejemplo, no hay que comer la clara del huevo porque puede dar parto seco. Si una mujer toma mucha cerveza, tiene un hijo rubio. Si toma mucha miel negra, sale moreno. Si come riñones de la vaca, le sale labio leporino. Todo eso se dice sin haber probado, pero la gente cree. Por ejemplo, acá la gente cuando tiene una enfermedad que se llama “discípula”, eso acá la gente cura con sapo.

A este fato, soma-se o conhecimento sobre o uso das plantas e também a forma de preparo dos remédios. De acordo com Torres (1980), desde a colônia, nas missões, e também no período pós-independente, a circulação de livros de receitas foi elemento importante para a preservação dessa sabedoria. Entretanto, para o autor o evento crucial para a manutenção dessa prática foi a Guerra contra a tríplice aliança, pois houve estímulo do governo quanto ao uso do território pelos sujeitos para o cultivo de plantas medicinais, como forma de driblar o não recebimento de suprimentos do exterior.

Hoje, “é no quadro produtivo capitalista que deve ser reconhecido e enaltecido o *patrimônio-territorial*” (COSTA, 2017, p. 10). Diante do subemprego e o do desemprego na cidade, a venda de “remédios *yuyos*” se configura como uma saída laboral a um grande contingente populacional não absorvido pelo mercado formal. Conforme Costa (2017) e Santos (2006b), é nessa situação que os sujeitos revelam um conhecimento espacial necessário para sua sobrevivência, evidenciando como a sua relação com o território está fortemente concatenada com a dimensão do trabalho, condição de existência espacial e de reprodução da vida material.

Em todos os “pueblos” e cidades do Paraguai, é muito comum encontrar homens e mulheres “yuyeros” e “yuyeras” vendendo os “remédios *yuyos*”, e resguardando uma sabedoria que lhe garante também o sustento: “*yuyos*” frescos ou secos a depender do uso que se fará e a

depender da doença a se tratar, uso das plantas inteiras, das raízes, ramos, sucos ou sementes para fazer chás ou macerações e pastas para aplicação direta (IBARS, 2005).

Dentre as ervas com propriedades de cura, a mais conhecida e utilizada em território paraguaio é a erva mate, originalmente *ka'a*. Produto genuinamente guarani, conhecido e utilizado pelos aborígenes como infusão, a sua exploração foi uma das principais atividades econômicas do Paraguai, desde o período colonial e a generalização do seu uso se deu no contexto da Guerra do Chaco, quando os combatentes a utilizavam para a filtragem de águas sujas (OCAMPO, 2005; VÁZQUEZ, 2006; ROLON, 2010).

O mate, presente no cotidiano da população paraguaia, tanto nas receitas culinárias, quanto no preparo dos remédios refrescantes, está fortemente associado ao viver do campo e ao trabalho campesino, por suas propriedades estimulantes. Ainda que exista um imaginário preconceituoso acerca do usufruto da erva como um vício, não se concebe a vida campesina e seu labor sem esse rito prévio (OCAMPO, 2005); também nas cidades figura como uma primeira expressão do trabalho, como um ritual anterior ao dia que segue. Para Ocampo (2005), ele reaviva a existência indígena, pois “con su cálida, cordial y cotidiana presencia, el mate es auténticamente americano, nítidamente folclórico, tradición y parte consustanciada con el quehacer diario de los pueblos guaraníes” (OCAMPO, 2005, p. 18).

Minha passagem por Assunção, em fevereiro e em setembro de 2018, foi repetidamente demarcada por uma gama de experiências com os sujeitos nas praças, nas ruas e nas feiras, deparando-me com muitas bancas destinadas a venda dos mais variados tipos de ervas para os *yuyos* e para o tererê. Esse tipo de apropriação do território pelos sujeitos dá um diferente movimento à cidade, que ganha vida, ganha cheiros, músicas e sabores, além de propiciar um misto de sensações.

Não foi diferente no bairro San Jerónimo. Já em meu primeiro dia nesta comunidade, passeando pelas ruas, encontro pessoas nas portas de suas casas. Devido ao calor, o tererê é compartilhado e sou convidada a dividir a bebida com um senhor que aprecia sua pausa sentado na calçada (**Figura 40**). O dia é marcado pela experiência na casa da senhora C. que me recebe gentilmente para uma conversa informal e me convida para compartilhar o almoço. Conversamos sobre sua família, sobre sua casa muito humilde e sobre a minha viagem. Novamente compartilho o tererê. E novamente o *patrimônio-territorial* desponta. C. estava tomando uma mistura de ervas pois não se sentia bem (**Figura 41**).

Figura 40: Senhor tomando tererê na calçada do bairro San Jerónimo



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 41: moradora de San Jerónimo tomando “yuyo”



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Em relatos, muitas pessoas afirmam que se valem regularmente dos medicamentos *yuyos*, sempre tendo em suas casas algo guardado ou plantado em seu quintal para tosse e gripe, ou dores estomacais, sendo a crença nesses remédios maior que nos fármacos provenientes de farmácias. Para a senhora apelidada de Y*, moradora do *Kure cuá*, o costume de utilizar *yuyos* é constante em seu dia-a-dia e sua fala demonstra profunda compreensão dos poderes de cada planta:

Lo que utilizamos más, es normalmente las hierbas de lucero que es para el estómago. (...) compramos ese [mostra um pacote] y tiene las semillas de la sandía, el melón, la naranja, todo se deseca días antes y tiene que ser desecado las semillas, hervir y nada más y después tiene estar frío para tomarle los chicos y se le saca la fiebre para fuera. El tereré tomamos con el (inint) o la grial. La grial que es para el fuego, o para cualquier cosa, para evitar eso y el (inint) es para cuando tenéis, los chicos tienen

*muchas veces varicela, entonces se le hace algo fresco para ellos y se les van saliendo todo más rápido*¹¹²

Em meu segundo campo, quando da realização de longas entrevistas, muitas vezes dividi o tererê com os entrevistados, numa troca de experiência que foi muito além de mera concessão de informações. Essa partilha me deu a oportunidade de adentrar não só às casas, mas a vida de seus moradores, o conhecimento de suas narrativas e expectativas, de ver seus álbuns de família numa abertura em que o aceite da bebida significou, muitas vezes, um “sim, quero compartilhar sua pausa e sua história”. Essa foi uma cena que se reproduziu na minha visita em diversas casas de San Jerónimo. Em outros momentos, o tererê deu lugar ao “mate cocido”, como quando estive com a senhora J*, que mesmo com seus compromissos marcados e pouco tempo disponível, nos recebeu em sua casa, respondeu com calma e nos preparou um delicioso lanche, como quem abraça com carinho um conhecido de longa data.

A cura está associada aos *yuyos* conjuntamente às orações [muitas vezes feitas em guarani], serviço prestado pelos “*médicos nana*” ou curandeiros, sujeitos que atrelam o conhecimento sobre as plantas e seu uso medicinal à fé sincrética, utilizando velas, selos, rosários e outros elementos para fazer a reza. Tal aspecto reflete a dualidade presente na religiosidade paraguaia, especialmente campesina, que permeia os universos cristão e guarani, permitindo diferentes formas de hibridismo, como os médicos especialistas em “*pajés*”, feitiçarias (TORRES, 1980; IBARS, 2005; OCAMPO, 2005).

Diferentemente de um doutor que possui formação acadêmica, os médicos de “*yuyos*” detêm a confiança popular. Frente ao difícil acesso aos serviços de saúde considerados formais, elevados preços de medicamentos e impossibilidade de seguros médicos privados e estatais, muitos indivíduos recorrem aos curandeiros como uma saída. Essa problemática advinda de desigualdades socioterritoriais, mostra como a evidente necessidade ocasionada pelas dificuldades materiais configurou-se como fator de permanência da tradição, somada ao apego aos costumes e a crença. Este aspecto é sinalizado por uma moradora da comunidade:

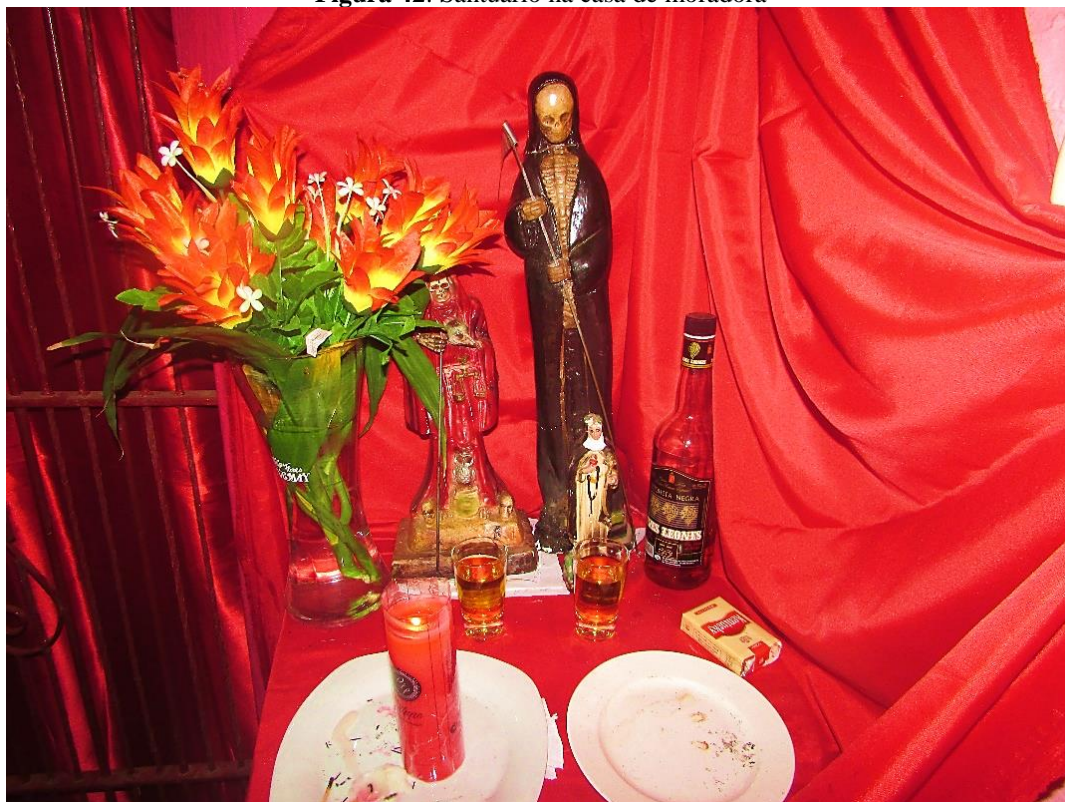
*Pero si a futuro que miramos va al Paraguay se va a franco deterioro de lo que dejaron nuestros antepasados (...). A pesar de que hay una dualidad muy fuerte: hay gente muy fanática que no deja nunca el terere, que va toda vida a los médicos yuyeros pero se no es por una cuestión de cultura, es por una cuestión de necesidad. La asistencia médica no llega a todos y si llega es a un costo muy caro entonces me obliga a irme y todavía a creer en el medico yuyero y nuestras plantas medicinales, entonces es un poco eso*¹¹³.

¹¹² Entrevista com a Sra. L. H. V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹¹³ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de fevereiro de 2018.

No bairro San Jerónimo foi possível encontrar uma médica naturalista, a senhora J*. Moradora da zona *Kure cuá*, nascida em Paraguari e neta de curandeiro no interior, afirma ter conhecido muitos médicos e curandeiros indígenas e herdado muitos ensinamentos. Ao mostrar sua casa, nos leva a seu pequeno santuário¹¹⁴ onde, como revelam as fotografias **Figura 42** e **Figura 43**, abriga seus santos e faz suas orações.

Figura 42: Santuário na casa de moradora



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

¹¹⁴ Dentre os santos, nos chama atenção aquele com vestes gaúchas. Denominado Gauchito Gill, é um santo popular na Argentina e também no Paraguai, não reconhecido pela igreja católica, que lutou na guerra contra a Tríplice aliança e morreu por não querer mais guerrear. É um interessante elemento de como a população faz persistir suas crenças e narrativas, mesmo sem o reconhecimento formal.

Figura 43: Diversas santidades e oferecimentos na casa de moradora. No canto direito, vela acesa para o Santo patrono do bairro em ocasião do novenário em sua honra.



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Ela nos conta em entrevista que já atendeu muitas pessoas no bairro, fazendo remédios e também “*ojeos*”, os conhecidos feitiços. Como ressalta Ibars (2005), muitos desses médicos tratam não só males físicos, como também de amor, trabalho e saúde, sendo requisitados para sarar dores e sofrimentos. Assim fala a senhora:

Yuyo si, se toma en el mate, o sino si viene uno y dice “me molesta el estómago” o una criatura que tiene un problema, se le enfermó algo, de repente también los ojeos, todas esas cosas ya me gusta hacer. Como utilizo en mi profesión, para curarlas a las criaturas y para hacer remedios para la comunidad, voluntarios, no cobro nada. Depende de qué grado de enfermedad llega la persona, si llega muy enferma lo primero que digo es “llévenlo al hospital porque este no es para mí” porque a veces la criatura ya se deshidrató o la persona adulta, por ejemplo, porque a mí no me gusta mucho excluirme a los remedios, curar mucho así porque voluntariamente yo o hago pero no junto mucha gente así. Yo llegué a atender 103 pacientes en un día, cuando vivía ahí en la esquina del Club San Jerónimo y después sucesivamente 80,90, a veces 70 personas. Mi abuelo era un médico, era curandero, en el interior.¹¹⁵

Aqui sinalizamos a importância dos moradores mais antigos do bairro e suas experiências, memórias, saberes e práticas resguardadas, de encontro com o que Costa (2017, p. 37) conceitua como “sujeito-patrimônio”. Segundo o autor, essa perspectiva abarca

todos os viventes do lugar, pois são os responsáveis diretos pela manutenção do sítio e da vida cotidiana. Representam a possibilidade mais real da preservação, da luta ou

¹¹⁵ Entrevista com a Sra. M.J.R., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 26 de setembro de 2018.

da resistência no sítio de pertencimento. É todo aquele que se move pelo bem comum da preservação incontestada, antes de tudo, da vida e de relações.

Assim como a senhora J*, muitos moradores são detentores não só desse conhecimento, como de memórias da formação do bairro, histórias de pessoas que vieram de muito distante para ocupar Assunção e se instalaram nessa localidade e que justificam a presença dessas tradições.

Conforme sinalizamos na abertura desse capítulo, há ainda uma quebra entre esses costumes tão presentes no cotidiano e sua origem guarani. Em resposta à entrevista, muitos moradores do bairro descreveram a presença dos “*remédios yuyos*” como uma herança que ainda se faz persistente no cotidiano do lugar, mas não sem antes ponderar se era mesmo de origem indígena. Uma situação interessante ocorreu na casa de CVC*. Enquanto a fazia perguntas, ela preparava uma infusão de ervas para sua gripe e no momento em que indaguei sobre as influências indígenas, respondeu convictamente que não restara nada de sua tradição.

A medicina tradicional se encontra em situação semelhante ao idioma guarani, mas está presente na vida cotidiana do bairro e se proclama enquanto *patrimônio-territorial* pela sua permanência, mesmo num cenário que revela a alienação e a colonialidade do poder. Dessa forma, sujeitos-patrimônio são fundamentais para a manutenção do *modus vivendi* do bairro e para passagem desse saber indígena para os mais jovens e crianças. Porém, isso se dará mediante robusta valorização do que é o mundo guarani, conscientização de como esse universo perdura no bairro e proposição de práticas e atividades que fomentem a troca e o diálogo construtivo entre as gerações presentes.

3.1.2. Mercado *Guazú*: conexões socioterritoriais possíveis

Um dos lugares mais ricos em cultura que tive a oportunidade de conhecer em Assunção foi o tradicional Mercado 4. Sem dúvidas, as experiências que vivenciei enquanto caminhava em seus corredores me aproximaram do *patrimônio-territorial* que buscava na cidade, enquanto me mostravam possibilidades de entrelaçamento histórico, territorial e quiçá afetivo com o bairro San Jerónimo.

O antigo Mercado *Guazú* [grande, em guarani] demonstra como a cidade não ficou alheia ao fenômeno dos mercados populares, no qual sua história está intimamente relacionada com as transformações urbanas de Assunção, e também com o enraizamento de costumes e tradições trazidas da população do interior do país. Instituído em meados do século XVIII, onde hoje está a praça pública Juan O'Leary¹¹⁶, teve seu movimento intensificado durante o século XIX, período de equipagem do território mediante a instalação de diversos equipamentos, como as ferrovias e os portos (RUBIANI, 1998; YUBI, 2010). Inicialmente, configurava-se como um tipo de casarão fechado que abrigava pequenos comércios como de selas e ourives, mas devido a sua superlotação passa a ganhar espaço nas ruas e a se estender por outras “manzanas”.

Segundo Rubiani (1998), as protagonistas deste Mercado eram quase sempre mulheres e campesinas que vinham de diversas regiões do país, trazendo para vender seus produtos procedentes do trabalho realizado no campo, como frutas, verduras, leite e seus derivados: doces caseiros, picles e queijos. Por esse motivo, conformou-se como um lugar onde a mulher teve papel central desde seus primórdios.

Após a Guerra do Paraguai, o Mercado *Guazú* foi essencial para o reestabelecimento do movimento da cidade, ainda tendo como protagonistas as mulheres em um contexto de aniquilação da população masculina. Este fato favoreceu o surgimento de uma casta feminina trabalhadora, denominada “*Kyguavera*”, responsável pelo surgimento de pequenas fábricas domésticas.

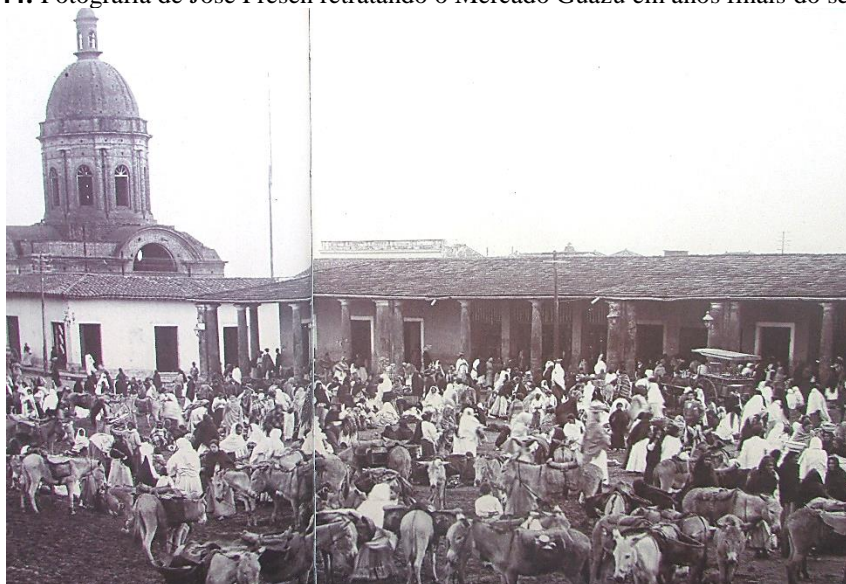
Por conseguinte, os ranchos campesinos foram convertidos em espaços para a realização de atividades produtivas que atendessem às necessidades familiares, mas também essenciais para a reestruturação do país, no qual o cultivo de hortifrutí e a criação de animais se destacavam. A partir disso eram produzidos queijos, manteigas e doces, chapéus, redes e tecidos, tudo a ser comercializado no mercado. Todos os produtos advindos de pequenas

¹¹⁶ Praça situada na quadricula circunscrita pelas ruas Palma, Ntra. Sra. De la Asunción, Estrella e Independência Nacional.

fábricas e de hortas chegavam ao centro por mulheres “burreras” conduzindo burros de carga, em uma espécie de montaria com bolsas laterais (RUBIANI, 1998).

A **Figura 44**, exibe a apropriação desse espaço no centro da cidade pela população de origem campesina, notadamente feminina. Observamos a instalação do mercado e o edifício histórico do Panteão dos Heróis, à esquerda. Destacam-se as mulheres, em sua maioria utilizando mantas sobre suas cabeças, e alocando seus burros com mercadorias. Novamente a mulher paraguaia é responsável pela manutenção de costumes e tradições mediante a transposição de aspectos característicos da vida no campo para o fato cidade.

Figura 44: Fotografia de José Fresen retratando o Mercado Guazú em anos finais do século XIX



Fonte: Yubi (2010)

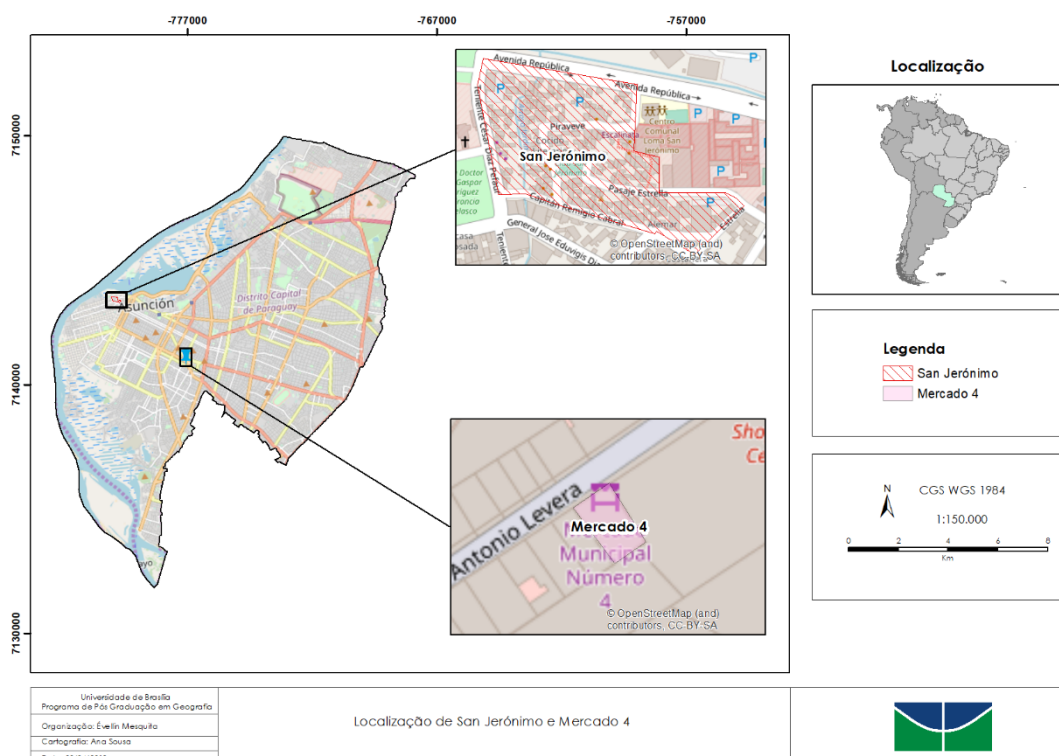
A intensa ativação do mercado representava além de sobrevivência de costumes, um importante movimento comercial para a cidade. Entretanto, os ímpetus estéticos do início do século XX, influenciados por imigrantes europeus, favoreceram a sua demolição ao término da primeira década, onde se reergueu um mercado provisório que durou cerca de 20 anos na espera da reconstrução da estrutura (RUBIANI, 1998).

Nos anos seguintes, em que o apelo pelo moderno permeava a cidade, foram instaladas novas edificações que demarcavam a ideologia dominante, tornando inconcebível a presença do Mercado *Guazú* ante o padrão sugerido. De acordo com Rubiani (1998), sua imagem foi deturpada mediante dissipação de histórias de violência, presença de vícios como as rinhas de galo e comércio ilícito, culminando na perda de sua preponderância econômica. Essas problemáticas serviram de justificativa para sua demolição definitiva frente ao processo de renovação da cidade da década de 40.

Contudo, a resistência das trabalhadoras quanto ao uso do território e ocupação daquele lugar foi tamanha, que a perspectiva higienista não foi capaz de interromper o seu labor. As mulheres seguiram nas ruas carregando produtos com seus burros durante anos¹¹⁷. Em 1942, iniciou-se a transferência dos trabalhadores e trabalhadoras para sua localização corrente, onde tem resistido aos vetores da modernização do território, mas não sem receber seus impactos.

Atualmente localizado no bairro Silvio Pettrossi, a aproximadamente 4km do bairro San Jerónimo (**Mapa 11**), o Mercado 4 é o maior centro comercial popular do país e segue refugiando uma grande mescla de práticas, o que evidencia o uso mais democrático do território pela presença do *patrimônio-territorial* (SANTOS, 2000a; COSTA, 2016). Além disso, é constituinte do circuito inferior da economia urbana, caracterizando-se como área de mercado de gostos tradicionais e apelidada de “primitiva” (SANTOS, 2017).

Mapa 11: Localização do bairro San Jerónimo e do Mercado 4



Dentro do ônibus já é possível sentir a diversidade dessa feira. A **Figura 45**, tirada logo após de descer do coletivo, anuncia uma explosão de cores e recorda uma mistura de sons, uma mescla de gentes que configura uma paisagem repleta de vivacidade e relações socioespaciais. Notadamente, o mercado é local de cultura e de relações de pertencimento, já que o lugar de trabalho é também possibilitador de encontros e refúgio de histórias de vida.

¹¹⁷ Hoje, essa quadrícula é ocupada pelo famoso hotel guarani, instalado 15 anos depois da demolição do mercado.

Figura 45: Vista da feira ao descer do ônibus



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

É bastante evidente que esse espaço de consumo tem o objetivo de atender especialmente as necessidades de uma parcela da população que não consegue se inserir em outras dinâmicas, ou que precisa economizar devido aos escassos recursos. Também se observa que muitas das bancas são improvisadas com caixotes de madeira e lonas, denotando a uma característica do circuito inferior que é a reutilização de certas mercadorias (SANTOS, 2004, 2017); escassez que implica em uso dos recursos disponíveis para a realização do trabalho, para a realização da vida.

Já as relações estabelecidas pelos seus atores caracterizam-se pelo domínio das horizontalidades. Estas “são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta” (SANTOS, 2006a, p. 193), ou seja, influenciado pelas finalidades impostas de fora, mas também contra finalidade, gerada localmente e marcada por relações sociais de solidariedade orgânica, no qual prevalece a força do lugar: cultura, tradições, costumes e memórias.

Esses aspectos, como já salientamos, dão potência ao *patrimônio-territorial* e favorecem sua permanência ante vetores de modernização do território e produção de verticalidades. No Mercado 4, essa herança está a todo tempo sendo manifestada pelas suas gentes devido às relações que o lugar propicia, lembrando também as características históricas

de sua trajetória associada à memória do campo que nos aproxima novamente da memória nativa. Costa (2018, p. 22) tem enfatizado o lugar especial que mulheres e homens idosos tem na apropriação de espaços públicos e mercados na América latina. Para o autor,

el campo se hace presente por los productos, el arte, la cultura y los flujos populares diarios (campo-ciudad-periferia-periurbano). Esas espacialidades urbanas resistentes posibilitan la permanencia de saberes culturales productivos rurales, en la urbe, por hombres y, especialmente, por mujeres ancianas

A presença indígena e campesina está tanto no idioma, nos produtos, na venda de ervas para os *yuyos*, quanto no próprio aparecimento do sujeito indígena a vender seus artigos, sobretudo artesanatos. Também reparo na forte presença de mulheres no setor mais popular do mercado, sempre falando alto o guarani. Esse fator nos revela novamente o papel feminino na resistência do *patrimônio-territorial* nesse contexto urbano. Encantam-me as cores, as frutas frescas e a música que vai se alternado à medida que adentramos novos setores. Enormes bancas de frutas, verduras e legumes nos aproximam da tradição produtiva do país e enaltecem a mulher paraguaia trabalhadora (**Figura 46**), enquanto os chapéus utilizados no cenário campesino (**Figura 47**) remontam aos primórdios do mercado junto à belas confecções em palha.

Também se percebe a presença de vendedores de animais para consumo e para criação doméstica (**Figura 48**). Encontramos muitas bancas voltadas à venda de ervas, plantas medicinais, misturas para o tererê e para os *yuyos* (**Figura 49**), todos elementos que evidenciam o *patrimônio-territorial*. Peço a uma senhora para pegar um maço de plantas e sinto o cheiro e a textura. Interessante como esse contato com a trabalhadora me faz viajar à infância e rememorar a minha avó, senhora que viveu muitos anos no interior do estado do Maranhão, ajudando a mãe no labor exigido na roça, detentora de conhecimentos sobre as ervas e plantas que cultivava no quintal.

Figura 46: Mulheres trabalhando em bancas do Mercado 4



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 47: Trabalhos em palha



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 48: Senhor vendendo animais



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 49: Senhora vendendo ervas, especialmente para *yuyos*



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Convida-me a adentrar ainda mais os seus intermináveis corredores, a conversa suave dos vendedores na tentativa de me convencer a comprar (**Figura 50**). Essas relações de trabalho e de troca diretas e pessoais, em que nos sentimos pertencentes a dada realidade pela criação de um ambiente amistoso pelo vendedor e que conformam o circuito inferior da economia, transcendem as relações econômicas e se desdobram em relações socio-afetivas (SANTOS, 2017). Esse relacionamento mais próximo, dá também a oportunidade do uso do idioma nativo na hora de “pechinchar”, repleta de brincadeiras e ditados populares, favorecendo o surgimento

de preços de ocasião, que “tenderão a satisfazer ambas as partes, ou seja, vendedor e consumidor” (SANTOS, 2017, p. 486).

Figura 50: Relação amistosa entre vendedores e compradores



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Percebe-se também um setor com características mais modernizadas, em que a venda de réplicas de produtos internacionais é forte. São roupas, calçados, produtos de beleza que se relacionam aos aspectos da cultura de consumo. Nesse setor já não escuto o guarani entre os vendedores como nos setores mais tradicionais, as relações são mais indiretas e os recursos de propaganda são outros, como o uso de microfones e materiais de divulgação.

Costa (2018) ao fazer uma leitura das feiras livres e mercados da América Latina, afirma que nesses espaços há a convivência do comércio popular e do turismo, com espaço para o sagrado. Esse misto de uso e representações é o que torna ainda mais evidente a sua resistência, apesar da voracidade do comércio urbano moderno realizado pelos shoppings e novos centros comerciais e pela presença de características modernas nos mercados tradicionais. Dessa forma, essa outra face do Mercado 4 que pode representar um risco, não possui força suficiente para dismantelar o *patrimônio-territorial* presente, nem mesmo minorá-lo, pois sua robustez está nos sujeitos e nas apropriações que fazem deste lugar.

As pessoas em trânsito, os turistas, os moradores de bairros periféricos, campesinos, moradores do centro, os trabalhadores e trabalhadoras ativam esse espaço na cidade de Assunção, instigando a necessária reflexão acerca de possibilidades de estabelecimento de

conexões territoriais afetivas (COSTA, 2018) de modo a dar visibilidade e valorizar o *patrimônio-territorial*. Já que é voraz e irreversível a ação dos agentes da lógica dominante, Costa (2018, p. 21) propõe a valorização mútua que “descoloniza el territorio, pues tanto la universalización como la singularización de bienes declarados dependen de esa conexión que revela culturalmente territorios de excepción y viceversa”.

Quando possibilitamos a conexão com o *patrimônio-territorial*, abrimos o caminho para uma história mais abrangente e reveladora de práticas permanentes dos *sujeitos em situação espacial*, de modo a permitir o diálogo de “saberes, prácticas culturales y bienes de distritos o de barrios periféricos con el centro urbano principal o el patrimonio declarado. Es la propia conexión territorial afectiva mediada por el patrimonio-territorial” (COSTA, 2018, p. 21). Assim, de acordo com o autor, o *patrimônio-territorial* em conexão é capaz de fortalecer resistência de sujeitos historicamente subalternizados e suas influências, bem como evidenciar a passagem dos sujeitos entre os lugares de cultura.

Como já mencionado, muitos dos trabalhadores e trabalhadoras do Mercado *Guazú* passaram a se assentar em Assunção e nas proximidades da Loma San Jerónimo. Eram pessoas que utilizavam o lugar para levantar casas temporárias, já que vinham do interior e precisavam habitar em locais vizinhos ao trabalho (SÁNCHEZ, 2014).

É interessante frisar a sua importância nesse contexto e o que a sua presença e sua história podem afirmar sobre a constituição do bairro. Em visita ao Museu “Manzana de la Riviera” em 19 de fevereiro de 2018, em decorrência de campo exploratório, foi possível constatar algumas características da população que atuava nesse antigo mercado, por meio de seu acervo. É evidente a centralidade de aspectos que remetem aos indígenas e seus costumes fortemente arraigados após uma profunda mestiçagem, como os artesanatos e a presença de elementos que trazem uma distinta relação sociedade-natureza.

As imagens a seguir, nos fazem refletir sobre a população que fez da colina aqui abordada seu local de residência diante das necessidades laborais ditadas no período. Também revelam traços de ruralidade que ficaram entranhados em Assunção. Enquanto valores hegemônicos eram imprimidos no território e na sociedade, os sujeitos aqui descritos aproximam da realidade a ideia de “abrigo” defendida por Gottman e retomada por Santos (2000b, 2005b) e o quanto essa perspectiva suscita usos contra-hegemônicos do território.

Figura 51: Representação de trabalhadores do antigo mercado de Assunção (Acervo do Museu Manzana de la Riviera)



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

É por esse viés que propomos a conexão do Mercado 4 com o bairro San Jerónimo. Idealiza-se a criação de vínculos socioafetivos com a feira, a partir dessa conexão histórica e territorial, de modo a ampliar o conhecimento de ambos os lugares retratados, a favorecer a valorização de práticas e saberes mantidas pelos sujeitos desses dois lugares e a reforçar a resistência do *patrimônio-territorial*.

Enxergamos no entrelaçamento do bairro com o mercado um potencial de preservação patrimonial ante avanços da *patrimonialização global*, além de possibilidade de mitigação de preconceitos e valorização de aspectos renegados pela colonialidade do poder. Assim tem-se a

pretensão de evidenciar o Mercado 4 como parte importante da história de formação do bairro San Jerónimo e instigar o estabelecimento de maiores vínculos dos moradores com esse lugar, trazendo essa perspectiva em proposta de material didático a ser deslindado em tópicos seguintes.

3.1.3. Meu bairro, meu patrimônio: o *patrimônio-territorial* em San Jerónimo

Em momentos anteriores, adentramos a esfera patrimonial de modo a encará-la como um campo de tensões sociais, políticas e econômicas. Ao passo que as singularidades patrimoniais são apropriadas e recriadas para o mercado, seguimos acreditando no seu potencial de gerar experiências e trocas sociais capazes de despertar nos sujeitos os sentimentos de identificação e pertencimento ao lugar.

Costa (2016, 2017, 2018) ao assumir a proposição do *patrimônio-territorial*, também o faz tendo em vistas esses elementos da vida cotidiana em escala local, muitas das vezes deixados de lado na seleção de objetos e saberes constituintes da memória e identidade nacional. Às vezes, esquecidos pela lógica institucional, esses elementos são estruturantes de uma trama vivenciada pela comunidade e possuem seu valor enquanto *geosímbolos* (BONNEMAISON, 2002), marcadores espaciais que são carregados de significados.

Quando questionados sobre o que é o patrimônio da comunidade, de modo a identificar o *patrimônio-territorial* de San Jerónimo, conseguimos perceber que para alguns moradores o bairro em totalidade pode ser considerado seu patrimônio:

*Todo el barrio es un patrimonio. Para mí todo el barrio (...). Por la infraestructura misma porque como te digo, yo al menos veo como una casa grande donde tiene todo.*¹¹⁸

*El patrimonio está en la capilla, el club, está en la escalinata que es muy citada, verdad. y pues toda la zona baja, la zona cerca del río. Todo es patrimonio.*¹¹⁹

*La idiosincrasia eso todo es patrimonio. Por ejemplo, el trato que tenemos, porque vos salís de acá de San Jerónimo y la vida es rápido, corre rápido y vos entráis acá y es como que intangible el patrimonio, vos tenéis que estar acá para sentir lo que es patrimonio de San Jerónimo, la idiosincrasia de la gente que vive acá. Para mí es intangible, no puedo explicar. Es de sentimiento.*¹²⁰

Esse olhar abarca todas as *rugosidades patrimoniais* (OLIVEIRA, 2016) locais, ou seja, o seu núcleo urbano, os seus monumentos, objetos significativos, construções e a sua imaterialidade dada pelas festas, ritos, costumes e o saber fazer. Uma série de elementos que figuram o *patrimônio-territorial* do bairro resistente à passagem do tempo, aos imperativos de modernização do território e da sociedade, bem como à *patrimonialização global*, mesmo quando impactada por ela.

¹¹⁸ Entrevista com a Srta. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹¹⁹ Entrevista com o Sr. F.D.L.M, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 22 de setembro de 2018.

¹²⁰ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

São esses aspectos que nos enveredam para o entendimento do lugar enquanto pausa no rápido movimento da sociedade moderna e catalizador de sentidos de pertencimento, de familiaridade, de segurança, de costume, de lembrança do passado e de uso do território pelos sujeitos. De acordo com Lima (2017), estes sentidos adquirem maior expressão quando as materialidades do lugar, em sua permanência (ou ausência), tornam-se parte das vivências e significações atribuídas por seus habitantes.

Nesse sentido, dois objetos espaciais são citados com maior frequência enquanto dinamizadores da vida do bairro e referências mais importantes para a comunidade: o oratório e o clube San Jerónimo. A fala de um morador expressa bem o significado desses elementos para a comunidade, e a suas influências na sobrevivência do modo de existir no mundo dessa coletividade:

es un espacio donde los vecinos compartían, donde los vecinos se conocieron, donde los vecinos ayudaban, entonces gracias a estos grupos unidos, es esto Loma San Jerónimo, si no existía eso capaz de hacer muy diferente Loma San Jerónimo, no iba a existir, no iba a existir en turismo, no iba a existir en solidaridad, no iba a existir en cultura, en nada. Entonces estos lugares hicieron que la población de Loma San Jerónimo sea más unida, entonces tanto el oratorio (...), como también el club San Jerónimo son los lugares para mí más importantes, porque son los que le dieron inicio a la historia de nuestro barrio, en el oratorio en el sentido religioso, escolar y el club en el sentido deportivo, donde los amigos de mi abuelo y mi abuelo jugaban vóley (...)
121

Tem-se que a “relação do lugar com o patrimônio se estabelece na acomodação desses aspectos de permanência e continuidade histórica, costume, familiaridade”, pois “o patrimônio confere ao lugar determinadas singularidades que possibilitam tal acomodação” (LIMA, 2017, p. 217).

3.1.3.1. O oratório de San Jerónimo e a festa patronal

O oratório de San Jerónimo é uma pequena capela levantada em honra ao santo patrono de mesmo nome. Muitos acreditam que a nomenclatura do bairro se associa a esse espaço, que se conforma como lugar de expressão da religiosidade de seus moradores (ALLENDE, 2011). Apesar de sua origem remontar aos primórdios da ocupação da loma, a sua fundação oficial é datada em 28 de março de 1926 e desde então suas atividades tem sido levadas à frente pela “Sociedad Santuario San Jerónimo”.

A moradora e presidenta organizacional do oratório rememora os tempos de criança com feições alegres e fala do apego que tem à capela visitada por ela, regularmente, desde a infância,

¹²¹ Entrevista com o Sr. M.S.R.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 23 de setembro de 2018.

o que a motivou a assumir o cargo de responsabilidade. Este lugar para a senhora tem muito simbolismo e representa para ela o que é o bairro por inteiro, é o que lhe dá a vida, “é o lugar mais importante do bairro e depois o clube”:

Muy antiguo es. Yo cuando nací ya estaba esta capilla. Era una capillita pequitita de madera. Y había el santo, y dos o tres bancos y una o otra silla que hasta ahora existe. (...) Allí no se hacía misa, solamente en el día del santo se hacía misa. (...) El barrio y la comunidad trabajó para agrandar. Después un padre de nombre Bulgarelli que compró el terreno de atrás para nosotros y se hice una escuelita.¹²²

Todas as atividades ou mudanças no oratório contam com a participação dos membros da comunidade, mas cabe frisar a importância da ordem religiosa salesiana, em especial a figura do padre italiano Gabriel Bulgarelli, para a organização da pequena igreja. De acordo com Allende (2011) o pároco muito trabalhou em benefício do bairro, escutando e tentando entender suas demandas. Também foi o idealizador da edificação do Centro Educativo San Gerônimo, que atendia as crianças do jardim de infância à pré-escola, em funcionamento desde os anos 90. Em 2016, foi desativada ante as possíveis obras pretendidas no oratório pelo projeto “Reconversión Centro, Modernización del Transporte Público Metropolitano y Oficinas de Gobierno” e não retomou o ensino.

Esse pequeno espaço de fé e de encontro se perfaz enquanto *patrimônio-territorial*, pois dá a essa comunidade uma referência simbólica de sua origem e formação enquanto bairro. Ademais, é considerado uma relíquia vivente por seus moradores mais antigos (ALLENDE, 2011), sendo reconhecida e apreciada pela maioria da população. Essa identificação se dá devido a força deste espaço como elemento aglutinador do grupo e possibilitador do encontro entre os habitantes, gerando grande sentimento de pertencimento, como atestam os moradores:

Para mí el oratorio, lleva el nombre de nuestro santo patrono que es San Jerónimo. Para mí es el primero (...) cuando hay reuniones todos vamos ahí, los domingos hay misa, vaya yo o no vaya, sí hay misa, es un punto de reunión, vos te vas y encuentras a toda la gente del barrio.¹²³

La capilla porque es una zona donde justamente se fundó el barrio y más arriba vivió toda la gente y que se supone también que lo más importante es nuestra capilla, como católicos.¹²⁴

El lugar más importante es el oratorio. Es el lugar donde siempre estuvimos, o sea, siempre comulgaban a la gente; cualquier cosa, allí eran las reuniones; la misa (...)

¹²² Entrevista com a Sra. C.T., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 19 de fevereiro de 2018.

¹²³ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹²⁴ Entrevista com a Sra. M.J.R., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 26 de setembro de 2018.

*hoy día se fue apagando muchísimo el oratorio, hoy día ya tiene poca gente, pocos que van a la iglesia domingo.*¹²⁵

Quando tive a oportunidade de vivenciar algumas celebrações juntamente com a população (**Figura 52**), encontrei um ambiente familiar [no qual a maioria dos presentes eram senhoras], de muita conversa e brincadeira antes da chegada do padre. Confirmou-se a fala dos moradores a respeito de um incipiente esvaziamento da igreja, apesar de se configurar como o elemento mais importante do bairro para a maioria dos entrevistados, denotando não uma negação de seu valor enquanto patrimônio, mas sim a sobreposição de outros valores modernos, como veremos mais adiante (LIMA, 2017).

Figura 52: Missa de Cinzas o oratório



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

As minhas vivências no oratório foram demarcadas por cânticos e expressões em guarani, o que muitas vezes dificultava a minha apreensão das mensagens, mas que me faziam sentir sempre a persistência do *patrimônio-territorial* versado no idioma. Também pelo apego ao santo patrono San Jerónimo, materializado no cuidado com sua escultura datada do início do século XX (**Figura 53**). Como já foi restaurada, há um enorme esforço em mantê-la inteira para ser utilizada nas procissões de seu dia e manter a tradição. Apesar de já terem adquirido uma imagem mais nova e moderna do santo, *San Jerónimo guazú*¹²⁶, a comunidade resguarda o significado histórico e simbólico da pequena escultura, denominada *San Jerónimo 'i*¹²⁷.

¹²⁵ Entrevista com a Sra. L.M.H.V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹²⁶ Traduzido do guarani: San Jerónimo Grande.

¹²⁷ Traduzido do guarani: San Jerónimo pequeno.

Figura 53: San Jerónimo'i ou San Jerónimo “chico”



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Podemos afirmar que a importância do oratório, de seus objetos e de suas festividades relacionadas não está somente em sua materialidade e realização, mas na resistência que assume caráter geográfico ao suscitar a manifestação de espacialidades. Nesse sentido, a tradição e o seu papel ritualístico favorecem a perpetuação do *patrimônio-territorial* da comunidade ao consolidar o apego e a valorização de objetos e práticas passadas situadas no lugar, no presente (COSTA, 2016; LIMA, 2017).

O oratório e o santinho resguardado ganham maior evidência durante a festividade em sua honra, no dia 30 de setembro de todo ano. As festas patronais são festas populares de caráter religioso e pagão, originadas com o intuito de catequização e difusão de preceitos cristãos para neófitos, no qual dentro de um marco de solenidade, somam-se atos religiosos com o júbilo popular em que a cerimônia principal é a procissão (TORRES, 1980; OCAMPO, 2005). Essas festas são muito recorrentes em povoados interioranos do Paraguai, resguardando traços de ruralidade e costumes decorrentes da hibridização cultural entre espanhóis e os povos originários, como as missas guaraníicas.

A festa patronal de San Jerónimo configurou-se enquanto resistência de uma prática que há muito tem se perdido em Assunção, ante o desejo de modernidade e higienização da cidade e o rechaço às tradições, caracterizando-se por uma série de rituais territorializados,

propiciadores de vínculos afetivos com o lugar e marcado pelo empenho de seus moradores em todo o processo. De acordo com Allende (2011, p. 27–28), no passado:

Nueve días antes de la fecha comenzaba el novenario en honor al santo, al que nadie faltaba. A medida que se aproximaba la fecha recordatoria, el entusiasmo crecía, la gente del barrio preparaba guirnaldas, banderas, banderillas y todo lo que atañe a un ambiente festivo. (...) El día 30 de septiembre a las 8 horas de la mañana se celebraba la misa central. Al término de la misma se iniciaba la marcha por las calles Don Bosco, Oliva, Reforma, semidei y una calleja de la fábrica de la entonces COPAL para luego llegar a su Oratorio.

Em resposta às entrevistas, a festa patronal figurou como celebração mais importante para o bairro, sendo rememorados os seus aspectos tradicionais e lembrados os preparativos envolvendo toda a comunidade: a infância e as “chocolatadas” para as crianças, a preparação de bandeirinhas, a missa no oratório e os cantos religiosos entoados por todos durante as procissões. Aspectos que mostram a apropriação e uso do território pelos sujeitos a partir de práticas dotadoras de especificidades a esse bairro e vivenciadas em seu real sentido apenas por seus moradores, como revelam os relatos:

*En el oratorio. Se hace una procesión vía terrestres (...) y luego se hace caminando por todo el barrio y todo se concentra en el oratorio, todas las actividades ahí y por la tarde, en el día son así para los chicos una achocolatada, (inint), todo para ellos. Sí, cada uno nos envían invitaciones casa por casa donde dicen por los lugares que van a pasar y todos tenemos que poner banderines en nuestras casas por donde se va a pasar el santo.*¹²⁸

*Y como otro día estaba comentando a mi papá lo que más se celebra es el día del Santo Patrono, 30 de septiembre, se hacen las procesiones, la fiesta, achocolatado para los niños...*¹²⁹

Apesar de ser sugerida como um dos traços mais representativos para a comunidade, constatamos em campo o risco a esse *patrimônio-territorial* pela sua transformação para conformação ao ideal de moderno, bem como pela sua apropriação para o mercado. Desde que o bairro passou a pelas primeiras intervenções urbanas no ano de 2011, tem recebido vendedores, expositores de outros bairros da cidade e, conseqüentemente, alguns turistas em suas festividades que, segundo moradora¹³⁰, movimentam o bairro economicamente, mas que pelo baixo número não afetava em nada o marco de “festa da comunidade para a comunidade”. Já para o ano de 2018, foram sendo incorporadas algumas mudanças no ritual e na estrutura da festa, transformando as minhas expectativas de encontrar o *patrimônio-territorial* sendo ativado

¹²⁸ Entrevista com a Sra. L.M.H.V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018

¹²⁹ Entrevista com a Srta. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹³⁰ Entrevista com a Srta.P.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 28 de setembro de 2018.

pela comunidade, em anseios de perceber como a lógica da *patrimonialização global* tem se manifestado em San Jerónimo.

Conforme relato de moradora, a população mais antiga tem se apartado da organização da festividade, especialmente pela idade, ao passo que os jovens do bairro têm se aproximado, mas influenciados e movidos pelo interesse de transformar a festa patronal em um evento mais moderno capaz de gerar fluxo turístico:

*Ahora justamente antes de ayer tuvimos la reunión y se está organizando una fiesta grande, de dos días, del 29 y el 30 y va a ser en otro nivel, no va a ser como fiesta patronal, va a ser una fiesta más moderna, se van a traer grupos, a parte de lo que ya van a estar, los juegos tradicionales que son de nuestro país, pero aparte se van a traer grupos ya modernos y se van a cerrar las calles, va a haber ferias, va a ser algo más grande, esa es la primera vez que estamos organizando.*¹³¹

Em contato com um dos jovens organizadores, pudemos apreender por meio de seu discurso a já discutida dialética da memória – com base em Costa (2015a). Observa-se a preocupação do morador quanto a perda dos costumes ante a modernização de Assunção, mas também a aproximação de sua intenção de resgate à lógica mercadológica. A ideia é a de preservação da festa patronal por meio de sua transformação em festival, semelhante às festividades de *San Patrick* comemoradas à nível mundial:

*La idea fue naciendo cómo se celebra San Patrick a nivel mundial, entonces, bueno sí la asociación ancha que te comenté ellos celebran la fiesta San Patrick, que no es paraguaya, se celebra en el centro de Asunción, es la fiesta más grande de Sudamérica, donde todos se visten de verde (...) entonces yo dije, porque nosotros no hacemos la fiesta San Jerónimo de esa forma. En Asunción no hay fiesta patronal como lo hay en el interior del País, en los pueblos del campo, cada pueblo tiene su fiesta patronal, donde la hacen grande, cada pueblo tiene y Asunción no tiene, es como que la gente de Asunción piensa que no sé, que son norteamericanos por ahí (...) y se van perdiendo nuestra costumbre entonces yo dije San Jerónimo se celebra hace 91 años y tenemos que hacer cada día más grande, entonces la idea que yo pensé ahora es, hacer un festival.*¹³²

Nota-se a contradição que a colonialidade do poder é capaz de instigar: a de luta contra a desvalorização do que é local ante a homogeneização e perda de costumes, utilizando os recursos, os exemplos e os modelos estrangeiros. Essa característica é reveladora da necessidade de “descolonização do pensamento” e de proposição de outras formas de preservação do patrimônio, a ser tratado em tópicos seguintes.

Em concepção o festival denominado “*SanJe*” seria uma mescla entre o tradicional e o moderno, de modo a manter os rituais religiosos, mas agregar valores comerciais mediante a

¹³¹ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹³² Entrevista com o Sr. M.S.R.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 23 de setembro de 2018.

venda de ingressos para a apreciação de gastronomia, artesanato e bandas musicais, como ilustra o convite disponibilizado em mídias sociais do bairro (**Figura 54**). Segundo morador, tem-se o objetivo de manter suas práticas, mas também levantar a atividade turística no bairro:

*la Loma San Jerónimo como lugar turístico tiene que vender todo lo que tiene, en el sentido de mostrar todo lo que tiene y lo podemos hacer la fiesta de San Jerónimo bien grande, no solamente para nosotros sino para toda Asunción. (...) La misa sigue, con lluvia, tormenta la misa se hace, la cena también se hace, la procesión también se hace, solamente este festival el cual yo quise hacer diferente va a cambiar, pero el resto se hace cómo se hizo hace 91 años atrás, no cambia el ritual.*¹³³

Figura 54: Convite para o “SanJe Festival”



Fonte: Facebook do bairro San Jerónimo

Tivemos a oportunidade de acompanhar e perceber como a novidade foi encarada pelos moradores, especialmente pelos mais antigos em conversas informais e também presenciar os preparativos para a festividade e o evento. Durante toda a semana a população dividiu-se no envolvimento com as atividades religiosas e com a preparação de especialidades gastronômicas para venda no dia 30 de setembro. Foi comum durante a realização das entrevistas ouvir comentários como: “estou fazendo *chipa guazú*¹³⁴ para o festival” e “não podemos demorar, pois haverá novena”. As novenas em homenagem ao santo aconteceram normalmente entre os dias 21 a 29 de setembro no oratório, com orações e cânticos, também no idioma guarani, mesmo com menos adeptos. Também foi mantido o cuidado com a imagem do santo patrono

¹³³ Entrevista com o Sr. M.S.R.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 23 de setembro de 2018.

¹³⁴ Elemento da gastronomia paraguaia, é uma espécie de bolo de milho com queijo.

nos dias anteriores à missa e procissão (TORRES, 1980), fato que revela o seu caráter de símbolo, valorizado porque contem e perpetua a experiência de gerações (LIMA, 2017).

No dia 29, dediquei-me a acompanhar e auxiliar na ornamentação da festividade já que havia sido convidada pela comunidade. Uma moradora nos comentou que a produção de bandeirinhas para enfeitar todo o bairro é um costume muito antigo para a recepção do santo patrono durante o ato de procissão, momento compartilhado por todos. Quando não podiam comprar cola, faziam com água e farinha uma mistura para grudar os papéis, mas não faltava decoração. Entretanto, pela ocupação com demais atividades envolvendo o festival observou-se baixa participação de moradores adultos, ao passo que as crianças se empenharam na produção dos enfeites enquanto dançavam, brincavam e se divertiam, como ilustram as fotos **Figura 55** e **Figura 56** a seguir:

Figura 55: Produção de bandeirinhas pela comunidade



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 56: Crianças auxiliando na ornamentação da festa



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Defendemos que os jovens e crianças detêm papel essencial na manutenção de ritos e na resistência do *patrimônio-territorial* do bairro, isso porque a continuidade dos aspectos pretéritos está no caráter repetitivo dessas manifestações, que ao relembrares como aconteciam as festividades e rituais tornam o passado atual (LIMA, 2017). Essa preocupação em despertar o interesse dos jovens para esses elementos que fazem vigorar o *patrimônio-territorial* do bairro reforça nosso interesse na elaboração de material didático para esse grupo etário de San Jerónimo, de modo a corroborar com o surgimento e reforço de sentimentos de pertencimento e a diminuir os evidentes riscos patrimoniais encontrados.

Todo o preparo da festa patronal tem o seu ápice no dia de júbilo do santo, que começa com o repique dos sinos, lançamento de fogos de artifício e alçamento das bandeiras do país e do santo, sendo a cerimônia central a missa solene, na maioria das vezes proferida em

guarani¹³⁵, seguida da procissão levando a imagem (TORRES, 1980). No dia 30 de setembro para o bairro San Jerónimo, seguem vivas a maioria dos costumes descritos por Torres (1980). Ainda de casa, escuto os repiques, os fogos, os gritos de alegria da comunidade revelando como essas manifestações culturais dão significados e qualificam o espaço, bem como suscita sentimentos de emoção, orgulho, identidade e comunhão entre os entes participantes.

Ao chegar na pequena capela, toda decorada de bandeirinhas brancas, já observo alguns dos moradores mais antigos fazendo preces em agradecimento. Em poucos minutos, a população enche o espaço sendo necessária a distribuição de cadeiras ao lado de fora (**Figura 57**). Quase toda a celebração foi proferida em guarani, desvelando o encontro de fragmentos de *patrimônio-territorial* presentes no bairro: a memória indígena sendo revivida pela ritualidade presente na manifestação local, realizada no oratório que continua sendo demarcado por afetividade e possibilitando a realização de uma trama única. Observamos os “sentidos e signos partilhados, as dinâmicas de atribuição de significados e valores no presente, concatenados à própria espacialidade do lugar” (LIMA, 2017, p. 223).

Figura 57: missa de 30 de setembro



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

A dualidade encontrada em San Jerónimo está na permanência desses atributos genuínos coexistindo com a ânsia de emancipação econômica pelo turismo. A colonialidade do poder

¹³⁵ Conhecidas como missas guaraníticas (TORRES, 1980).

especializada pela lógica atual de patrimonialização global não só transforma a cidade e seus bairros, como perpetua uma mentalidade demarcada por outros valores negadores da própria essência dos lugares enquanto tentam enaltecê-la (COSTA, 2015a), como é o caso da mercantilização do usufruto de seu território, vivências e práticas. Isso posto, tem-se colocado em risco o que ainda resiste enquanto *patrimônio-territorial* do bairro, a julgar pela quebra do ritual anual de procissão feita com o *San Jerónimo' i* ao término da missa, dando lugar ao festival de cunho mercadológico¹³⁶.

Optamos por manter no **Mapa 10** o circuito feito pela população durante a procissão, pois em contato posterior com moradores, tivemos conhecimento de que a celebração foi realizada. Embora sua data tenha sido remanejada em prol do festival, manteve suas características de religiosidade e festividade, apresentando igual significação para a comunidade. Foram percorridas as ruas do bairro e garantida a sua realização de maneira a satisfazer as necessidades religiosas do grupo, contando com uma confraternização apenas para os moradores no clube San Jerónimo.

Já durante o festival, as ruas começam a ganhar intenso movimento de pessoas da cidade e turistas com o interesse de conhecer essa nova festa e apreciar e consumir esse lugar repleto de significações e história. A maioria da população está em seus postos: tendas levantadas, comidas preparadas e hospitalidade estampada em suas feições. Entretanto, há aqueles que somente observam a frente de suas casas tomadas por vendedores forâneos, como a senhora da **Figura 58**. Apesar da festividade ter sido melhor estruturada para o setor médio e alto da colina, também os moradores da zona baixa garantiram sua participação no evento.

¹³⁶ A Procissão com a imagem do Santo patrono não foi cancelada, mas sim reagendada para a semana seguinte, no dia 7 de outubro de 2018, modificando o ritual de todos os anos. Como o campo teve fim no dia 2 de outubro, não foi possível acompanhar e observar essa tradição.

Figura 58: Senhora observando a frente de sua casa tomada por comerciantes

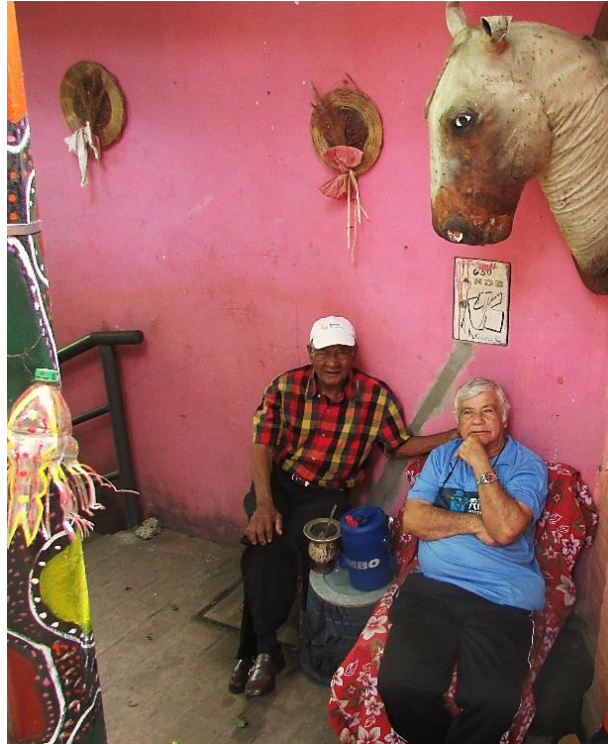


Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Durante todo o dia foi realizada observação não-participante. Ao percorrer o bairro, notamos uma paisagem delimitada pelo movimento, pelo som alto, pela ida sem volta de muitas gentes de fora, pela feição desconcertada dos moradores mais antigos, pelo uso notadamente comercial desse território simbólico. Ao longo do dia, avistamos uma série de ações que nos afirmariam a total cooptação dos moradores do bairro pela racionalidade hegemônica, entretanto a resistência do *patrimônio-territorial* foi avistada nos seus estreitos corredores, em alguns cantos do bairro e no clube.

Enquanto aconteciam shows e atividades diversas, encontramos muitos moradores que não se envolveram, mas optaram por vivenciar o espaço à sua maneira. Ao descer a escalinata, avisto senhores a conversar, a compartilhar o tempo, a vivenciar a quietude em meio ao barulho, dividindo o tererê. Converso com eles alguns minutos e falam que preferem estar ali, mais distantes e logo inserem frases em guarani, fazem piadas e pedem uma foto (**Figura 59**).

Figura 59: Senhores tomando tererê durante o “San Jê Festival”



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Também salientamos o comportamento das crianças e o seu potencial enquanto sujeito-patrimônio (COSTA, 2017). No tempo em que a festa acontecia, meninos e meninas usam o território de maneira cotidiana. As 17h o clube se abriu como em todos os dias, e lá estão as crianças sentadas à beira da *Yvapovó*¹³⁷ centenária, conversando, as vezes jogando em seus equipamentos eletrônicos, mas principalmente brincando naquele espaço, quando havia na festa brinquedos alugados e outras atividades (**Figura 60** e **Figura 61**). Esses pequenos acontecimentos são de imensa significação, porque apontam para o entendimento de resistência do *patrimônio-territorial* relacionado “à valorização e à escolha pelo singular, pelo que faz parte de nossa vida (...) pelo que, no conjunto da cidade, expressará real sentido em nossa existência.” (SABATO, 2000 *apud* LIMA, 2017, p. 193).

¹³⁷ Um tipo de árvore frutífera encontrado na América do Sul.

Figura 60: Crianças conversando na entrada do Clube



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 61: Crianças jogando durante o evento



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

3.1.3.2. O clube San Jerónimo

O clube aparece como outro referente patrimonial para a comunidade, apresentando semelhante importância no sentido de lhe garantir a sociabilidade, a identidade e o sentimento de fazer parte de um grupo, justamente pelo seu uso enquanto objeto geográfico. Como colocado por uma moradora do bairro, ele é relevante para a vida cotidiana do bairro, pois faz parte de sua formação histórico-geográfica e porque é essencial no que se refere às relações espaciais solidárias desenvolvidas e resistentes nesta pequena porção do território, de modo a ser percebido como *patrimônio-territorial* local:

Un lugar por el uso que se le da, creo que el lugar icónico que nosotros como pobladores vemos y que capaz la gente de afuera no ve, sería el club verdad, que yo le vería como lugar icónico porque es la referencia para todos los pobladores sabes, ahí se hacen actividades deportivas, ahí se hacen fiestas, las fiestas sociales, todos los años, en donde todo el mundo se va, incluso, el oratorio usufructúa el club, cuando quiere hacer eventos y el segundo lugar icónico, sería el Oratorio, obviamente, por lo que representa, verdad creo que esas representaciones sociales y religiosas están bien marcadas, son las representaciones del barrio.¹³⁸

Fundado em 26 de outubro de 1926, está localizado nas proximidades da rua “Estrella”. Pintado de verde e amarelo, o espaço conta com uma quadra de futebol e suas dependências funcionam como um pequeno museu de sua história. Lá encontramos fotografias antigas dos jogadores, recortes de reportagens de jornais, uniforme antigo, taças e bolas utilizadas e trocadas com o passar do tempo, como mostram as fotos. Um conjunto de objetos e fatos que

¹³⁸ Entrevista com a Srta.P.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 28 de setembro de 2018.

corroboram para o resguardo dessa memória, que “traz em si o reconhecimento e a apreensão do passado, como elemento que ainda orienta o presente” (LIMA, 2017, p. 109).

Figura 62: Carteirinha dos jogadores do clube



Fonte: Mesquita, setembro 2018
(Arquivo pessoal)

Figura 63: Troféus da seleção de San Jerónimo



Fonte: Mesquita, setembro 2018
(Arquivo pessoal)

Figura 64: Bolas antigas guardadas no clube



Fonte: Mesquita, setembro 2018
(Arquivo pessoal)

Allende (2011) afirma que o vôlei se configurou como uma atividade esportiva de destaque no bairro, dando aos seus jogadores oportunidades de competir até mesmo em âmbito internacional, e aos moradores grande sentimento de orgulho. O patrimônio, nesse sentido, vai ganhando rostos para essa comunidade, dado que muitos dos moradores mais antigos ainda vivos, citados como pessoas muito importantes para o bairro, são ex-jogadores do clube. São abrigos vivos da história do lugar, sujeitos portadores de memórias, o que denota a vivacidade da reminiscência, visto que sua existência é pautada nas pessoas (NORA; KHOURY, 1993; COSTA, 2017; LIMA, 2017).

Durante as atividades de campo, tive a oportunidade de conversar com Santiago Araújo [antes de seu falecimento], Pascual Céspedes e César Ayala, ex-jogadores do clube (fotos a seguir). Já muito idosos, com um pouco de dificuldade de lembrar e falar, contam sobre suas experiências no bairro e como jogadores de vôlei pelo time de San Jerónimo. Em seus relatos, o clube e as vivências que esse espaço propiciou são lembrados com carinho e apego, além disso, estar no bairro San Jerónimo significa evocar essa parte de suas vidas. Santiago, inclusive morava ao lado do clube e fazia questão de se sentar todos os dias em suas proximidades.

Figura 65: Sr. Santiago Araújo, ex-jogador nas proximidades do Clube San Jerónimo



Fonte: Mesquita, fevereiro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 66: Sr. Pascual Céspedes, ex-jogador do clube em sua casa



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 67: Sr. César Ayala, ex-jogador do clube e grande entusiasta das questões religiosas do bairro



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

A relevância do clube não se encerra no âmbito desportivo, pois está no seu uso pela comunidade e também pelas crianças. O clube é o local onde são realizados a maioria dos eventos sociais do bairro, incluindo atividades do próprio oratório, convergindo interesses religiosos, festivos, econômicos e sociais. Ainda que já tenha sido apropriado para a realização de eventos de cunho mercadológico e com o interesse de receber visitantes, em ocasião do boom turístico dos anos 2012 – 2013, prevalece hoje o seu uso social e consagrado para a realização de festas de aniversário, celebrações de datas especiais para a população do bairro, como aniversário do clube e do oratório, festas comunitárias de natal e jantares fechados apenas para membros da comunidade.

Já para os mais novos, o Clube é o pátio de suas casas e um refúgio para brincar, para comunicar, estar longe das tecnologias por um momento e trocar experiências com os vizinhos, como apontam as falas de uma moradora e do presidente do clube:

Algo cotidiano te voy a decir, como... la mayoría de las casa son pequeñas y esta especialmente carece de patio, entonces el patio de nuestras casas o de nuestra loma es el Club San Jerónimo. Que se abre todos los días desde las seis de la tarde para que los niños puedan ir a jugar ahí.¹³⁹

Lo que en su casa no pueden hacer, hacen acá. Acá vienen las Nenas andar de patín, (inint), jugar a la pelota, tenemos también una escuelita de vóley, que hay niños chiquititos, nenas, practicando vóley a los sábados por la mañana y que las criaturas hagan deportes, hagan deportes y que sirviendo a otras cosas. Es importante, a todos en verdad, que todas las criaturas no tengan teléfono en sus manos por estar haciendo deporte acá. Entonces el teléfono deja la mano un ratito (...). Eso es muy lindo. Por lo menos dejar un ratito la tecnología para practicar deportes.¹⁴⁰

É tamanho o sentimento de pertencimento e a valorização do clube para essa comunidade, que inspirou o também já falecido J B*, cantor e morador conhecido do bairro, a compor uma canção em sua homenagem. Em entrevista, JB* me contou que desde pequeno fazia uso daquele lugar, para jogar e brincar e é um dos lugares onde a comunidade se junta para celebrar qualquer acontecimento. Diante sua importância para o grupo, ele resolveu escrever essa música que cantou emocionado para mim.

As memórias que este lugar propiciou coletivamente, bem como o seu uso no cotidiano produzem identidade que conseqüentemente ocasiona em sentimentos de pertencimento, de admiração e apego. Todos esses aspectos confluem para o que Nora e Khoury (1993) descreveram enquanto lugar de memória, [a partir do entendimento de lugar como condição de possibilidade para que as relações sociais ocorram], ou seja, lugares comuns onde há a

¹³⁹ Entrevista com a Sra. M.A.O., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 16 de fevereiro de 2018.

¹⁴⁰ Entrevista com o Sr. F.D.L.M, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 22 de setembro de 2018.

homogeneização da memória coletiva e que nos permitem admitir que os vínculos e as relações que se estabelecem entre o lugar e o sujeito são as bases para a resistência do *patrimônio-territorial* do bairro.

3.1.3.3. Relações espaciais solidárias

O oratório e, especialmente, o clube ao acolherem as festividades e possibilitar o encontro e o compartilhamento de experiências entre os moradores desde a infância, corroboram para a manutenção de uma cultura de vizinhança que solidifica a solidariedade, sendo este um dos aspectos mais significativos da vida cotidiana deste bairro. Segundo Santos (2000a, p. 144), “essa cultura da vizinhança valoriza, ao mesmo tempo, a experiência da escassez e a experiência da convivência e da solidariedade”.

Bem como sublinhado anteriormente, diante da espacialização da colonialidade do poder que sugere a produção de territórios de exceção, a população nesses lugares cria meios de lidar com a situação de pobreza que lhes é imposta, por meio de criatividade e ajuda mútua (SANTOS, 2000a; QUIJANO, 2005; COSTA, 2018). Seria também a própria expressão do *patrimônio-territorial* favorecida pelas condições socioespaciais, de modo a dar vivacidade para os símbolos, pela forma de comunicar, na música e na solidariedade entre as pessoas (SANTOS, 2000a; COSTA, 2016). Tal cultura, assevera Santos (2000a, p. 145)

realiza-se segundo níveis mais baixos de técnica, de capital e de organização, daí suas formas típicas de criação. Isto seria, aparentemente, uma fraqueza, mas a realidade é uma força, já que se realiza, desse modo, uma integração orgânica com o território dos pobres e o seu conteúdo humano.

Na América Latina, esse traço é comum em bairros de origem humilde e onde prevalecem as classes subalternizadas, no qual essas redes horizontais de ajuda são de grande importância no cotidiano, funcionando como “sistema de seguridad social informal al que se acude en situaciones de emergencia: enfermedades y muertes, pérdida de trabajo, crisis de vivienda o protección frente a la violencia, entre otros” (JELIN, 2008, p. 484).

Jelin (2008) sinaliza que muitos estudos acerca dessa temática são direcionados aos estudos migratórios e ao papel de redes na adaptação de migrantes ao contexto urbano, no qual mesmo com a mudança no padrão de migração, há uma permanência de relações solidárias que se manifestam espacialmente em lugares específicos, *locus* dessa expressão social que adquire caráter de patrimônio em nossa investigação, como é o caso do bairro San Jerónimo.

O estabelecimento dessas relações espaciais solidárias em Assunção se assenta historicamente na migração rural especialmente da região campesina tradicional enraizada,

situada a um raio de aproximadamente 80 km da capital paraguaia, até a cidade e sua região metropolitana. Esse fato favoreceu a criação de fortes vínculos entre os primeiros migrantes, hoje já urbanizados, e os novos migrantes, que já contavam com uma rede familiar de acolhimento que facilitaria sua inserção no modo de vida urbano (VÁZQUEZ, 2006).

Ainda que atualmente esse processo tenha se reduzido, ante as relações mais fluídas e dinâmicas entre as zonas de origem da população campesina e a RMA, produziu um fenômeno particular em Assunção e sua área metropolitana, uma vez que a população campesina

además de integrarse al nuevo sistema económico y cultural con un relativo cambio de códigos culturales y lingüísticos, logra también afirmar y reproducir la identidad de sus pueblos de origen. Esto explica no solamente la gran extensión del uso del guaraní en áreas urbanas (...). Hoy estos tienden a formar parte de la memoria territorial de Asunción y representan una manifestación de la intensidad de la relación hombre-suelo que alimentó y sustentó los flujos entre la región campesina arraigada y la capital y su área periférica (VÁZQUEZ, 2006, p. 84–85).

Esse aspecto ficou claro em San Jerónimo, pois percebeu-se em campo a forma de relacionamento e convivência entre os moradores. Todos se conhecem, sabem de suas histórias, de suas origens, se comunicam, tem divergências, todas essas características sendo traduzidas por uma frase muito comum “somos como uma grande família”¹⁴¹, como diz a moradora:

*Entonces hay así... ciertos roces, te voy a decir, pero... pero en un momento difícil, que sería una enfermedad terminal, una muerte súbita de un poblador del barrio, se olvidan todas las diferencias y la gente se solidariza con esa familia que está en problemas. Somos como una gran familia que a veces ni siquiera nos miramos, no nos hablamos, pero alguien cayó en desgracia y estamos todos para ayudar.*¹⁴²

No capítulo 2, tratamos da origem humilde do bairro, do seu esquecimento por entes públicos e a intensificação de problemas socioambientais que afeta, principalmente, os moradores mais vulneráveis localizados na zona baixa¹⁴³. Encontramos, por meio das entrevistas, belos relatos que retratam a persistência desse elemento de solidariedade, mesmo frente às modernizações, projetos urbanos que modificaram sua estrutura e a mentalidade de competitividade surgida com a valorização comercial do patrimônio do bairro e a atividade turística, no qual cada morador criou suas pequenas vendas. É algo que identifica os moradores, como um atributo que os diferencia das demais comunidades urbanas e que preservam com orgulho:

¹⁴¹ Em verdade como já anunciamos em capítulo anterior, há uma forte presença de membros de mesmas famílias que optam por se manter em vizinhança, o que muitas vezes compele a ocupação irregular e precária.

¹⁴² Entrevista com a Sra. M.A.O., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 16 de fevereiro de 2018.

¹⁴³ Novamente os moradores da zona baixa tiveram de sair de suas casas devido às inundações. Nas primeiras semanas do mês de abril de 2019, as fortes chuvas fizeram com que os moradores fossem abrigados no Centro Comunitário.

*la solidaridad entre vecinos en caso de emergencia, eso hasta hoy queda intacto y no se pierde en Loma San Jerónimo, es lo que no hace un poco diferente, digamos, a otros barrios.*¹⁴⁴

*Eh... Yo creo que la... la cercanía entre los vecinos es lo más lindo, porque estamos siempre comunicados, son pasillos nomás lo que nos dividen acá, pero al salir uno de acá y ahí otro ya nos encontramos y compartimos ¿Qué tal, cómo estás? Y siempre que hay un evento benéfico, participamos todos, eso es lo lindo y me gusta mucho eso, eh... la participación de todos los vecinos entre sí, en la Loma, entonces en ese sentido somos muy unidos*¹⁴⁵

*Los vecinos siempre unidos. Entre vecinos siempre unidos. Nosotros como vecinos somos como hermanos. Primero porque nos divide un pasillo no más y como que voy amanecer mañana y quiere tomar un mate y no tiene yerba? Pues tú vas abrir tu porta y decir, fulana no me puede dar un poquito de yerba, verdad. (...)*¹⁴⁶

Mesmo frente as diferenciações entre zona alta e zona baixa, ou problemas quanto as tomadas de decisões e atividades coletivas, no momento de dificuldade irá prevalecer a mobilização coletiva em prol daquele que necessita. São feitos eventos beneficentes no clube ou no pátio do oratório, organizadas rifas, “milaneseadas”¹⁴⁷, doações de roupas, de remédios, dentre outros. Essas ações revelam como se mantém “la trama cultural de relaciones sociales básicas que dan sentido y significado a las formaciones sociales” (JELIN, 2008, p. 480). Foram selecionados alguns fragmentos das falas de moradores, especialmente da zona baixa, pois é um dos setores onde essa solidariedade passa a ser mais evidente [como sinalizado no **Mapa 10**], que revelam a forma como se dá no bairro essas relações espaciais solidárias:

*Más allá de los conflictos territoriales, de los de abajo en contra de los de arriba, hay unas personas enfermas en el barrio, que necesitan de cuidados especiales, la gente responde bastante bien, porque la gente se organiza. La situación actual del país, la crisis financiera sí requiere, para poder sustentar una enfermedad y varios vecinos tuvieron problemas de enfermedad, es cuando la gente hace actividades. Ya sea polladas, ya sea hamburgueadas, alguna rifa, algo así. Inclusive ya tuve la experiencia, cuando mi papá falleció, hace 3 meses atrás. Él estuvo más de 12 días en terapia, porque él tuvo un cáncer y fue mucho gasto, nuestras condiciones económicas no nos alcanzó y los vecinos se reunieron, nos colaboraron para el acompañamiento, para el colectivo, para llevarlo a mi papá a enterrar, algunos colaboraron para pagar el cajón, ese tipo de cosa que la gente se involucra, nos ayuda mucho la gente, son muy sensibles y en ese momento, solidarias. Acá las personas se ayudan mucho, por ejemplo, en un momento difícil están todos. A veces hay pequeños roces y peleas, pero cuándo se necesita en una situación urgente, todos colaboran. Esa es la realidad.*¹⁴⁸

No todos los que piensan igual cuando estamos necesitando de una mano solidaria, están todos en ese momento. Hace poquito allí hicimos... hay tres personas en el barrio que están enfermas en ese momento en nuestro barrio (...) e hicimos la

¹⁴⁴ Entrevista com a Sra. G.C.E., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 16 de fevereiro de 2018.

¹⁴⁵ Entrevista com o Sr. J.B., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 17 de fevereiro de 2018.

¹⁴⁶ Entrevista com a Sra. C.T., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 19 de fevereiro de 2018.

¹⁴⁷ São eventos que envolvem a venda de bifês à milanesa, prato muito comum no cotidiano de Assunção.

¹⁴⁸ Entrevista com a Sra.C.E.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 2018

*actividad para las tres personas, todo el barrio se movilizó y se llevó a juntar el dinero que necesitaba para obtener ayuda y así vamos constantemente vamos ayudándonos.*¹⁴⁹

*Hay una persona enferma se hace rifas, se hace todo (inint) para ese vecino para ayudarlo y entre todos colaboran, se donan los pollos, se dona los premios para la rifa, todo. Sea quien sea lo vecino que necesita. Hay veces que puede que yo no me llevo bien con mi vecino de frente, pero si ese vecino de frente necesita yo le ayudo o yo necesito ese vecino me va a ayudar, así es.*¹⁵⁰

Santos (2005b, 2006b) já afirmava que a relação mais fecunda com o território é realizada pelos sujeitos mais necessitados e nos trouxe a reflexão acerca do surgimento de um importante período, que se caracterizaria pela resistência dos lugares às diversas imposições perversas feita pelo mundo e pelo sistema vigente, denominado período popular da história. Essa perspectiva é orientadora do *patrimônio-territorial*, assim como sugere Costa (2017), pois ela nos revela a possibilidade criadora e desmanteladora dos efeitos da colonialidade do poder e da globalização por meio da união, da atuação coletiva e da solidariedade dos “de baixo”.

No bairro San Jerónimo, esse “efeito vizinhança”, a vontade de colaborar e a manutenção desses atributos por meio de suas vivências e suas manifestações culturais, destacam-se como os mais representativos exemplos de como esse agrupamento faz frente às imposições hegemônicas ante os imperativos de massificação, num contexto em que as ideologias que permeiam a *patrimonialização global* se fazem presentes.

Entender essa forma de relacionamento como *patrimônio-territorial* do bairro, pois está relacionado com os aspectos de sua história de formação, de apoio familiar com aqueles que vinham de outros lugares para o bairro, de abandono pelas instâncias públicas, é reforçar a esperança de recriação do pensamento por meio de trocas simbólicas, culturais “que se multiplicam, diversificam e renovam como base da força econômica, da força social, da força cultural, da força política de estar juntos no lugar” (SANTOS, 2006b, p. 24). É também sugerir o realce de usos simbólicos e afetivos do território pela sua gente, de modo a ser transmitido para as novas gerações. Tal aspecto nos compele a abordar o *Kure cuá* – zona baixa do bairro – em sua totalidade, como *patrimônio-territorial* de Loma San Jerónimo.

¹⁴⁹ Entrevista com a Sra. L. H. V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹⁵⁰ Entrevista com a Sra. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

3.1.3.4. Zona baixa – O *Kure Cuá*

Apesar de não ter sido explicitamente citado em entrevista, reconhecemos que o *Kure Cuá* é um setor que resguarda as origens da ocupação e formação do bairro, como apontado no capítulo 2. Ademais, como temos deslindado, é o setor que tem sido mais fortemente impactado pelos vetores da razão hegemônica representada pela *patrimonialização global* e pela colonialidade, no qual seus moradores sofrem risco de remoção recorrentemente.

Como já explicitado, a zona baixa do bairro, situada na quadrícula 1 do **Mapa 5**, tem um histórico de ocupação de famílias do interior que criavam muitos animais, em especial porcos. As moradoras desse setor que nos concederam entrevistas falaram um pouco sobre o que conhecem da história do bairro, incluindo a história desse setor que habitam:

*Esta zona, la zona baja, era la llamada Kure cuá, porque se criaban chanchos. La gente se dedicaba a criar chanchos y todo esto, por ejemplo, era como una zanja, antes que hubiera una zanja eran arroyos, el arroyo jardín y el arroyo Jaén y esto se fue poluyendo, se fue poblando esto y era todo como un yuyal, de esas cosas. Entonces lo tuvimos que limpiar mucho porque todo esto era una zanja, era muy bajo*¹⁵¹

Esta es la zona que se llama Kure cuá, porque toda la gente tenía su chanchito. Por ejemplo, doña M tenía un montón de chanchos en una pocilga chiquita así reducido, uno encima de otro a lo mejor, pero tenía chanchos, hazte de cuenta que podía tener de 15, 20 chanchos, lechones, chanchos grandes, que tienen cría, todo eso. (...) Esta calle no había, había caminitos nomás. No había asfaltado, no había empedrado, no había nada*¹⁵²

Ademais a esse fator histórico, que se sucedeu até meados do século XX, essa zona ocupada majoritariamente por famílias de baixa renda e provenientes do interior, muitas vezes é associada ao *Kure cuá* com tom de rechaço, um claro exemplo de discriminação tópico-espacial que a proposta de *patrimônio-territorial* visa combater (COSTA, 2016, 2017), pois assim como afirma moradora “*Y es que uno no elige dónde vivir, uno vive y no es porque uno vive en el bajo es malo o es baja persona. Las oportunidades son diferentes*”¹⁵³.

De acordo com moradores, durante anos o setor foi desprovido dos serviços mais básicos, recorrendo sempre a união entre vizinhos e a organização social para o alcance de suas demandas, principalmente por meio da comissão de vizinhos do setor, a Stella Maris. Uma das moradoras entrevistadas afirma que não faz muitos anos que conseguiram energia elétrica e

¹⁵¹ Entrevista com a Sra.C.E.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 2018

¹⁵² Entrevista com a Sra. M.J.R., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 26 de setembro de 2018.

¹⁵³ Entrevista com a Sra.C.E.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 2018

água, isso por meio de ações entre moradores e vizinhos de todo o bairro. Sua fala revela o menosprezo que passam pelo fato de não serem dotados de grandes recursos:

Y todo eso compramos para tener agua, luz, todo eso lo tuvimos que hacer la zona baja para poder tener servicios porque éramos completamente excluidos y abandonados. Yo creo, más que nada, que es porque somos humildes, no estamos en la mira (...) Hoy en día todo mundo quiere limpiar, hacer obras, proyectos y todo lo demás y nosotros nos preguntamos “pero a qué precio será que nos están haciendo todo esto?”, o “porqué repentinamente tanto les interesamos a todo el mundo?” cuando en realidad, por mucho tiempo fuimos abandonados. Inclusive, cuando se hizo lo que era el barrio turístico, ellos pusieron límites de lo que era el barrio turístico y no estábamos incluidos tampoco.¹⁵⁴

Quando se iniciaram os projetos urbanos no bairro, a zona baixa esteve fora do perímetro de atuação, o que reflete como a lógica da *patrimonialização gobar*, ao selecionar determinados pontos para a projeção, se assenta na fragmentação articulada do território e trata a pobreza e as questões sociais de modo a ocultá-las ou torna-las meros problemas ambientais para a tomada de decisões, como a remoção planejada dos moradores (VAINER, 2000; COSTA, 2015a).

Apesar de todas as problemáticas, esses moradores revelam em suas falas um grande sentimento de pertencimento, uma vez que essa população acomoda suas emoções, afetividades no seu lar e também em seu bairro (TUAN, 1979; LIMA, 2017). O que reforça a sua permanência e resistência em deixar suas habitações, suas histórias, suas vivências, suas experiências, todas compartilhadas espacialmente, como mostra a declaração dada por L.H.V.*¹⁵⁵

En ese, nosotros somos en cincuenta familias en esta zona baja. Las cincuenta familias vamos está... o sea, no te digo dos años ni tres años, pero vamos a ser tocadas de lugar, no echándolo porque peleamos muchísimo para quedarnos porque todos somos nietos de las generaciones de las familias que nacieron en el barrio entonces nosotros también pedimos para quedarnos que no queremos irnos lejos.

O *Kure Cuá*, ou zona baixa [vide **Mapa 10**], resguarda com maior intensidade os aspectos de ruralização do urbano, no contexto do bairro, devido a origem da maioria de seus moradores. O guarani é proclamado com mais naturalidade e desponta mais frequentemente; a medicina tradicional também é evocada com mais força, abrigando uma médica de “yuyos”, e as relações de reciprocidade e solidariedade são incitadas ante um quadro de maior escassez, compelindo a atuação de toda a comunidade de San Jerónimo.

Como a perspectiva de Costa (2016, 2017, 2018) prevê a valorização em totalidade dos lugares, de modo a reverter o quadro de segregação, subalternização e desvalorização dos

¹⁵⁴ Entrevista com a Sra.C.E.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 201

¹⁵⁵ Entrevista com a Sra. L. H. V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

sujeitos devido ao lugar em que estão situados, por suas origens e pelas condições socioespaciais impostas, vê-se nessa lógica uma possibilidade de apreciação das histórias ali contidas de modo a enfrentar os estigmas enraizados e minorar os impactos da *patrimonialização global* pela consciência estimulada pela presença do *patrimônio-territorial*.

3.1.3.5. Os *estacioneros* de San Jerónimo

Por fim, trataremos de uma emblemática manifestação cultural que ocorre no bairro: os *Estacioneros*. Também conhecidos como “*pasioneros*”, tais grupos representam uma tradição religiosa que remete aos tempos coloniais, mas que se viu em risco de perder-se ante os avanços da globalização e desinteresse dos jovens, visto que é uma herança passada de pais para filhos. No bairro San Jerónimo, ela foi repensada de modo a atrair a atenção de novas gerações e tornar-se atrativa para a comercialização turística do bairro.

Associada aos rituais previstos pela semana santa, em que há a rememoração da paixão e morte de Jesus Cristo, a tradição estacionera tem origem nas missões jesuíticas, onde existia a pedagogia de ensino cristão mediante a representação de passagens bíblicas realizadas pelos indígenas (TORRES, 1980). Como os índios guaranis tinham seus deuses, ritos e religiosidade própria, com a chegada dos espanhóis surge mais esse produto cultural da hibridização, em que o idioma guarani figura como central, demonstrando a resistência secular de traços da cultura indígena.

Os *estacioneros* consistem em grupos de homens e mulheres que saem em procissão durante a quinta-feira e sexta-feira santas entoando o seu *Purahéi Jahe’ó* [canto choroso] e *Purahéi asy* [com dor]. Esses cantos, que mais parecem lamentos, rememoram ladainhas desde a chegada dos primeiros missionários ao Paraguai cantadas em guarani, jopará e também em castelhano.

No bairro San Jerónimo não se tem data exata de início da prática, mas nas mãos das famílias Carballo e Florentín se aproxima de completar um século. Segundo dados encontrados nas redes sociais do bairro, devido a essas duas famílias tem sido possível manter vivo o ritual, uma vez que foi sendo transmitido entre os membros das famílias, chegando aos muitos netos que levam a manifestação com devoção e comprometimento¹⁵⁶. Uma jovem estacionera, revela em sua fala o caráter familiar do grupo:

Yo me fui detrás de papá, quería saber que era. Empezamos a irnos, a irnos, a irnos y nos gustó, después ya nos acoplamos al grupo hasta ahora. Yo soy estacionera y mi

¹⁵⁶ Facebook de Ioma: <https://pt-br.facebook.com/lomasanjeronimo/>

hermana también. Para mí es muy importante, es tipo... seguir las tradiciones que vienen de nuestros ancestros. Como se dice, se hace con mucha fe, con mucha devoción a cada año. Y así como estaba conversando con mi papá si llueve, si hace frío, calor igual.¹⁵⁷

É importante recorrer que esta manifestação cultural era encontrada em muitas comunidades e bairros do país, mas que com a entrada de novos modos de vida, da cultura de massas e valorização do consumo e da ideia de progresso, a tradição tem se perdido restando pouquíssimos grupos. Atualmente, persistem *estacioneros* nas cidades de Luque, Ñemby, Areguá e no bairro em questão, existindo ainda a preocupação com o fim dessa herança familiar significativa:

Es lindo, ese sí que me preocupa porque tengo miedo que dejen de existir. Es parte del barrio, es más, ellos cuando llega semana santa se le lleva en todos lados porque casi ya no hay estacioneros. está en la mano de esta familia y de los hijos de doña H, una señora que hace poco falleció y son los hijos de la señora y de los Florentin. Dos familias nomás que mantienen la tradición y es lo que siempre a nosotros nos preocupa que se pierda. (...) En Asunción casi no hay.¹⁵⁸*

Para conhecer um pouco mais acerca do ritual, da sua origem no bairro, foram entrevistados três integrantes do grupo de *estacioneros* do bairro, dois representantes da família Florentin e uma representante da família Carballo. Todos falaram com muito orgulho de seu papel, a da sua importância para a permanência dessa manifestação religiosa, verdadeiros sujeitos-patrimônio (COSTA, 2017) conscientes de suas ações para a preservação patrimonial.

De acordo com os relatos, os *estacioneros*, que recebem esse nome por percorrerem as 14 estações do calvário, utilizam indumentárias específicas para os dois dias de atuação e fazem dois trajetos com os cantos. Na quinta-feira, utiliza-se roupa branca representando a paixão de cristo. Já na sexta-feira, devido ao luto pela morte de Jesus se utiliza blusa branca e calça ou saia preta. Também utilizam uma cinta roxa e carregam uma cruz toda adornada em flores, elemento que denota a influência indígena no ritual (**Figura 68**). Todos os percursos são realizados com os pés descalços, simbolizando o sacrifício.

Conforme moradores, na quinta-feira o rito consiste de um circuito que percorre todo o bairro, parando nos altares deixados nas casas com fotos de familiares falecidos, santos, velas, crucifixos, rosários e plantas, onde os *estacioneros* fazem suas orações cantadas. Já na sexta-feira o ritual se conclui no cemitério para cantar em memória dos que já se foram. Nas palavras de uma estacionera,

¹⁵⁷ Entrevista com a Sra. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹⁵⁸ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

Los estacioneros consisten en irnos a cantar, se pone un altar, el jueves santo, el viernes santo y nos vamos a cantarle nosotros a la cruz, a la virgen, al santo que pongan ¿verdad? eso es jueves santo. Viernes santo nos vamos a cementerio a cantarle a nuestros difuntos y de repente a gente que nos pide para cantarle a su difunto también. En memoria de los que ya se fueron. Y nosotros, por ejemplo, nuestro grupo va descalzo, por la pasión de cristo nosotros nos vamos descalzos, como no conseguimos la sandalia que él (Jesus) usó, entonces nos vamos descalzos.¹⁵⁹

Figura 68: Estacioneros de San Jeronimo



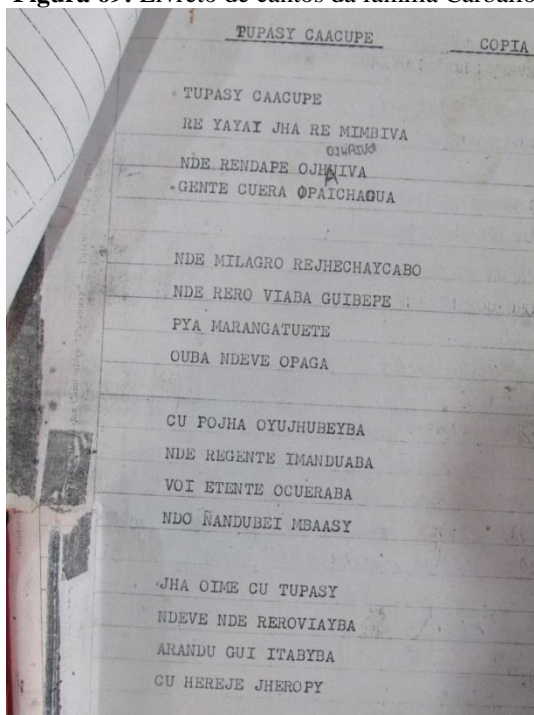
Fonte: Facebook do bairro

Um aspecto muito interessante é a preservação dos cadernos de canto de cada família, onde podemos encontrar as letras dos lamentos mantidas até os dias de hoje, muitas delas em guarani, como mostra a **Figura 69**. A senhora C* nos mostra com todo cuidado o já bastante antigo livreto, usado especialmente durante a quaresma, período em que ocorrem os ensaios, explicando como tem passado de mãos em mãos e agora está sob sua responsabilidade, já que sua irmã acabara de falecer.

Também ao encontrar um senhor estacionero da família Florentin, ele relata com carinho e emoção sua vivência com seu pai enquanto um membro fundador do grupo em San Jerónimo. Nesse sentido, esse *patrimônio-territorial* está nos sujeitos estacioneros dessas duas famílias, viventes do bairro.

¹⁵⁹ Entrevista com a Sra. C.V.C., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de fevereiro de 2018.

Figura 69: Livreto de cantos da família Carballo



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Apesar de hoje ser reconhecido por todo bairro como um bem de todos, de acordo com uma estacionera a valorização dessa manifestação para além das famílias Carballo e Florentín está intimamente relacionada com os “mecanismos modernos” da *patrimonialização global* (COSTA, 2011) implantadas no bairro. Durante muito tempo não lhes era dada importância e não tinham espaço no oratório para a realização de suas práticas, inclusive a manifestação não fazia menção ao santo San Jerónimo. Assim comenta a senhora:

Mucho tiempo nuestro barrio no nos daban importancia, sinceramente el barrio San Jerónimo se empezó a interesar en el grupo de estacioneros desde que empezó la renovación del barrio nada más. Y nosotros, por ejemplo, tenemos la capilla San Jerónimo, en varias ocasiones no se abrió esa capilla para nosotros. Pero ahora con la señora RS, ella organiza todo, para que tengamos espacio, para que la gente ponga sus altares, para que se abra la parroquia, la capillita de San Jerónimo (...). El recogido se hacía igual, nosotros somos del barrio, era algo más de nosotros¹⁶⁰.*

De acordo com outros moradores, no movimento de tornar o bairro turístico por alunos da UNA, foi proposto o realce da tradição dos *estacioneros* que já estava fincada no território do bairro, mas de modo a chamar a atenção de turistas e de despertar o interesse dos mais jovens, acrescentando à prática do canto a encenação da *via crucis*. Nesse sentido, somada a estetização do urbano, tem-se a sua ressignificação, de seus símbolos e de seus usos sociais,

¹⁶⁰ Entrevista com a Sra. C.V.C., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de fevereiro de 2018.

num claro movimento de preservação pela mercantilização do patrimônio cultural (COSTA, 2015a).

Foi a partir da ação universitária que se inicia no bairro uma mudança do uso de seu território, demarcado pela lógica da *patrimonialização global*, em que o uso turístico passa a ser visado também pela população. Atualmente, a manifestação dos *estacioneros* de San Jerónimo, vinculada à via crucis (**Figura 70**), faz parte do calendário turístico da cidade de Assunção, compondo um rol de atividades que, assim como já comentado, utiliza da cultura como elemento central nas estratégias de valorização da cidade.

Figura 70 Encenação da *via crucis* e *estacioneros*



Fonte: Imagens cedidas por Ruth Galeano

O que se observa é que essa manifestação foi impactada pela lógica da *patrimonialização global*, evidenciando que a mentalidade que permeia o bairro, como temos visto, está muito próxima da lógica vigente. O ímpeto por resgatar e tornar atrativo sempre traz o risco de “banalização pela cenarização” – parafraseando Costa (2015a), ou seja, pela encenação do que é simbólico e dá significado à vida. As palavras de uma moradora, se aproximam muito das abordagens feitas quando retratamos a festividade do santo patrono:

*Esto que debemos tratar de incentivar, recatar nuestra riqueza cultural buscando un manera que sea atractivo. Que no sea aburrido, que no sea ... que la generación nueva tenga interés. Porque la generación nueva, muchas cosas por más que sea cultura no ... rechaza porque no hay una motivación, para que pueda valorar nuestra cultura. Por lo menos a nosotros no sirvió eso. Hacer con las indumentarias, las colores de la época de Jesús, ayuntando a la tradición de los estacioneros. No es una modificación de los estacioneros, más se acrecentó. La gente que no le conocía, conoció, la gente que no sabía que existía, se enteró que todavía tenemos esa riqueza cultural.*¹⁶¹

¹⁶¹ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de fevereiro de 2018.

A resistência dessa prática está na sua transmissão familiar, pois segue sendo passada de pai para filho. Este fator é o que confere importância para os membros *estacioneros*. Ainda que a manifestação seja vista como uma forma de gerar movimento turístico e, conseqüentemente, lucro para o bairro, existe a tentativa de manutenção de sua essência pelos membros do grupo, configurando-se como um dos aspectos mais bonitos da tradição, o cuidado com a memória dos familiares a ser passado para frente.

Como a festividade da semana santa já se consolidou, tendo feito dos *estacioneros* o seu pilar, necessita-se de reflexão por parte das famílias e da própria comunidade acerca da real valorização dos sujeitos que vivenciam o ritual, para que não seja encarado apenas como um atrativo, mas visto como um elemento do *patrimônio-territorial* do bairro que merece ser (re)conhecido e entendido para além da encenação.

Embora seja contundente o modo como a colonialidade demarca o pensamento acerca das referências indígenas, e robusta a maneira como os ideais hegemônicos disseminados pela lógica da *patrimonialização global* estão incutidos nos moradores de San Jerónimo, constatou-se a existência e resistência espacializada do *patrimônio-territorial* no bairro. Respondendo à nossa questão de pesquisa e atendendo ao objetivo geral da dissertação, em um contexto que apresenta usos do território favorecedores da alienação dos sujeitos, resiste ante a colonialidade do poder o **idioma guarani** [que aparece no dia-a-dia, que desponta nas conversas pelos moradores mais antigos, que está nos cantos religiosos das missas no oratório, que é falado com mais constância no *Kure cuá* e está nas canções estacioneras] e a **medicina tradicional** [que está nos *yuyos* e na crença em médicos naturalistas, vivendo no bairro uma senhora com amplos conhecimentos das plantas e ervas]. De sua formação histórico-geográfica resistem o **Kure Cuá**, zona baixa do bairro e o **Mercado 4**. Este nos possibilita a criação de vínculos histórico-territoriais, de modo a valorizar esse lugar que é demarcado pela resistência de saberes e práticas tradicionais.

Frente ao explícito processo de *patrimonialização global*, resistem os seus lugares de encontro e favorecedores de sentimentos de pertencimento [**oratório e clube**], as manifestações religiosas que abarcam também conteúdos profanos [**feira do santo patrono**], os percursos religiosos realizados no bairro [os *estacioneros* durante a semana santa e a **procissão** em nome do santo] e as relações espaciais solidárias suscitadas por vínculos de caráter familiar e por uma história demarcada pela pobreza e falta de ações estatais.

Todos esses elementos componentes do *patrimônio-territorial* do bairro nos revelam a possibilidade de uso do território de forma localizada e de modo a dar centralidade aos sujeitos,

nas suas vidas e nos elementos de simbologia que lhe dão sentido de existência. Por esse viés, acredita-se também na oportunidade de alargamento da consciência dos moradores ante os processos que os impactam. Os tópicos seguintes retomarão a proposta metodológica de Costa (2017) adotada nesta pesquisa, de modo a refletir sobre a *(re) ativação popular* destes elementos encontrados, com foco na elaboração de devolutiva para a comunidade.

3.2. Pela possibilidade de (re) ativação do patrimônio-territorial em Loma San Jerónimo

Levantados os elementos referentes ao *patrimônio-territorial* do bairro San Jerónimo, bem como o modo como a colonialidade e os vetores verticalizantes da *patrimonialização global* incidem sobre eles, pretendemos nos acercar do entendimento de Costa (2017) sobre a *ativação popular do patrimônio-territorial*. Norteadora da construção desta dissertação, tal proposta teórico-metodológica nos apresenta possibilidades de inversão de processos, mediante ações situadas provenientes de diferentes atores sociais, enaltecendo sempre e prioritariamente a voz da comunidade.

Ante as mazelas pelas quais ainda tem padecido a América Latina, Costa (2017) apresenta a *ativação popular do patrimônio-territorial* latinoamericano como uma alternativa popular nas cidades e no campo. Essa perspectiva relaciona territorial, histórica e afetivamente bens patrimoniais instituídos e não instituídos, bem como traz a oportunidade de geração de renda [não como uma obrigatoriedade, a priori ou domínio de agentes do capital] a partir da valorização do conteúdo da vida cotidiana e dos indivíduos subalternizados no contexto apresentado.

A concepção do autor contrapõe-se às políticas públicas de patrimônio que operam de maneira excludente, uma vez que estima *territórios de exceção* latinoamericanos por uma via popular e inclusiva, e faz frente à lógica imperante de fragmentação articulada do território ensejada pelos agentes da *patrimonialização global* (COSTA, 2015a, 2017). Ademais, diante do imaginário que perpetua a subalternização de sujeitos, a *ativação popular do patrimônio-territorial* tem como objetivo o enaltecimento daquilo que resiste à colonialidade do poder, por meio da identificação do patrimônio material e imaterial e da denúncia de seu recorrente abandono ou, em alguns casos, de sua apropriação meramente comercial (COSTA, 2017).

Assim, esse tratamento do patrimônio deve ser entendido primordialmente, como uma forma de estancar preconceitos de origem, racismos e outros estigmas sociais; e depois como oportunidade de inserção na lógica de valoração de novos lugares da cultura mediante a promoção do turismo de forma ativa, popular e consciente. Segundo Costa (2017, p. 32) essa possibilidade se constitui enquanto consequência de um processo no qual a intenção maior é a

busca de anulação de estigmas sociais relativos à história dos indígenas e afrodescentes na América Latina e o reconhecimento da importância, da influência, da resistência e a opressão pela qual passaram esses povos no bojo da dominação, da representação e da valorização do espaço continental.

A *ativação popular* promove a apreensão “do contexto que parte da abstração inerente à produção processual do território [realização social da economia] e chega à concreção do

trabalho depositado nos lugares” (COSTA, 2017, p. 60), de maneira a instigar a valorização das memórias espaciais gestadas pela colonialidade do poder. Constitui-se como utopia aos *territórios de exceção* por almejar a transformação da realidade atual por meio de solidariedades constituídas cultural e espacialmente.

No nosso entendimento, ativar popularmente o *patrimônio-territorial* refere-se à própria relação dos sujeitos com o território e aos usos e apropriações que fazem dos objetos geográficos. Diz respeito ao reconhecimento do *patrimônio-territorial* pela comunidade, à compreensão da historicidade que permeia a constituição dos lugares, aos vínculos com a história continental, e à valorização local ante discriminações tópico-espaciais provenientes de discursos marcados pela colonialidade.

Para a realização dessa iniciativa, Costa (2017, p. 69) aponta diferentes níveis, escalas e temporalidades a serem consideradas. Os níveis envolvem comunidade, universidade e instituições, e a escala de iniciativa deve ser sempre local de modo a chancelar “o utopismo de uma ativação que se quer comunitária”. Nota-se a importância de um experimento intelectual rigoroso, seguindo os apontamentos teóricos propostos, mas a relevância maior está no interesse, na necessidade e no fazer populares como requisitos de toda e qualquer ação. Assim,

a universidade reconhece o utopismo que envolve o *patrimônio-territorial*; a comunidade demanda, aponta e opera, na utopia pensada, o possível realizável; as instituições retêm a utopia de serem potenciais catalizadoras do ativado (popularmente) *patrimônio-territorial*; elas coroam a realização do novo nos territórios de exceção latinos, por meios materiais e virtuais de conexão de pessoas e lugares (COSTA, 2017, p. 69).

No bairro San Jerónimo, verificamos o movimento de reconhecimento patrimonial na ação da universidade, porém centrada na ativação comercial de seus bens e práticas culturais, ou seja, focado na sua apropriação pelo turismo. A partir do cenário já exposto, no ano de 2003, inicia-se no âmbito da Universidade Nacional de Asunción – UNA uma série de atividades de pesquisa e extensão da disciplina “Planificación urbana con criterios ambientales”, no qual os estudantes eram convidados a pensar alternativas para as problemáticas do bairro. Essa perspectiva de pesquisa orientada à ação culminou no desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada: “El turismo como herramienta de gestión ambiental urbana, para el mejoramiento de la calidad de vida en la Loma San Jerónimo” (MASULLI, 2008). O trabalho, aprovado em 2008, reconhece características peculiares do bairro e a possibilidade de objetivação da atividade turística como uma saída para as questões sociais que afligiam o local, especialmente as de ordem laboral.

Segundo informações adquiridas por meio de entrevistas, entre os anos 2008-2010 houve uma intensa mobilização da população impulsionada pela UNA em torno do propósito de turistificação do bairro como uma alternativa de trabalho para a comunidade, apropriando-se de manifestações culturais para tornar o lugar atrativo [como os *estacioneros*, conforme sinalizado em tópico passado]. A professora dirigente da cátedra, ao nos conceder entrevista, explica o processo:

Entonces de ahí partió en el análisis de las necesidades e surgió como propuesta el turismo como una salida laboral para los pobladores de esta comunidad. E todo esta análisis están realizados, por ejemplo el análisis del arroyo jardín y con propuestas de soluciones, como solucionar el problema de contaminación. Bueno, (...) entonces, trabajamos, yo trabajé con tres grupos diferentes de estudiantes pues cada año los estudiantes van cambiando. Cada ano yo les daba la base do que ya se había analizado y vamos avanzando hasta que llegó un grupo donde salió oficialmente una tesis “el turismo como diríamos, como la mejor solución para el desarrollo de la comunidad de san jerónimo”. Una tesis aprobada por el rectorado de la universidad nacional de Asunción.¹⁶²

Contata-se o poder de transformação que a universidade pode agregar para comunidades abastadas em todo o continente. Porém, quando as iniciativas não levam em conta a totalidade dos lugares, favorece a manutenção do *status quo* e das desigualdades étnicas, raciais e sociais já impostas. Conforme sinaliza Scifoni (2013, p. 523), faz-se essencial a compreensão do paradoxo que acompanha a defesa patrimonial, pois uma vez que pode trazer benefícios grandiosos para os detentores de determinada herança, pode corroborar com a reafirmação “deste mesmo sentido de mundo e da lógica hegemônica que traz em sua essência mecanismos de segregação socioespacial”.

Os moradores do *Kure cuá* afirmam que, desde o início, as ações dos estudantes foram centralizadas em determinados setores da colina, de maneira a excluí-los e deixá-los de fora das iniciativas turísticas e dos ganhos provenientes. Os seguintes relatos evidenciam como as atividades foram concebidas e como corroboraram para a manutenção de estigmas dessa zona que é historicamente associada à pobreza, revelando conteúdos totalmente contrários à lógica que aqui se defende:

Se inició con un grupo de personas que estaban en la zona alta, gente muy emprendedora, porque vio el potencial del barrio, pero no había unión. Empezó con unos jóvenes que vinieron a visitar el barrio y dijeron “hagamos esto, de esta manera” y tuvieron la visión de poder explotar. Y al barrio resultó, porque el sistema que la gente vive es lo que le gusta a la gente de afuera¹⁶³.

El empezar fue todo diferente, fue con un grupo de vecinos de la parte alta donde en ese momento no estuvimos involucrados en lo que fue la Loma San Jerónimo y

¹⁶² Entrevista com a professora Beatriz Franco Paatz., concedida a Évellin Lima de Mesquita, no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 16 de fevereiro de 2018.

¹⁶³ Entrevista com a Sra. L. H. V., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

*nosotros ya veíamos, ya vivíamos acá, pero veíamos por la tele lo que pasaba arriba, o sea, nunca fuimos invitados para un programa, para ver como se creó esto en realidad. Nosotros ya fuimos en la parte de lo último, del término de lo que fue el turismo. Nadie sabía que existía este lugar de cincuenta familias antiguas, nunca se supo. Cuando ya vino el tema de las redes sociales, nosotros empezamos a tener también redes sociales para ver porque nosotros veíamos, pero veíamos a través de la tele y de las redes sociales que no pasaban lo que se estaba pasando al nuestro alrededor y cuando vimos que surgió todo esto, nosotros también preguntamos porque no hacemos parte*¹⁶⁴

Nota-se que houve um apagamento dessa zona e a intenção de ressignificação das rugosidades patrimoniais do bairro em âmbito comercial, seguindo o raciocínio de apropriação de elementos de identidade e simbolismo como geradores de valores monetários, advindos especialmente do consumo dos lugares de memória (COSTA, 2015a; LEMOS JUNIOR, 2016).

Esta dissertação é exemplo de um empreendimento que parte do nível universitário de ativação com a intenção de gerar benefícios à comunidade estudada a partir da pesquisa, que deve se consolidar como prática externa à universidade. De acordo com a meta de *reconhecer e difundir o utopismo patrimônio-territorial em sua integralidade, a partir das comunidades*, objetiva-se alcançar resultados conjuntamente com a população e atender suas demandas.

Um aspecto importante que devemos salientar é que cabe a comunidade o aceite ou a recusa a qualquer que seja nossa proposição, pois

o sentido e a força do patrimônio-territorial estão no sujeito localizado, e não na cabeça de quem pesquisa ou pensa preservá-lo, sem vivenciá-lo espaço-temporalmente. É a população quem pode revelar e assumir o destino de seu lugar e tudo que o constitui; é a guardiã da preservação cultural e da difusão da memória, até onde deseja (COSTA, 2017, p. 70)

Para nós essa abordagem se justifica, primeiramente, pelo imaginário de pobreza e marginalidade que ainda assola San Jerónimo [fortemente o *Kure cuá*], pois “pensar alternativas de vida e representatividade culturais deve ser um esforço coletivo, para maximizar condições materiais de existência e minimizar o estigma social que subjuga sujeitos e grupos latino-americanos” (COSTA, 2017, p. 62).

Loma San Jerónimo ainda é tratado como um bairro marginalizado e isso se deve ao fato de sua história estar relacionada à formação periférica por pessoas do interior, e também por estar nas proximidades do rio Paraguai e do bairro Chacatita. Como já comentamos, este é um dos bairros mais populares, mas também o mais pobre da cidade, sendo confundido em sua formação original com San Jerónimo. Uma jovem moradora alega já ter sido duramente recriminada em seu ambiente de trabalho por morar em San Jerónimo:

¹⁶⁴ Entrevista com a Sra.C.E.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 2018.

No trabajo mismo yo decía, donde viví en San Jerónimo, ahí... tipo pensaban que era así... comparan con chacharita. No toda chacharita es insegura como... como la gente piensa, es decir pensaban que así también era acá. Ah, un barrio marginal así me decían. Tipo... les traje aquí una vez y les mostré que no era así como todos pensaban. Esta idea es más porque está cerca de río, ribereños... esta cuestión¹⁶⁵.

(Re) ativar o *patrimônio-territorial* de San Jerónimo significa incluir o *Kure cuá* na produção histórica desse lugar, reconhecendo sua importância e valorizando os sujeitos que ali habitam. Além disso, é favorecer sua participação na elaboração de toda e qualquer proposta ao bairro, de modo a se criar alternativas e formas de resistência consciente ante as possíveis remoções promovidas pelos projetos urbanos financiadas pelo capital estrangeiro.

Outro aspecto que justifica repensar a lógica de apropriação patrimonial do bairro é o forte sentimento de pertencimento de seus moradores, como ficou visível no exposto em capítulos anteriores. De acordo com Lemos jr. (2016), os elementos de uma cultura, sejam eles materiais ou imateriais, são o alicerce para o sentimento de pertencimento a determinado lugar.

Verificamos em San Jerónimo como espaços e práticas remontam ao sentimento de fazer parte do bairro e sentir que ele lhe pertence, ainda que estejam sendo associados à *patrimonialização global*. As respostas dadas a entrevista revelam como essa sensação, além dos vínculos familiares e de vizinhança, está intrinsecamente relacionada com a noção de participação, pois a atuação em projetos coletivos [como as festividades ou as próprias ações comunitárias em prol do próximo] favorecem o desenvolvimento de corresponsabilidade e da noção ser parte de um todo (LEMOS JUNIOR, 2016):

La verdad es que yo tengo un vínculo muy fuerte, porque este barrio, para mí, representa mi niñez, mi adolescencia, ya mi etapa de madurez, de madre, ya mis hijos nacieron acá, mi hija adolescente. Entonces para mí es mi primer amor, mi novio, mis amistades... Más allá de los problemas que puedan tener los vecinos, cada uno tiene su historia de lo que es dentro del barrio. Para mí estoy muy ligada sentimentalmente de lo que es el barrio. Trato siempre de participar y, es más, como te dije, mi papá es el fundador de la comisión de Stella Maris y yo fui miembro de la comisión, por varios periodos, era secretaria de alta, secretaria de derechos humanos y siempre fui tratando de ver cómo puedo colaborar con mis ideas, tratando de agregar ideas objetivas, de repente, mi punto de vista, involucrándome en algunas actividades.¹⁶⁶

Y el barrio para mí es mi vida, el barrio para mí es el origen de mis raíces, entonces tiene un valor sentimental muy fuerte. Aquí desde mucho antes que yo existiera ya existió mi familia. Aquí se dieron las grandes historias de mis raíces, nacieron y murieron mi familia acá donde yo estoy viviendo hoy. De aquí salí para muchos países, mucha gente integrante de mi familia de acá. Aquí yo nascí, aquí crecí, aquí

¹⁶⁵ Entrevista com a Sra. A.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹⁶⁶ Entrevista com a Sra.C.E.P., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 2018

*fui a escuela, aquí me realicé como persona, aquí me casé, aquí tengo mi familia actual.*¹⁶⁷

*Es un vínculo emocional, sentimental que nos une y aparte de parentesco, porque somos casi todos parentes. Nosotros siempre estamos apoyando los eventos, cuando hay ferias, cuando hay festejos*¹⁶⁸

*Cuándo alguien me dice “necesitamos de tu ayuda”, por ejemplo, “¿Qué posibilidades de hacer una ensalada? o ¿Qué posibilidades de cocinar los pollos? o de repente organizar así algo a beneficio de la gente del barrio. Participo en todo, me gusta la política, me gusta la actividad vecinal, me gusta todo.*¹⁶⁹

*Y no sé, es mi lugar yo nací y crecí acá y le conozco al 90% de las personas que viven, o sea, desde que entrás y le saludas a la gente, tu casa no está solamente adentro pero tranquilamente podés estar en la vereda y hablar con tu vecino como si fuera patio de tu casa, entonces la verdad, se siente más como el tipo de una familia grande. Claro que me siento parte*¹⁷⁰

O fato de os moradores possuírem fortes vínculos com o lugar, dados pela apropriação simbólica e cotidiana do território, denota que para além da comercialização, banalização e fragmentação territorial, persistem relações favoráveis à *(re)ativação popular do patrimônio-territorial*. Esta se daria pela via do entendimento de sua história e memória compartilhada entre todos os vizinhos e pelas relações espaciais solidárias, aproveitando a participação ativa da população como elemento chave para o desenvolvimento, organização, e fortalecimento do indivíduo e da sociedade.

Por fim, citamos que o quadro futuro de mudanças se configura como justificativa para a *(re) ativação do patrimônio-territorial* do bairro. Mesmo que a comunidade enxergue com esperança e positividade as transformações que podem decorrer dos projetos urbanos, também assolam o medo da pressão imobiliária, aumento do custo de vida e chegada de novos moradores; um típico caso de gentrificação resultante de renovação urbana atrelada a apropriação do patrimônio cultural pela atividade turística (PAES, 2017). A fala de morador evidencia tal fato:

*Mi miedo es que la gente empiece a vender su casa y la población va a tener que ir, ¿verdad? (...) la esencia de San Jerónimo es su gente. En San Jerónimo si te va a caminar, la gente te va a recibir, te va a saludar, te va a invitar, ¿verdad? Y, ojalá no ocurra esto. Esto es mi temor, de toda la inversión que hay este es mi temor.*¹⁷¹

¹⁶⁷ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de fevereiro de 2018.

¹⁶⁸ Entrevista com a Sra. C.F., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de setembro de 2018.

¹⁶⁹ Entrevista com a Sra. M.J.R., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 26 de setembro de 2018.

¹⁷⁰ Entrevista com a Srta.P.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 28 de setembro de 2018.

¹⁷¹ Entrevista com o Sr. F.D.L.M, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência do entrevistado, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 22 de setembro de 2018.

Soma-se ainda a preocupação com a imagem do bairro frente ao projeto moderno que já vem tomando forma, destoando do que é, de fato, San Jerónimo: um bairro de origem singela, que resguarda uma população ainda em condições socioeconômicas muito precárias e abrigo de um potente *patrimônio-territorial*, que denota à força dos sujeitos para a permanência de seu modo de viver e suas práticas culturais. A opinião de uma habitante do bairro e a **Figura 71** evidenciam esse contraste:

Sí, van a impactar muchísimo porque va a haber mucho más movimiento, se puede perder la tranquilidad e incluso la seguridad en la que nosotros vivimos porque obviamente va a ser una zona mucho más circulada y aparte que la diferencia de infraestructura se va a demarcar muchísimo, porque ahí van a ver edificios nuevos de primer nivel y no sé qué y enfrente hay algo totalmente en contraste o sea se pierde totalmente lo que es la imagen del barrio que tenemos. Ahora no hay ningún problema porque prácticamente no rodea nada porque van a tener el puerto y ahí está la marina que es todo un super campo verde, tenemos la plaza y después ya es todo, digamos que la escala es bastante pequeña. Sin embargo la competencia a escala que vamos a tener a nivel como imagen barrial se va a perder totalmente ...¹⁷²

Figura 71: Contraste entre Centro comunitário e bairro San Jerónimo



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

¹⁷² Entrevista com a Srta.P.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 28 de setembro de 2018.

Em San Jerónimo a renovação, ou que denominam “reconversión”, é acompanhada de fragmentação do urbano, elitização de pontos determinados da cidade, inserção de novos equipamentos para usufruto turístico e remoção de população mais pobre. Todos esses elementos se configuram como objetivos dos projetos urbanos. Entretanto, como afirma Santos (2000a, p. 39),

o território não é um dado neutro nem um ator passivo. Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida. Essa esquizofrenia do território e do lugar tem um papel ativo na formação da consciência. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente.

Ou seja, é a partir do território que os atores podem ser capazes de ter consciência do mundo e engajar-se contra as ações impositivas, mediante a força da vida de todos os dias. Por essa via se pretende a mobilização de memórias e do patrimônio para a conformação de luta e resistência consciente contra a lógica do progresso e racionalidade econômica que preconiza a *patrimonialização global* (SANTOS, 2000a; SCIFONI, 2013; PAES, 2017; COSTA, 2017).

Costa (2016, 2018), quando conceitua o *utopismo patrimonial existencialista*, coloca nos sujeitos situados a responsabilidade e a potência do agir de forma lúcida e transgressora em defesa dos seus bens patrimoniais ante qualquer risco inerente a ele. Nesse sentido, o turismo pode apresentar potencial de preservação do *patrimônio-territorial* ao invés de risco, se pensado e gestado de outra maneira por sua comunidade, ou endogenamente, o que representa a força do utopismo defendido.

Ao reduzirmos a uma análise simplista e ao continuarmos a reproduzir visões maniqueístas acerca desse fenômeno social, estaremos perdendo as possibilidades que nele podemos encontrar. O cenário contemporâneo de renovação urbana é essencial para a reflexão sobre formas de desenvolvimento, uma vez que são notabilizadas vulnerabilidades econômicas e socioambientais que podem ser corrigidas, tendo nos sujeitos que vivenciam o lugar o foco da concepção e ação de propostas, sejam elas aportadas no turismo ou não (COSTA, 2016, 2017, 2018; PAES, 2017).

O utopismo *patrimônio-territorial* demanda outra epistemologia e prática do turismo, que seja mais inclusiva e se torne resistente à lógica do capitalismo e dos meios de comunicação de massa, de forma a favorecer a redução de danos existentes e a minimização de estigmas espaciais. Nesse sentido, necessita

incorporar com precisão o conceito de lugar e a noção filosófica de totalidade em debates como: *marketing* urbano, imagem de cidade, atrativo turístico, cultura, memória, identidade, planejamento estratégico etc. Essa consideração pode evitar o preconceito epistêmico quanto ao *patrimônio-territorial*, que se dá ou pela negação

dos sujeitos que carregam a memória histórica da formação dos *territórios de exceção* latinos [negros e indígenas] ou pela recusa mesma dessas localizações periféricas, com seu potencial de valor e atrativo (COSTA, 2017, p. 68)

Como no Bairro San Jerónimo já existe a prática do turismo, é relevante o levantamento do debate acerca de que forma a atividade pode ser vantajosa para toda a comunidade e como pode ser repensada de maneira compatível com a participação ativa de todos os moradores, já que pode se conformar como alternativa de desenvolvimento social (COSTA, 2018).

Por esse ângulo, pensar na *(re) ativação patrimonial* no sentido de compreender as raízes do que foi a formação latinoamericana e paraguaia, como o bairro se insere na totalidade, reconhecendo todo o seu perímetro e toda sua gente, denota a apropriação do patrimônio como possibilidade de uma outra vida.

Acredita-se que “é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então a existência é produtora de sua própria pedagogia” (SANTOS, 2000a, p. 116). Assim, no próximo tópico serão esboçados os passos dados pela comunidade, juntamente com a Universidade de Brasília (no caso, por meio desta dissertação) para uma outra leitura do bairro, que permeia a transição de uma situação crítica a uma visão crítica, como afirma Santos (2000a). A intenção é a produção de material pedagógico para toda a comunidade, mas enfocada nas crianças e jovens do bairro, de modo a instigá-la a atuação enquanto verdadeiros guardiões do que é seu quadro de vida, pois somente o sujeito situado tem condições reais de moldar sua realidade. Esta praxis é o esforço concreto que o Grupo de Pesquisa Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe –coordenado por E. Costa–, por meio de dissertações e teses (algumas aqui elencadas) tem empreendido, no contexto das crises que atravessa o continente. Mais além da teoria e da metodologia, sua aplicação, para revisão.

3.3. Proposta de material educativo para o bairro San Jerónimo: apresentando o *patrimônio-territorial* para jovens e crianças

A pesquisa científica, mais que envolver a constante busca pelo entendimento dos fenômenos sociais, apresenta uma dimensão que vai além da produção acadêmica. Referimo-nos a *práxis*, reflexão aliada à ação transformadora do mundo que vivemos (FREIRE, 2018). Nesse sentido, faz-se essencial que o pesquisador possua olhar investigativo e esteja sempre atento às possibilidades de atuação comprometida que o próprio objeto de pesquisa lhe oferece.

Os membros do GECIPA/Cnpq (UnB) adotam esse entendimento e se orientam pela factível mudança social a partir da execução de seus projetos de pesquisa, o que demanda conhecimento e incessante alinhamento com as utopias e necessidades dos sujeitos em situação espacial das realidades estudadas. Como anuncia Freire (2018), sem a verdadeira *práxis* é impossível se desvencilhar da atual conjuntura de opressão, já que a própria realidade cria condições para o aprisionamento dos sujeitos [pela materialidade das situações e/ou pelos conjuntos de ideias criados, difundidos e enraizados]. Assim, “libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. É por isso que só através da *práxis* autêntica que, não sendo blá-blá-blá, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo” (FREIRE, 2018, p. 52).

A partir da geografia e do seu papel revelador das múltiplas contradições do mundo, tentamos expor como relações de poder foram espacializadas no Paraguai, tendo em vistas o bairro San Jerónimo de Assunção. Observamos ainda, como a instrumentalização do território para o seu controle e apoderamento por agentes hegemônicos é capaz de gerar usos que quebram solidariedades orgânicas e vínculos afetivos estabelecidos entre os sujeitos e o lugar. Apesar disso, esse movimento pode ser subvertido por ações resistentes, sejam elas conscientes ou não, fazendo com que a própria diversidade dos lugares deforme os impactos de vetores hegemônicos, como nos ensina Milton Santos.

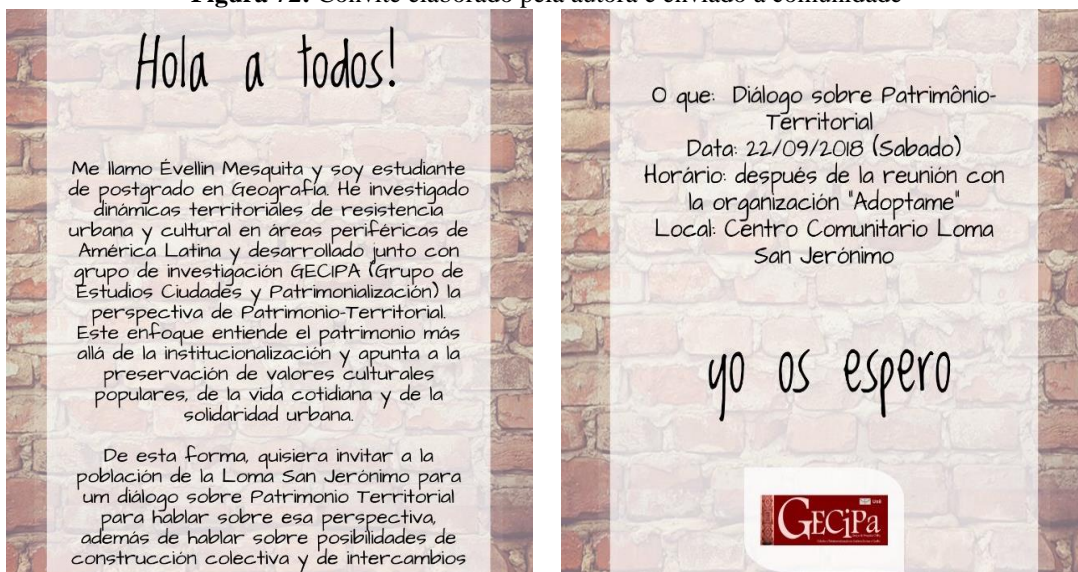
De modo a atender aos objetivos específicos da pesquisa, foram identificados, no bairro em estudo, os elementos que resistem no sentido de sua formação, da colonialidade e da mentalidade de comercialização do patrimônio. Ou seja, o *patrimônio-territorial* atinente a essa porção do território paraguaio que persistiu às periódicas modernizações e tem perdurado ante aos impactos da globalização, mesmo que de forma tênue e singela. Enfatizamos suas características geográficas especiais que condicionaram a uma peculiar história de ocupação, a zona *Kure Cuá*, as características da formação territorial paraguaia referente aos indígenas tão

reprimidos e subalternizados [como o idioma guarani e a crença na medicina tradicional], lugares que estão associados historicamente ao bairro [como o Mercado 4, antigo Mercado Guazú] e as suas rugosidades patrimoniais selecionadas com base nas repostas dos moradores à entrevista: o oratório San Jerónimo e a festa patronal, os *estacioneiros* do bairro, o clube de enorme significância para as crianças e as formas de se relacionar espacialmente que envolvem a solidariedade.

Esse levantamento nos deu subsídios para a proposição de um material didático de valorização do bairro em sua totalidade, correspondente ao objetivo complementar da pesquisa. Num cenário em que as referências indígenas são negadas, mal interpretadas ou sequer lembradas, e de apropriação do patrimônio local pela lógica da *patrimonialização global* (COSTA, 2015a) assumir o *patrimônio-territorial* e a sua (re)ativação pelas instâncias sugeridas por Costa (2017), faz-se essencial.

Nesse viés, foi sugerido para a comunidade de San Jerónimo um encontro com a intenção de dialogar sobre a presente pesquisa, sobre a temática patrimonial, sobre a elucidação acerca do *patrimônio-territorial* e sobre os impactos da *patrimonialização global* no contexto de Assunção e do bairro. Acima de tudo, pretendeu-se essa reunião para ouvi-los e para saber dos seus interesses com a minha investigação, objetivando construir, juntamente com a comunidade, um caminho que aponte para a superação de uma já existente alienação quanto às heranças patrimoniais procedentes dos indígenas e da formação espacial do próprio bairro. Desse modo, foi enviado em grupos de *Whatsapp* do bairro, bem como divulgado via “boca a boca”, um convite para a roda de conversa (ilustrado na **Figura 72**), realizada no dia 22 de setembro de 2018.

Figura 72: Convite elaborado pela autora e enviado à comunidade



Fonte: Elaboração da autora

Consoante ao que nos foi indicado, aproveitamos a sequência de outra reunião da comunidade para dar início ao nosso trabalho elucidativo com a população. O encontro contou com 10 moradores no início da conversa, sendo que 3 permaneceram até o término da roda (Figura 73 e Figura 74). A baixa adesão, de acordo com os residentes, deu-se pela proximidade com a festa em honra ao santo patrono do bairro e pelo envolvimento dos moradores com a festividade, já que a maioria estaria comercializando suas especialidades culinárias no evento ou prestando algum serviço.

Figura 73: Reunião de moradores



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Figura 74: Momentos antes do término da roda de conversa



Fonte: Mesquita, setembro 2018 (Arquivo pessoal)

Sucedeu-se aproximadamente duas horas de diálogo, no qual a troca de conhecimento foi muito bem recebida por ambas as partes. Foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, transmitidas informações do trabalho até ali realizado, esclarecidos os eixos temáticos principais da dissertação e associados à então realidade encontrada em San Jerónimo, além de comunicado o interesse na realização de um trabalho coletivo que atendesse às suas expectativas e desejos.

As mulheres ali presentes revelaram seus descontentamentos e evidenciaram a necessidade de mobilização da população mais jovem e infantil do bairro, diante da falta de interesse desencadeado pelo acesso cada vez mais precoce às tecnologias. As crianças têm brincado menos nas ruas, tem estado cada vez mais desconectadas da história que permeia o bairro e dos costumes e tradições indígenas tão importantes para o país. Ou seja, há um apelo para que não percam suas raízes ante a impugnação da mentalidade de mais modernização que tem atravessado o bairro. A conclusão do encontro nos mostrou a relevância de elaboração de conteúdo que atenda à sua população, especial e prioritariamente as crianças e jovens do bairro.

Após a realização de entrevistas e levantamento de material necessário durante o campo, optou-se pela escrita de um livro que aborde de forma clara e simplificada não só a experiência

de campo e as vivências percebidas, mas principalmente os tópicos levantados pelos moradores, exaltando suas gentes, suas próprias relações com este lugar e o uso que fazem dessa porção territorial.

Como há uma irreversível influência das tecnologias no bairro, pois “os novos instrumentos, pela sua própria natureza, abrem possibilidades para sua disseminação no corpo social, superando as clivagens socioeconômicas preexistentes” (SANTOS, 2000a, p. 165), propõe-se aqui um novo uso dessa inteligência, que seja para a divulgação do conhecimento acerca de San Jerônimo e o enaltecimento de suas práticas e costumes territorializados. Nesse sentido, assinalamos para a elaboração em formato digital, visando sua ampla difusão, e para que possa ser utilizado pelas escolas que assistem à comunidade do bairro como, por exemplo, a Escola Dr. José Gaspar Rodriguez de Francia e o Colégio Católico Monseñor Lasagna.

O professor da área de Ciências Sociais e titular das cátedras de “História e Geografia”, “Formação Ética e Cidadã” e “Orientação Sócio laboral” da escola Dr. José Gaspar Rodriguez de Francia, Juan Carlos Estruc, nos afirmou que a maioria dos seus alunos são oriundos de San Jerónimo e que há algumas atividades de campo no bairro, como a realização de gincanas. Estas envolvem a investigação acerca da história do lugar, a realização de fotografias e de entrevistas para captar a percepção de mundo de suas gentes. Também nos indicou a importância dessas práticas em um contexto de discriminação tópico-espacial dos alunos devido a histórica associação de ocupação de zonas ribeirinhas à pobreza:

Este sector es un sector ribereño y las riberas que aquí se llaman bañados están constituidas generalmente por familias de escasos recursos, de muy escasos recursos que en su mayoría se han llegado a la capital proveniente del interior y en un contexto en el que hay falta de oportunidades en el interior, la falta de fuentes de trabajo, la falta de establecimientos educativos cercanos, la falta de oportunidades en general para poder alcanzar una cierta calidad de vida (...) sin embargo no es amplia la oportunidad de trabajo como para absorber a todos los que inmigran del interior a la capital con el propósito de conseguir una mejora en su calidad de vida y de esa manera se restablecen en la ribera y restablecidos ahí en este sector entonces comienza una marginalidad porque son gente desocupada, gente sin forma acceder a un puesto de trabajo o una calidad de vida mejor y a partir de allí se forma un cinturón de pobreza.¹⁷³

Esse cenário nos convida com urgência à valorização desses sujeitos, de suas bagagens culturais e daquilo que se apropriam enquanto patrimônio, encarando a ativação popular do *patrimônio-territorial* como “possibilidade de anular estigmas e preconceitos sociais”, e como elemento propiciador de “pensamentos e práticas situadas, endógenas ou inclusivas” (COSTA, 2017, p. 36). Concordando com Costa (2016, 2017), é muito importante atentar para as crianças

¹⁷³ Entrevista com o Sr. Juan Carlos Estruc, concedida a Évellin Lima de Mesquita, na escola Dr. José Gaspar Rodriguez de Francia, em Assunção (PY), no dia 21 de setembro de 2018.

e jovens e aos seus destinos. A elas não devemos permitir ações e ideias que conduzam à descrença, ilegalidade e violência, pois depõe contra a cidadania. O patrimônio, o folclore, as artes, música e culinária devem ser entendidos como peças fundamentais para o desenvolvimento societal e sua valorização deve ser instigada aos mais novos, uma vez que são capazes de estimular valores compatíveis com a mudança necessária do mundo, como cooperação, ética, solidariedade e liberdade.

Pretende-se assim, abordar de maneira lúdica os tópicos que foram tratados na dissertação mediante a escrita do livro infanto-juvenil intitulado “*San Jerónimo – meu cantinho no mundo*”, em espanhol: “San Jerónimo - mi rincón en el mundo”. O título foi elaborado à luz da perspectiva geográfica de Milton Santos (2006a), que perpassa a relação dialética global-local, entendendo a produção de duas razões que se superpõem em cada lugar, por vezes se associando, mas também se contrariando. Segundo o autor, “é nesse sentido que o lugar defronta o Mundo, mas, também, o confronta, graças à sua própria ordem” (SANTOS, 2006a, p. 225).

O lugar além de receber relações contraditórias, como evidenciado em San Jerónimo especialmente pela ordem que guia a *patrimonialização global*, apresenta toda uma carga afetiva, que nos confirma as variadas possibilidades de uso do território pelos grupos sociais e pelo próprio sujeito. Isso nos garante o emprego do termo “cantinho”, “rincón” para declarar a relação de proximidade dos sujeitos entrevistados com o seu bairro. Este vínculo se dá pelo cotidiano do trabalho, pelo uso dos espaços públicos, pela ação costumeira banhada em cultura, pelas tradições e festividades, pela própria realização da vida banal que remete a costumes extremamente enraizados e pela resistência desse modo de viver mesmo ante um processo que impulsiona o seu abandono.

Ademais, foi verificada a possibilidade de tradução do livro para o idioma nativo oficial. A Academia de Língua guarani e Associação de tradutores (AKA), por meio do presidente Dr. Carlos Ferreira Quiñonez, apresentaram-se disponíveis para a realização desse significativo serviço, de modo a tornar factível nossa contribuição para a valorização e manutenção do idioma de matriz indígena, que com muitos obstáculos tem se feito persistente no contexto estudado.

As ilustrações do trabalho serão realizadas pelo artista Daniel Noble. Nosso objetivo é de que essa etapa possibilite maior identificação dos moradores, por isso será escolhida paleta de cores vibrantes, fazendo referência ao bairro. Já os desenhos serão feitos em aquarela, de modo a materializar a suavidade e robustez do *patrimônio-territorial* que queremos afirmar,

notabilizando sempre as referências fotográficas e orais captadas por meio de entrevistas realizadas em campo.

Assim, segue o sumário temático acompanhado de pequeno resumo para a composição final do livro:

-
- **Título: San Jerónimo – meu cantinho no mundo** (San Jerónimo - mi rincón en el mundo)
-
- Subtítulo I: Passeando pela colina
-
- Conteúdo: Formação do bairro San Jerónimo e relação entre a história de sua ocupação e suas características geomorfológicas
-

Serão abordados os aspectos descritos no tópico 2.1 da dissertação. Nesse sentido e de forma sucinta trataremos das peculiaridades históricas e geográficas de San Jerónimo e de seus ocupantes, destacando a zona *Kure Cuá*, que conforme apresentado, ainda sofre anualmente com as cheias do rio Paraguai e cotidianamente com as discriminações.

Será evidenciada a ocupação do bairro também por migrantes vindos do interior e trabalhadores do mercado Guazú (atual Mercado 4), mostrando a possibilidade de criação de conexões territoriais afetivas (COSTA, 2018) com esse outro espaço citadino que se configura como *patrimônio-territorial* de Assunção.

-
- Subtítulo II: Nossas raízes não foram cortadas
-
- Conteúdo: Dimensão da persistência de elementos da cultura indígena no bairro enquanto *patrimônio-territorial*
-

Pretende-se abordar o que persiste de cultura indígena no bairro e declarar a importância de serem mantidas vivas essas referências. Foram destacados o idioma guarani, que perpassará todo o livro infanto-juvenil, e a medicina tradicional. Tentaremos evidenciar a importância da comunicação em guarani e a compreensão dos tratamentos medicinais via plantas e orações, estimulando o interesse de jovens e crianças por esse conhecimento e impulsionando a busca de sujeitos que detêm esse saber, como a moradora do bairro que é médica naturalista, ou seus avós, pais e mães conhecedores.

-
- Subtítulo III: San Jerónimo: aqui é o meu lugar
 - Conteúdo: *Patrimônio-territorial* para os moradores de San Jerónimo
-

Serão elencadas as rugosidades patrimoniais (OLIVEIRA, 2016) no contexto de San Jerónimo, destacando suas histórias particulares, suas características peculiares e a sua relevância para a manutenção da vivência em comunidade do bairro, de modo a advertir a respeito das mudanças e das transformações decorrentes da *patrimonialização global* no bairro, e a necessidade de maior atenção, conhecimento, respeito e cuidado com a memória e patrimônio material e imaterial de San Jerónimo. Serão deslindados de forma clara e linguagem familiar os seguintes tópicos de acordo com este capítulo da dissertação:

a) Religiosidade: o oratório e a festa patronal do Santo San Jerónimo

Abordará a história da pequena capela e a importância do envolvimento dos moradores com a festa em honra ao santo patrono, de forma a impedir que nos próximos anos a festividade tenha cunho mercadológico e turístico, e se perca a sua função social e mnemônica.

b) A Semana Santa e os *Estacioneros* de San Jerónimo

Como comentado, ao tradicional canto dos estacioneros e sua caminhada, foi incluída a encenação da paixão da cruz com a finalidade de atrair turistas para o bairro. Será abordada a origem da celebração e a história dos *estacioneros* [contada por devotos do bairro], a forma como se vestem, como ocorre a preparação para o ritual, de maneira a reafirmar a importância desse grupo para o bairro. Como a encenação da semana santa já se consolidou e é feita por moradores da comunidade, será notabilizada a peça como atividade que confere identificação aos jovens e crianças, mas que não deve ser encarada somente como atrativo turístico.

c) Club San Jerónimo

O clube será exaltado enquanto lugar propiciador de momentos de troca construtiva entre a comunidade. É onde se realizam os jantares, as *milaneseadas* solidárias e lugar por excelência do convívio das crianças que praticam atividades e brincam ao fim de tarde. Com a construção do Centro comunitário a perspectiva seria de transferência de atividades para o prédio, entretanto pela burocracia para utilização do novo espaço e pelo apreço dos moradores por esse recanto do bairro, o clube segue sendo entendido como um dos lugares mais importantes para essa população.

A abordagem do livro é a de conservação e ampliação do uso desse equipamento urbano, que historicamente tem recebido e acolhido as crianças e jovens e realizando atividades esportivas e de recreação, de modo afastá-las das problemáticas urbanas que os cercam como,

por exemplo, o consumo de drogas, o abandono da escola e a violência, e de aproximá-las de uma vida mais saudável com a criação de vínculos afetivos entre eles e o lugar.

d) Relações espaciais solidárias

Uma marca da América Latina, a solidariedade em espaços onde prevalece as menores condições materiais (ZIBECHI, 2015) é também fato no bairro em questão. Este é um de seus elementos mais genuínos e analisado aqui como *patrimônio-territorial*, pois relaciona-se com a formação desse pequeno bairro e lhe confere coesão e união nos momentos de dificuldade. Foi um dos aspectos mais relevantes da entrevista, pois revela um traço que para toda a comunidade é fundamental e estruturante da vida comunitária, mostrando como existe formas de lidar com a escassez advinda do sistema econômico vigente, mediante ações caritativas como as “milaneseadas”, rifas, eventos para ajudar todo e qualquer morador que necessite.

Nossa intenção é elogiar essa particularidade e incentivar jovens e crianças a cultivarem essas atitudes que favorecem o sentimento de pertencimento e a vivência mais humanizada, num momento em que se preconiza valores como a individualidade e a competitividade.

▪ Subtítulo IV: Um turismo possível

▪ Conteúdo: Abordagem de um turismo diferente do percebido no bairro

Como a atividade turística trouxe ganhos econômicos para a comunidade, especialmente entre os anos de 2012 e 2013, tem-se uma visão do turismo como movimentador de divisas e não como uma possível ferramenta de autogestão, emancipação e fomentador de práticas que enalteçam endogenamente a comunidade.

Nesse sentido, pretende-se comunicar uma perspectiva outra do turismo, que valorize os saberes e práticas territorializadas, de maneira a contribuir para a defesa de seu patrimônio ante os avanços da visão hegemônica de mercantilização de referências simbólicas (COSTA, 2015a, 2017).

Esse é um primeiro e simbólico esforço que parte da Universidade de Brasília, por meio do GECIPA/CNPq, uma das instâncias de ativação do *patrimônio-territorial*, mas que se propõe colaborativa, construtiva, e sempre antepondo as percepções e desejos da população do bairro. Antes do início da elaboração do material proposto, o projeto foi encaminhado para as organizações e comissões vizinhas, de maneira a ser analisado, revisado, sugerido e modificado a depender das necessidades encontradas pelos moradores. A sua futura publicação também dependerá dos anseios da comunidade.

Findamos a proposta reiterando a significância desse material a ser construído no que tange ao imaginário de apagamento dos vestígios deixados pelos indígenas, nos mais variados fundamentos da vida de todos os dias em Assunção e no Paraguai. Valorizar esse *patrimônio-territorial* no âmbito de San Jerónimo pode colaborar para o início de um novo pensamento nacional, em um país onde se cria uma imagem deturpada do sujeito indígena vivo, que destina a ele a vida em péssimas condições, desestimula a permanência de suas práticas e utiliza o substantivo “índio” como insulto e sinônimo de ignorância. Reconhecer a sua presença é o início de uma senda que sinaliza para um outro conjunto de possibilidades para esses sujeitos marginalizados pela raiz profunda da colonialidade do poder. É clarificar para jovens e crianças o seu papel cidadão e a mudança que eles podem ainda promover ao negar o rechaço, ao valorizar sua matriz participante da formação do território nacional e atuar em prol de um mundo mais justo e igualitário.

Ademais, auxiliar no conhecimento e valorização do seu patrimônio local, de suas experiências de vida espacializadas num lugar comum e de suas práticas comunitárias reforça o interesse dos sujeitos em sua emancipação, no protagonismo em modificar o presente e em evitar que ações propostas pela racionalidade global deturpem e perturbem sua ordem local. De acordo com a professora Allende, que viveu no bairro até o seu falecimento:

sólo se ama lo que se conoce. Mi deseo es que sepamos transmitir a las nuevas generaciones de niños y adolescentes nuestros valores, nuestras costumbres, nuestra cultura; todo con el sólo fin de no perder y poder conservar nuestra identidad como una valiosa riqueza tangible y espiritual (ALLENDE, 2011, p. 58).

Por fim, repetiremos aqui a frase dita por Santos, em sua obra *Por uma outra globalização*: “o futuro são muitos”. No presente, juntamente com a comunidade, lançamos uma faísca de esperança, banhada na utopia de que um dia esse material venha a ser utilizado não só em escolas do bairro, mas de toda Assunção e inspirem ações populares em bairros e comunidades outras. Há uma gama de possibilidades a serem consideradas para o bairro San Jerónimo, mas enxergamos na ação de adultos quanto a mobilização de jovens e crianças, como potência para a construção de um futuro que se afaste da alienação e da perda de sentido de todos os aspectos simbólicos que perpassam suas vidas cotidianas, e se aproxime da consciência e autonomia que a valorização do *patrimônio-territorial* pode promover.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratamos, ao longo da pesquisa aqui apresentada, de dar centralidade a uma outra perspectiva patrimonial, que favoreça usos do território mais totalizantes, em contraposição à lógica hegemônica e fragmentadora da *patrimonialização global*. Com base no quadro de continuidade da violência com aqueles que foram oprimidos e subalternizados na lógica do trabalho e das produções culturais na América Latina, faz-se crucial a tentativa de reconstrução da estrutura social por meio de alternativas utópicas [entendendo utopia na dimensão não de um sonho impossível, mas de um projeto realizável que contraponha a lógica atual da patrimonialização].

Em vista das diferentes relações/usos estabelecidos no/com o território nos distintos momentos históricos - relações de poder, mas também relações econômicas e simbólicas por diferentes agentes: firmas, instituições e pessoas –, tem-se que na América Latina estes são determinados por uma permanente colonialidade, revelada pela sua história e pela sua configuração territorial.

Costa (2016) preocupa-se em levantar uma outra concepção de uso do território viabilizado pela valorização do *patrimônio-territorial* latinoamericano. Desta forma, diante do apagamento por uma cultura da opressão imposta (MIGNOLO, 2005), tem-se em contrapartida a permanência da memória dos povos subalternizados por meio de símbolos territoriais e de outras possibilidades de uso territorial ante os usos restritivos estabelecidos pelo viés da colonialidade.

Enquanto “história registrada em símbolos territoriais resistentes à colonialidade do poder: arte, religião, saberes, fazeres, modos de vida, assentamentos de grupos subalternos urbanos e rurais” (COSTA, 2016, p. 2), o *patrimônio-territorial* visa estimular resistências e transformação popular por meio de ações localizadas e sistematizadas de forma coletiva. Delineia-se como uma estratégia de valorização dos elementos do cotidiano e da cultura popular e através de seu caráter transformador, vislumbra a emancipação e reconhecimento do indivíduo como sujeito-patrimônio.

A decisão por investigar a realidade paraguaia se deu pelo fato de que a exploração colonial, imperial e os processos advindos do fenômeno da globalização têm afetado drasticamente os sujeitos subalternizados – em especial índios e camponeses no país. Assim, tomando como ponto de partida as proposições advindas da teorização acerca do *patrimônio-territorial* e da *patrimonialização global*, pretendeu-se situar e compreender o bairro denominado Loma San Jerónimo, localizado na capital paraguaia – Assunção.

Este bairro que se conformou sobre uma colina, nos convidou a refletir sobre duas lógicas patrimoniais que se contrapõem, mas coexistem. Observamos que a institucionalização do seu perímetro há pouco mais de 20 anos não evitou que o local fosse abandonado ao descaso pelos órgãos responsáveis. Na verdade, serviu de justificativa para a sua recente apropriação pela lógica hegemônica do mercado de cidades, produzindo uma série de transformações nesse espaço carregado de simbologias e dinâmica própria. Ao mesmo tempo, deparamo-nos com a permanência do *patrimônio-territorial* mesmo ante a força da colonialidade e da *patrimonialização global*.

As ações advindas desse processo podem alienar a população ou instigar a resistência pela evocação da memória ou pela participação ativa dos sujeitos, uma vez que exista o sentimento de pertencimento à comunidade, resultante das relações de convivência entre os membros. Isto se faz possível mediante o uso do território a partir de uma perspectiva local, territorializada, de maneira a deformar e reverter os sentidos dos imperativos de atores hegemônicos (SANTOS, 2000a), pois, sendo o *território usado* sinônimo do espaço habitado, espaço de todos (SANTOS, 2005b), constitui-se como lugar de resistência e de revanches.

A partir do objetivo geral de *Analisar o que resiste enquanto patrimônio-territorial em Loma San Jerónimo, no contexto das interações e intervenções espaciais oriundas da patrimonialização global em Assunção – Paraguai*, e mediante a realização de pesquisa de campo e entrevista com moradores e importantes atores sociais, encontramos como resistência patrimonial especializada: o **idioma guarani**, a **medicina tradicional** [como reminiscências indígenas no âmbito do bairro], o **Kure Cuá**, zona baixa do bairro e o **Mercado 4** [como permanências de sua formação histórico-geográfica], o **oratório**, o **clube**, e todas as **manifestações socioculturais** que o permeiam, os **estacioneros**, a **procissão** em honra ao santo patrono e as **relações espaciais solidárias** [enquanto resistência ao processo de *patrimonialização global* e a lógica dominante que o engendra].

Constatou-se que o apagamento, a tentativa de ocultar a presença da memória subalternizada não se faz possível quando na cidade a vida cotidiana é marcada por heranças dos povos indígenas. Também não se faz possível quando os sujeitos subalternizados insistem em buscar alternativas nas cidades e se territorializam, criam relações com o espaço, não sem demarcá-lo com a sua bagagem. Por isso também as áreas periféricas, estão tão repletas de outras relações entre as pessoas, e entre essas e o território. Ver esses sujeitos perpetuando uma herança que é notadamente reprimida, seja por discursos dominantes, sejam por interações

espaciais que segregam esses espaços de realização da cultura, do trabalho e da própria existência, foi uma das descobertas mais gratificantes dessa investigação.

Notamos que a Loma San Jerónimo apresenta uma série de elementos já ativados, porém pela via da comercialização e não da emancipação ante o processo da *patrimonialização global*. Seguindo as considerações de Costa (2017), foi realizada a identificação e interpretação dos processos históricos que geraram o *patrimônio-territorial* do bairro, bem como executado o mapeamento de sua resistência cultural frente a ideologia dominante representada pela *patrimonialização gobal*. Tudo a corroborar para o processo que aqui denominamos (*re*) *ativação popular do patrimônio-territorial*.

A reativação se justifica pelo fato de ainda existir sentimentos de pertencimento, vínculos ao lugar consubstanciados pelo *patrimônio-territorial*. Esse lugar ainda que permeado pela lógica hegemônica de quebra solidariedades pré-estabelecidas, mantém muitos de seus aspectos genuínos, como sintetiza a fala de moradora:

*San Jerónimo está en el sentir, en el respirar, el vivir, con todas sus problemáticas, el aislamiento, poco espacio de actividad que tenemos, no importa, San Jerónimo es un corazón que late en una periferia de la ciudad, es un espacio donde uno conoce quien está al lado uno sabe cómo se llama, uno sabe de dónde viene (...) es como una gran familia, con sus cosas positivas y negativas, pero las positivas son más que lo negativo. Con lo negativo se puede convivir pero lo positivo es irrepitible en otro lugar. Es todo un sistema de vida que la gente no quiere perder, por más que después uno muera, o que nace más personas. Siempre hay una línea que no termina. Que es una línea que todos caminamos.*¹⁷⁴

O que se pretende é, mediante a dissertação, levantar o debate comunitário acerca de seu momento presente e das consequências advindas e futuras. Assim, busca-se uma outra ativação que leve em consideração a totalidade do bairro e seus sujeitos partícipes, de modo a exaltar as histórias e memórias do bairro em totalidade, de trazer à tona a importância de todos os aspectos patrimoniais para além do turismo imposto e aceito sem criticidade, e de lograr consciência estimulante de ações que não permitam a influência de agentes externos.

Dessa forma, resultará da investigação a elaboração do livro intitulado “*San Jerónimo – meu cantinho no mundo*”, como *praxis* acadêmica que o GECIPA incorpora, destinado a toda comunidade, especialmente a jovens e crianças. O intuito da proposta é instigar a valorização da “vida de todos os dias”, dos elementos aqui levantados como *patrimônio-territorial*, ante a lógica hegemônica que perpassa o bairro. Ademais, visa prestigiar as reminiscências ancestrais ainda presentes no contexto apresentado.

¹⁷⁴ Entrevista com a Sra. R.S.G., concedida a Évellin Lima de Mesquita, na residência da entrevistada, localizada no Bairro San Jerónimo, em Assunção (PY), no dia 20 de fevereiro de 2018.

Perante o exposto, afirmamos que a intenção maior dessa pesquisa foi a de ampliar a reflexão sobre vias de mudança social pautadas no enaltecimento da vida cotidiana, dos sujeitos e da cultura localizada. Ela contribui não só para o entendimento e difusão do *patrimônio-territorial* como via de emancipação para comunidades situadas na América Latina, bem como para o fortalecimento de novas estratégias de valorização patrimonial em que os moradores, os verdadeiros guardiões do patrimônio, sejam os protagonistas.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGUIRRE, M. J. P. Consultoría para el Plan Integral y Proyecto Ejecutivo de la Rehabilitación Urbana y Puesta en Valor del Barrio San Jerónimo. Recopilación y procesamiento de información física, socio – económica, histórica, cultural y proyectos ya desarrollados por otras consultorías. 2011. 44 slides.

ALLENDE, L. C. **Historia de mi barrio “San Jerónimo”: Rincón cargado de recuerdos que emocionan.** Asunción: Click Impresiones S.R.L., 2011.

ALVES, G. A. O papel do patrimônio nas políticas de revalorização do espaço urbano. In: Colóquio Internacional de Geocrítica, 10., 2008, Barcelona **Anais...** Barcelona: 2008. Disponível em: < <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/226.htm> >. Acesso em: 26 jun. 2018.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARECES, N. De la Independencia a la Guerra de la Triple Alianza (1811-1870). In: TELESCA, I. (Org.). **Historia del Paraguay.** 1. Ed. Asunción: Taurus, 2010.

AYALA, Á.; VERÓN, L. **Libro de oro de la ciudad de Asunción.** Asunción: Alvaro Ayala Producciones, 2007.

BALLESTRIN, L. Paraguai e o golpe do colonialismo interno. **Carta Capital**, 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/paraguai-e-o-golpe-do-colonialismo-interno>>. Acesso em: mar. 2018.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em: mar. 2018.

BERDOULAY, V.; ENTRIKIN, N. Lugar e sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 93–116.

BIELSCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL: uma resenha. In: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). **Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL.** v.1. Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000. p. 13-68.

BONILLA-SILVA, E. Rethinking racism: toward a structural interpretation. **American Sociological Review**, v. 62, n. 3, p. 465–480, 1997.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século.** Rio de Janeiro/São Paulo: EdUERJ, 2002. p. 83–131.

BRUN, D. A. Después de la dictadura (1989-2008). In: TELESCA, I. (Org.). **Historia del Paraguay.** 1. Ed. Asunción: Taurus, 2010.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTELLS, M. La urbanización dependiente en América Latina. In: CASTELLS, M. (Org.). **Imperialismo y urbanización en América Latina.** Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 87-95.

CAUSARANO, M. Enlazando tradición e innovación. El programa integral de actuación para el centro histórico de Asunción. **Journal de Ciencias Sociales**, n. 1, p. 78-88, dez. 2013. Disponível em: <<https://dspace.palermo.edu/ojs/index.php/jcs/article/view/152>>. Acesso em set. 2018.

CAUSARANO, M.; CHASE, B. **Asunción: análisis histórico-ambiental de su imagen urbana**. 1. ed. Asunción: El Lector, 1987.

CEPAL. Panorama multidimensional del desarrollo urbano en América Latina y el Caribe, 2017. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/41974/1/S1700257_es.pdf>.

CHOAY, F. **A Alegoria do patrimônio**. 3 ed. ed. São Paulo: Unesp, 2006.

COLVERO, A. A. **A requalificação do centro antigo da cidade de São Paulo: políticas urbanas, planejamento participativo e gestão, no período de 2001-2004**. 2010. Tese (doutorado)—Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2010.

CORONIL, F. Naturaleza del poscolonialismo: del eurocentrismo al globocentrismo. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 87–112.

COSTA, E. B. Geografia urbana aplicada: possibilidades, utopias e metodologia. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 12., Belo Horizonte, 2011. **Anais...** Belo Horizonte: Departamento de Geografia da UFMG. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/33540815.pdf>>. Acesso em: set. 2018.

COSTA, E. B. Intervenções em Centros Urbanos no período da Globalização. **Revista Cidades**, v. 9, n. 16, p. 86–117, 2012a. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/2374/2118>> Acesso em: ago. 2018.

COSTA, E. B. Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX. **Finisterra**, v. XLVII, n.93, p. 5–28, 2012b. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/fin/n93/n93a01.pdf>>. Acesso em: 2017

COSTA, E. B. Paisagem – memória e a função social da fotografia. In: STEINK, V. A.; JUNIOR, D. F. R.; COSTA, E. B. (Orgs.). **Geografia e Fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Brasília: LAGIM - UnB, 2014.

COSTA, E. B. **Cidades da patrimonialização global: simultaneidade totalidade urbana - totalidade mundo**. São Paulo: Humanitas-USP, 2015a.

COSTA, E. B. Metodologia para a Geografia Histórica Urbana: depoimentos orais [ou testemunhos] como documentos. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana - SIMPURB, 14., 2015b, Fortaleza, CE. p. 1-35. **Anais...** Fortaleza, 2015b. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B_FJH8ikGCJtU2tmaVU2UkFzaHM/view>.

COSTA, E. B. Utopismos patrimoniais pela América Latina - resistências à colonialidade do poder. In: Colóquio Internacional de Geocrítica, 14., 2016, Barcelona, p. 1-30. **Anais...** Barcelona, 2016. Disponível em: < http://www.ub.edu/geocrit/xiv_everaldocosta.pdf>.

COSTA, E. B. Ativação popular do patrimônio-territorial na América Latina: teoria e metodologia. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 26, n. 2, p. 53–75, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.org.co/pdf/rcdg/v26n2/0121-215X-rcdg-26-02-00053.pdf>>.

COSTA, E. B. Riesgos y potenciales de preservación patrimonial en América Latina y el Caribe. **Investigaciones Geográficas - UNAM**, v. 95, p. 1-24, 2018. Disponível em: <<http://www.investigacionesgeograficas.unam.mx/index.php/rig/article/download/59593/53181>>.

COSTA, E. B.; SUZUKI, J. C. A ideologia espacial constitutiva do Estado nacional brasileiro. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]., v. XVI, n. 418 (6), 2012. Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/14791>>.

DAVIS, M. Los suburbios de las ciudades del tercer mundo son el nuevo escenario geopolítico decisivo, 2007. Disponível em: < <http://www.iade.org.ar/noticias/entrevista-mike-davis-los-suburbios-de-las-ciudades-del-tercer-mundo-son-el-nuevo-escenario> >.

DGEEC. Atlas Censal del Paraguay - Censo 2002, 2004.

DGEEC. Paraguay: Proyección de la Población Nacional, Áreas Urbana y Rural por Sexo y Edad, 2000-2025. Revisión 2015, 2015a.

DGEEC. Principales Resultados EPH 2015 - Encuesta Permanente de Hogares, 2015b.

DGEEC. Atlas Demográfico del Paraguay - 2012, 2016.

DORATIOTO, F. **A guerra do Paraguai: segunda visão**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DUSSEL, E. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, E. (Org.). **Colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 55–70.

ELTZ, A. H. Ocultação indígena na guerra do Chaco (1932-1935). **Revista Labirinto**, v. 23, p. 22–64, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/1363>>.

ESCOBAR, A. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano. **Tabula Rasa**, n. 1, p. 51–86, 2003. Disponível em: < <http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>>.

FELIPPE, J. M. F. G. **Cartografias valorativas de Sabará-MG a essencialidade da cidade patrimonial metropolizada**. Tese (Doutorado em Geografia)—Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FUENTES, L. G. Capítulo 18: Economía de América Latina. In: AMORES, J. B. (Org.). **Historia da América**. Barcelona: Ariel, 2012. p. 735–773.

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. DE C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GOBIERNO MUNICIPAL DE ASUNCIÓN. Asu VivaAsunción, 2016. 86 slides. Disponível em: <<http://www.asuncion.gov.py/wp-content/uploads/2016/12/PRESENTACION-ASU-VIVA-19-12.pdf>>

GRAU, J. E. San Jerónimo. [s.d.].

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOLSTENSKY, I. L. **Patrimônio-territorial em Olinda-PE: comunidade quilombola Portão do Gelo - valorização da cultura afro-latino-americana**. Dissertação (Mestrado em Geografia)—Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

HUSSEINI ARAUJO, S.; COSTA, E. B. From social hell to heaven? The intermingling processes of territorial stigmatization, agency from below and gentrification in the Varjão, Brazil. In: KIRKNESS, P.; ANDREAS, T.-D. (Orgs.). **Negative neighborhood reputation and lace attachment. The production and contestation of territorial stigma**. 1. ed. New York: Routledge, 2017. p. 158–177.

IADB. Informe de Gestión Ambiental y Social - IGAS. Programa Asunción - Programa de Reconversión Centro, Modernización Transporte Público y Oficinas de Gobierno. 2010a. Disponível em: <<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=40480869>>.

IADB. Marco de Planes de Reasentamiento para Renovación Urbana del Barrio San Jerónimo y Relocalización de comercios informales en tramo de BRT - Programa de Renovación del Centro, Modernización del Transporte Público y Oficinas del Gobierno PR-L1044, 2010b. Disponível em: <<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=35363897>>.

IADB. Perfil de Proyecto - Paraguay: Reconversión Centro, Modernización del Transporte Público Metropolitano Y Oficinas De Gobierno, [s.d.]. Disponível em: <<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=35109799>>

IBARS, M. M. Aproximación al Estado del Arte del Patrimonio Cultural Inmaterial Paraguay, 2005.

JELIN, E. La vida cotidiana y los estilos de vida. In: **Historia general de América Latina VIII. América Latina desde 1931**. Paris: Unesco, 2008. p. 479–500.

LAMBERT, J. Uma América Latina “terceiro mundo” intermediária entre um mundo desenvolvido e mundos subdesenvolvidos. In: LAMBERT, J. (Org.). **América Latina: estruturas sociais e instituições políticas**. São Paulo: Editora Nacional/Edusp, 1979. p. 3–14.

LANDER, E. Modernidad, colonialidad y posmodernidad. In: SADER, E. (Org.). **Democracia sin exclusiones ni excluidos**. Buenos Aires: CLACSO, 1998. p. 83–97.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E. (org.). **Colonialidade do saber, Eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 8–23.

LEMOS, A. I. G. Cidades, território e memória na América Latina: um olhar através das suas metrópoles. **Patryter**, v. 1, n. 2, p. 13–28, set. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/9281>>.

LEMOS JUNIOR, C. B. **Patrimônio cultural em território urbano contemporâneo: o caso do “Circuito Cultural Praça da Liberdade” - Belo Horizonte (MG)**. Tese (doutorado)—Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências., 2016.

LIMA, N. M. DE. **Lugar e memória: o patrimônio goiano entre o esquecimento e a resistência**. Tese (Doutorado em Geografia)—Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

LÓPEZ, M. Paraguay: pasado y presente. Una revisión desde la historia política. **Albuquerque – revista de história**, v. 8, n. 15, p. 209–228, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2156>>.

LUCHIARI, M. T. D. P. A reinvenção do Patrimônio Arquitetônico no consumo das cidades. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, n.17, p. 95–105, 2005. Disponível em: <http://geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp17/Artigo6_Maria.pdf>.

MALULY, V. S. **Como se fossem para o Cabo do Mundo: geohistória e cartografias sobre os caminhos e os descaminhos de Goyaz (1725-1752)**. Dissertação (Mestrado em Geografia)—Brasília: Universidade de Brasília, 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MASULLI, M. I. F. **El turismo como herramienta de gestión ambiental urbana, para el mejoramiento de la calidad de vida em la Loma San Jerónimo**. Tesis (Magister)—Asunción: Escuela de Postgraduación Académica, Universidad Nacional de Asunción, UNA, 2008.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MELIÀ, B. Las lenguas indígenas en el Paraguay: una visión desde el Censo 2002. **Población y Desarrollo**, n. 28, p. 5–22, 2005. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5654310>>.

MELIÀ, B. Historia de la lengua guaraní. In: TELESCA, I. (Org.). **Historia del Paraguay**. 1. Ed. Asunción: Taurus, 2010.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 33–49.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092017000200507&script=sci_abstract&tlng=pt>.

MOPC. Estudio de Impacto Ambiental preliminar (EIAp) - Plan Maestro y Estrategia de Modalidad Operativa para la Reversión y Ampliación de Usos del Área Puerto de Asunción, 2016.

- MORAES, A. C. R. A afirmação da territorialidade estatal no Brasil. In: LEMOS, A.; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. (Orgs.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo, USP, 2006. p. 41–54.
- MORAES, A. C. R. A dimensão territorial nas formações sociais latinoamericanas. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 7, n. 0, p. 81–86, nov. 2011.
- MORAES, A. C. R. **Território na geografia de Milton Santos**. São Paulo: Annablume, 2013.
- NEWBILL, M. D. L. A. A. **No Place like Home. Neighborhood Revitalization in the Historic District of Panama**. Doctoral Dissertation—Virginia: Virginia Polytechnic Institute and State University, 2016.
- NEWBILL, M. D. L. A. A. Patrimônio, território y memoria: análisis desde el Distrito Histórico de Panamá. **PatryTer**, v. 2, n. 3, p. 37 – 48, abril 2019. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/9313>>
- NICKSON, R. A. El regimen de Stroessner (1954-1989). In: TELESCA, I. (Org.). **Historia del Paraguay**. 1. Ed. Asunción: Taurus, 2010.
- NORA, P.; KHOURY, T. Y. A. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, p. 7 – 28, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>>
- OCAMPO, A. Consultoría para el Proyecto Ejecutivo de la Rehabilitación Urbana y Puesta en Valor del Barrio San Jerónimo. Registro y construcción del Expediente urbano del barrio y desarrollo del Proyecto Ejecutivo. 2011a.
- OCAMPO, A. Prólogo. In: ALLENDE, L. C. **Historia de mi barrio “San Jerónimo”: Rincón cargado de recuerdos que emocionan**. Asunción: Click Impresiones S.R.L., 2011b.
- OCAMPO, A. Plan de Manejo de Actividades Turístico / Culturales del Barrio San Jerónimo - Rehabilitación Urbana y Puesta en Valor del Barrio San Jerónimo - Asunción, [s.d.].
- OCAMPO, M. C. **Mundo Folklórico Paraguayo**. v. III. Asunción: Atlas, 2005.
- OLIVEIRA, R. F. **De aldeamento jesuítico a periferia metropolitana: Carapicuíba/SP como rugosidade patrimonial**. (Doutorado em Geografia)—Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
- ONU/HABITAT III. Informe Nacional del Paraguay. In: Conferencia de las Naciones Unidas sobre la vivienda y el desarrollo urbano sostenible -HÁBITAT III. Quito: 2016
- ONU-HABITAT (Programa de naciones unidas para los asentamientos humanos). Estado de las Ciudades de América Latina y el Caribe: Rumbo a una nueva transición urbana. Recife, Brasil: [s.n.].
- PAATZ, B. Plan Integral de Rehabilitación Urbana y Puesta en Valor del Barrio San Jerónimo, Asunción. 2011. 91 slides.
- PAES, M. T. D. Refuncionalização Turística de Sítos Urbanos Históricos no Brasil: Das heranças simbólicas à reprodução de símbolos culturais. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 37, n. 2, p. 319–334, 2012.

PAES, M. T. D. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. n. 3, p. 667–684, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/article/download/128345/138749/>>.

PAES, M. T. D.; SILVA, T. C. N. Estratégias contemporâneas de intervenção urbana e o projeto Porto Maravilha (RJ). **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 2, n. 6, p. 345–364, 2016. Disponível em: <<http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/292>>.

PERES, N. La loma San Jerónimo se convertirá en nuevo polo turístico de Asunción. **ABC color**. 2011. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/locales/la-loma-san-geronimo-se-convertira-en-nuevo-polo-turistico-de-asuncion-262009.html>>

PLAN CHA. Documento Plan Maestro Centro Histórico de Asunción. ASU LAB, [s.d.].

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989. Disponível em: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>.

PORTO-GONÇALVES, C. W.; QUENTAL, P. DE A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. **Polis Revista Latinoamericana**, n. 31, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/polis/3749>>.

PROGRAMA RUM, Consultoría para el diseño ejecutivo del Centro Comunal y el Mirador: Barrio San Jerónimo. Programa de Reconversión Centro, Modernización del Transporte Público Metropolitano y Oficinas del Gobierno. Asunción: [s.n.].

QUIJANO, A. La Formación de un universo marginal en las ciudades de América Latina. In: CASTELLS, M (Org.). **Imperialismo y urbanización en América Latina**. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

QUIJANO, A. Dependência, mudança social e urbanização na América Latina. In: ALMEIDA, F. L. (Org.). **A questão Urbana na América Latina**. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1978. p. 9-60.

QUIJANO, A. **La economía popular**. Lima: Mosca Azul Editores, 1998.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.

RIBEIRO, D. **A América Latina existe?** 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ROLON, J. A. **Paraguai: transição democrática e política externa**. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.

ROMERO, J. L. **Latinoamérica. Las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2007.

ROUQUIÉ, A. Cuestión urbana y marginalidad. **In: América Latina. Introducción al Extremo Occidente.** México: Siglo XXI, 2007. p. 363–378.

RUBIANI, J. **Paraguáype (En Asunción).** 1. ed. Asunción: Artemis, 1998.

RÚBIO, R. DE P. **Memória e território: sociogênese da luta pela terra dos assentados do Cafundão (Mariana-MG).** Dissertação (Mestrado em Geografia)—Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

SANCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia e Política**, n. 16, p. 31–49, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n16/a03n16.pdf>>.

SANCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial.** Chapecó: Argos, 2003.

SANCHEZ, F.; MOURA, R. Ciudades-modelo: estrategias convergentes para su difusión internacional. **EURE**, v. XXI, n. 93, p. 21–34, ago. 2005. Disponível em: <<https://www.eure.cl/index.php/eure/article/view/1326/421>>

SÁNCHEZ, P. A. G. Viviendas de Interés social “ORE RENDA”. Proyecto final de carrera (Arquitectura)—Asunción: Universidad Columbia del Paraguay, 2014.

SANTOS, B. S. Capítulo 1: Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009a.

SANTOS, J. E. Para estudar as feiras livres brasileiras: a teoria dos dois circuitos da economia urbana como possibilidade. In: DANTAS, A.; ARROYO, M.; CATAIA, M. (Orgs.). **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: um diálogo com a teoria de Milton Santos.** Natal: Sebo vermelho, 2017.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo: Record, 2000a.

SANTOS, M. O papel ativo da Geografia: um manifesto. **Revista Território**, v. 5, n. 9, p. 103–109, dez. 2000b.

SANTOS, M. **O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005a.

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL : Observatorio Social de América Latina**, v. 6, n. 16, p. 251-261, 2005b. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006a.

SANTOS, M. Por uma epistemologia existencial. In: **Questões territoriais na América Latina**. São Paulo: CLACSO, 2006b.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. **Pobreza urbana**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2009b.

SANTOS, M. 1. Mecanismos de Crescimento Urbano na América Latina. In: _____. **Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010a. p. 9–30.

SANTOS, M. 3. Crescimento Urbano e Organização do Espaço: As Metrôpoles incompletas da América Latina. In: _____. **Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010b. p. 57–76.

SANTOS, M. 2. Problemas das Grandes cidades: Questões de Método. In: _____. **Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010c. p. 31–36.

SANTOS, M. 6. Sociedade e Espaço Transnacionalizados na Venezuela Atual. In: _____. **Ensaio sobre a Urbanização Latino-americana**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010d. p. 115–126.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SCIFONI, S. Patrimônio cultural e lutas sociais. **Espaço & Geografia**, v. 16, n. 2, p. 515–528, 2013. Disponível em: <<http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/article/download/267/192>>.

Secretaria Nacional de Cultura/py. Programa Ciudadela Cultural de Asunción, 2010.

SILVA, F. M. **Historia Cronológica de la República del Paraguay**. Ciudad del Este: Sanchos Libros, 2011.

SMITH, N. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à regeneração urbana como estratégia urbana global. In: BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Org.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 59–88.

SMITH, N. A Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano. **GEOUSP: Espaço e Tempo** (Online), n. 21, p. 15–31, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74046/77688>>.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SOUZA, M. L. Território da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade - Uma introdução crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SUZUKI, J. C. Histórias orais: relatos de experiências em pesquisas geográficas. **Oralidades (USP)**, v. 10, p. 53–73, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/oralidades/article/view/107246/105763>>.

TORRES, D. M. G. **Folklore del Paraguay**. Asunción: UNA, 1980.

TUAN, Y.-F. **Space and place: Humanistic perspective**. London: University of Minesota press, 1979.

VAINER, C. B. Pátria, empresa e mercadoria. Nota sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: VAINER, C. B.; ARANTES, O.; MARICATO, E. (Orgs.). **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VÁZQUEZ, F. La mundialización y los nuevos territorios del Alto Paraguay. In: FOGEL, R.; RIQUELME, M. (Orgs.). **Enclave sojero, merma de soberanía y pobreza**. Asunción: CERI, 2005.

VÁZQUEZ, F. **Territorio y Población: nuevas dinámicas regionales en el Paraguay**. 1. ed. Asunción: Asociación Paraguaya De Estudios De Población (ADEPO), 2006.

VIDELA, G.; GASPAROTTO, M.; NARDI, M. A. ¿Arquitectos del mundo? Acerca de la centralidad del Banco Mundial y el Banco Interamericano de Desarrollo en la planificación territorial desde 1990. **Scripta Nova**, v. 14, n. 0, 2010. Disponível em: <<http://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1666>>.

VILLANUEVA, M. DEL C. G. Urbanización y centralidades em Paraguay. Segunda mitad del siglo XX. In: FLORES, A. (Org.). Paraguay: Una perspectiva. Las centralidades actuales y las posibles. Quito: Olachi, 2012.

WALLERSTEIN, I. Paz, estabilidad y legitimación: 1990 - 1925/1950. Capitalismo histórico y movimientos anti sistémicos. Madrid: Akal, 2004.

YEGROS, R. Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920 – 1954). In: TELESKA, I. (Org.). **Historia del Paraguay**. 1. Ed. Asunción: Taurus, 2010.

YUBI, J. **Asunción siglo XIX - Colección Javier Yubi**. Asunción: El Lector, 2010.

ZAMORANO, M. M. La evolución de las políticas culturales del Paraguay: hegemonías y transformaciones. **Cuadernos de Observación en Gestión y Políticas Culturales**. Serie del Boletín de Gestión Cultural, v. 1, p. 1–16, 2012.

ZAVATTIERO, G. Transformaciones urbanas, segregación social y déficit habitacional: ¿Una relación sincrónica en América Latina y Paraguay? **Revista de la Universidad Católica Nuestra “Señora de la Asunción”**. Departamento de Ciencias Sociales - Centro de Estudios

Antropológicos, v. XXXIV, n. 2, p. 117-154, 2016. Disponível em: <<http://epy.dreamhosters.com/index.php/RESPY/article/view/41>>.

ZIBECHI, R. Bañados de Asunción: La potencia de la comunidad. **CETRI, Centre Tricontinental**. 2008. Disponível em: <<https://www.cetri.be/Banados-de-Asuncion-La-potencia-de?lang=fr>>.

ZIBECHI, R. **Territórios em resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

ANEXOS

ANEXO 01

TÉRMINO DE AUTORIZACIÓN PARA UTILIZACIÓN DE IMAGEN Y SONIDO DE VOZ PARA FINES DE INVESTIGACIÓN

Yo, _____
autorizo la utilización de mi imagen y sonido de voz, en calidad de participante / entrevistado (a) en el proyecto de investigación titulado Patrimonio-territorial latinoamericano: casos en Brasilia y en Asunción, bajo la responsabilidad de **Évellin Lima de Mesquita** vinculado al Programa de Postgrado en Geografía de la Universidad de Brasilia.

Mi imagen y sonido de voz sólo pueden ser utilizadas:

- a) Análisis por parte de la autora de la investigación;
- b) Presentaciones en conferencias profesionales y / o académicas;
- c) Actividades educativas;
- d) Artículos y demás productos oriundos del presente estudio.

Tengo conocimiento de que no habrá divulgación de mi imagen ni sonido de voz por cualquier medio de comunicación, ya sea televisión, radio o internet, excepto en las actividades vinculadas a la enseñanza y la investigación explicitadas arriba. También tengo conocimiento de que la guardia y demás procedimientos de seguridad con respecto a las imágenes y sonidos de voz son de responsabilidad del investigador (a) responsable.

De este modo, declaro que autorizo, libre y espontáneamente, el uso para fines de investigación, en los términos arriba descritos, de mi imagen y sonido de voz.

Este documento fue elaborado en dos vías, una para el(la) investigador(a) responsable de la investigación y otra para el(la) participante.

Firma del (la) participante

Firma de la investigadora

Asunción, ____ de _____ de _____

ANEXO 02



Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Geografia/ICH/PPG-GEA
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte , Brasília – DF, Brasil

TÉRMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE E INFORMADO

Invitamos al Señor/ a la Señora a participar voluntariamente en el proyecto de investigación “Patrimonio-territorial ante la patrimonialización global en Asunción – Paraguay”, bajo la responsabilidad de la investigadora ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA. El proyecto se desarrolla en el marco del Máster en Geografía de la Universidad de Brasilia - UnB, en el que analizamos lo que resiste como patrimonio-territorial en el barrio Loma San Jerónimo, en Asunción en un contexto favorable a la patrimonialización global.

El objetivo de esta investigación es: Analizar lo que resiste como patrimonio-territorial en Loma San Jerónimo, en el contexto de las interacciones e intervenciones espaciales oriundas de la patrimonialización global en Asunción - Paraguay.

Usted recibirá todas las aclaraciones necesarias antes y en el curso de la investigación y le aseguramos que su nombre no aparecerá siendo mantenido el más estricto secreto por la omisión total de cualquier información que permita identificarlo, salvo opte para que su nombre y / o su imagen aparezcan en el trabajo.

Su participación será a través de entrevistas semiestructuradas, entre 18/09/2018 y 10/02/2018, con un tiempo estimado de hasta un (1) hora para su realización.

Los riesgos derivados de su participación en la investigación son nulos, ya que expresará su experiencia de vida y la dinámica del barrio. Si usted acepta participar, estará contribuyendo al conocimiento de los lugares por la óptica de los habitantes, así como de la cultura del barrio y de la ciudad de Asunción.

Su participación es voluntaria, y la participación en la investigación no le acarreará ningún tipo de gasto. Usted puede negarse a responder (o participar en cualquier procedimiento) cualquier cuestión que le traiga constreñimiento, pudiendo desistir de participar de la investigación en cualquier momento sin ningún perjuicio para usted.

Los resultados de la investigación serán divulgados en la Universidad de Brasilia - UnB pudiendo ser publicados posteriormente. Los datos y materiales serán utilizados solamente para esta investigación y quedarán bajo la custodia del investigador por un período de (5) cinco años, después de eso serán destruidos.

Si usted tiene alguna duda sobre la investigación, por favor llame a: ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA en el teléfono +55 061 991042532, o por el correo electrónico evellin.lima2@gmail.com . Puede contactar también al profesor Sr. Everaldo Batista da Costa, en la Universidad de Brasilia - UnB en el teléfono +55 061 3273-2612.

Si está de acuerdo en participar, le pedimos que firme este documento que fue elaborado en dos copias, una quedará con el investigador responsable y la otra con usted.

¿DESEA TENER SU NOMBRE PUBLICADO EN EL TRABAJO? () SÍ () NO

¿AUTORIZA EL USO DE SU IMAGEN EN EL TRABAJO? () SÍ () NO

¿AUTORIZA LA GRABACIÓN EN AUDIO Y / O VÍDEO? () SÍ () NO

Nombre del (de la) entrevistado (a) y firma

ÉVELLIN LIMA DE MESQUITA
Investigadora Responsable

Asunción/Py, ____ de _____ de _____

ANEXO 03



Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Geografia/ICH/PPG-GEA
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte — Brasília – DF, Brasil

Guión de entrevista semiestructurada para la población del barrio San Jerónimo - Asunción

Objetivo General: "Analizar lo que resiste como patrimonio-territorial en Loma San Jerónimo, en el contexto de las interacciones e intervenciones espaciales oriundas de la patrimonialización global en Asunción - Paraguay"

| |
|---|
| <p>1. DATOS BÁSICOS DEL (A) ENTREVISTADO (A)</p> <p>a) ¿Cuál es su nombre completo? (tiene algún sobrenombre/apodo?)</p> <p>b) ¿Cuál es su edad? (Fecha de nacimiento)</p> <p>c) ¿dónde usted nació?</p> <p>d) ¿Usted vive en el barrio San Jerónimo? (Si es así, desde cuándo vive en este barrio y lo que te trajo a vivir aquí, si no, ¿dónde vive?)</p> |
| <p>2. SOBRE LA HISTORIA DEL BAIRRO Y LA RELACIÓN SUJETO Y LUGAR (relação do sujeito com o bairro, sentimento de pertencimento, solidariedade e vivência em comunidade)</p> <p>a) ¿Conoces la historia del barrio? (Si es así, me puede contar al respecto, ¿cómo era en el pasado? ¿Qué cambió?) [Instigar a hablar de la relación entre la parte más alta del barrio y la más baja]</p> <p>b) ¿Cuál es su vínculo con el barrio? ¿Qué te sientes acerca de ese lugar y de las personas que forman parte de él? ¿Cuáles son sus acciones en favor del barrio y de la comunidad? [para comprobar se há sentimiento de pertencimento]</p> <p>c) ¿Cómo es la convivencia entre vecinos? (¿Hay colaboración, solidaridad? ¿Puede explicarme cómo sucede esto?)</p> <p>d) El barrio ya tuvo una imagen de barrio periférico. ¿Sabes el origen de esa idea? ¿Puede explicarme más al respecto? ¿Ya sufrió o sabe de alguien que sufrió algún prejuicio/discriminación por vivir aquí o por algún otro motivo?</p> <p>e) ¿Usted dejaría su barrio para ir a otro? ¿Por qué?</p> |
| <p>3. SOBRE PATRIMÔNIO-TERRITORIAL (o que é o patrimônio da comunidade, o que resiste enquanto patrimônio-territorial)</p> <p>a) En su opinión lo que es patrimonio? Cree que existe patrimonio en este barrio? Para usted ¿cuál es el patrimonio del barrio?</p> <p>b) ¿Cuál es el lugar más importante para usted dentro de la comunidad o del barrio? ¿Por qué?</p> <p>c) ¿Cuál es la persona más importante para usted en la comunidad? ¿Por qué?</p> <p>d) ¿Cuáles son las celebraciones y / o fiestas más significativas para el barrio? (Histórico - dónde y cómo ocurren, ritual de preparación, estructura física, recursos financieros)</p> <p>e) ¿Cuáles elementos de su cotidiano, de las fiestas del barrio le recuerdan los aspectos de la memoria y de la cultura indígena? (¿Cuál es la relevancia de ese aspecto para usted? ¿Qué se mantiene? ¿Qué se perdió de esos elementos? Puede hablar un poco del guaraní [“jopará”] y de su uso en su cotidiano?)</p> <p>- ¿quiénes son los estacioneros? ¿Cómo surgió en el barrio? ¿Quiénes son las personas que participan en la manifestación? ¿Cómo ocurre?</p> <p>f) ¿Qué palabra o frase, para usted, mejor expresa la importancia del barrio San Jerónimo?</p> |
| <p>4. INTERVENCIONES URBANAS Y PATRIMONIALIZACIÓN GLOBAL (interações oriundas da patrimonialização global, possível ressignificação do patrimônio-territorial do bairro)</p> <p>a) ¿De qué forma el proceso de urbanización y la modernización afectaron el modo de vivir de la comunidad?</p> <p>b) ¿Cuándo y cómo el barrio comenzó a tener movimiento turístico? ¿Qué piensas al respecto? ¿Cómo participó la comunidad en este proceso?</p> <p>c) ¿Cuáles fueron los proyectos urbanos y culturales que llegaron en el barrio? [instigar a comentar sobre el proyecto del puerto que es más reciente] ¿Cómo interfirieron en el cotidiano del barrio? ¿Afectó las prácticas religiosas y otras prácticas culturales del barrio? ¿Cómo?</p> <p>d) ¿Hay alguna empresa privada involucrada en esos proyectos? ¿Quién o qué órgano financia las obras?</p> <p>e) ¿Crees que el barrio puede cambiar debido a estas nuevas acciones turísticas más recientes?</p> |
| <p>5. PARA EL CUMPLIMIENTO DEL OBJETIVO COMPLEMENTARIO (Universidade e outras instâncias de ativação do patrimônio-territorial)</p> <p>a) ¿Usted cree que es importante la participación de la Universidad en la divulgación de las actividades desarrolladas dentro de la comunidad? justifique su respuesta. [¿Qué asociaciones fueron / pueden ser desarrolladas? ¿Cómo puede la universidad ayudar a la comunidad?]</p> <p>b) ¿Usted cree que es importante la participación de los órganos de gobierno en el fomento a las acciones desarrolladas dentro de la comunidad? Justifique su respuesta. [¿Hay algún estímulo a las actividades culturales locales por parte de la municipalidad?]</p> |
| <p>6. FINALIZACIÓN DE LA ENTREVISTA</p> <p>a) ¿Hay alguna otra información que quieras añadir a la entrevista o alguna historia o anécdota que quiera contar?</p> <p>b) Agradecimiento pela participação na pesquisa [¡Muchas gracias por su participación! Todas las informaciones fueron muy importantes y de gran contribución para esta investigación]</p> |